

A vida cética:

***Diaphonía* nos relatos bio e doxográficos de Pirro**

Gabriela Guimarães Gazzinelli

Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: História da Filosofia

Orientador: Prof. Dr. José Raimundo Maia Neto

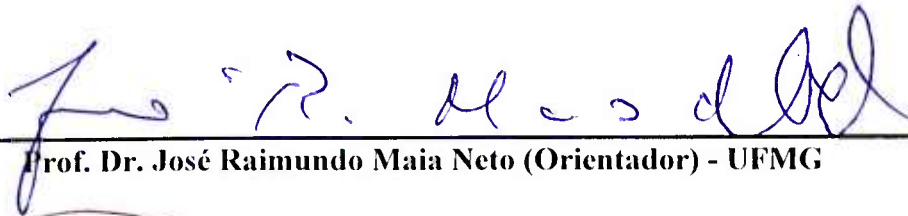
Co-orientador: Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão

Belo Horizonte

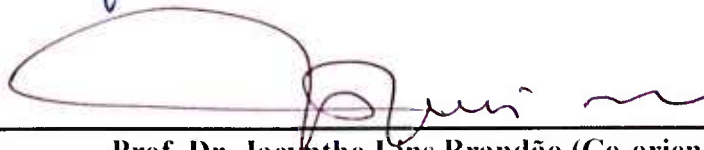
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2007

Dissertação defendida e aprovada, com a nota 100 (cem) pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



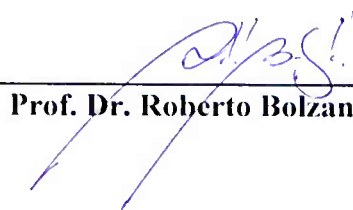
Prof. Dr. José Raimundo Maia Neto (Orientador) - UFMG



Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão (Co-orientador) - UFMG



Prof. Dr. Fernando Rey Puente - UFMG



Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho - USP

Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, 24 de maio de 2007.

“What is character but the determination of incident? What is incident but the illustration of character?”

Henry James, *The Art of Fiction*

para minha mãe.

Agradecimentos

Devo muito ao professor José Raimundo Maia Neto, que foi um orientador arguto e generoso, dedicando sempre cuidadosa atenção às leituras da dissertação. Seu rigor acadêmico foi um exemplo e seu entusiasmo pelo ceticismo, uma inspiração. Ao professor Jacyntho Lins Brandão, que co-orientou este trabalho, quero agradecer pelo comentário minucioso e pelas sugestões valiosas. Suas aulas, conferências e conversas sempre renovam em nós alunos a paixão pelos estudos clássicos. Aproveito a oportunidade para expressar minha estima e admiração pelo professor Fernando Rey Puente, que tem sido, além de professor, um conselheiro.

Os professores da Filosofia e da Letras Clássicas criam um ambiente acadêmico de debate e cooperação do qual muito me beneficiei. Sou especialmente grata a Miriam Campolina, Mônica Vitorino, Sandra Bianchet, Teodoro Assunção, Tereza Virgínia Barbosa e Virgínia Araújo de Figueiredo que apontaram, em suas disciplinas, caminhos que me conduziram a esta dissertação. Quero expressar também meu reconhecimento aos funcionários da Filosofia e da FAFICH – Andréa Baumgratz, Edilma Fernandes Batista, Sylvio Zocratto e Alessandro Magno da Silva – que foram muito gentis, facilitando, sempre *que possível, a vida de mestranda*.

Na esfera da vida comum, gostaria, antes de tudo, de agradecer ao Eduardo que, nestes anos céticos, *me acompanhou com tranquilidade e bom humor e foi um interlocutor* inteligente, sensível e afiado. Sou também imensamente grata à minha família, pelas experiências e oportunidades que vem me proporcionando. Por fim, não posso me esquecer dos amigos, Débora, Cecília, Alexandra e Bernardo, que tornaram os estudos mais amenos e a vida menos monótona.

Esta dissertação foi realizada com o auxílio do CNPq, que me concedeu bolsa de iniciação científica e de mestrado, permitindo que me dedicasse inteiramente aos estudos. Gostaria, assim, de estender esses agradecimento ao CNPq e também à UFMG, instituição em que tenho convivido há muitos anos e pela qual sinto enorme apreço.

Resumo

Nesta dissertação, examinaremos o problema da vida cética à luz dos relatos bio e doxográficos voltados para Pirro. Avançamos a hipótese de que esse material, cuja formulação é coetânea à do ceticismo antigo, preserva diferentes hipóteses acerca da viabilidade do pirronismo, correspondentes a momentos distintos de sua elaboração. A biografia de Pirro também encerra ambos os lados da polêmica em torno da vida cética: os ataques das escolas rivais e a defesa dos próprios pirrônicos. Pretendemos, pois, que a vida de Pirro propicia um melhor entendimento histórico e filosófico do pirronismo.

Palavras-chave: ceticismo, pirronismo, biografia antiga, Diógenes Laércio, Pirro

Abstract

In this thesis, we will examine the sceptical life in view of the biographical and doxographical narratives of Pyrrho's life. These texts, written concurrently with the development of ancient scepticism, preserve different hypotheses on the viability of the sceptical life, roughly equivalent to the phases in which pyrrhonism unfolds. The biography also encloses both sides of the debate on the sceptical life: it includes the deriding attacks of rival schools, as well as the Pyrrhonians' own defense. We will argue, thus, that a greater historical and philosophical understanding of pyrrhonism ensues from the study of Pyrrho's life.

Keywords: scepticism, pyrrhonism, ancient biography, Diogenes Laertius, Pyrrho

Sumário

Introdução	p. 9
Capítulo 1 – As biografias antigas e a vida de Pirro	p. 12
Capítulo 2 – O exame das fontes	p. 39
Capítulo 3 – A vida cética	p. 67
Capítulo 4 – A vida cética de Pirro	p. 97
Conclusão.	p. 119
Anexo A – Tabela das fontes	p. 122
Anexo B – A vida de Pirro de Diógenes Laércio	p. 126
Bibliografia	p. 162

Introdução

O pirronismo é uma escola filosófica que surgiu no período helenístico, provavelmente durante o século III a.C. Fundada por Pirro de Élide, é bastante expressiva da época. Pirro, ao participar da expedição de Alexandre para o Oriente, teria vivenciado um momento de transformação na Antigüidade. A expansão do império de Alexandre – a partir da Macedônia até a Índia – e a passagem por regiões incógnitas para os gregos operavam mudanças na maneira helenística de conceber o mundo. Com efeito, o contato travado com culturas novas, adeptas de seus próprios costumes e cosmovisões, punha em xeque as certezas da filosofia e da moral gregas. Na própria corte de Alexandre, o conflito entre opiniões prevalecia, já que se cercara de filósofos representantes de diferentes correntes: um cínico, um atomista, um peripatético, um hindu (Onesicrito, Anaxarco, Calístenes e Calano). O pirronismo, ao que nos parece, teria assimilado, em suas práticas filosóficas, este confronto entre culturas.

Também traço do helenismo é a preocupação com os efeitos da filosofia na vida comum. A concepção terapêutica da filosofia, corrente na Antigüidade, criava expectativas em relação aos bons efeitos que ela poderia ter sobre seus adeptos. Nesse período, floresceram inúmeras escolas que se apresentavam como estilos de vida a serem seguidos por aqueles que buscam tranquilidade (*ataraxia*), ausência de afecções (*apátheia*), bom ânimo (*euthymia*), felicidade (*eudaimonia*). A orientação prática da filosofia antiga produzia particular interesse pelas vidas dos filósofos. A constatação de uma postura equânime e tranqüila como fruto de certa posição filosófica atestava seu valor e a tornava desejável. Em contraposição, atacava-se a filosofia que não se conformasse à prática e que não resultasse em benefícios para a vida comum.

Nesta dissertação, examinaremos o problema da vida cética a partir do *corpus bio* e

doxográfico voltado para Pirro. Avançamos a hipótese de que esse material, cuja formulação é coetânea à do ceticismo antigo, preserva diferentes respostas para o problema da viabilidade do pirronismo. Essas respostas correspondem a momentos distintos de sua elaboração, bem como a perspectivas díspares a seu respeito, originadas na oposição entre autores simpáticos ou críticos. Apesar das contradições que marcam o anedotário, frisaremos a relativa continuidade do pirronismo, destacando a noção de fenômeno como eixo que marca esta continuidade.

Tentaremos, pois, traçar um desenvolvimento histórico coerente do pirronismo, a partir das fontes que o compõem. Para tanto, é oportuno examinar cada autor autonomamente, mas também inseri-lo em um sistema de relações fundadas sobre evidências textuais e históricas. Dessa maneira, percorreremos diferentes momentos da elaboração do pirronismo tentando nuançá-los. Ao contrários de alguns comentadores, porém, não proporemos posições filosóficas distintas para Pirro e Timão. Em vista do grau de imbricação dos testemunhos voltados para Pirro e seu principal discípulo e divulgador, parece-nos temerária qualquer tentativa de desembaraçar suas posições.

Esperamos, à luz dos procedimentos distintivos do gênero biográfico, contribuir com elementos novos para a discussão da viabilidade da vida pirrônica. Como argumentaremos na seqüência, embora Diógenes Laércio seja, por vezes, subestimado e tomado por uma fonte menor, o seu relato é de extrema relevância na recuperação do pirronismo. Aproxima-se de Sexto Empírico em muitos pontos (de modo a confirmá-lo) e, quando diverge dele, provavelmente está retomando vertentes alternativas do pirronismo. Diógenes tem ainda um interesse historiográfico peculiar pois, devido a sua ampla circulação, integral ou como parte de florilégios, exerceu considerável influência sobre a interpretação do ceticismo ao longo da história.

Em um dos anexos da dissertação, apresentamos uma nova tradução da vida de Pirro

de Diógenes Laércio. Aquela da qual dispomos em português apresenta deficiências sérias, já que seu tradutor, possivelmente pouco familiarizado com o pirronismo, não é muito atento à terminologia técnica que lhe é específica. Temos a esperança de que a leitura da *Vida de Pirro*, traduzida com mais cuidado, possa favorecer uma apreciação mais justa de sua importância entre as fontes do pirronismo.

O ceticismo antigo é objeto de grande interesse no Brasil. Nossa dissertação beneficiou-se muito do debate acadêmico a seu respeito. Na bibliografia sobre pirronismo, a vida cética é um tema corrente. O Prof. Oswaldo Porchat a consagrou em seu livro *Vida comum e ceticismo*, em que busca uma conciliação entre vida e filosofia, dedicando-se à temática “da vida cotidiana e comum, que a filosofia não pode, nem deve trair se não quer converter-se em mero jogo de palavras”¹. Porchat argumenta que os pirrônicos já haviam formulado essa integração, pois destacavam a vida comum, libertando-a do enfoque dogmático. Concede ao pirronismo, assim, um sentido contemporâneo e não apenas para o estudo da história da filosofia.

Os testemunhos bio e doxográficos refletem uma tradição filosófica rica e contrastante. Devido à ênfase que colocam na prática e à grande variedade de opiniões que reúnem, podem elucidar a vida cotidiana pirrônica. Acreditamos, portanto, que a retomada da vida de Pirro propiciará um melhor entendimento histórico e filosófico do pirronismo que, por seu turno, pode lançar novas luzes nas investigações do ceticismo atual.

¹ PORCHAT, *Vida comum e ceticismo*, p. 3.

Capítulo 1: As biografias antigas e a vida de Pirro

I. Considerações sobre as biografias antigas

As biografias da Antigüidade grega podem parecer estranhas e fantasiosas ao leitor contemporâneo. Um amálgama de história, lenda e ficção, apresentam uma série de dificuldades interpretativas que frustram as tentativas de aproximá-las do gênero moderno ao qual correspondem. Motivações distintas – literárias, morais², encomiásticas, exortativas, polêmicas ou apologéticas – concedem grande variedade à produção biográfica antiga, dificultando sobremaneira a tarefa de caracterizá-la.

Se tomamos as *Vidas Paralelas* de Plutarco, surpreendemo-nos por encontrar junto às biografias de homens históricos outras dedicadas a personagens míticos, como Teseu e Rômulo, que, para nós, costumam ser objeto antes de ficções. Mesmo nas vidas de personagens históricos, proliferam anedotas insólitas ou pitorescas. Por vezes, tais episódios estranhos se repetem em várias vidas e, a partir deles, depreendemos uma tipologia em que se associam determinadas características ou eventos a vidas específicas. Tais tipologias adotam ou critérios de classificação mais evidentes como o da profissão, assemelhando o conjunto das vidas dos poetas, o das vidas de santos, o das vidas de filósofos, ou, então, critérios mais filosóficos como o da classificação Aristotélica das vidas de ação, de prazer e de contemplação³.

Suas leituras são inquietantes: o que levou o autor a incluir tais rumores nessa vida ou

² Reed Whitemore, em *Pure lives*, tomando Plutarco como o *pai da biografia*, afirma que os biógrafos antigos escolhiam seres humanos superiores como modelos *purgativos* para o público, conforme a *Poética* de Aristóteles (refere-se à passagem em que Aristóteles reserva à tragédia as ações nobres dos bons homens, e à sátira ou comédia, homens mais mesquinhos e vulgares). Esta leitura é facilmente contestada. Em se tratando da *Poética*, de caráter muito mais prescritivo do que descritivo, é necessária alguma reserva antes de aceitarmos que suas recomendações correspondem ao que conhecemos do gênero dramático. Teríamos que ter redobrado cuidado ao ampliar o alcance da sua descrição a outros gêneros literários, aos quais Aristóteles nem mesmo se refere na *Poética*.

³ Clearco ao escrever suas biografias, por exemplo, apóia-se na doutrina Aristotélica das três formas de vida: *apoláustica* (de prazeres), *prática* (de ação) e *teorética* (de contemplação). (*apud* UNTERSTEINER, *Le biografie dei Filosofi, II Bios*, p. 231)

mesmo a inventá-los? Como se elegeu tal ou qual personagem para lhe dedicar uma biografia? O que fazer das fontes tão diversas citadas numa mesma biografia? Como interpretar um motivo recorrente? O conjunto dos fatos pode integrar uma unidade verossímil, admitimos. Contudo temos dificuldade em lhes dar crédito como fatos históricos. No mais das vezes, os episódios parecem meras ilustrações de determinados caracteres, reforçando a unidade do *éthos* do indivíduo contemplado e ignorando toda e qualquer noção de veracidade. À falta de diários, correspondências, testemunhos fidedignos contemporâneos do biografado, torna-se difícilimo estabelecer com muita exatidão a natureza precisa de cada episódio e a função que desempenha na economia da narrativa biográfica.

Sabemos que as biografias eram, muitas vezes, lidas em público para entretenimento e que, portanto, seriam elaboradas de forma retórica, a partir de esquemas literários consagrados, incorporando anedotas mordazes a fim de torná-las mais interessantes. Apoiando-se em uma espécie de *koinè historia* (história comum), proliferam nesses relatos expressões formulares, como *phasi* (dizem), *légetai* (conta-se), *hós mnemonéousin* (como lembram). Essa memória comum, conforme características da tradição recitativa, obedecia a convenções estilísticas. Evidencia-se, nela, uma estrutura padronizada, bem como um repertório de motivos convencionais.

A recorrência desses elementos torna manifesto o aspecto formular do gênero biográfico, um aspecto que reforça a verossimilhança da vida narrada, comprometendo, no entanto, a verdade histórica. Gentili e Cerri propõem, então, um critério de verossimilhança, que nortearia a composição de tais biografias, em substituição ao critério de verdade⁴. Da busca por verossimilhança resultariam vidas exemplares, não raro coerentes com a obra (por exemplo, com as peças trágicas, no caso de Eurípides ou, no caso de Pirro, com o pensamento filosófico), bem como narrativas em que se lança mão de vários recursos para se forjar uma

⁴ GENTILI, Bruno & CERRI, Giovanni, *History and Biography in Ancient Thought*. Amsterdam: J.C. Gieben Publisher, 1988.

unidade literária.

Dentro do *corpus* biográfico, as vidas de filósofos são particularmente interessantes. Conformadas pelas teorias filosóficas, são integradas por um repertório próprio de motivos recorrentes, nos quais transparecem, por vezes, idéias, afinidades, rivalidades e ascendências teóricas. O contágio mútuo entre vida e filosofia – representado de maneira bem ou mal sucedida segundo as inclinações filosóficas de quem a relata – evidencia não apenas convenções biográficas, mas também uma etapa importante na elaboração da tradição filosófica: as contradições internas de cada biografia resultam, em parte, das tentativas de defesa ou crítica da posição teórica que um filósofo representa. Um trabalho minucioso com as fontes permite, portanto, a recuperação de sucessivas etapas do debate entre as escolas filosóficas.

Pretendemos, nas próximas páginas, examinar o entrelaçamento de elementos fictícios, históricos, formulares e filosóficos nas biografias e anedotas sobre Pirro, atentando na imbricação entre vida e filosofia. A doxografia voltada para Pirro guarda especial interesse devido ao fato de a vida cética e sua viabilidade representarem um problema fulcral para o pirronismo. Na biografia de Pirro está, assim, representado o longo debate acerca das implicações da suspensão de juízo e de suas conseqüências na vida prática. Ademais, segundo alguns autores, na ausência de teorias positivas, o modo de vida cética é que concederia ao ceticismo o estatuto de escola (*haíresis*). Como pondera Sexto Empírico:

Se alguém disser que escola é a inclinação a numerosos dogmas, que se seguem uns aos outros, bem como aos fenômenos, e que os dogmas assentem a coisas obscuras, diremos que [os cétricos] não possuem uma escola. Em contrapartida, se alguém considerar que escola é um modo de vida que segue um certo raciocínio segundo o fenômeno, este raciocínio indicando como é possível viver retamente (tomamos o “retamente” não apenas segundo a virtude mas num sentido mais amplo), diremos que há uma escola cética⁵.

⁵ SEXTO EMPÍRICO, *Hipotiposes Pirrônicas*, I 16-17 (εἰ μὲν γὰρ τις αἴρεσιν εἶναι λέγει πρόσκλιση δόγμασι πολλοῖς ἀκολουθίαν ἔχουσι πρὸς ἄλληλά τε καὶ τὰ φαινόμενα, καὶ λέγει δόγμα πράγματι ἀδήλω συγκρατάθειν, φήσομεν μὴ ἔχειν αἴρεσιν. εἰ δέ τις αἴρεσιν εἶναι φάσκει τὴν λόγῳ τινὶ κατὰ τὸ φαινόμενον ἀκολουθοῦσαν ἀγωγὴν, ἐκείνου τοῦ λόγου ὡς ἐστὶν ὀρθῶς δοκεῖν ζῆν ὑποδεικνύοντος τοῦ ὀρθῶς μὴ μόνον κατ' ἀρετὴν λαμβανομένου ἀλλ' ἀφελέστερον καὶ ἐπὶ τὸ ἐπέχειν δυνασθαὶ διατείνοντος, αἴρεσιν φαμεν ἔχειν). Cf. Diógenes Laércio I.19-20. As traduções apresentadas ao longo da dissertação são nossas, a não ser quando for indicado o contrário.

De fato, considera-se que céticos ulteriores, como Enesidemo, retomaram Pirro como um modelo possível de vida reta, de acordo com o raciocínio cético.

O confronto dos diversos episódios é um instrumento metodológico legítimo para se pensar o problema da biografia enquanto fonte filosófica. Todavia, tem um alcance restrito, se não for acompanhado de uma reflexão acerca da natureza do gênero biográfico e da cultura intelectual de que é fruto: o conjunto de vidas revela padrões narrativos, modos de elaboração e categorias imaginativas, em grande medida, convencionais. Antes de nos voltarmos para Pirro, portanto, faz-se necessário retomarmos brevemente a discussão antiga sobre o gênero biográfico, concentrando-nos, sobretudo, em sua relação com a história.

A retomada da discussão, bastante elucidativa sobre as convenções biográficas, tem como intuito evitar alguns equívocos em sua interpretação no âmbito das discussões de problemas filosóficos. Watson, citando Popkin, diz que o estudo da história da filosofia é a melhor maneira de não ser “hipnotizado por mitos, crenças falsas e ideologias”⁶. Nesta dissertação, o estudo da biografia desempenha uma função semelhante.

II. A discussão em torno do gênero biográfico

A classificação de gêneros reflete a percepção de seus receptores, estando, pois, sujeita a oscilações na sensibilidade literária. Sendo uma divisão artificial, só podemos entender a influência de convenções sobre uma obra específica se considerarmos o público a cujas expectativas estas atendem ou atendiam, no contexto intelectual que vigorava no momento mesmo de sua elaboração⁷. A constância de alguns elementos (como padrão narrativo, técnicas estilísticas, conceitos-chave na caracterização) nem sempre é suficiente para se

⁶ WATSON, Notes and Discussion, What is the History of Philosophy and Why is it Important, p. 528 (Undertaking to find out what really happened is the best protection against being mesmerized by myths, false beliefs, and ideologies).

⁷ Vale lembrar que leitores visitam obras literárias com interesses diversos. Assim, mesmo a reflexão apoiada em dados sobre público, circulação, origens culturais e apresentação pode recuperar, no máximo, um quadro incompleto da tendência receptiva de um gênero.

apreender tal classificação, pois para cada gênero se elegem alguns elementos como determinantes, os quais, no mais das vezes, não são os mesmos que saltam aos olhos do leitor moderno. Um componente sociológico, nem sempre explícito no texto – como, por exemplo, a origem de um tipo de poesia em certa ocasião festiva – pode ser fundamental para o reconhecimento de uma unidade de gênero. Dessa forma, na caracterização do enlace entre os diversos gêneros, sobrepõe-se à identidade formal ou de conteúdo, pretensamente natural, uma dimensão convencional, que remete a um momento histórico preciso.

Em relação ao gênero biográfico, ao discutirem suas características, comentadores antigos o aproximam ou diferenciam de outras tradições como a histórica, a dramática e a erudita. A revisão dos testemunhos a esse respeito revela multifárias abordagens das biografias que não alcançam uma posição consensual. A relação com a história é particularmente controversa. Começemos por ela.

Em *The Development of Greek Biography*, Momigliano aponta que os gregos consideravam biografia e história dois gêneros distintos⁸. Para defender sua posição, ele refere-se a uma passagem em Políbio (*Histórias* 10.21) e a uma outra em Plutarco (*Alexandre* 1.2), em que os autores assim as consideram. Para se pensar na delimitação dos dois gêneros, vale lembrar ainda outra passagem de Políbio (8.11), em que o historiador, ao criticar Teopompo, introduz essa oposição. Com efeito, na vida de Alexandre, Plutarco afirma:

Non feci outro prefácio que pedir aos meus leitores que não protestem se eu não contar todos os atos famosos desses homens e nem falar exhaustivamente de cada caso particular, mas, só resumidamente, na maioria das vezes. Pois não escrevo histórias, mas, sim, vidas. Nos feitos mais ilustres, nem sempre há manifestação de virtude ou vício. Algo ligeiro, como uma frase ou gesto, freqüentemente faz maiores revelações do caráter do que uma batalha onde caíram milhares, os maiores armamentos ou o sítio de cidades. Pois, assim como os pintores destacam as semelhanças a partir do rosto e dos traços das feições, nos quais transparece o caráter, e consideram minimamente os demais membros, é-nos necessário concentrar mais nos sinais da alma e, através deles, esboçar cada vida.⁹

⁸ Essa distinção não era corrente somente na Grécia Antiga, mas parece ter perdurado até o período moderno: enquanto a história era a ocupação de *scholars*, biografias eram a ocupação de *gentlemen*. No século XVII, porém, tais categorias passaram a ser objeto de controvérsia. (MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Development of Greek Biography*, pg. 1-7)

⁹ οὐδὲν ἄλλο προερούμεν ἢ παραιτησόμεθα τοὺς ἀναγινώσκοντας, εἰ μὴ πάντα μηδὲ καθ'

Por sua vez, Políbio reflete:

Também alguém que apreendesse a disposição geral, em nada aprovaria o autor citado há pouco [Teopompo]. Pois ele, lançando-se a escrever as ações da Hélade, a partir do ponto em que Tucídides as deixara, e, tendo se aproximado dos momentos críticos em Leuctra e das mais brilhantes obras gregas, no meio, deixou de lado a Hélade e seus esforços, voltando-se para o assunto das ações de Filipe, que se propôs escrever. E, contudo, era muito mais honrável e justo propor-se, em [escritos] sobre a Hélade, incluir os feitos de Filipe do que, nos sobre Filipe, os [feitos] da Hélade. Pois ninguém, ocupado anteriormente com a dinastia real, tendo por acaso a liberdade de mudar o título e o personagem de sua obra para a Hélade, deixaria de aproveitar o momento oportuno. E, depois disso, ninguém, tendo começado e progredido inteiramente até certo ponto, jamais trocaria isso pela vida e pompa de um monarca, faltando-lhe pura sabedoria.¹⁰

Pois, sendo um [texto] encomiástico, ele exigia um relato das ações sumário e engrandecido, enquanto o [texto] de história, sendo imparcial em louvor e censura, busca um [texto] verdadeiro, com uma exposição em que os cálculos sobre cada um [i. e. louvor e censura] estejam presentes.¹¹

A partir das três passagens, parece que, enquanto a história compreendia uma memória oficial dos fatos – sobretudo políticos e militares – de toda uma nação, a biografia reproduzia formas mais pessoais da memória, em que ínfimos detalhes poderiam sobrepujar os episódios notáveis. Esta, antes sumária que exhaustiva, concentrava-se em apenas um indivíduo, cujas paixões, motivações e caráter impulsionariam seus feitos. Portanto, para Plutarco, nos fatos ligeiros, como frases ou gestos, transpareceria o *éthos* do personagem.

ἕκαστον ἐξεργασμένως τι τῶν περιβοήτων ἀπαγγέλλωμεν, ἀλλὰ ἐπιτέμνουστές τὰ πλεῖστα, μή συκοφαντεῖν. οὔτε γάρ ἱστορίας γράφομεν, ἀλλὰ βίους, οὐ τε ταῖς ἐπιφανεστάταις πράξεσι πάντως ἔνεστι δῆλωσις ἀρετῆς ἢ κακίας, ἀλλὰ πράγμα βραχὺ πολλάκις καὶ ῥῆμα καὶ παιδιὰ τις ἔμφασιν ἤθους ἐποίησε μᾶλλον ἢ μάχαι μυριόνηκροι καὶ παρατάξεις αἱ μέγιστα καὶ πολιορκίαι πόλεων. ὥσπερ οὖν οἱ ζωγράφοι τὰς ὁμοιότητας ἀπὸ τοῦ προσώπου καὶ τῶν περὶ τὴν ὄψιν εἰδῶν οἷς ἐμφαίνεται τὸ ἦθος ἀναλαμβάνουσιν, ἐλάχιστα τῶν λοιπῶν μερῶν φροντίζοντες, οὕτως ἡμῖν δοτέον εἰς τὰ τῆς ψυχῆς σημεῖα μᾶλλον ἐνδύεσθαι, καὶ διὰ τούτων εἰδοποιεῖν τὸν ἐκάστου βίον. (PLUTARCO, *Alexandre* 1.2)

¹⁰ Καὶ μὴν οὐδὲ περὶ τὰς ὀλοσχερεῖς διαλήψεις οὐδεὶς ἂν εὐδοκήσειε τῷ προειρημένῳ συγγραφεῖ ὅς γ' ἐπιβαλόμενος γράφειν τὰς Ἑλληνικὰς πράξεις ἀφ' ὧν Θουκυδίδης ἀπέλιπε, καὶ συνεγγίσας τοῖς Λευκτρικοῖς καιροῖς καὶ τοῖς ἐπιφανεστάτοις τῶν Ἑλληνικῶν ἔργων, τὴν μὲν Ελλάδα μεταξὺ καὶ τὰς ταύτης ἐπιβολὰς ἀπέριψε, μεταλαβὼν δὲ τὴν ὑπόθεσιν τὰς Φιλίππου πράξεις προὔθετο γράφειν. καίτοι γε πολλῶ σμεινότερον ἦν καὶ δικαιότερον ἐν τῇ περὶ τῆς Ἑλλάδος ὑποθέσει τὰ πεπραγμένα Φιλίππου συμπεριλαβεῖν ἢ περὶ τῆς Φιλίππου τὰ τῆς Ἑλλάδος, οὐδὲ γὰρ προκαταληφθεὶς ὑπὸ βασιλικῆς δυναστείας, καὶ τυχῶν ἐξουσίας, οὐδεὶς ἂν ἐπέσχε συνκαιρῶ ποιήσασθαι μεταβάσιν ἐπὶ τὸ τῆς Ἑλλάδος ὄνομα καὶ πρόσωπον· ἀπὸ δὲ ταύτης ἀρχαίμενος καὶ προβάς ἐπὶ ποσὸν οὐδ' ὅλως οὐδεὶς ἂν ἠλλάξατο μονάρχου πρόσχημα καὶ βίον, ἀκεραίῳ χρώμενος γνῶμη. (POLÍBIO, *Histórias* VIII.11.3-5)

¹¹ ὑπάρχων ἐγκωμισαστικός, ἀπῆτει τὸν κεφαλαιώδη καὶ μετ' αὐξήσεως τῶν πράξεων ἀπολογισμὸν, οὕτως ὁ τῆς ἱστορίας, κοινὸς ὧν ἐπαίνου καὶ ψόγου, ζητεῖ τὸν ἀληθῆ καὶ τὸν μετ' ἀποδείξεως καὶ τῶν ἐκάστοις παρεπιμένων συλλογισμῶν. (POLÍBIO, *Histórias*, 10.21)

As passagens em Políbio destacam diferenças estilísticas. O gênero biográfico seria mais pomposo do que o histórico, engrandecendo a narrativa. Vários episódios, eivados por uma avaliação moral, evidenciariam censura ou louvor, inconciliáveis com a suposta neutralidade histórica. Assim, menos veraz do que a história, a biografia teria uma importância secundária.

Contudo, a posição que divide radicalmente biografia e história não é consensual nem na Antiguidade, nem entre os comentadores modernos. Gentili e Cerri fazem uma revisão acurada da historiografia antiga, recuperando definições divergentes tanto de história, quanto de biografia¹². Antes de seguirmos adiante, porém, é importante ressaltarmos que nem mesmo Momigliano sustenta que essa divisão seja final. Ele reconhece variação na dependência entre história e biografia em períodos distintos e concorda que historiadores como Heródoto incluíram biografias no corpo de suas histórias¹³.

Gentili e Cerri citam pelo menos dois autores antigos que aprovaram a confluência de história e biografia: Dioniso de Halicarnasso e Cícero¹⁴. Dioniso de Halicarnasso, contrariamente a Políbio, elogia Teopompo por integrar o gênero biográfico ao histórico, procurando as motivações secretas dos atos de indivíduos e os seus desdobramentos nos eventos políticos. Cícero, em uma carta (*Ad. fam* 5, 12, 6), discorre sobre uma espécie de história que concentra sua narrativa em um personagem, centrado no meio dos eventos de interesse histórico. Ambas definições implicam, no mínimo, uma interdependência dos gêneros histórico e biográfico.

Porém, há um outro arranjo possível para as relações, que inclui o gênero biográfico dentro do histórico. Remonta a Tucídides o reconhecimento de duas linhagens de historiadores:

¹² GENTILI, Bruno & CERRI, Giovanni, *History and Biography in Ancient Thought*.

¹³ MOMIGLIANO, Arnaldo, *The Development of Greek Biography*, pg. 12.

¹⁴ GENTILI, Bruno & CERRI, Giovanni, *History and Biography in Ancient Thought*, pg. 61-64.

-os primeiros, denominados apodíticos por Políbio, eram mais rigorosos em sua pesquisa histórica e críticos da introdução de mitos em histórias, avaliavam a confiabilidade de suas fontes, faziam reflexões filosóficas e tinham uma eloquência sóbria:

-os segundos, seguidores de Isócrates¹⁵, inseriam em suas histórias elementos fantásticos e terríveis que agradassem seu público e forjavam suas narrativas estilisticamente, valendo-se de recursos retóricos que provocassem respostas emotivas em seus leitores e, no mais das vezes, não discerniam entre fontes primárias e secundárias.

Cerri e Gentili¹⁶ sugerem que a diferença entre as duas linhagens decorreria da diferença no acesso a cada uma delas: enquanto a primeira era escrita para ser lida individualmente, a segunda era lida para grandes públicos e, por isso, precisava ser mais interessante e atraente.

Talvez, a aproximação entre história, biografia e tragédia decorra dessa característica. Com efeito, os historiadores helenísticos são chamados por alguns autores de “historiadores trágicos”, por tentarem evocar emoções em seu público. A seguir, estão algumas passagens que acentuam a natureza dramática da história e da biografia. Um antigo lexicógrafo definiu a tragédia como “a representação das vidas e dos discursos dos heróis”¹⁷. Íon de Quios, por seu turno, afirmou que as virtudes humanas sempre têm algo de insólito e risível como elemento intrínseco, assim como a representação trágica tem sempre um momento satírico¹⁸.

¹⁵ Em seu *Encômio a Euágoras* (5-7), Isócrates incentiva outros autores a escreverem, em estilo literário, elogios de contemporâneos ilustres para assim comporem peças mais fiéis à verdade, uma vez que são contemporâneos cujas vidas são conhecidas por todos, e para atizarem o espírito de emulação nos jovens confrontados com tais modelos de virtude. Podemos pensar, portanto, que os laços estreitos entre a história retórica e o gênero biográfico remontam ao fundador da história retórica. Segundo Isócrates, ele inova ao escrever um encômio em prosa. Todavia, Stuart identifica indícios de que estes já circulavam antes do *Encômio a Euágoras* e que Isócrates pode ter consolidado o encômio em prosa, sem que necessariamente o tenha inventado. (cf. STUART, *Epochs of Greek and Roman Biography: A Question of Priority: the Pretensions of Isocrates*, p. 91-118).

¹⁶ GENTILI, Bruno & CERRI, Giovanni, *History and Biography in Ancient Thought*, pg. 12.

¹⁷ *Etymologicum magnum* 763.58 in STUART, Duane Reed, *The Epochs of Greek and Roman Biography*,

p. 16.

¹⁸ GENTILI, Bruno & CERRI, Giovanni, *History and Biography in Ancient Thought*, p. 70.

Fábio Píctor reconheceu *aspectos teatrais* em suas narrativas históricas¹⁹. Em contraposição a essas analogias entre biografia/história e tragédia, conhecemos uma passagem em Políbio que, atacando desta vez o estilo dramático de Filarco, afirma que o objetivo da tragédia é oposto ao da história²⁰. A crítica, porém, confirma a presença de elementos dramáticos no texto histórico, pois, do contrário, Políbio não teria motivos para fazê-la.

O uso de recursos miméticos seria o principal ponto de articulação entre teatro e biografia. De certa forma, a *mimesis* dramática na biografia (ou história) transformaria o leitor (e, por extensão, a platéia que porventura escutasse sua leitura) em espectador. Como espectador, esperava-se que respondesse “simpaticamente” ao personagem contemplado, através de uma identificação compassiva. Segundo os testemunhos dos antigos, dessa imitação resultaria o prazer a que os autores visavam ao compor histórias ou vidas de forma literária.

Muitas das descrições do gênero biográfico (bem como das acusações que lhe são dirigidas) coincidem com a caracterização dessa história trágica, o que nos induz a considerar parte da biografia um desdobramento seu. Entretanto, para Momigliano, há um sentido por trás da separação entre história e biografia e, portanto, vale a pena mantê-la ao se pensar na Antigüidade. Os gregos, por reconhecerem que escrever sobre um indivíduo não é o mesmo que sobre eventos históricos, estipularam convenções específicas para as biografias. Segundo sua própria lógica, evidenciavam as características constitutivas de tipos consagrados, como o filósofo, o mártir, o estadista, o poeta, deixando-se entrever a constituição humana dos mesmos, sem, no entanto, se preocuparem com muito rigor. Destarte, os biógrafos jamais explicitaram convenções históricas em suas composições²¹.

¹⁹ ibidem, p. 49.

²⁰ ibidem, p. 22.

²¹ Embora os biógrafos, por vezes, disponibilizem versões conflitantes dos fatos, lembrando convenções da história, há uma clara predileção de sua parte pela versão mais fantástica, mais extraordinária, aproximando-se, assim, das narrativas literárias. Essa tendência compromete o valor documental das biografias, mas enseja a introdução de um fundo teórico nas vidas de filósofos, o que será bastante discutido ao longo da dissertação.

Momigliano considera, pois, mais interessante aproximar a biografia ao “gênero erudito”, denominado *philologia* ou *archaologia* pelos gregos²². Enquanto a história lidaria com feitos políticos e militares, analisados cronologicamente, à erudição – escrita muitas vezes por bibliotecários eruditos – caberia tudo o mais, examinado de maneira antes sistemática do que cronológica. De fato, no período helenístico²³, em que se consolida a tradição biográfica conformada por modelos peripatéticos²⁴, desenvolve-se paralelamente uma vultuosa produção de comentários filológicos, filosóficos e literários, dos quais se extraem muitas anedotas biográficas.

A característica polimatia do período teve, no âmbito biográfico, o efeito de estetização das vidas, de acordo com uma tipologia que atendia aos anseios imaginários e estéticos, não menos do que morais, de seus leitores: “O homem educado do mundo helenístico era curioso sobre as vidas das pessoas famosas. Queria saber como era um rei ou um poeta e como se comportava”²⁵. A curiosidade sobre a educação, a vida amorosa e o caráter dos personagens ilustres, eventos mais dificilmente registrados do que guerras e decisões políticas, provavelmente levou os biógrafos a introduzirem ficção nas biografias, inferida a partir das obras ou tradições em que se inseriam. Em certo sentido, portanto, as biografias se acomodariam melhor na esfera da erudição que na da história.

A produção biográfica grega não é uniforme. Desde suas origens, no século V a.C., até a Antigüidade tardia, modelos diferentes sucederam-se. Distinguiam-se as vidas de poetas, tiranos e filósofos. Compunham-se de maneiras diversas as vidas de personagens

²² MOMIGLIANO, op. cit. p. 13.

²³ Inclusive, foi no período helenístico que se cunhou o termo grego, *bios*, para biografia. O termo ‘*biographia*’ só aparece muito mais tarde, em fragmentos da *Vida de Isidoro* por Damácio, escrita no séc. V d.C., uso preservado na *Bibliotheca* 181 e 242 de Fócio, do século IX d.C.

²⁴ A escola peripatética de biografia desempenha papel importante na elaboração das convenções da biografia literária que caracterizou o período helenístico (cf. MOMIGLIANO, *The Development of Greek Biography*; HUXLEY, *Aristotle’s Interest in Biography*).

²⁵ MOMIGLIANO, *Second Thoughts on Greek Biography*, p. 120 (The educated man of the Hellenistic world was curious about the lives of famous people. He wanted to know what a king or a poet or a philosopher was like and how he behaved).

anteriores ou contemporâneos aos biógrafos. Motivações distintas concediam tons variegados às vidas, mesmo àquelas escritas no mesmo período. Convivem, pois, no âmbito da biografia antiga, tipos, caracteres e finalidades diferentes, que concedem variedade à estrutura formular. A grande diversidade permite, portanto, que as biografias tenham se aproximado ou afastado de cada um desses gêneros em momentos distintos, de maneira que as relações aqui esboçadas possivelmente não são, de todo, incompatíveis.

III. Biografias de filósofos

Nas biografias de filósofos²⁶, por trás do conteúdo biográfico, anedótico e erudito, persiste um interesse agudo pela filosofia. A interação entre pensamento e vida é, talvez, o seu *tópos* mais consagrado. Além de pretender que os episódios da vida guardam chaves para a decifração de determinada teoria filosófica, as biografias também se empenham em reproduzir uma história intelectual em que se observa o desenvolvimento do interesse filosófico a partir de fatos concretos, como o apego a certos autores, a influência de alguns mestres, a transformação operada por experiências extraordinárias.

A concepção terapêutica da filosofia, corrente na Antigüidade, cria expectativas em relação aos bons efeitos que ela pode ter na vida comum. No período helenístico, em especial, florescem inúmeras escolas filosóficas que se apresentam como estilos de vida a serem seguidos por aqueles que buscam tranqüilidade (*ataraxía*), ausência de afecções (*apatheia*), bom ânimo (*euthymía*), felicidade (*eudaimonía*). Assim, a orientação prática da filosofia antiga produz particular interesse pelas vidas dos filósofos. A constatação de uma postura equânime e tranqüila como efeito de certa posição filosófica a torna desejável. Ao contrário, uma filosofia que não se conforme à prática será considerada imperfeita.

Em vista disso, as biografias de filósofos não devem ser tomadas meramente como a

²⁶ Embora para o modelo de vida de filósofo esboçado nessa seção tenhamos nos baseado especialmente em Diógenes Laércio, encontramos vários de seus elementos em nossas leituras de outros biógrafos que se voltam para a filosofia ou sofística, como Luciano, Eunápio, Porfírio, Marino, Jámblico.

descrição da vida de um indivíduo. Como observa Hadot:

Há quase sempre, ao menos até o fim do período helenístico, uma coincidência entre a escola como tendência doutrinal, a escola como lugar onde se ensina e a escola como instituição permanente, organizada por um fundador que está precisamente na origem do modo de vida praticado pela escola e da tendência doutrinal que lhe é atrelada²⁷.

Com efeito, em Diógenes Laércio, a vida do fundador de uma escola filosófica confunde-se com a vida da própria escola, integrando-a uma extensa doxografia dedicada a teorias elaboradas, em grande medida, por seus sucessores. As vidas de muitos filósofos encerram, assim, exemplares filosóficos, fabricados gradualmente por seus seguidores, de maneira a atrair novos sectários, inspirando-os nas escolhas morais e nos afazeres cotidianos da vida prática.

O desenvolvimento coevo da tradição biográfica e das cronologias filosóficas explica, parcialmente, o entrelaçamento entre as biografias e as histórias das escolas. Por um lado, as anedotas biográficas eram assunto também dos debates sobre as escolas filosóficas, tendo como finalidade ilustrar os modos de vida ou as idéias sustentadas. As biografias, por outro lado, contemplavam problemas filosóficos no âmbito da vida. No mais das vezes, conhecemos as obras helenísticas através de exíguas citações em compilações tardias, nas quais biografia e cronologia imiscuem-se em tal grau que nem sempre sabemos se certa fonte escrevia uma ou outra, pois os fragmentos isolados dificilmente revelam a natureza dos livros em que foram colhidos.

Em resumo, a contaminação das vidas pelas cronologias filosóficas tem como efeitos:

- (i) introduzir a vida de um indivíduo em uma tradição que a explique e lhe dê sentido, ou seja, integrá-la a uma sucessão de filósofos consagrados;
- (ii) transformar o indivíduo contemplado em representante de determinada posição filosófica, estando suas idéias e teorias morais, epistemológicas ou metafísicas

²⁷ HADOT, *Qu'est-ce que la philosophie antique?*, p. 157 ("Il y a donc presque toujours, du moins jusqu'à la fin de l'époque hellénistique, coïncidence entre l'école comme tendance doctrinale, l'école comme lieu où l'on enseigne, et l'école comme institution permanente organisé par un fondateur qui est précisément à l'origine du mode de vie pratiqué par l'école et de la tendance doctrinale qui lui est liée.")

incorporadas em suas ações e dizeres:

(iii) fixar pontos controversos das posições defendidas através do embate entre teoria e vida prática, ilustrados em alguns dos episódios biográficos de caráter derogatório, em que transparecem rivalidades entre as escolas.

Pretendo, na seqüência, examinar brevemente esses três aspectos recorrentes nas biografias de filósofos. Parece-me que tais motivos – que junto a outros ordenavam a memória comum das vidas filosóficas – concedem uma coerência abrangente ao conjunto de biografias, ao mesmo tempo em que estabelecem uma coerência interna a cada vida.

. . .

Nas biografias dos filósofos antigos, grande destaque era dado às “influências literárias” do biografado. O estabelecimento de antecessores ilustres tinha várias finalidades. Em primeiro lugar, inseria o biografado em uma tradição consolidada, concedendo-lhe legitimidade histórica. Em segundo lugar, indicava esses antecessores como fonte de inspiração para as posições do herdeiro, identificando uma natural continuidade nos pensamentos que sustentavam. Por fim, sistematizava as relações filosóficas segundo um princípio de afinidade, de maneira a forjar sucessões coerentes nas escolas.

A disposição dos filósofos em linhagens contínuas mediará a evolução de seus pensamentos rumo a formas mais elaboradas. Decleuva Caizzi²⁸ aponta que a tendência historiográfica de aproximar os pensadores em sucessões (*diadochai*) recua a Sócio (sec. II a.C.), tendo sua formulação inicial em seu livro *Sobre a sucessão dos filósofos*. Todavia, autores peripatéticos anteriores parecem também ter se ocupado, em menor medida, das sucessões, em estudos dedicados às escolas filosóficas e em compilações doxográficas²⁹.

²⁸ DECLEVA CAIZZI, *Gli atomi: un “mito”?*, p. 3.

²⁹ Gueroult considera que as formas menos teóricas e mais pessoais da especulação filosófica se dividiam em cinco categorias: doxografia (*dóxai, dógmata, gnômai*), história das escolas (*Peri tón philosophon haireséon*), biografias (*Peri bíon*), catálogos (*P’nakes*) e, por fim, sucessão de escolas (*Diadochai*). Contudo, a separação entre elas não é muito nítida na maior parte das vezes (GUERROULT, Martial, *L’histoire de la philosophie dans l’antiquité après Aristote*, p. 48).

Por vezes confirmadas historicamente, por vezes artificialmente forjadas, as cronologias filosóficas tornam manifesta a maneira como os antigos percebiam e expunham suas filosofias. Por isso, ao se dizer que essas sucessões são artificiais não se deve entender que sejam arbitrárias ou infundadas: fabricando-se uma sucessão, traduzem-se em termos genealógicos as complexas relações de influência e identidade em uma tradição. Como observa Giannantoni, “[c]om isso, qualquer referência [aos antecessores] buscava alcançar importância e prestígio e apresentar-se não mais como uma novidade extravagante, mas como um pensamento bem radicado na tradição e na cultura precedente”³⁰.

Deduz-se, então, que, além de legitimar o posicionamento de determinado filósofo, tais sucessões tornam coeso o conjunto de biografias.

. . .

A composição da vida de um filósofo, norteadas pelo critério de verossimilhança, resulta freqüentemente em uma vida exemplar coerente com as teorias que sustenta, como já se mencionou. Em outras palavras, o desapego ao rigor histórico é interessante para se pensar em biografias como fonte também filosófica, uma vez que a narrativa embutiria conteúdos teóricos em sua composição. Além disso, a natureza formular do gênero biográfico reforça a verossimilhança. Marcada pela repetição, seja da estrutura narrativa, seja de episódios específicos, seu repertório comum encerra conteúdo não histórico, pleno de associações literárias (retiradas da tradição antecessora) e culturais (refletindo o contexto em que foram produzidas).

Sollenberger, ao analisar as vidas dos peripatéticos de Diógenes Laércio³¹, elenca rubricas que estruturam as biografias de filósofos: (1) origem; (2) mestres; (3) fundação de uma escola; (4) aparência física e traços de personalidade; (5) atividades políticas; (6) discípulos;

³⁰ GIANNANTONI, Pirrone, la scuola scettica e il sistema delle “successioni”. *Lo scetticismo antico*, p. 24 (Con ciò ogni indirizzo cercava di guadagnare importanza e prestigio e di presentarsi non già come una novità stravagante ma come un pensiero ben radicato nella tradizione e nella cultura precedente).

³¹ SOLLENBERGER, M. G. *The Lives of the Peripatetics: An Analysis of the Contents and Structure of Diogenes Laertius' 'Vitae philosophorum' Book 5*, p.3803

(7) outros episódios importantes; (8) anedotas; (9) apotegmas; (10) dados cronológicos; (11) morte; (12) escritos; (13) doutrinas (geralmente essas seções doxográficas se encontram apenas nas vidas dos fundadores de escolas); (14) documentos pessoais, tais como cartas, testamentos, etc.; (15) homônimos. É evidente que essas categorias não eram obrigatórias em cada biografia. Na vida de Pirro, não se encontram documentos pessoais, catálogo das obras ou uma relação de homônimos, por exemplo. Todavia, o reconhecimento de um padrão específico com relação a certos tipos de vidas contribui com elementos interessantes para se pensar a importância estrutural de certos episódios na economia da composição biográfica.

De maneira mais específica, episódios recorrentes são freqüentemente imbuídos de significado filosófico. Inúmeros filósofos – como Demócrito, Platão, Anaxarco, Pirro – fazem longas viagens, demorando-se em regiões exóticas. Não raro, associam-se às mesmas viagens as idéias inovadoras³². Como profissão anterior à filosofia, atribuem-se-lhes, com freqüência, uma arte (Pirro era pintor, Timão, coreuta, Platão escrevia tragédias), simbolizando aspectos de suas discussões filosóficas. O apreço aos filósofos é repetidamente expresso pela inclusão de homenagens em vida ou após a morte. Erigem-se-lhes estátuas, confiam-se-lhes cargos públicos ou religiosos importantes. Pirro conseguiu mesmo que os filósofos fossem isentos de impostos em Élida, sua cidade (D.L. 9.64). Por fim, os filósofos, geralmente, ou morrem prodigiosamente velhos (sinal de que suas idéias surtem bons efeitos na vida prática), ou sofrem mortes dramáticas, nas quais parecem ser castigados por sua impiedade, *hybris*, tolice ou frivolidade³³.

Sendo assim, as biografias de filósofos apresentam um conjunto de ações pelo qual se poderia julgar a consistência de suas doutrinas, pois se espera uma conformidade entre prática e ensinamentos. As anedotas mais triviais possuem, portanto, certa relevância, pois

³² Cf. Montiglio, S. The Wandering Philosophers in Classical Greece, *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 120, p. 86-105.

³³ No nascimento dos poetas, por sua vez, é comum a presença de um enxame de abelha, preconizando a poesia, e suas mortes são, no mais das vezes, trágicas.

incorporam doutrinas filosóficas à vida comum.

. . .

A imbricação entre biografia e comentários às escolas filosóficas faz com que ataques a posições teóricas imiscuem-se em ataques pessoais. Uma maneira de se deasacreditar certa posição teórica seria, pois, vituperar o indivíduo que a representa. A biografia se aproxima, nestes momentos, do *psógos*, poesia incendiária em que se censurava alguém e que, junto aos encômios, está nas origens da tradição biográfica. Assim, do mesmo modo como os episódios de uma vida podem ilustrar lisongeiramente um posicionamento filosófico, podem também representá-lo desfavoravelmente.

Nestes casos, as ações são consistentes com os ensinamentos, todavia, levam a conseqüências práticas absurdas. Revela-se, portanto, uma incongruência entre filosofia e vida. O exame mais escrupuloso das fontes das anedotas de caráter derrisório muitas vezes nos conduz à literatura diatribica de autores de outras escolas que se empenham em desautorizar uma filosofia rival. Essa hostilidade é também expressa através de um repertório comum às tradições biográfica e filosófica, no qual, dentre outras coisas: comparam-se os filósofos com animais; eles são condenados por vícios baixos, como a gula ou a sensualidade, que comprometem uma vida supostamente orientada pela temperança; atribuem-se-lhes idéias que, realizadas na vida comum, tornam sua opção filosófica inviável e ameaçam sua própria sobrevivência.

Untersteiner³⁴ sugere que uma tensão fundamental manifesta-se nas biografias de filósofos, justapondo dois aspectos: por um lado, representam-se os filósofos antigos como expressão ideal de vida prática; por outro lado, eles são descritos como nefelibatas, destituídos de qualquer interesse prático³⁵, imersos em suas reflexões abstratas.

. . .

³⁴ UNTERSTEINER, *Le biografie dei filosofi*, p. 233.

³⁵ Pirro, por exemplo, é descrito como ἀπραγμοσύνη por Diógenes Laércio (D.L. 9.64).

Apesar da riqueza de fontes e da significativa incorporação de dados filosóficos (recolhidos em obras e comentários filosóficos), a tradição biográfica tem um acolhimento relutante pela filosofia contemporânea. No início do século XX, John Burnet afirmou: “O trabalho atribuído a Laércio Diógenes é, em suas partes biográficas, uma mera colcha de retalhos do conhecimento mais antigo. Ele não foi digerido por uma única mente, não é nada mais do que uma coleção de fios feita aleatoriamente”³⁶.

Autores voltados especificamente para o ceticismo apresentam reservas similares. Em um livro dedicado aos modos céticos, Annas e Barnes consideram as *Vidas dos Filósofos Ilustres* “dadas a fofocas e pouco inteligente”³⁷. Analogamente, Hankinson lamenta a falta de inteligência de compiladores de doxografia como Diógenes, que evidenciam um “apetite gargântuesco” (expressão do autor) por fofocas e cujos testemunhos são, no mínimo, suspeitos³⁸.

Um exame das *Vidas dos Filósofos Ilustres* revela, entretanto, um texto estruturado, coerente, direto e informativo. A vida de Pirro, em particular, acrescenta elementos significativos para a discussão acerca do pirronismo. Como aponta Barnes em um trabalho mais recente, ao examinarmos as divergências entre Sexto Empírico e Diógenes Laércio, não podemos simplesmente acusar Diógenes de distorcer a filosofia pirrônica. Em grande medida, Diógenes concorda com Sexto e, quando dele difere, é possível que esteja seguindo uma fonte pirrônica cuja filosofia apresenta variações em relação àquela representada por Sexto. Apresenta-nos, portanto, uma tradição pirrônica diferente da de Sexto Empírico, o que concede maior importância ao seu relato³⁹. Assim, Diógenes Laércio e outras fontes biográficas tendem a ser considerados sob uma luz mais favorável.

³⁶ BURNET, *Early Greek Philosophy*, p. (The work which goes by the name of Laertius Diogenes is, in its biographical parts, a mere patchwork of all earlier learning. It has not been digested by any single mind at all, but is little more than a collection of extrands made at haphazard).

³⁷ ANNAS, Julia & BARNES, Jonathan, *The Modes of Scepticism*, p. 198, (chatty and unintelligent).

³⁸ HANKINSON, J. R., *The Sceptics*, p. 4. Vale notar que, apesar das ressalvas, esses mesmos autores fazem amplo uso das partes doxográficas e mesmo das biográficas de Diógenes Laércio.

³⁹ BARNES, ‘Diogenes Laertius IX 61-116: The philosophy of Pyrrhonism’, p. 4241-301.

IV. Pirro *amphinoos*

Em um de seus fragmentos, Timão, discípulo de Pirro, descreve Demócrito:

Assim é Demócrito: sábio pastor de palavras,
tagarela de duas mentes, dentre os primeiros (melhores) que já li.⁴⁰

O autor satírico, sensível aos gostos do mestre, dobra a língua ferina e faz ao filósofo de Abdera um meio-elogio. Todavia, o elogio permanece ambíguo. Além de chamá-lo de tagarela, qualifica-o pelo adjetivo *amphinoos*, de duas mentes, “bifronte”. Por meio dessa expressão refere-se, simplesmente, ao uso que Demócrito faz de métodos dialéticos ou critica seu espírito dividido, indeciso⁴¹?

Em um sentido um pouco diverso, poderíamos qualificar Pirro de bifronte: a tradição biográfica ora lhe atribui uma posição cética, ora uma posição dogmática⁴², e, analogamente, ora atrela a sua filosofia um modo de vida razoável, ora o curso de ação que dela decorre condiz com o de um mentecapto. Essa tensão fundamental não pode ser facilmente resolvida. Tradições independentes entretecem, com efeito, uma pluralidade de imagens literárias, sem as coordenar em um todo coerente. Escolher entre as tradições, segundo critérios somente históricos, é inviável, já que as conhecemos mal em virtude da perda dos textos originais. Pelo contrário, tensões como essa evidenciam questões filosóficas e da história da filosofia e não apenas fraquezas ou contradições inerentes à posição sustentada por Pirro. Ao

⁴⁰ “οἷον Δημόκριτόν τε περίφρονα, ποιμένα μύθων,
ἀμφίνοον λεσχῆνα μετὰ πρώτοισιν ἀνεγνων” (*apud* DL IX, 40).

⁴¹ Segundo Levy, Timão provavelmente alude a mecanismos dialéticos que correspondem, em alguma medida, à diafonia cética. Para Timão, o pensamento de Demócrito se inclinaria em direções opostas, diante da natureza contraditória das aparências. Levy ressalta ainda que outros autores considerados antecessores do pirronismo são também caracterizados por adjetivos que remetem às suas tendências diafônicas: Zenão é descrito como alguém de dupla língua, em vista do método refutativo que desenvolveu (ἀμφοτερόγλωσσος, DL IX, 45); em relação a Xenófanés, Timão lamenta o seu monismo e o fato de ele não ter possuído um espírito capaz de ver posições contrárias (ἀμφοτερόβλεπτος, Sexto Empírico, *HP*, I 233) (cf. “Pyrrhon, Enesidème et Sextus Empiricus: La question de la légitimation historique dans le scepticisme,” p. 299-301).

⁴² Dentre os autores que o consideraram dogmático estão Numênio (D.L. 9.68), Teodósio (D.L. 9.60), Cícero (*De Finibus*, II 11, 35; II 13, 43; III 3, 11; IV 16, 43; IV 18, 49; IV 22, 60; V 8, 23, etc).

confrontarmos os fragmentos com os debates filosóficos coetâneos à sua elaboração, podemos, pois, recuperar relações de complementaridade, oposição e dependência teórica entre as tradições.

Não surpreende, em todo caso, que haja diafonia entre as fontes voltadas para a vida de Pirro. Fatores externos às convenções biográficas e ao debate filosófico, de natureza filológica, também comprometem a coerência de uma biografia. No caso de Pirro, conhecemos os episódios de sua vida em obras escritas ao longo de um extenso período. Estão sujeitos, assim, a grande variação. Como reflete Decleva Caizzi:

É notório que Pirro se encontra, neste ponto de vista, em uma situação particularmente desvantajosa, seja porque não deixou nada escrito, seja porque o seu nome foi delegado para qualificar uma corrente filosófica vital por muitos séculos depois de sua morte⁴³.

A vida de Pirro sofre, dessa feita, claras apropriações da tradição pirrônica posterior. Desembaraçar um núcleo originário das distorções sofridas, apresenta-se como uma tarefa árdua e, em certa medida, frustrante, já que qualquer esforço só pode alcançar uma solução especulativa. Porém, o problema das fontes será examinado mais cuidadosamente no próximo capítulo.

Na seqüência, retomaremos os três motivos analisados na seção anterior (o esquema de sucessões, a interação entre vida e filosofia, o retrato derogatório), de maneira a evidenciar como a biografia de Pirro constitui uma típica vida de filósofo. Muito embora exista um amplo debate na Antigüidade sobre o estatuto filosófico do pirronismo – que, como já se mencionou, devido à ausência de doutrinas dogmáticas, não constituiria uma escola para alguns – Diógenes Laércio reserva a Pirro a atenção que dedica apenas aos filósofos fundadores de escolas.

...

⁴³ DECLEVA CAIZZI, *Pirrone Testimonianze*, p. 12 (È ben noto che Pirrone si trova, da questo punto di vista, in una situazione particolarmente svantaggiata, e perché no lasciò nulla di scritto, e perché il suo nome fu deputato a qualificare una corrente filosofica vitale per molti secoli dopo la sua morte).

Diógenes Laércio, ao tratar das influências literárias de Pirro, ressalta particularmente Demócrito e Homero – e apresenta uma linha de descendência de Demócrito até Pirro⁴⁴. Com pequenas variações, outras fontes, como Clemente de Alexandria, Eusébio e Galeno, confirmam essa sucessão⁴⁵. Mas ela apresenta alguns problemas. O mais óbvio é que quatro intermediários – Nessa, Metrodoro, Diógenes de Esmirna e Anaxarco – parecem muito numerosos para o pequeno intervalo temporal que separa Pirro de Demócrito. Assim, vários comentadores consideram-na fictícia⁴⁶. No entanto, uma afinidade de idéias (especialmente quanto ao pessimismo epistemológico que marca vários deles) pode justificar a aproximação conceitual entre esses filósofos, conduzindo à fabricação genealógica.

Paralelamente, sobrevive uma genealogia que confere a Pirro um parentesco com a tradição socrática. Em Diógenes Laércio mesmo (D.L., 9.61), a introdução de Brisson ou Estilpo como mestres de Pirro, improvável cronologicamente, pode ser compreendida como tentativa de aproximá-lo de Sócrates, via escola de Megara. Além dos quatro autores (Sócrates, Brisson, Estilpo e Pirro) não terem escrito nada, a erística e o pensamento dialético afins justifica a sucessão. É plausível que essa tendência interpretativa recue a Timão:

Timão, no *Piton*, narra num longo discurso, como, por acaso, encontrou-se com Pirro, andando para Delfos, próximo ao tempo de Anfíarau e com ele debateu. Contudo, alguém poderia dizer desagradavelmente para aquele que isso escreveu:

-Por que, ó miserável, ocupas-te de escrever estas coisas e narrar o que não sabe? Acaso mais o encontrastes do que não o encontraste, ou mais discutistes do que não discutiste?

Ele mesmo, o espantoso Pirro, sabia então o motivo por que andava para ver os jogos Píticos? Ou, como os doidos, vagava pelo caminho e se punha a acusar as pessoas de sua ignorância?

Diremos que ele falava a verdade ou não – e que Timão foi afetado pelos discursos e caiu na rede ou não os aceitou? Pois, se não foi persuadido, como então de coreuta tornou-se filósofo e continuou a se espantar com Pirro? Pois se foi fígado pelas coisas ditas, estranho seria ele filosofar sozinho, proibindo-o a nós.⁴⁷

⁴⁴ A admiração de Pirro por Demócrito marcará todo o pirronismo. Timão, Enesidemo e Sexto Empírico também a expressam, o que vem favorecer a legitimidade de tal construto.

⁴⁵ Cf. Clemente de Alexandria, *Strom.* I XIV, 64, 24, Eusébio, *Praep. ev.* XIV 17, 10, Galeno, *Histo. philos.* 3 (apud DECLEVA, CAZZI, *Pirrone Testimonianze*, fr. 25a, 25b, 25c), Diógenes Laércio, livros IX-X das *Vidas dos Filósofos Ilustres*.

⁴⁶ Cf. Bailey, *Sextus Empiricus and Pyrrhonian Scepticism*, p. 30-37.

⁴⁷ Eusébio, xix, 18, 14 (Τίμων ἐν τῷ Πύθωνι διηγείται, μακρόν τινα κατατείνας λόγον, ὡς ἐντύχοι τῷ Πύρρωνι βαδίζοντι Πυθιοῖδε παρά τὸ ἱερόν τὸ τοῦ Ἀμφιαράου καὶ τίνα διαλεχθεῖεν ἀλλήλοις. ἀρ' οὐκ εὐλόγως ἂν τις αὐτῷ ταῦτα συγγράφοντι παραστάς εἴποι: Τί, ὦ ποιηρέ, ἐνοχλεῖς σεαυτῷ ταῦτα συγγράφων καὶ ἂ μὴ οἴσθα διηγούμενος; τί γὰρ μάλλον ἐνέτυχες ἢ οὐκ ἐνέτυχες αὐτῷ καὶ διελέχθης ἢ οὐ διελέχθης; αὐτὸς τε ἐκεῖνος ὁ θαυμαστὸς Πύρρων ἀρά γε ἤδει τὸ διὰ τί βαδίζοι Πύθια

Long identifica ecos socráticos no encontro, tanto no cenário – a caminho de Delfos, onde foi proferido o oráculo da pitonisa que declarou Sócrates o mais sábio dos homens – como no conteúdo da discussão, que, com base nas críticas de Aristocles, supõe-se ser sobre a ignorância humana⁴⁸.

Eratóstenes (*apud* DL 9.66) afirma ainda que Pirro vivia piamente com sua irmã, uma parteira, o que pode ser reminiscência da maiêutica. Um fragmento de Cícero refere-se aos pirrônicos como pretensos socráticos: “havia então outros gêneros de filósofos que se diziam, todos, serem socráticos: os erétricos, os erílios, os megáricos e os pirrônicos”⁴⁹. Sêneca avizinha pirrônicos, megáricos, erétricos e acadêmicos, “que introduziram uma nova ciência, aquela de nada saber”⁵⁰. Por fim, segundo Estobeu, Sócrates e Pirro afirmavam que a sabedoria não era coisa humana⁵¹. Seria interessante pensar, a partir dos fragmentos citados, quais as conseqüências desta verve socrática, atribuída a Pirro, para a relação entre o pirronismo e o ceticismo acadêmico. Ao que parece, deveria haver fontes que reconheçam afinidades entre o ceticismo pirrônico e o acadêmico, a despeito da polêmica que se estabeleceu entre eles desde sua fundação⁵².

θεασόμενος; ἢ καθάπερ οἱ μεμνηότες ἐπλανάτο κατὰ τὴν ὁδόν, ἠνίκα δ' ἤρξατο κατηγορεῖν τῶν ἀνθρώπων καὶ τῆς ἀγνοίας αὐτῶν, ἀρά γε φώμεν αὐτὸν ἀληθῆ λέγειν ἢ μὴ καὶ τὸν Τίμωνα παθεῖν τι καὶ συγκαταθέσθαι τοῖς λόγοις ἢ μὴ προσέχειν; εἰ μὲν γὰρ οὐκ ἐπίσθη, πῶς ἀντὶ χορευτοῦ φιλόσοφος ἐγένετο καὶ τὸν Πύρρωνα διετέλεσε θαυμάζων; εἰ δὲ συγκατέθετο τοῖς λεγομένοις, ἀτοπος ἂν εἴη τις αὐτὸς μὲν φιλοσοφῶν, ἡμᾶς δὲ κωλύων).

⁴⁸ LONG, Timon of Phlius: Pyrrhonist and Satirist, p. 73-74. Também sobre a aproximação entre Pirro e Sócrates cf: DECLEVA CAIZZI, *Pirrone Testimonianze* p. 132-13; GIANNANTONI, Pirrone, la scuola scettica e il sistema delle “successioni”, p. 25-30.

⁴⁹ CÍCERO, *De orat.* III, 63, “Fuerunt etiam alia genera philosophorum, qui se omnes fere Socraticos esse dicebant, Eretricorum, Erillorum, Megaricorum, Pyrrhoneorum.”

⁵⁰ SÊNeca, *Epist.* 88, 37, *apud* DECLEVA CAIZZI, *Pirrone Testimonianze*, fr. 71.

⁵¹ ESTOBEU, *Anthologium* II 1, 17, *apud* DECLEVA CAIZZI, Prolegomeni ad una raccolta delle fonti relative a Pirrone di Elide, p. 121.

⁵² Timão era particularmente incendiário contra Arcesilau, supostamente um filósofo muito amável. A logomaquia entre eles tem momentos cômicos: quando Arcesilau atravessava a praça de Cércope Timão teria dito “O que vens fazer no meio de nós, homens livres?” (D.L. IX, 114); noutra ocasião, quando Arcesilau lhe perguntou porque tinha voltado de Tebas, ele respondeu “Para rir de tí, vendo-te cara a cara” (D.L. IX, 115); em um fragmento do debate entre Zenão e Arcesilau, dizem a ele “Tu agradas à multidão: é muito pouco, infeliz. Por que tu te orgulhas disso como um paspalho?” (Mull. v. 76). Por fim, ele considera os acadêmicos uns tagarelas sem ânimo (D.L. IV, 67). Talvez, essa campanha difamatória contra o fundador da Nova Academia nos forneça fortes evidências a favor de uma indisposição entre os ceticismos acadêmico e pirrônico, devido a

Através de Sócrates e Demócrito, Pirro estaria, pois, vinculado às duas grandes tradições filosóficas, a jônica, que se inicia com Tales, e a itálica, que remonta a Pitágoras. Ao se percorrer as *Vidas dos filósofos ilustres*, percebe-se quão ambicioso é o projeto ordenador de Diógenes Laércio: uma linhagem é forjada desde Pitágoras (passando pelos eleatas, atomistas e pirrônicos) até Saturnino, discípulo de Sexto Empírico, compreendendo, ao todo, 23 nomes⁵³ e encerrando-se apenas no século II d.C. Uma de suas intenções é, através de uma sucessão sem rupturas de Pirro a Saturnino, conferir unidade ao ceticismo pirrônico, dando-lhe estatuto de escola, mesmo na ausência de um corpo dogmático doutrinário.

. . .

Quanto à imbricação entre filosofia e vida, ela já se faz sentir no princípio mesmo da biografia de Pirro. A tradição atribui-lhe, como primeira profissão, a de pintor⁵⁴. Warren⁵⁵ sugere que essa profissão provenha das imagens recorrentes de pintura de cenário em suas discussões epistemológicas (ou fenomênicas). Nessas discussões, assim como nossas impressões sensíveis podem nos enganar quando tomamos uma pintura (*trompe-l'oeil*) por uma cena real, também as nossas apreensões sensíveis do mundo real (que pode ser, igualmente, um mero construto) estão sujeitas a enganos, levando, pois, ao ceticismo relativo aos sentidos. Uma possível herança eleática ou atomista, mediada por Anaxarco, Sexto Empírico menciona a discussão epistemológica aqui esboçada:

Havia não poucos, como já disse, que, além de Metrodoro, Anaxarco e ainda Mônimo, disseram terem eliminado o critério. Metrodoro porque dizia nada saber e nem isso mesmo

uma rivalidade entre posições muito próximas (segundo Numênio, Arcesilau conheceu e freqüentou a casa de Pirro, cf. Eusébio, *Praep. euang.* XIV, 12). Em todo caso, ela é um dos indícios de que Pirro e seus discípulos já eram considerados céticos mesmo antes de sua retomada por Enesidemo, já que Timão considerava Arcesilau um 'cético' devido, justamente, à sua relação com Pirro, valendo-se, inclusive, do termo 'cético' para tanto. Todavia, a ausência de um uso correspondente do termo em outros autores leva a crer que a passagem seja espúria (cf. Numênio *apud* Eusébio, *Praep. euang.* XIV, 6).

⁵³ Pitágoras - Telauges - Xenófanes - Parmênides - Leucipo - Demócrito - Nessa - Metrodoro de Quios - Diógenes de Esmirna - Anaxarco - Pirro - Timão - Eufránor de Seleúcia - Eubulo de Alexandria - Heraclides - Enesidemo - Zeuxipo - Zêuxis Goníopo - Antíoco de Laodicéia - Menódoto de Nicomédia - Heródoto de Tarso - Sexto Empírico - Saturnino. De modo geral Diógenes Laércio tenta encaixar todos os filósofos neste grande esquema. Todavia, nem todas as escolas sobrevivem por tantos séculos quanto a pirrônica.

⁵⁴ Cf. DL 9.61; Suda s.v. Pirro; Aristocles *apud* Eus. *PE* XIV.18.27; Luciano, *Bix. acc.* 25.

⁵⁵ WARREN, *Epicurus and Democritean Ethics*, p. 95.

saber, que nada sabia; Anaxarco, bem como Mônimo, porque assemelharam os entes à pintura, tomando-os como semelhantes aos sonhos ou às alucinações da loucura⁵⁶.

Outras tantas anedotas ilustram os efeitos de uma disposição cética, como a tranqüilidade (*ataraxia*)⁵⁷ e a ausência de afecções (*apatheia*)⁵⁸. Há ainda as que exemplificam os modos pirrônicos, sistematizados por Enesidemo⁵⁹: o primeiro modo (Sexto Empírico, *Hipotiposes Pirrônicas* I 40-79), segundo o qual não temos motivos para privilegiar as percepções humanas em relação às dos demais animais, é exemplificado pela admiração de Pirro por Homero, devido ao poeta comparar, como semelhantes, seres humanos, insetos e animais (Diógenes Laércio 9.67); o segundo modo (*Hipotiposes Pirrônicas*, I 82), acerca das diferenças de percepção entre indivíduos, dá como exemplo Demofonte, copeiro de Alexandre que tremia ao sol e sentia calor na sombra, figura que Pirro talvez tenha conhecido quando participou das expedições de Alexandre; por fim, nesta expedição de Alexandre, Pirro conheceu o oriente, e o contato que travou com os *magoi* persas e os gimnosofistas indianos nos leva a pensar no décimo modo, que contempla a variação dos costumes, leis e crenças, em sociedades diferentes (Sexto Empírico, *Hipotiposes Pirrônicas* I 145-63).

Portanto, o anedotário parece transpor posições pirrônicas às suas ações corriqueiras, fundando uma moral cética a partir do exemplo prático da vida de Pirro.

. . .

Por outro lado, encontramos na vida de Pirro outro grupo de episódios que compromete o pirronismo, seja ridicularizando-o, seja expondo a sua inviabilidade. Dois

⁵⁶ Sexto Empírico, *Adv. math.* 7.88 (Οὐκ ὀλίγοι δὲ ἦσαν, ὡς προεῖπον, οἱ καὶ τοὺς περὶ Μητρόδωρον καὶ Ἀνάξαρχον ἐτι δὲ Μόνιμον φήσαντες ἀνηρηκέναι τὸ κριτήριον, ἀλλὰ Μητρόδωρον μὲν ὅτι εἰ πεν οὐδὲν ἴσμεν, οὐδ' αὐτὸ τοῦτο ἴσμεν ὅτι οὐδὲν ἴσμεν, Ἀνάξαρχον δὲ καὶ Μόνιμον ὅτι σκηνογραφία ἀπέικασαν τὰ ὄντα τοῖς τε κατὰ ὕπνου ἢ μανίαν προσπίπτουσι ταῦτα ὡμοιωῶσθαι ὑπέλαβον).

⁵⁷ Pirro, em meio a uma tempestade no mar, aconselha os companheiros aflitos a imitarem os porquinhos da nau, que continuavam a comer imperturbáveis (Diógenes Laércio 9.68).

⁵⁸ Pirro nem franze o cenho quando lhe aplicam remédio cáustico a uma ferida (Diógenes Laércio 9.67).

⁵⁹ Embora a reunião e sistematização dos modos céticos sejam de autoria de Enesidemo (cf. Diógenes Laércio 9.79-88; Eusébio, *Praeparatio evangelica* XIV 18, 11; Filon de Alexandria, *De ebrietate* 171-202), é plausível supor que alguns tenham tido uma formulação inicial por Pirro, Timão e outros filósofos inspiradores do pirronismo. Com efeito, Aristóteles apresenta uma série de argumentos que pretendem resolver o desacordo de opiniões descrito nos modos céticos (*Metafísica* K 6, 1062 12-24, 1062 b 35-1063 a 10; G 5, 1009 a 6-39).

conjuntos de anedotas evidenciam semelhante hostilidade: um, tornando risíveis as posições pirrônicas, ao inserir diversos personagens porcos na vida de Pirro; o outro, apresentando conseqüências perigosas da suspensão do juízo.

Primeiramente, três ocorrências fazem parecer que sua filosofia preza sobremaneira os animais, em especial os porcos: Pirro levava galinhas e porquinhos ao mercado; sua indiferença (*adiaphoria*) era tamanha que, certa vez, ao limpar a casa, lavou um porco (Diógenes Laércio 9.66); e, como antes mencionado, durante uma tempestade em alto mar, ele apontou a serenidade de porquinhos comendo no convés como exemplo de tranqüilidade a ser seguido por seus companheiros (Diógenes Laércio 9.68, Plutarco, *De profectibus in virtute*, 82ef). Como, para os gregos, os porcos situam-se muito baixo na hierarquia dos animais, as anedotas em questão são de natureza bastante corrosiva. Já em Homero, no episódio em que Circe transforma os companheiros de Ulisses em porcos e estes preservam sua mente humana (*Odisséia* X, 233-242), transparece o desprezo grego. A incongruência entre corpo e mente faz a metamorfose tanto mais terrível.

Há outros casos em que comparações desse tipo tentam desautorizar e ridicularizar um filósofo: no *Teeteto* (161c), Sócrates se pergunta porque Protágoras não inicia seu livro dizendo que o porco é a medida de todas as coisas; na *República* (II 372d), Glauco chama o primeiro modelo de estado proposto por Sócrates uma “cidade de porcos”; segundo seus críticos, o “hedonismo” epicurista, voltando-se sobretudo para os prazeres físicos, aspiraria a um estado suíno⁶⁰.

O segundo conjunto de anedotas sugere que Pirro, consistentemente com sua doutrina, não se guardava de risco algum que atravessasse seu caminho, carroças, precipícios ou cães (Antígono de Caristo *apud* Diógenes Laércio 9.62). A sua característica indiferença submetia também os amigos a riscos desnecessários, pois ele, certa vez, passando por Anaxarco que

⁶⁰ Cf. Diógenes Laércio 10.137; Sexto Empírico *Adversus Mathematicus*, II.96-7; Cícero, *de Finibus* I.29-30, II. 31-32, 109. Para uma discussão mais detalhada sobre o estatuto dos porcos na filosofia grega, cf. WARREN, 2002, p. 106-115, p. 129-149.

caíra em um poço, não o socorreu, mantendo-se imperturbável (D. L. 9.63). Esses trechos nos remetem à *Metafísica* (G 4, 1008 b 15-16), em que Aristóteles descreve conseqüências absurdas para alguém que negue o princípio da não-contradição. Entre os acidentes enumerados, Aristóteles pergunta-se: por que aquele que nega o princípio não cai em um poço, assim demonstrando, em sua conduta, que não acredita ser igualmente boa e má a sua queda⁶¹? Um tópos consagrado na filosofia, episódios semelhantes aparecem na vida de Tales, na fábula de Esopo, *O astrónomo*, e em versos de Lucrécio (*De rerum natura* iv 507-509).

. . .

A recorrência dos motivos mencionados em autores muito anteriores a Pirro faz crer que, de fato, não se trata de fatos históricos e sim de um colorido anedótico. Há fortes indícios de que, ao realizarem críticas ou ao ilustrarem aspectos teóricos do pirronismo através de imagens figuradas, os autores antigos recuperavam motivos consagrados nas tradições biográfica ou filosófica, cujo sentido metafórico muitas vezes nos escapa. Assim, a estilização do relato biográfico o enriqueceria com referências culturais mais abrangentes e referências teóricas mais estritas.

Barnes⁶² contesta, portanto, a recorrente afirmação de que Diógenes, pouco arguto filosoficamente, citava as posições filosóficas meramente para iluminar o caráter dos homens que as mantiveram. Ao que parece, *As vidas dos filósofos ilustres* obedeciam a uma hierarquia inversa: a seção filosófica da vida de Pirro é quatro vezes maior que a parte biográfica. A vida desempenharia, pois, uma função ancilar em relação à filosofia.

⁶¹ Sobre uma espécie de ceticismo pré-pirronico, conferir também *Metafísica* K 5-6. Berti identifica uma série de outros aspectos em comum entre o pirronismo e passagens da *Metafísica*. Em diferentes momentos, a discussão, bem como os exemplos de que se vale, remete ao primeiro, terceiro, quarto, sétimo e décimo modos de Enesidemo. Afora isso, o uso de expressões como οὐ μᾶλλον (não mais), ἀπορεῖν (estar em um estado de dúvida) também lembram o pirronismo. Todavia, questões cronológicas impedem que as críticas elaboradas por Aristóteles tenham se dirigido a Pirro. Berti argumenta persuasivamente que eram direcionadas aos megáricos, sendo a cidade de Megara inclusive citada no corpo do texto. Pirro, enquanto discípulo de Estilpo e Brisson, teria assimilado as idéias megáricas em sua argumentação cética e, mais tarde, estas seriam sistematizadas nos modos por Enesidemo (BERTI, La Critica allo scetticismo nel IV libro della *Metafísica*, *Lo Scetticismo Antico*, p. 61-79).

⁶² Diogenes Laertius IX 61-116: 'The philosophy of Pyrrhonism', *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II.36.6, 4241-301, 1992.

V. Conclusão

Em síntese, a imbricação entre vida e filosofia torna as biografias uma fonte interessante para a história da filosofia. Identificar a interdependência entre vida e obra e analisá-la nos permite elucidar as convenções do gênero biográfico – entrevendo-se a estrutura por trás da composição de uma vida – bem como o debate filosófico que ocorria à época de sua elaboração. Nesse, como em outros casos, na correspondência entre vida e obra transparece a maneira como se dava a transmissão de conhecimento na Antigüidade, no domínio literário. Como indica Nagy, “biografia e preservação de uma obra poética [ou filosófica] constituem processos paralelos, que avançam *pari passu* e se condicionam mutuamente”⁶³.

É importante ressaltar que no mundo antigo não há fronteiras tão nítidas entre filosofia, doxografia e biografia. Aristóteles e os filósofos peripatéticos, com efeito, usam anedotas que podem nos parecer irrelevantes no contexto em que aparecem. Contudo, os autores lhes atribuem um papel fundamental: o de ilustrar as reflexões teóricas, calcando-as na esfera prática. Além disso, o exame de virtudes e vícios e a reflexão moral feita em doxografia e biografias é de grande conseqüência para a especulação ética na Antigüidade, que, muitas vezes, tem a virtude como princípio basilar.

Em conclusão, o gênero biográfico é marcado por uma transmissão convoluta. Em um percurso análogo ao da memória, cada vida sofre um longo processo de condensação, composição e degradação. Na reunião das sucessivas versões da vida de Pirro, alguns episódios são duplicados, narrativas incoerentes resultam da composição de fontes variadas e efeitos contraditórios são descritos como decorrentes das mesmas posições teóricas. A identificação de elementos formulares e do debate filosófico que se encena em sua biografia

⁶³ Apud PÓRTULAS, Jaume, Vida y muerte del poeta, *Revista de Occidente* 158/9, jul/ago 1984, p. 61.

facilita, em certa medida, o deciframento de episódios, aparentemente triviais, conservados na tradição mais tardia.

O próximo capítulo será voltado para o problema das fontes. Além de se situar os vários testemunhos, serão propostos critérios para avaliá-los e apresentadas algumas questões que ensejam.

Capítulo 2: O exame das fontes

I. Uma profusão de testemunhos

Para se pensar a contribuição filosófica da doxografia e dos relatos biográficos pirrônicos, é fundamental realizar uma apreensão crítica do emaranhado de testemunhos⁶⁴.

As representações de Pirro apresentam-no como personagem multifacetado. Tintos por idéias filosóficas e tipologias biográficas, coloridos mais vivamente para efeitos retóricos e literários, os testemunhos devem ser submetidos a um escrutínio cuidadoso. O reconhecimento das intenções propagandistas, difamatórias, estilísticas e coerentistas que motivaram cada fonte permite a atribuição de funções diferenciadas dentro do conjunto, atentando a conseqüências de ordem filosófica, histórica e filológica.

Ao se realizar um levantamento mais cuidadoso das fontes, impõe-se também o desafio metodológico de conciliá-las, quando possível. Permeadas por contradições, oriundas, em parte, das motivações muito díspares, especial atenção deve ser dedicada aos variados fatores que podem originar tal desacordo. Submetendo-as, pois, a um exame histórico que leve em conta o quadro teórico em que surgiram, torna-se mais fácil acomodá-las, identificando-se alguns padrões recorrentes.

Na consideração dos testemunhos, adotamos como primeira classificação uma divisão cronológica em três grupos: autores contemporâneos (ou praticamente) de Pirro, como Timão, Antígono de Caristo e Eratóstenes; interpretações intermediárias, como Cícero, Enesidemo, Plutarco; relatos tardios, como Diógenes Laércio, Eusébio de Cesaréia e Sexto Empírico. Esta divisão não marca tendências interpretativas. Cada geração reúne testemunhos desiguais entre si. Todavia, supondo-se que os relatos tardios sejam alimentados pelos que os antecederam, a classificação cronológica tem o mérito de traçar relações de dependência, bem

⁶⁴ Decleva Caizzi faz um levantamento exaustivo dos testemunhos que descrevem Pirro e seu posicionamento filosófico em *Pirrone Testimonianze*, livro que facilita essa tarefa. Devemos muito a seu levantamento e comentários.

como pôr em relevo as transformações interpretativas das idéias e anedotas contidas nas narrativas originárias.

Da divisão temporal das fontes decorre uma outra que as distingue em primárias e secundárias. As fontes primárias estão compreendidas na primeira geração. Autores como Timão, Antígono, Eratóstenes e Posidônio escreveram sobre Pirro sem intermediação assumida de outros textos. Desse grupo, cujas obras foram perdidas, não conhecemos senão fragmentos citados em autores tardios, o que introduz novas complicações metodológicas. As possíveis distorções ou corrupções decorrentes do acesso mediado às fontes mais antigas serão discutidas oportunamente. Por sua vez, as fontes secundárias abarcam a segunda e terceira geração de testemunhos. São eles Diógenes Laércio, Eusébio, Cícero e Sexto Empírico, dentre outros, autores que necessariamente se apoiaram em outras fontes, tenham ou não explicitado os textos em que colheram cada episódio e em que conheceram as posições sustentadas por Pirro.

Outras classificações poderiam ser adotadas, arrolando diferentes benefícios interpretativos. Brochard, em seu livro *Les sceptiques grecs*, por exemplo, parte de uma divisão vertical, entre as tradições pirrônica e acadêmica, para apenas em um segundo momento fazer uma divisão horizontal e cronológica. Esta divisão ampla reproduz-se no capítulo dedicado a Pirro, em que se contrastam os testemunhos de Cícero, fonte acadêmica, com os demais. Embora a relação oscilante entre ceticismos pirrônico e acadêmico represente uma abordagem elucidativa para se pensar a formação de ambas escolas, não queremos tomá-la como eixo de nossa discussão. Outras correntes exerceram influência sobre o pirronismo ou se lhe opuseram e nem sempre o contraste com a Academia é o mais esclarecedor.

Poderíamos também imaginar, como Decleva Caizzi, uma disposição das fontes que isolasse três tradições independentes legadas por: discípulos (Timão, Filon de Atenas, Numênio), biógrafos (Eratóstenes e Antígono de Caristo) e cronistas das escolas filosóficas

(Posidônio, Sócio). Essas três tradições se distinguem sobretudo nos primeiros testemunhos. Nos séculos seguintes, porém, formam um legado comum. No mais das vezes, autores de variados gêneros retomam-nas sem as diferenciar.

Apesar de não seguirmos tais alternativas de classificação em nosso levantamento das fontes, reconhecemos que destacam problemas fundamentais no *corpus* doxográfico. Levaremos em conta essas questões no momento em que ganham maior relevo, a saber, na primeira e segunda geração. Antes de passarmos ao levantamento das fontes⁶⁵, porém, exporemos os critérios que, combinados, serão adotados para avaliá-las.

II. Critérios para a avaliação das fontes

Se Pirro houvesse deixado escritos em que expusesse suas posições, poderíamos, a fim de autenticar os fragmentos biográficos, confrontá-los à sua obra. Todavia, de acordo com os testemunhos, não escreveu nada senão um poema em homenagem a Alexandre Magno⁶⁶. A ausência de escritos autoriza, desde a Antigüidade, diversas reconstruções, dificultando uma leitura de cunho sistemático. Resta-nos, pois, cotejar as fontes, compatibilizando-as, quando possível, sem, no entanto, simplificar as posições quando a conciliação implicar um sacrifício no rigor interpretativo. O exame de pontos de tensão pode revelar impasses teóricos inerentes à própria tradição pirrônica ou relativos a outras escolas. Portanto, faz-se necessário manter uma atitude investigativa com relação a todas as fontes, evitando-se leituras precipitadas e conciliações forçadas.

Em vista da convoluta transmissão dos testemunhos bio e doxográficos, seria bastante arriscado estabelecer um critério unívoco para sua avaliação. É, pois, necessário combinar

⁶⁵ Em vista do grande número de testemunhos, o levantamento deste capítulo não pretende ser exaustivo (noventa e seis testemunhos e mais de cinquenta autores, no levantamento feito por Decleva Caizzi). Acreditamos que eventuais lacunas serão remediadas em discussões de problemas mais específicos ao longo da dissertação ou na tabela sumária das fontes no anexo 1, ao fim da dissertação.

⁶⁶ Por esse poema, Pirro teria recebido 1000 moedas de ouro, cf. Sexto Empírico, *Adversus Mathematicus*, 1.282; Plutarco, *De Alexandri Magni fortuna aut virtute*, 331e.

múltiplos critérios em sua interpretação. Na seqüência serão elencados quatro que levantam aspectos importantes para considerações específicas do anedotário pirrônico, mas que poderiam ser transtos com semelhantes vantagens a outras tradições recuperadas de maneira fragmentária.

Conche⁶⁷ sugere dois critérios para procedermos na triagem dos testemunhos. O primeiro é a regra da proximidade, segundo a qual devemos nos fiar principalmente nas fontes cronologicamente mais próximas a Pirro (como Timão e Antígono). Em vista da natureza antidogmática do pirronismo, supõe-se que seu conteúdo vá se ajustando às filosofias adversárias. Contrapondo-se aos conceitos de filósofos subseqüentes, o núcleo originário do pirronismo se investe de novo aparato argumentativo. Destarte, à medida que o testemunho se afasta temporalmente de Pirro, sujeita-o a deformações crescentes.

O segundo critério é a regra da separação, que privilegia os testemunhos que se voltam exclusivamente para Pirro, sem o atrelar ao ceticismo posterior. Conche considera que há uma tendência, muito nítida, em se uniformizar o pirronismo em um grupo compacto que sustenta posições indistintas. Então, para se recuperar um conteúdo específico ao primeiro pirronismo, é necessário concentrar-se nos testemunhos em que os sucessivos pirronismos não se sobrepõem, i. e. nas fontes da primeira geração e nas referências feitas por Cícero.

Bett⁶⁸ sugere ainda um terceiro critério, o da acuidade filosófica, segundo o qual deve-se preferir as fontes que revelam boa apreensão das idéias filosóficas (como Timão, Aristocles e Sexto). Como exemplo, Bett compara Timão e Antígono, autores que passam pelos dois critérios de Conche: estão cronologicamente próximos a Pirro e isolam-no de outros cétricos. Todavia, o conjunto de fragmentos de Timão revela fina compreensão filosófica, enquanto Antígono aparenta ser menos interessado por filosofia do que por fofocas e trivialidades. Assim, Timão deve ser mais confiável do que Antígono.

⁶⁷ CONCHE, Marcel, *Pyrrhon ou l'apparence*, p. 56.

⁶⁸ BETT, Richard, *Pyrrho, his Antecedents, and his Legacy*, p. 7-10.

Por fim, gostaria de propor um quarto critério, de cunho mais filológico. Levando-se em conta as características lexicais e os conceitos mencionados, podemos verificar se determinado testemunho conforma-se ao padrão dos textos escritos à sua época, se sofreu corrupções e distorções ou se é espúrio. A terminologia aponta certos períodos e, quando destoa do vocabulário esperado, indica prováveis apropriações ulteriores. Por exemplo, a identificação de termos originados da escola cínica nos ajuda a legitimar certos fragmentos de Timão, pois a relação entre pirronismo e cinismo foi significativa apenas na primeira geração do pirronismo⁶⁹. Já em fragmentos de outros autores, a utilização de conceitos estóicos indica uma tradição posterior, provavelmente alimentada pelo ceticismo acadêmico. Quanto a aspectos estritamente estilísticos, voltando a Timão, o fato de ter escrito em verso tende a tornar a suas citações mais confiáveis, pois, em vista das exigências formais, métricas e literárias, tais citações estão menos sujeitas a paráfrases⁷⁰.

Não propomos, porém, que os critérios descritos sejam fixos. Devem ser adaptados a cada fonte. Outras tantas variáveis comprometem fortemente os testemunhos sobre Pirro, seja o sentimento de simpatia ou hostilidade, seja a inclinação por certas vertentes dentro da tradição cética. O exame de cada fonte exige, pois, ajustes, reconhecendo-lhe as necessárias particularidades.

III. Testemunhos mais antigos

A atitude tomada frente às fontes mais antigas do pirronismo é variada. Alguns

⁶⁹ Pirro, juntamente com Anaxarco, teria sofrido a influência do cinismo por meio de Onesicrito, que os acompanhou na expedição de Alexandre Magno para o oriente. Em Timão, verifica-se a ocorrência de vários termos de uso consagrado no cinismo (*gennaïos*, *megalópsychon*, *typhos*, *átyphos*, *hypátyphos*). Alguns comentadores, ao tomarem o pirronismo enquanto socratismo menor, consideram o cinismo como intermediário entre o pirronismo e a tradição socrática, em vista de certas discussões éticas que ambos contemplam (cf. BRANCACCI, *La filosofia di Pirrone e le sua relazione con il cinismo*, p. 211-242.).

⁷⁰ Diels e Dumont também reconhecem que a forma literária confere aos fragmentos de Timão maior confiabilidade.

comentadores, como Hirzel⁷¹, colocam-nas em segundo plano, favorecendo Enesidemo e Sexto. Porém, se Pirro não deixou nada escrito, as fontes tardias necessariamente basearam-se nas mais antigas e suas posições não podem ter se originado senão delas. Assim, não há como atribuir-lhes importância secundária. Outros comentadores tendem a destacar uma dentre as fontes antigas, pretendendo que dela se desdobre toda a tradição pirrônica. Long⁷² sugere que todos os testemunhos sobre Pirro baseiam-se em Timão, o silógrafo, inclusive os de Antígono de Caristo, hipótese que vai contra a de Wilamowitz, de uma derivação unitária de Pirro a partir de Antígono⁷³. Parece-nos, porém, que já a primeira geração de testemunhos não é uniforme. Assim, é prudente assumir uma posição mais moderada, detendo-nos em cada autor, ainda que lhes reconheçamos graus variados de relevância no conjunto. Passemos então a um levantamento das fontes mais antigas.

Os fragmentos de Timão, enquanto discípulo mais dedicado de Pirro, são de inestimável valor, reconhecido tanto por comentadores antigos, quanto pelos modernos. Sexto Empírico (*Adv. math.*, I 53) chama Timão de “profeta dos discursos pirrônicos”. Long, como já mencionado, pergunta-se se existe qualquer fonte antiga sobre Pirro que não passe por Timão. Conhecemos fragmentos de três obras de Timão⁷⁴: os *Silloi*, um panorama cáustico da filosofia grega, contra o qual Pirro contrasta favoravelmente; os *Indalmoi*, de natureza mais teórica, em que expõe a doutrina do mestre; e o *Piton*, única obra em prosa, onde é narrado o encontro entre o mestre e discípulo, nas proximidades de Delfos⁷⁵. Os dois

⁷¹ Apud DECLEVA CAZZI, *Prolegomeni ad un raccolte delle fonti relative a Pirrone de Elide*, p. 98.

⁷² LONG, A. A., “Timon of Phlius: Pyrrhonist and Satirist”, *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 24, 1978, 68-91.

⁷³ Para Wilamowitz, o estrato biográfico de Antígono desempenha função primária na definição de dados cronológicos e ambientais, bem como daqueles de ordem mais filosófica, apud FERRARI, *Due Fonti sullo scetticismo antico*, p. 200. Neste artigo, Ferrari desmonta a hipótese de derivação unitária a partir de Antígono, sustentando que os episódios compunham uma herança comum difusa, que foi também apropriada por outros autores, como Eratóstenes.

⁷⁴ Segundo Diógenes Laércio (IX.111), além de obras filosóficas, Timão teria escrito “poemas líricos e épicos, tragédias, dramas satíricos, trinta comédias e sessenta tragédias, *Silloi* e poesia amadora”. Antígono de Caristo teria mencionado em um catálogo estas obras que se estendiam por não menos que vinte mil versos.

⁷⁵ Delfos parece ser um *locus* evado de sentido simbólico e literário. Na vida de Sócrates, é o oráculo da Pitonisa, em Delfos, que reconhece-lhe a sabedoria. Sobre as referências literárias ao Templo de Anfiarau, cf.

últimos foram compostos em forma de diálogo⁷⁶.

Timão é uma fonte que deve ser tida em alta conta, pois satisfaz os quatro critérios propostos. Teria convivido intimamente com Pirro. Não o submete a vínculos com seus sucessores, conformando-o ao ceticismo posterior. Maneja bem controvérsias filosóficas. Não há inconsistências terminológicas na maior parte de seus fragmentos, o que nos leva a crer que sejam autênticos. Todavia, apresenta dois vícios que recomendam guardar-nos de uma adesão cega a seus testemunhos. Em primeiro lugar, seus comentários voltados aos demais filósofos são marcados por indiscutível malevolência (poucando somente aqueles a quem Pirro admirava) e, portanto, são um tanto tendenciosos. Sua parcialidade é tão extremada que Aristocles⁷⁷ pergunta-se: “por que Timão vitupera todos os outros, louvando apenas Pirro”? Com efeito, e este é o segundo vício, demonstra acentuada admiração relativa a Pirro. Parece querer torná-lo lendário, consolidando a sua fama por meio de intensa campanha propagandística. Em alguns momentos, assume mesmo um tom apoteótico, aproximando Pirro dos deuses e da orbe solar. Em um de seus versos, citado por Aristocles⁷⁸, Timão afirma que “nenhum dos outros mortais rivaliza com Pirro”.

O laço dos primeiros pirrônicos com o cinismo pode explicar, em parte, o ataque virulento aos demais filósofos. Certos fragmentos de Timão assemelham-se bastante às sátiras menipéias, gênero consagrado pelo cínico Menipo⁷⁹. A sátira menipéia é marcada por um “riso sério” (*spoudogelíon*). O “olhar de longe” (*kataskopeîn*) que volta à filosofia é bastante crítico e o humor decorre, invariavelmente, de referências a idéias filosóficas. Portanto, embora seus escritos sejam por vezes considerados marginais à filosofia, os autores

UNTERSTEINER, L'incontro fra Timone e Pirrone, p. 285-287.

⁷⁶ Diógenes Laércio, IX, 112.

⁷⁷ *Apud* Eusébio, *Praep. ev.* XIV 18, 6. (Διὰ τί Τίμων τοῖς μὲν ἄλλοις λιθορῶνται πᾶσι, Πύρρωνι δ' ὕμνῃ μόνον;).

⁷⁸ *Apud* Eusébio, *Praep. ev.* XIV 18, 17. (οὐκ ἂν δὴ Πύρρωνι γ' ἐρίσσειεν βροτὸς ἄλλος;).

⁷⁹ Alguns comentadores especulam mesmo se uma *nekylia* (um diálogo dos mortos, à semelhança dos luciânicos, característico da sátira menipéia) integraria os *Silloi*, em que o morto Xenófanes confronta os vários filósofos no Hades, rendendo-se ao pirronismo. Testemunhos posteriores voltados para Pirro, como os de Luciano, também inserem-se na tradição satírica.

satíricos merecem atenção mais cuidadosa.

Outros discípulos de Pirro – como Nausífanos, Hecateu de Abdera, Numênio, Filon de Atenas, Euríloco – compõem os primeiros testemunhos, relatando episódios pitorescos da vida de Pirro. Não se sabe ao certo, porém, se seus fragmentos foram escritos de próprio punho ou citados em obras alheias. Ainda que nada tenham escrito, podem configurar uma tradição oral, um pouco diversa da de Timão, recolhida por autores como Eratóstenes, Antígono e Posidônio.

Talvez um dos mais conhecidos discípulos de Pirro seja Nausífanos, que teria feito a transição entre as filosofias democritiana, pirrônica e epicurista. Conta-se, em Diógenes Laércio 9.64, que Nausífanos recomendava aos próprios discípulos que seguissem Pirro na disposição, mas a si próprio nos discursos e que Epicuro vivia a lhe perguntar sobre Pirro, pois admirava o seu modo de vida⁸⁰. As passagens de Nausífanos parecem contrariar a idéia de que o embate epicurista com o ceticismo alcançaria Pirro. O epicurista Colotes, pelo que Plutarco relata no *Contra Colotes*, sequer o menciona em seu ataque ao ceticismo, concentrando-se nos acadêmicos e atomistas. A partir deste e de outros dados, muitos comentadores contemporâneos deduzem que o pirronismo não era considerado uma posição cética originalmente, adquirindo tal estatuto somente na sua retomada por Enesidemo. Contudo, se os epicuristas atacavam democritianos e céticos, por que poupariam os pirrônicos, tão próximos de ambos?⁸¹

Dois outros discípulos merecem breve menção. Numênio foi muitas vezes tomado

⁸⁰ Talvez a admiração de Epicuro por Pirro restringiu-se à primeira juventude, pois Diógenes Laércio (10.8) relata que considerava Pirro ignorante e inculto (ἀμαθής καὶ ἀπαιδευτός) e dirigia ataques semelhantes a Nausífanos. Uma vez que Epicuro combatia a excessiva erudição, alguns comentadores, como Gigante, acham que essa passagem não seria crítica, mas, pelo contrário, elogiosa. Em todo caso, Timão não parece apreciar Epicuro sobremaneira, chama-o “o mais cão, o mais porco, o mais ignorante dos vivos” (Fr. 51 Diels, *apud* Gigante, *Scetticismo e epicureismo*, p. 42), o que reforça a hipótese de um convívio posterior contencioso entre as duas escolas.

⁸¹ Cf. GIGANTE, Marcello, *Scetticismo e epicureismo: per l'avviamento di un discorso storiografico*, Napoli: Bibliopolis, 1981, parte prima. Gostariamos de acrescentar que referências ao fenômeno em associação à *epoché* no *Contra Colotes* (cf. I122c) remetem ao pirronismo, reforçando a idéia de que, mesmo não sendo mencionados, suas posições deveriam sofrer ataques no texto original.

pelo filósofo tardio neopitagórico Numênio de Apeméia (séc. II d.C.), que teria escrito sobre os céticos (sendo inclusive citado por Eusébio em seus capítulos dedicados à Academia, *Praep. ev.* XIV 4-6). Decleva Caizzi⁸² defende, contudo, que havia também outro Numênio, um cético contemporâneo de Pirro. Ele é mencionado em um verso de Timão de leitura difícil⁸³ e, na vida de Pirro, atribui-se-lhe a afirmação de que este também dogmatizava⁸⁴.

Quanto a Hecateu de Abdera, era um erudito de certa estatura sobre quem pouco sabemos. Clemente de Alexandria⁸⁵ o atrela ao atomismo, por professar a autarquia como *télos*. Portanto, trata-se de mais um autor que reforça o elo entre o pirronismo e democritismo. Sua principais obras, *Sobre os Hiperbóreos* e *Da filosofia dos egípcios*, seriam de natureza etnográfica⁸⁶. Alguns comentadores atribuem-lhe uma citação de Ascânio de Abdera⁸⁷, assumindo que este nome seria uma corruptela de Hecateu, já que não é mencionado alhures. Todavia, a presença de termos tardios na passagem que lhe é atribuída, como *akatalepsia* e *epoché*, tornam improvável que Ascânio seja um discípulo direto de Pirro, a menos que seja citado de maneira imprecisa. O uso de um vocabulário anacrônico nos impede de tomar o fragmento como autêntica citação de Hecateu. Eis, em suma, a herança dos discípulos imediatos.

A segunda tradição que nos legou a vida de Pirro é biográfica, composta por Antígono

⁸² DECLEVA CAIZZI, *Pirrone Testimonianze*, p. 204. Numênio de Apeméia será discutido entre as fontes tardias, algumas páginas adiante.

⁸³ Diógenes Laércio 9.114, “Átaga que se encontrou com Numênio”. O verso é citado depois de uma menção às polêmicas de Timão contra aqueles que invocavam o testemunho da razão para avaliar a validade das sensações. Gigante (*Vite dei filosofi*, p.477) acredita que se trata de um provérbio aludindo a ambos como mentirosos.

⁸⁴ Diógenes Laércio, 9.68.

⁸⁵ Clemente de Alexandria, *Strom.* 2.130, *apud* WARREN, *Epicurus and Democritean Ethics*, p. 20-21.

⁸⁶ *Apud* WARREN, *Epicurus and Democritean Ethics*, p. 150-159.

⁸⁷ Diógenes Laércio, 9.61: “Disso segue ele filosofar as coisas mais nobres, introduzindo a forma da inapreensibilidade das coisas e da suspensão do juízo, como disse Ascânio de Abdera. Ele dizia que nada é belo ou vergonhoso, justo ou injusto; e, semelhantemente, em todas as coisas, que nada é em verdade, mas que por costume e convenção os seres humanos agem, pois nenhuma é mais tal do que qual” (ὅθεν γενναϊότατα δοκεῖ φιλοσοφῆσαι, τὸ τῆς ἀκαταληψίας καὶ ἐποχῆς εἶδος εἰσαγαγών, ὡς Ἀσκάνιος ὁ Ἀβδηρίτης φησίν. οὐδὲν γὰρ ἔφασκεν οὔτε καλὸν οὔτ' αἰσχρὸν οὔτε δίκαιον οὔτ' ἀδίκον· καὶ ὁμοίως ἐπὶ πάντων μηδὲν εἶναι τῇ ἀληθείᾳ, νόμῳ δὲ καὶ ἔθει πάντα τοὺς ἀνθρώπους πράττειν· οὐ γὰρ μᾶλλον τὸδε ἢ τὸδε εἶναι ἕκαστον.).

e Eratóstenes. Na verdade, não se sabe ao certo se a obra de Eratóstenes era biográfica. O título de seu livro, *Sobre a Riqueza e a Pobreza*, parece indicar o contrário. Todavia, as anedotas que transmitiu são de natureza biográfica: realçam a indiferença de Pirro, ao relatar a sua vida piedosa junto à irmã. Pelo que se sabe, trata-se de uma fonte séria e confiável. Pouco anterior a Antígono, Eratóstenes teria permanecido vinte anos em Atenas, período durante o qual pode ter convivido com Timão e outros discípulos de Pirro.

Por sua vez, Antígono de Caristo é mais controverso. Biógrafo do meio do século III a.C. – citado por Diógenes Laércio e Aristocles – teria escrito as vidas de filósofos como Pirro, Timão, Menedemo, Zenão. As anedotas que lhe são atribuídas mostram um Pirro cuja sobrevivência é ameaçada pela indiferença, *adiaphoria*, e que é incapaz de manter sua impassibilidade, *apátheia*, o que nos leva a crer que seja uma fonte hostil. Para alguns comentadores⁸⁸, a sua vida de Pirro se conformaria às convenções da difamação literária (*psógos*), em que fofocas maliciosas, invectivas e injúria têm o mesmo peso que o relato de doutrinas e atividades.

Apoiando-se no critério de proximidade, vários comentadores, como Conche, Brochard e Untersteiner, consideram Antígono de Caristo fonte fidedigna. Todavia, autor também de uma *paradoxographia* (relatos de acontecimentos incríveis), é bem provável que as histórias absurdas citadas a partir de sua obra não passem de fabulações. Como aponta Bett, o conteúdo das biografias de Antígono, pouco envolvido com a filosofia, tende a ser um tanto frívolo, concentrando-se nas preferências culinárias e sexuais dos filósofos⁸⁹. Ademais, o provável vínculo com a Academia Média, possivelmente como discípulo de Arcesilau⁹⁰, compromete a sua autoridade, pois seria parcial com relação a esta escola. Em vista disso, a série de anedotas relatadas por Antígono, que nos apresenta um Pirro que se expõe a todos os

⁸⁸ Cf. BETT, Richard, *Pyrrho, his Antecedents, and his Legacy*, p. 8.

⁸⁹ BETT, Richard, *Pyrrho, his Antecedents, and his Legacy*, p. 7-9.

⁹⁰ Cf. UNTERSTEINER, Mario, *Le biografie dei Filosofi, Il Bios*.

perigos e arrisca sua vida ao pôr em prática seu posicionamento filosófico, pode ser deliberadamente exagerada, de maneira a tornar inviável o ceticismo pirrônico.

Há, por fim, as fontes que escreviam cronologias filosóficas. Os antigos “historiadores da filosofia”⁹¹ – como Sócio e Posidônio – representam uma tradição coetânea à biográfica. A “história das idéias” então elaborada, diferentemente da contemporânea, remete constantemente a dados biográficos. Não há, pois, um insulamento⁹² entre vida e filosofia: a vida pessoal responde pelas idéias. De fato, nessas obras, prevalece uma distinção tênue entre interesses biográfico e filosófico.

Os episódios da vida operam diferentes funções nas sucessões filosóficas, tendo inequívoco peso argumentativo. Chitwood enumera algumas dessas funções ao classificar as anedotas⁹³. Algumas são ilustrativas (*illustrative*), isto é, ilustram um aspecto da obra ou personalidade do filósofo. Outras são concretas (*concrete*), concedendo um aspecto concreto à obra filosófica, como, por exemplo, rivalidades apresentadas através da destruição das obras por outros filósofos, a assimilação de idéias representadas em sua transmissão e afinidades simbolizadas em acusações de plágio. Há as transferidas (*transferred*), nas quais se verifica uma temática flutuante, transferindo-se os episódios da vida de um filósofo para outro, com efeitos diferentes dependendo da recepção, e que estabelecem um elo entre as vidas em que ocorrem tais episódios semelhantes. Temos ainda as rebatidas (*rebound*), nas quais doutrinas

⁹¹ Passmore descreve a ‘história da filosofia’ antiga como uma história elucidativa, de cunho doxográfico, em oposição ao historicismo contemporâneo (que considera a importância de padrões e contextos intelectuais de uma época, já que a filosofia não é uma ocupação atemporal), à história retrospectiva (que representa a filosofia como um esquema linear e contínuo em que se aproxima mais e mais de uma teoria postulada como *télos*), ou às tendências polemizantes de autores analíticos (que, ao procurar abstrair as teorias dos filósofos, deslocam-nos de seu contexto cultural). Para Passmore, a generalidade da história doxográfica é limitaria, oferecendo um conhecimento marginal que, mesmo acumulando-se grandes quantidades, não nos aproxima da compreensão filosófica (cf. PASSMORE, *The Idea of a History of Philosophy*, p. 19).

⁹² Como discutimos brevemente no primeiro capítulo, há um consenso de que as escolas filosóficas do período helenístico se preocupavam com os desdobramentos na vida comum do sistema filosófico que defendiam. Embora tais preocupações sejam mais visíveis nas escolas estoica e epicurista, também as encontramos no ceticismo pirrônico. Basta lembrarmos que, como conseqüência desejável da *epoché*, suspensão do juízo, sobreviria ao cético uma tranquilidade, *ataraxia*. (Cf. BURNYEAT, M. F., *The Sceptic in his place and time, Philosophy in History*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984).

⁹³ CHITWOOD, Ava, *Death by Philosophy*, p.6.

e crenças filosóficas são rebatidas, atingindo o filósofo que as formulou com efeitos cômicos e trágicos. Por fim, há as representativas (*representative*), anedotas que, às custas da cronologia e plausibilidade, apresentam embates de ordem intelectual por meio de inimizades pessoais entre representantes de diferentes escolas, crenças e culturas. Portanto, parece-nos que o anedotário é um elemento vital na representação do quadro intelectual que então vigorava.

Faz-se, pois, necessário examinar o convívio entre as correntes filosóficas retratado na literatura crítica. Para compreender o efeito de alianças e contendas no encadeamento sucessivo de escolas, vale lembrar que as cronologias foram esboçadas por autores que, comprometidos com tal ou qual escola, inserem-se nas discussões entre elas, introduzindo um viés polêmico em suas histórias da filosofia. Assim, podemos atribuir a Posidônio, uma fonte estoíca, várias das anedotas mais absurdas e exageradas sobre Pirro, de maneira a sabotar o ceticismo, apresentando-o como uma posição filosófica impraticável, incoerente e risível. Já Sócio – um peripatético do séc. II a.C. – parece ser uma fonte mais favoravelmente disposta com relação aos pirrônicos⁹⁴. É possível que seja o primeiro autor a lhes reconhecer o estatuto de escola. Desse modo, as relações que vigoravam entre escolas e filósofos sedimentam-se em filigranas cronológicas.

IV. Testemunhos intermediários

Entre os autores intermediários, adeptos de várias interpretações, impera uma real incompatibilidade de posições. Em vista da descontinuidade do pirronismo⁹⁵, desfrutaram de maior liberdade interpretando Pirro segundo suas próprias inclinações filosóficas. Assim, enquanto Cícero o descreve como severo moralista, avizinhandoo de estoícos heterodoxos,

⁹⁴ Diógenes Laércio (9.115) apóia-se em Hipóboto e Sócio, ao afirmar que Timão teria deixado discípulos que garantiram a continuidade da linhagem pirrônica.

⁹⁵ Segundo nossas fontes, parece que o pirronismo deixou de ter seguidores após a geração dos discípulos de Timão, sendo retomado apenas no século I a.C. por Enesidemo.

autores como Sêneca e Minúcio aproximam a sua posição da acadêmica. Enesidemo, por fim, atribui-lhe uma posição verdadeiramente cética – se contraposta à Academia, que já começara a gravitar em torno do estoicismo – influenciando a apreensão do pirronismo por outros autores, como Plutarco. Em vista disso, nessa época, ainda não está fixado o papel de Pirro como fundador de uma escola cética, papel que se consagraria nas interpretações posteriores, fundamentadas, sobretudo, em Enesidemo.

Cícero é o autor da leitura mais controversa. É-lhe exclusivo o retrato de Pirro como um severo moralista, mencionando-o junto a Ariston e Erilo em várias passagens de *Academica*, *De finibus*, *Tusculanae Disputatio*, *De oratore*, *De officiis*. Habitualmente, Cícero revela boa compreensão da filosofia grega⁹⁶. Contudo, juízos de valor talvez tenham afetado sua compreensão neste caso. Tanto Ariston⁹⁷, quanto Erilo eram estóicos pouco ortodoxos e podem ter sido associados ao cético de maneira a se tornar explícita a sua heterodoxia.

Justamente em vista de sua interpretação um tanto idiossincrática, comentadores, como Brochard e Brisson, tendem a considerá-lo fonte importante para recuperar uma posição pirrônica desvinculada das adaptações que teria sofrido nas formulações de Enesidemo e Sexto Empírico. No entanto, a despeito de ele atender às exigências dos critérios de separação⁹⁸ e de acuidade filosófica, seus testemunhos podem estar também comprometidos

⁹⁶ Apesar de certa tendência contemporânea em destacar os aspectos políticos e oratórios da obra ciceroniana, seu valor filosófico é inegável. Cícero não deve ser tomado como mero intermediário que introduz a filosofia grega no mundo romano, acomodando-lhe o vocabulário, os personagens e os temas. Como frisa Striker, até o final do século XVIII, Cícero integrava o currículo obrigatório da filosofia. Sobre a sua suposta falta de originalidade, não se pode transpor a ênfase moderna na originalidade para a Antiguidade. Ademais, como se pode avaliá-la, uma vez que ele comentou autores cujos escritos foram quase todos perdidos? Cf. STRIKER, “Cícero and Greek Philosophy”, p. 53-61.

⁹⁷ Provavelmente o Ariston citado é Ariston de Quios, o mesmo que diz de Arcesilau: “em frente Platão, atrás Pirro e no meio Diodoro”. Com esse verso, provavelmente aludia à antecedência do ceticismo pirrônico com relação ao acadêmico, o qual teria sido apropriado por Arcesilau sem o reconhecimento da influência de Pirro. Se, com efeito, for este o sentido do verso, Ariston estaria defendendo o pirronismo. Talvez, então, o agrupamento feito por Cícero não seja nada aleatório.

⁹⁸ Se bem que Cícero jamais contempla Pirro isoladamente, sempre o mencionando na companhia de Ariston, Erilo ou ambos. A associação sistemática a estes não poderia também ir contra o critério de separação, insistindo em sua semelhança com a posições de outros autores?

pelo fato de situarem-se no âmbito da rivalidade entre os ceticismos acadêmico e pirrônico⁹⁹.

Como observa Decleva Caizzi:

O contraste entre as tradições pode ser explicado e recomposto, entendendo-o como fruto de uma dupla distorção: os neoacadêmicos, por declararem-se restauradores da dúvida filosófica como verdadeira herança platônica, naturalmente obscureceram a contribuição teórica de Pirro, sublinhando o aspecto moral; os céticos posteriores, por oporem-se a essa leitura, sublinharam os componentes realmente céticos já presentes em Pirro¹⁰⁰.

Não sabemos, ao certo, que espécie de acesso Cícero teve às idéias pirrônicas. Não parece tê-las lido em Timão, ou mesmo em Antígono. Segundo Bett¹⁰¹, a sua fonte seria a *Carneadea Divisio*, um livro de Carneades que classificava todos os fins humanos segundo as visões de bem e mal. É provável que Carneades, nessa obra, dispensasse a Pirro um tratamento um tanto sumário. Assim, apesar da boa compreensão de Cícero sobre a filosofia grega, um acesso precário e sucinto à posição pirrônica, somado a um sentimento de rivalidade entre as duas vias céticas, pode estar por trás de sua caracterização tão peculiar.

Enesidemo, também acadêmico (o seu livro *Discursos pirrônicos* foi dedicado a Lúcio Tubero, um “colega, *sumairesiótes*, da Academia”), representa Pirro de maneira diversa. No resumo que Fócio (patriarca de Alexandria, séc IX d.C) escreve de seu livro na *Biblioteca*, vemos que, para Enesidemo, enquanto a Academia, ao combater o estoicismo, assimilava cada vez mais a filosofia estóica, o pirronismo compreendia uma filosofia cética e suspensiva. Assim, era a Academia que deixava de ser cética e o pirronismo que guardava uma alternativa filosófica realmente cética. Pela dedicatória, deduz-se que ele viveu no séc. I a.C., pois Lúcio Tubero é mencionado também como amigo de Cícero. Se Enesidemo era de fato um

⁹⁹ Sobre a adesão ciceroniana à Academia e conseqüente parcialidade, cf. BOLZANI, Cícero Acadêmico, *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 102, p. 206-224, 2000.

¹⁰⁰ DECLEVA CAIZZI Prolegomeni ad una raccolta delle fonti, p. 102 (Così, il contrasto fra le tradizioni può essere spiegato e ricomposto intendendole quale frutto de una duplice distorsione: i Neoacademici, per dichiararsi restauratori del dubbio filosofico come vera eredità platonica, hanno naturalmente messo in ombra il contributo teorico di Pirrone, sottolineandone l'aspetto morale; gli Scettici posteriori, per opporsi a questa lettura, hanno sottolineato le componenti realmente scettiche già presente in Pirrone.) Sobre a relação entre Pirro e Arcesilau, cf. também DECLEVA CAIZZI, “Pirroniani ed Accademici nel III secolo a.C.”; SEDLEY, D., “The Motivation of Greek Skepticism”.

¹⁰¹ Cf. BETT, Richard, “What did Pyrrho think about ‘The nature of the divine and the good?’”, p. 332-337.

acadêmico e viveu neste período, é curioso o fato de Cícero ignorá-lo¹⁰².

Não provoca estranhamento a retomada de Pirro por Enesidemo, em vista do estado da Academia à sua época: dogmática, ela mais parecia “estóicos combatendo estóicos”¹⁰³. Em Pirro, encontra ele uma maneira de marcar a sua ruptura com a Academia, ao mesmo tempo em que legitima historicamente a sua posição. O ceticismo que defende é um pouco diverso do de Pirro, como descrito por Aristocles. Enesidemo não parece aderir à indiferença das coisas e já confere um uso mais sistemático aos fenômenos como critério de ação, à maneira de Sexto Empírico. Ao estabelecer Pirro como fundador do ceticismo, Enesidemo continua, em certa medida, os esforços de Timão em consagrá-lo, conferindo-lhe uma vida exemplar. De fato, a importância que concede a Pirro tem pronto acolhimento entre alguns autores e tornar-se-á dominante em poucos séculos.

Plutarco (séc I d.C.), por exemplo, teria escrito um tratado *Sobre as diferenças entre pirrônicos e acadêmicos*. Pirro certamente é tomado como cético, pois Plutarco também teria escrito outro livro intitulado *Sobre os dez modos de Pirro*, dedicado aos modos céticos atribuídos a Enesidemo. Os dois tratados não sobreviveram e sabemos deles somente através do Catálogo de Lamprias¹⁰⁴ – precedido por uma epístola na qual o autor se apresenta como filho de Plutarco – em que são listadas todas as obras deste. Como a lista inclui obras espúrias (como *As vidas dos dez oradores*) e as de outros autores (como os *Tópicos*, de Aristóteles), o mais certo é que tenha se originado do inventário de alguma biblioteca e que, a certa altura, tenham lhe anexado a carta para lhe dar ares de maior autenticidade. Assim, não é certo que Plutarco tenha de fato escrito os dois livros referidos. Todavia, Sandbach¹⁰⁵

¹⁰² Cf. DECLEVA CAIZZI, Aenesidemus and the Academy, *The Classical Quarterly* 42, no. 1 (1992), p. 176-189.

¹⁰³ Fócio, *Biblioteca*, 170 a 14-17.

¹⁰⁴ Plutarch, *Moralia*, XV (editado e traduzido por F. H. Sandbach), Cambridge Mass.: Harvard University Press, 1987, p. 3-29. Dentre as 227 obras do catálogo, nove obras parecem ser sobre o ceticismo. (Cf. VANDER WAERDT, *Colotes and the Epicurean Refutation of Skepticism*, p. 229, n. 11).

¹⁰⁵ Plutarch, *Moralia*, XV (editado e traduzido por F. H. Sandbach), Cambridge Mass.: Harvard University Press, 1987, p. 7.

argumenta que seria um catálogo bem antigo, já que não apresenta as *Vidas Paralelas* na seqüência em que passou a ser ordenada a partir do século V d.C., o que aumenta a probabilidade de seu autor ter tido acesso a um acervo relativamente confiável da obra de Plutarco.

Por fim, autores latinos do séc. I d.C. tendem a avizinhar os ceticismos acadêmico e pirrônico sem diferenciá-los. Sêneca, apesar de provavelmente se apoiar em Cícero (já que ambos se expressam de modo similar), reúne acadêmicos, pirrônicos, megáricos e erétricos sob uma mesma rubrica, por introduzirem a noção de que nada sabemos (*Epist.* 88, 43).

Outros autores confundem os dois sectos. Minúcio Félix (séc I d.C.) introduz Pirro como um dentre os acadêmicos:

Portanto, suspende o juízo perpetuamente aquele que examina: Sócrates, caturra ático orgulhoso, que confessava nada saber, sendo-lhe necessário o testemunho de um enganossíssimo demônio; e quantos outros venha a consultar, também Arcesilau, Carneades, Pirro e toda a multidão dos acadêmicos (...) ¹⁰⁶.

A segunda geração de testemunhos sobre Pirro parece, pois, revolver-se em torno da sua relação com a Academia. Esta relação se desdobra em rivalidades – ora pretendendo-se que o ceticismo é exclusivamente acadêmico, ora que é pirrônico – e aproximações, em que se consideram ambos manifestações de uma mesma posição filosófica. Nas fontes subseqüentes, consagram-se as interpretações que tomam Pirro como cético, distinto ou não da Academia. A controvérsia sobre se era cético ou dogmático esvai-se, figurando apenas esporadicamente, como, por exemplo, em certa reticência de Sexto Empírico em relação a Pirro ¹⁰⁷.

V. Testemunhos tardios

¹⁰⁶ Minucius Felix, *Octavius* 38, 5 *apud* DECLEVA CAIZZU, *Pirrone testimonianze*, fr. 75 (Proinde Socrates scurra Atticus uiderit, nihil se scire confessus, testimonio licet fallacissimi daemonis gloriosos, Arcesilas quoque et Carneades et Pyrrho et omnis Academicorum multitudo deliberet Simonides etiam in perpetuum comprehendinet...). Outros autores cristãos, como Hipólito (Proêmio; I 23, 1-3), cometem a mesma confusão, inserindo Pirro na tradição acadêmica.

¹⁰⁷ Ao contrário de Diógenes Laércio, Sexto não se dedica sobremaneira a problemas históricos exceto quando se entrelaçam às questões teóricas que contempla. Talvez seja essa a origem de seu desapego a Pirro.

As fontes da Antigüidade tardia são mais coesas. Um pouco da polêmica que vigorava antes manifesta-se nas citações que fazem de autores anteriores, por vezes acompanhadas de comentários sobre o ponto de desacordo. Assim, em autores como Eusébio, Diógenes Laércio e Sexto Empírico transparecem duas tendências: (i) alcança-se um consenso a respeito de Pirro, como fundador de uma escola cética independente da Acadêmica, embora guarde algumas afinidades com a mesma; (ii) preserva-se boa parte da controvérsia, que corra nos séculos anteriores, sobre a figura pirrônica, reunindo os fragmentos em que se reconhece sucessivas ondas interpretativas de sua posição filosófica. Em vista dessa dupla tendência, são injustos os comentadores que dispensam autores como Aulo Gélcio, Sexto e Diógenes por considerá-los meros compiladores. Os autores tardios não apenas colecionam citações de seus predecessores, mas posicionam-se nas controvérsias que culminam em suas obras. Além disso, por terem uma visão mais ampla da tradição que os precedeu, adquirem inegável acúmen filosófico.

No conjunto de testemunhos tardios, encontramos obras mais filosóficas e obras mais literárias¹⁰⁸. Começemos pelas filosóficas. Como já se discutiu no primeiro capítulo, Diógenes Laércio é considerado uma fonte problemática. Pouco se sabe a seu respeito: sua datação e origem, bem como as suas inclinações filosóficas são incertas¹⁰⁹. O mais provável é que tenha vivido no séc. III d.C. Apesar de sua falta de rigor metodológico, é inegável que *As vidas dos filósofos ilustres* contém a maior parte dos dados biográficos dos filósofos antigos.

¹⁰⁸ Há também fontes médicas, como Galeno e Menódoto, entre os autores tardios do *corpus* doxográfico. No entanto, como no caso de Pirro são menos expressivas, foram discutidas apenas em notas, atreladas a discussões de outros autores.

¹⁰⁹ Há mesmo a hipótese de que Diógenes Laércio seria pirrônico. Momigliano (*Pagans, Jews and Christians*, p. 173) elenca vários motivos que podem sugerir certo ceticismo da parte do biógrafo. Em 9.61 ele afirma que Pirro “parece ter adotado o mais nobre filosofar (γενναϊότατα ... φιλοσοφῆσαι)”. Em geral, é simpático a Timão. A própria disposição de sua obra – apresentando as correntes filosóficas, suas contradições, sem manifestar adesão a qualquer uma delas – é remanescente do pirronismo. Por fim, em 9.109, Diógenes Laércio refere-se a Apolonides, possivelmente autor pirrônico de um livro sobre Timão, como “um dos nossos” (ὁ παρ’ ἡμῶν). Porém há quem diga que a passagem está corrompida e que falta evidência para tomarmos Apolonides como um pirrônico. Apesar de evidências favoráveis ao ceticismo de Diógenes, não se deve aceitá-las como conclusivas. A tendência predominante hoje é tomá-lo por um curioso, afeito aos livros, que não teria aderido a nenhuma escola filosófica (cf. BARNES, Diogenes Laertius IX 61-116, p. 4244, n. 16).

No caso de Pirro, que nada escreveu, a vida de Diógenes Laércio é onde encontramos também grande parte dos dados filosóficos. Embora nem sempre o biógrafo explicita se o acesso a certo conteúdo foi de primeira ou segunda mão, o contexto intelectual está razoavelmente conservado em suas vidas, cifrado em anedotas¹¹⁰. Ademais, em vista da sua vasta circulação, Diógenes Laércio influencia a apreensão da filosofia antiga em várias épocas, tendo, pois, interesse historiográfico.

Eusébio, um bispo da Ásia Menor (séc. IV d.C.), na *Preparação para o Evangelho*, menciona Pirro em algumas passagens¹¹¹. Nos capítulos 4-6 do livro XIV, Eusébio volta-se para a Segunda Academia de Arcesilau, partindo de Numênio. Um pouco adiante, no capítulo 18, Eusébio realiza uma crítica ao pirronismo, apoiando-se em Aristocles. *A preparação para o Evangelho* é, pois, uma obra intrincada, na qual muitas camadas de texto se entrelaçam: Eusébio cita Aristocles e Numênio, que citam Timão e Enesidemo, que relatam a posição de Pirro.

Aristocles e Numênio evocam sentimentos muito diferentes entre os comentadores. Deleeva Caizzi acusa Numênio de ser um autor sem qualquer escrúpulo histórico. Em seu tratado *Sobre o dissenso entre Platão e as obras dos acadêmicos*, retomado por Eusébio, opõe-se às escolas sucessoras de Platão cujas interpretações o neoplatônico considera heterodoxas. Daí a verve polemizante dos comentários contra a Academia. Citando versos de Ariston de Quios e Timão, Numênio destaca a herança pirrônica de Arcesilau:

Na frente Platão, Pirro atrás e Diodoro no meio¹¹².

Tendo o chumbo de Menedemo sob o peito,
correrá, corpulento, junto a Pirro ou a Diodoro¹¹³.

¹¹⁰ Cf. seção II supra.

¹¹¹ Eusébio retoma Numênio e Aristocles nas passagens voltadas aos ceticismos acadêmico e pirrônico, cf. CARRIKER, A. J., *Some Use of Aristocles and Numenius in Eusebius' Praeparatio evangelica*, p. 543-549.

¹¹² πρόσθε Πλάτων, ὀπίθεον δὲ Πύρρων, μέσσος Διόδωρος.

¹¹³ τῆ μὲν ἔχων Μενεδήμου τὸ ἐριστικόν ὑπὸ στέρνοισι μόλυβδον
θεύσεται ἢ Πύρρωνα τὸ πᾶν χρέας ἢ Διόδωρον. Os versos de Ariston e Timão são também citados por Diógenes Laércio (4.33). Diógenes Laércio cita ainda outro verso semelhante de Timão, no qual Arcesilau aparece provavelmente como peixe na pesca dos filósofos: “nadarei para Pirro e para o torto Diodoro” (νήξομαι

Em seguida, conta que Arcesilau freqüentou Pirro e que

os cétricos Mnasea, Filomelo e Timão chamavam-no [Arcesilau] de cétrico, como eles próprios eram, porque também ele havia refutado o verdadeiro, o falso e o razoável. Assim, era chamado pirrônico devido aos pirrônicos, mas, tendo vergonha diante do amante [Crantore], submeteu-se a ser chamado acadêmico¹¹⁴.

Declewa Caizzi considera o uso do termo “cétrico” na passagem anaerônico¹¹⁵. Sendo esta a única ocorrência em que o termo é atribuído a Timão, supõe que seja derivado de alguma obra de Mnaseia ou Filomelo, presumivelmente empíricos tardios.

Já Aristocles seria uma fonte mais confiável¹¹⁶. Eusébio afirma que o cita literalmente, “sendo, de certa forma, quase igual em relação às palavras”¹¹⁷. Por sua vez, Aristocles também dá indícios de fidelidade aos textos pirrônicos pois, além de citar Timão extensamente, o seu relato não está pontilhado por termos do ceticismo tardio, como apontam Long e Sedley¹¹⁸. É, pois, provável que tenha tido acesso direto às obras de Timão e que não as esteja citando de segundo mão. As referências a Enesidemo são mais imprecisas e pode ser que sejam feitas de memória ou, então, conhecidas por algum intermediário.

εἰς Πύρρωνα καὶ εἰς σκολιὸν Διόδωρον.). Cf. também Sexto Empírico, *Hipótiposes pirrônicas* 1.234.

¹¹⁴ Eusébio, *Praep. ev.* XIV 6, 4-6 (Μνασέας γούν καὶ Φιλόμηλος καὶ Τίμων οἱ σκεπτικὸὶ σκετικὸν αὐτὸν προσονομάζουσιν, ὡσπερ καὶ αὐτοὶ ἦσαν, ἀναιρούντα τὸ ἀληθές καὶ τὸ ψεῦδος καὶ τὸ πιθανόν. λεχθεῖς οὖν ἂν αἰτία τῶν Πυρρωνείων Πυρρώνειος, αἰδοῖ τοῦ ἔραστοῦ ὑπέμεινε λέγεσθαι Ἀκαδημαϊκὸς ἔτι.).

¹¹⁵ DECLEVA CAIZZI, Fernanda, *Pirrone Testimonianze*, p. 192. Há, porém, duas outras ocorrências do radical *skep-* em Timão que fazem pensar em uma terminologia em formação: *σκεπτοσύνη* (termo poético para *σκέψις*) no fr. 833, e *ἄσκοπος*, no fr. 779 (*apud* Thesaurus).

¹¹⁶ Ao se cotejar os resumos que fez das posições de outros filósofos (cujas obras porventura sobreviveram) às próprias obras, percebe-se notável fidelidade, independente de cultivar ou não sentimentos hostis em relação a seus autores. Todavia, Ausland matiza sua confiabilidade. Primeiramente, características estruturais do seu testemunho fragilizam sua autoridade em vista dos quatro ou cinco graus de mediação que encerra. Em segundo lugar, diferenças teóricas pessoais podem contaminá-lo: Eusébio, por um lado, empreende uma apologia da igreja incompatível com o ceticismo; Aristocles, um peripatético, por outro lado, polemiza contra o ceticismo sob uma perspectiva filosófica, defendendo a epistemologia peripatética da artilharia cétrica.

¹¹⁷ Eusébio, *Praep. ev.* XIV.17.10 (ὥδε πη πρὸς λέξιν ἔχοντος). Alguns consideram, no entanto, que Eusébio pode ser considerado fonte fidedigna. Barnes comenta que, probo, suas obras históricas evidenciam um desejo honesto de escrever uma história confiável. (BARNES, Panegyric, History and Hagiography in Eusebius' Life of Constantine, in R. Williams (ed.), *The Making of Orthodoxy: Essays in Honour of Henry Chadwick* Cambridge, p. 114 *apud* SWAIN, Portraits: Biographical Representation in the Greek and Latin Literature of the Roman Empire, p. 154.

¹¹⁸ LONG & SEDLEY, *The Hellenistic Philosophers* II, p.7.

Como dito acima, no capítulo 18 do livro XIV, Eusébio, apoiando-se em Aristocles¹¹⁹, combate o pirronismo. Ele começa com um relato da posição filosófica de Pirro colhida em Timão, conhecido como o fragmento da indiferença das coisas. Trata-se do fragmento mais extenso que possuímos sobre a filosofia de Pirro propriamente dita. É, pois, central no *corpus* doxográfico e há muitos comentadores que se empenham em autorizar e desautorizar outros fragmentos confrontando-os com o de Aristocles. Iremos discuti-lo mais extensamente no terceiro capítulo. Aristocles narra também o encontro de Pirro e Timão nos arredores de Delfos e comenta a posição filosófica descrita por Timão e Enesidemo. O pirronismo é criticado por três vieses: considera-o auto-refutativo, imoral e condutor a um estado de apraxia, em uma síntese de toda a sua tradição crítica.

Por fim, entre as fontes filosóficas, temos Sexto Empírico. Ao contrário de Enesidemo, Sexto é mais reservado em suas alusões a Pirro. Apesar de citar Timão extensamente em seus livros, as referências a Pirro são esparsas¹²⁰. É possível que considere um tanto embaraçoso o liame com Pirro em vista deste defender uma posição filosófica que não se ajusta perfeitamente ao pirronismo tardio. A afirmação da indiferença das coisas que lhe atribuem representa tese metafísica positiva, de embaraçoso dogmatismo, dificilmente conciliável com o pirronismo de Sexto¹²¹. Com efeito, a menção a Pirro nas *Hipotiposes* I, 7, quando explica que o modo de vida cético é chamado “‘pirrônico’ por [lhes] parecer que Pirro

¹¹⁹ A datação de Aristocles é incerta. Comentadores mais antigos o situavam entre os séculos II-III d.C. Contudo, a tendência mais recente o localiza no princípio do século I d.C., fundamentando-se em dois dados: supunha-se antes que fora mestre de Alexandre de Afrodísia (cujo nome teria sido corrompido para Aristóteles), mas à luz da recente descoberta de um Aristóteles de Mitilena, não há mais motivos para sustentar o vínculo entre Aristocles e Alexandre; ele refere-se a Enesidemo como se fosse praticamente seu contemporâneo “ontem ou antes de ontem, em Alexandria, no Egito, um certo Enesidemo ressuscitou (o pirronismo) e começou esta baboseira” (ἐχθὲς καὶ πρώην ἐν Ἀλεξάνδρεια τῆ κατ’ Αἴγυπτον Αἰνησίδημός τις ἀναζωπυρεῖν ἤρξατο τὸν ὕθλον τοῦτον). Cf. BRUNSCHWIG, Pyrrhon et Philista, p. 137, n. 4.

¹²⁰ *Hipotiposes pirrônicas* I, 7, *Adversus grammaticos* I, 1, 53, 227, 281, 305.

¹²¹ Todavia, o próprio Sexto, no curso de sua obra, oscila entre formulações mais e menos céticas. Segundo Bett, em *Adv. math.* XI, Sexto gravita perigosamente em torno de um dogmatismo negativo ao afirmar que as coisas não são boas ou más por natureza, mas que são boas ou más para algumas pessoas em certas circunstâncias. Esta discussão ética parece bem próxima à de Enesidemo esboçada por Fócio. Já nas *Hipotiposes* (III 235; 182), Sexto suspende o juízo sobre a mesma questão, valendo-se de alguns modos de Agripa, numa formulação mais compatível com o ceticismo tardio, inequivocamente cética (cf. BETT, Introduction, *Against the Ethicists*, p. IX-XXXIV).

aproximou-se do investigar de maneira mais material e evidente”¹²², deve ser uma resposta a autores, como Teodósio¹²³, que teriam confrontado os pirrônicos com o suposto dogmatismo de Pirro. Na próxima seção, discutiremos brevemente a problemática unidade pirrônica.

Restam-nos os autores mais literários, Aulo Gélcio e Luciano. À semelhança dos autores filosóficos, Aulo Gélcio¹²⁴ não raro foi desprezado como mero compilador e mesmo nisso alguns consideram-no inapto. As *Noites Áticas* compreendem, por certo, um florilégio de excertos e resumos sobre filosofia, retórica, literatura e filologia (os principais campos da formação antiga). No entanto, como o próprio Aulo Gélcio comenta, outras miscelâneas, volumosas e monótonas, são “um tédio para se ler” (9.4.12), enquanto a sua se empenha em “divertir e estimular” contribuindo com “agilidade mental e facilidade verbal” (*praef.* 16), enriquecendo e melhorando a vida (9.4.12), sendo pois deveras útil (*praef.* 13)¹²⁵. Mas além disso, há que se destacar que Aulo Gélcio não realiza meras transcrições: cada unidade é emoldurada por comentários próprios.

Nas *Noites Áticas* (X 5, 1-8), Aulo Gélcio discute os ceticismos acadêmico e pirrônico, resumindo-lhes a posições e apontando suas diferenças e semelhanças. Menciona dez livros de Favorino sobre os modos pirrônicos¹²⁶. Supõe-se, portanto, que esteja se apoiando em Favorino na sua exposição do ceticismo. Favorino de Arles é uma figura um tanto curiosa da segunda sofística. Caracterizando-se a si mesmo, definiu-se como um “gaulês helenizado”, “um eunuco acusado de adultério” e “um cidadão que brigou com o imperador e

¹²² ... καὶ Πυρρώνειος ἀπὸ τοῦ φαίνεσθαι ἡμῖν τὸν Πύρρωνα σωματικώτερον καὶ ἐπιφανέστερον τῶν πρὸ αὐτοῦ προσεληλυθέναι τῇ σκέψει.

¹²³ Teodósio, médico empírico do século II d.C., teria escrito os *Capítulos céticos*, citados por Diógenes Laércio 9.70.

¹²⁴ Aulo Gélcio, discípulo de Favorino, teria vivido no século II d.C. (cf. NETTLESHIP, *The Noctes Atticae of Aulus Gellius*).

¹²⁵ *apud* BEALL, *Homo Fandi Dulcissimus: The Role of Favorinus in the Attic Nights of Aulus Gellius*, p. 90.

¹²⁶ Galeno também alude aos comentários de Favorino ao ceticismo em seu tratado *De optimo dicendi generi liber*, (cf. Galeno, *Subfig. emp.*, p. 62, 18).

sobreviveu¹²⁷. Em filosofia, os fragmentos indicam sua adesão ao ceticismo acadêmico ou pirrônico¹²⁸; à semelhança do discípulo, primou-se também por uma cultura aleatória, escrevendo sobre uma miscelânea de temas filológicos, literários e antiquários.

Por fim, Luciano (nascido na Síria, no século II d.C.) é outra fonte literária em que ocorrem referências a Pirro, como representante do ceticismo. Autor satírico, que, como Favorino, insere-se na segunda sofística, é bastante crítico dos filósofos. A articulação de Luciano com o pirronismo se dá em dois âmbitos: (i) podemos associá-lo a Timão, já que ambos escrevem obras satíricas; e (ii) em seus diálogos voltados aos filósofos, Pirro aparece como representante do ceticismo.

Integrantes de uma mesma tradição, Luciano e Timão aplicam certos recursos estilísticos (como paródia literária), miram os mesmos alvos (os filósofos), por vezes, encenando seus diálogos em lugares semelhantes (Hades, Delfos, pescarias). Há, assim, uma semelhança difusa entre os dois autores. Um dos diálogos de Luciano, porém, apresenta uma estrutura mais claramente reminiscente dos de Timão. Em *O pescador*, há circunstância próxima à dos *Silloi*, uma espécie de pesca de pretensos filósofos¹²⁹. Filósofos antigos – como Platão, Diógenes, Aristóteles, Crisipo, Sócrates e Empédocles – voltam à vida para acusar, Luciano ante a Filosofia, pelo abuso que sofreram nas suas obras e discursos. Este defende-se bem, explica que satiriza não os próprios filósofos, mas os impostores de seu tempo que se dizem platônicos, cínicos, peripatéticos, acadêmicos, estóicos e são ávidos por riquezas e um pouco de púrpura. Inocentado pela Filosofia, Justiça e Verdade, Luciano procede a uma pesca dos filósofos impostores, valendo-se de ouro e figos como isca. Contudo, neste diálogo não há qualquer alusão ao ceticismo e Luciano não demonstra em

¹²⁷ *apud* BEALL, op. cit., p. 87.

¹²⁸ Sobre a posição acadêmica de Favorino, cf. IOPPOLO, The Academic position of Favorinus of Arelate, *Phronesis* 38/2, p. 183-213. Já sobre sua inclinação para o pirronismo, cf. a vida de Favorina de Filóstrato (*Vida dos Sofistas*, I. 8. p. 489) em que o biógrafo insiste em sua preferência pelos excelentes pirrônicos (*apud* DUMONT, *Le scepticisme et le phénomène*, p. 155, n. 6).

¹²⁹ Lucian, *The Dead Come to Life or the Fisherman*, *Lucian vol. 3*, Cambridge, Mass.: Loeb Classical Library, 1921.

passagem alguma familiaridade com Timão¹³⁰. Então, não é certo que de fato tenha se inspirado diretamente nos *Silloi*.

Há também os diálogos em que Pirro é um personagem: *A dupla acusação*, *O leilão dos filósofos*, *Icaromenipo*. Diferentemente do que se tenciona nos fragmentos de Timão, o próprio Pirro é objeto de chacota nestes diálogos, representado sempre como um radical. No *Leilão*, tendo como fundo o problema da *apraxia*, Pirro recusa sistematicamente o testemunho dos sentidos e torna impraticável a vida comum cética. Em *A dupla acusação*, convocado ao tribunal pela Pintura (por abandono), Pirro não se deixa conduzir a ele pois recusa a existência de um tribunal (*kritérion*) verdadeiro¹³¹. No *Icaromenipo*, pode-se observar a residual associação de Pirro à Academia, pois Zeus

ante dois homens suplicando coisas contrárias, prometendo iguais sacrifícios, não sabia a qual deles assentir, de modo que se encontrava naquele estado acadêmico e não poderia recusar algo a nenhum deles, mas, qual Pirro, suspendia então o juízo e continuava a investigar¹³².

Assim, os testemunhos tardios são consensuais quanto ao ceticismo de Pirro.

Divergem, ocasionalmente, sobre a natureza do seu vínculo com a Academia.

VI. Pirro e o pirronismo

Como natural desdobramento da discussão das fontes, surge o problema da unidade no pirronismo durante o longo intervalo em que se consolidou. O papel de Pirro na fundação do ceticismo pirrônico permanece um tanto alusivo. A divergência das fontes a seu respeito, traçada neste capítulo, introduz uma questão fundamental. Há base histórica e conceitual para

¹³⁰ Um outro diálogo de Luciano chama-se *Timão, o misantropo*. Todavia o mais certo é que o personagem seja baseado em um homônimo de Timão. Diógenes Laércio (9.112) menciona outro Timão, um misantropo.

¹³¹ Luciano, *Bis. acc.* 25. Esta passagem será retomada em mais detalhes no terceiro capítulo.

¹³² Luciano, *Icaromen.* 25 (δύο γὰρ ἀνδρῶν τὰναντία εὐχομένων καὶ τὰς ἴσας θυσίας ὑπισχνουμένων οὐκ εἶχεν (sc. ὁ Ζεὺς) ὁποτέρω μᾶλλον ἐπιτεύσειεν αὐτῶν, ὥστε δὴ τὸ Ἀκαδημαϊκὸν ἐκεῖνο ἐπεπόνθε καὶ οὐδέν τι ἀποφίνασθαι δυνατὸς ἦν, ὁλλ' ὥσπερ ὁ Πύρρων ἐπεῖχεν ἔτι καὶ διεσκέπτετο).

sustentar a relação de Pirro com o pirronismo¹³³, ou esta não passa de um construto artificial, para consolidar uma alternativa cética à Academia, situando suas origens em uma época remota? Este não é, talvez, um problema exclusivamente filosófico, pois a legitimidade da escola pirrônica, além de impasse teórico, é também uma questão de fatos históricos. Relataremos, pois, um pouco da discussão antiga a esse respeito, discussão esta permeada por controvérsias.

Alguns autores antigos, além de acusarem a ausência de unidade no pirronismo, empreenderam ataques mais radicais ao questionarem mesmo a sua existência. Esses ataques distribuem-se em duas frentes: uns constataam que o pirronismo, já extinto, não teve continuadores e, por isso, não pode ser reconhecido como escola; outros recusam-lhe o estatuto de escola pelo seu próprio conteúdo que, ao rejeitar o conhecimento filosófico das demais escolas e não propor algo com o qual substituí-lo, aniquila a própria filosofia.

Os críticos da primeira frente, como Cícero e Sêneca, não conhecem seguidores do pirronismo. Cícero, no qual curiosamente encontramos a primeira ocorrência do adjetivo “pirrônico” (*pyrrhoneorum*, *De orat.* III 17, 62), diz de Pirro, Erilo e Aríston que “há muito caíram por terra”¹³⁴. Sêneca, ao se perguntar sobre quem transmite os preceitos de Pirro¹³⁵, parece aderir à afirmação de Cícero da extinção do pirronismo sem levar em conta o novo desenvolvimento da escola em sua época. No século I d.C., autores seus contemporâneos, como Favorino e Plutarco, evidenciam um novo florescimento do pirronismo. Sexto Empírico refere-se a um secto em torno de Enesidemo¹³⁶, o que sugere que tenha deixado sucessores.

Na segunda frente, estão os autores que negam ao pirronismo o estatuto de escola em

¹³³ Ou ainda, se não há uma relação relevante entre Pirro eo pirronismo, por que as obras a seu respeito, tanto de pirrônicos (Enesidemo e Sexto) quanto de não pirrônicos (como Plutarco e Favorino), trazem o nome de Pirro?

¹³⁴ Cícero, *De finibus* II 11, 35 (Nam Pyrrho, Aríston, Erillus iam diu abiecti).

¹³⁵ Sêneca, *Naturales Quaestiones*, 7.32.2, (quis est qui tradat praecepta Pyrrhonis?).

¹³⁶ Sexto Empírico, *Hipotiposes pirrônicas*, I, 210 (οί περί τόν Αἰνρησίδημον).

vista do seu conteúdo. Aristocles pondera:

Portanto, é claro que ninguém em sã consciência aprovaria chamá-lo [o pirronismo] de secto ou curso de argumentação ou como e o que quisesse chamá-lo. Da minha parte, acho que não devemos denominá-lo filosofia porque destrói os próprios princípios da filosofia¹³⁷.

Por seu turno, no prefácio à vida dos filósofos ilustres, Diógenes Laércio, após relatar a posição dos que lhe são contrários, posiciona-se favoravelmente ao pirronismo, reconhecendo-lhe o estatuto de escola:

Com efeito, a maior parte também não propõe o pirronismo como escola, em vista de sua obscuridade. Outros, porém, dizem que é uma escola, em relação a alguns aspectos, e, em relação a outros, não. Dizem ser uma escola por seguir ou achar que segue o fenômeno como princípio. Segundo isso, seria razoável o chamarmos de escola cética. Mas se tomarmos escola por inclinar-se a dogmas, tendo que segui-los, jamais será considerado uma escola, pois não tem dogmas¹³⁸.

Neste fragmento estão conservados, pois, argumentos favoráveis e contrários ao estatuto de escola do pirronismo.

Por fim, há autores que, embora reconheçam a legitimidade do ceticismo pirrônico, questionam-lhe a denominação de “pirronismo”. Teodósio, nos *Capítulos céticos* (D.L. IX 71), levanta as seguintes objeções: 1) não se conhece a disposição espiritual (*diáthesis*) de Pirro, portanto, não é justificado chamar a via filosófica pirrônica; 2) Pirro não foi o primeiro a inventar o ceticismo; 3) só poderiam ser considerados pirrônicos aqueles que adotassem suas doutrinas, mas Pirro não tinha doutrinas (*dóγμα*). A essas objeções, Diógenes Laércio responde que os céticos são chamados pirrônicos por se comportarem do mesmo modo que Pirro. Semelhantemente, nas *Hipotiposes pirrônicas* (1.7), que citamos há pouco, Sexto explica que os pirrônicos são assim denominados porque Pirro se aproximou da investigação

¹³⁷ Eusébio, *Praep. ev.* XIV, 18, 30 (διότι μὲν οὖν τὴν τοιαύτην εἴτε αἴρεσιν εἴτε ἀγωγὴν λόγων εἴτε ὅπη καὶ ὅπως ἐθέλει τις καλεῖν αὐτὴν οὐδεὶς ἂν εὖ φρονῶν ὀρθὴν εἶναι φαίη, δῆλον. ἐγὼ μὲν γὰρ οὐδὲ φιλοσοφίαν οἶμαι δεῖν ὀνομάζειν αὐτήν, ἀναιρουσάν γε δὴ τὰς τοῦ φιλοσοφεῖν ἀρχάς).

¹³⁸ Diógenes Laércio 1.20 (τὴν μὲν γὰρ Πυρρώνειον οὐδ' οἱ πλείους προσποιῶνται διὰ τὴν ἀσάφειαν· ἔνιοι δὲ κατὰ τι μὲν αἴρεσιν εἶναι φασιν αὐτήν, κατὰ τι δὲ οὐ· δοκεῖ δὲ αἴρεσις εἶναι. αἴρεσιν μὲν γὰρ λέγομεν τὴν λόγῳ τινὶ κατὰ τὸ φαινόμενον ἀκολουθοῦσαν ἢ δοκούσαν ἀκολουθεῖν· καθ' ὃ εὐλόγως ἂν αἴρεσιν τὴν Σκεπτικὴν καλοῖμεν. εἰ δὲ αἴρεσιν νοοῖμεν πρόσκλισην δόγμασιν ἀκολουθίαν ἔχουσιν, οὐκέτ' ἂν προσαγορευοίτο αἴρεσις· οὐ γὰρ ἔχει δόγματα). Sexto Empírico (*HP*, I 16-17) apresenta argumentos muito semelhantes quando discute se o pirronismo é ou não uma escola, cf. *supra*, capítulo I, n. 4. É possível que Diógenes Laércio esteja o retomando.

de maneira mais material e evidente.

Durante certos períodos, a tradição pirrônica parece ter sofrido interrupções. Acreditamos, todavia, que não é integrada apenas por uma série de autores isolados uns dos outros. Existiam discípulos de Timão ainda no princípio do século II a.C., quando Sócio, ao escrever suas *Sucessões dos Filósofos*, dedicou um capítulo do livro XI aos pirrônicos¹³⁹. É possível que seus discípulos não tenham deixado discípulos e que, em poucas gerações, o pirronismo já não possuísse seguidores. Todavia, Enesidemo daria continuidade ao pirronismo na época de Cícero, deixando, por sua vez, outros sucessores. Se não compõe uma tradição ininterrupta, o *corpus* doxográfico revela certa continuidade nas posições assumidas por pirrônicos antigos e tardios. Portanto, apesar de intermitente, parece-nos que o pirronismo constitui uma tradição de fato.

Tal continuidade é, sem dúvida, marcada por uma constante reelaboração do pirronismo. Segundo Decleva Caizzi¹⁴⁰, é importante nuançar o pressuposto de uma tradição pirrônica, fundada sobre o arcabouço de uma unidade conceitual. A cada geração, esta tradição ganha em sutileza e sofisticação¹⁴¹. A transformação das idéias filosóficas revela-se também no âmbito biográfico, em que convivem formulações sucessivas da vida prática ideal. Assim, autores posteriores ora introduzem elementos novos ao pirronismo, ora aperfeiçoam noções já consagradas¹⁴². Além disso, como já mencionado, é natural que, à medida que se transformam as teorias dogmáticas, o ceticismo sofra adaptações análogas, por polemizar

¹³⁹ Decleva Caizzi, "Prolegomeni ad una raccolta delle fonti", p. 122-128. Diógenes Laércio (9.115) recolhe também em Hipóboto nomes de discípulos de Timão.

¹⁴⁰ DECLEVA CAIZZI, "Prolegomeni ad una raccolta delle fonti relative a Pirrone de Elide", *Lo Scetticismo Antico*, p. 96.

¹⁴¹ Enesidemo, por exemplo, opõe-se ao retrato de Pirro como um imprevidente que ignora aparências, convenções e costumes. Para ele, Pirro suspendia o juízo apenas em filosofia e agia razoavelmente nas tarefas ordinárias, tomando as aparências como critério de ação. Sexto Empírico, dentre muitas contribuições, substitui a *apátheia* pirrônica, total ausência de afecções, pela *metriopátheia*, moderação de afecções, em que se sofre apenas o inevitável. A *metriopátheia*, mais crível que a *apátheia*, é menos vulnerável a críticas, pois leva em conta afecções dificilmente ignoradas, como fome, sede, dores. No próximo capítulo dedicaremos uma discussão mais extensa à reelaboração do pirronismo.

¹⁴² Podemos, pois, desconsiderar certos comentadores que tendem a dispensar Sexto Empírico, reduzindo a sua obra a uma compilação pouco original.

contra essas teorias.

Dessa feita, a noção de “influência” – conceito operador importante para se pensar a unidade das escolas – deve ter uso ponderado. Devemos evitar a simplificação dos variados elos possíveis, entre filósofos e posições filosóficas, em relações lineares e unidimensionais de influência, reduzindo-os à mecânica da causa e efeito. Para Floridi¹⁴³, “influência” torna-se um “conceito guarda-chuva” (i.e. um conceito abrangente) – conveniente para arranjar pessoas e eventos em listas cronológicas – que tende, entretanto, a empobrecer as intuições que temos e a inverter o processo histórico¹⁴⁴. O comentador considera que, ao se estabelecerem categorias fixas de “fonte que influencia” e “alvo influenciado”, arrisca-se uma má interpretação das conexões que, de fato, estabeleceram-se entre filósofos, escolas e obras literárias, pois nem sempre se leva em conta a recepção crítica das “influências” ou a passividade da fonte que influencia no processo. Para corrigir os erros que incorrem do estudo isolado de relações de influência, Floridi sugere cruzá-lo com outros campos, como a análise da transmissão de textos ou o exame dos contextos intelectuais.

Em conclusão, as dimensões histórica e teórica realçam a unidade do pirronismo. As posições por vezes incompatíveis de seus representantes não impedem que cada um se reconheça como pirrônico e conceda a Pirro parte importante na elaboração do ceticismo pirrônico. Por certo, para existir uma tradição pirrônica, não é necessário que ela integre uma linhagem contínua, marcada por posições filosóficas semelhantes. Seria ingênuo supor que uma escola transmite suas posições de forma intocada. A reelaboração crítica de uma herança filosófica vem apenas confirmar a sua vitalidade: adapta-se a novos tempos e a novos

¹⁴³ FLORIDI, Luciano, *Sextus Empiricus: The Transmission and Recovery of Pyrrhonism*, p. VIII.

¹⁴⁴ Ao fixarmos relações de influência, tendemos a supô-las temporalmente lineares: um autor anterior influencia outro que lhe seja contemporâneo ou posterior. Compõe-se pois uma linha cronológica e ordenada, a partir da perspectiva de um movimento do passado até o presente. No entanto, as relações de influência que de fato se deram geralmente podem ser recuperadas mais seguramente partindo-se da fonte posterior, que apontara no corpo de seus textos os autores que a influenciaram. No naufrágio da literatura antiga, fica tanto mais evidente como a restauração das relações literárias se dá deste modo inverso ao que usualmente se imagina. Muitas vezes, perderam-se as obras das fontes que originalmente teriam influenciado autores tardios e o pouco que conhecemos delas está preservado principalmente em citações nos próprios autores que teriam influenciado. Acreditamos ser este o sentido da inversão histórica aludida por Floridi.

debates intelectuais.

Mapeadas as fontes, o próximo capítulo enfocará o problema mais pontual da vida cética. Como veremos, um claro paralelo se evidencia: a variedade de relatos biográficos reflete diferentes hipóteses sobre a vida cética.

Capítulo 3: A vida cética

I. Introdução

Neste capítulo, será contemplado o problema da vida prática cética. Segundo entendemos, o impacto do pirronismo na vida comum se dá através de um alargamento do princípio epistemológico que coloca nossas sensações e intelecções sob suspeita para um domínio mais amplo, que inclui a ética. A transposição relativa à ética se realiza tanto através da suspensão de juízo em relação a opiniões e crenças de ordem mais prática, como através da constatação, na vida comum, de conseqüências benéficas da disposição (*diáthesis*) cética. Nos fragmentos voltados para Pirro, verificamos uma primazia de temas éticos, de modo que esse representa um problema de fundo também na economia do *corpus* bio e doxográfico.

Uma vez que tivermos discutido a vida cética em perspectiva ampla, apontando seus antecedentes conceituais e suas contribuições para a filosofia helenística, consideraremos a sua transformação, ao longo das sucessivas etapas da formação do pirronismo. As soluções de Pirro e Timão, Enesidemo e Sexto serão, pois, nuançadas. Tomaremos a aceção de fenômeno como ponto de inflexão nessa discussão, embora consideraremos também algumas outras noções (tais como *apátheia/metriopáthia*, *aphasia/epoché*, *adiaphoria*) que delimitam formulações mais e menos elaboradas do pirronismo.

Como hipótese central, manteremos que há uma orientação fenomênica já entre os primeiros pirrônicos. Segundo Dumont, Diógenes Laércio apresenta o pirronismo como “uma filosofia do fenômeno, fundada por Pirro, desenvolvida e tematizada por Timão, sistematizada por Enesidemo e complementada por Agripa”¹⁴⁵. A noção de fenômeno permite uma diferenciação epistemológica entre crenças de cunho teórico ou filosófico – em relação às quais o cético suspende o juízo – e inclinações práticas – pelas quais o cético se

¹⁴⁵ DUMONT, *Le scepticisme et le phénomène*, p. 25 (“Le scepticisme y est présenté comme une philosophie du phénomène fondée par Pyrrhon, développée et thématisée par Timon, systématisée par Aénésidème, complétée par Agrippa”).

guia na vida comum. Isentas do exame cético, tomadas como critério de ação, as últimas tornam-lhe possível viver uma vida convencional.

Como corolário dessa discussão, defendemos que a presença do fenomenismo¹⁴⁶ caracterizaria o pirronismo como uma filosofia cética urbana. A adoção ou não do fenômeno opera a distinção entre ceticismo rústico ou urbano, exposta por Galeno¹⁴⁷. Enquanto os primeiros suspendem o juízo sobre todas as coisas, não sustentando crença alguma, os últimos direcionam a investigação cética para questões de cunho filosófico ou teórico, sem se inquietar com as crenças comuns¹⁴⁸. Segundo entendemos, o ceticismo rústico – que comentadores, como Barnes¹⁴⁹, associam ao pirronismo – decorreria justamente da ausência do fenômeno ou de outro critério de ação. Por contra, a adesão ao fenômeno converteria o pirrônico em um cético urbano. Acreditamos que nossa leitura ganha em plausibilidade quando lembramos que Galeno, formulador da distinção entre ceticismo urbano e rústico, provavelmente incluiria Pirro na primeira rubrica, pois dele diz que seguia o evidente para as ações cotidianas, duvidando somente das coisas não manifestas¹⁵⁰.

Ao concebermos o pirronismo como posição cética urbana não defendemos um insulamento das crenças comuns, mais próprio da filosofia moderna, como o parece fazer Frede¹⁵¹. Primeiramente, os efeitos (como a *ataraxia*) que decorrem de uma disposição

¹⁴⁶ Ao usarmos o termo “fenomenismo” não pretendemos qualquer referência às discussões contemporâneas. O termo é aqui empregado com o sentido que lhe dá Dumont, ou seja o de uma orientação fenomênica da posição pirrônica, sem levar em conta, porém, a discussão histórica e filológica que o autor faz do fenômeno na cultura grega.

¹⁴⁷ Galeno, *De differetia pulsuum*, 7.711.

¹⁴⁸ *apud* FOGELIN, *Pyrrhonian Reflexions on Knowledge and Justification*, p. 4. Tal distinção lembra a que Sexto formula, diferenciando crenças em um sentido estreito – crenças dogmáticas evitadas pelo cético – e em um sentido mais amplo (*koinóteron*) – não dogmáticas das quais o cético pode se valer (Sexto, *HP I*, 13).

¹⁴⁹ Barnes considera Sexto um cético rústico (BARNES, “The Beliefs of a Pyrrhonist”, p. 58-91).

¹⁵⁰ Galeno, *Sufig. emp.*, p. 62, 18 (*apud* DECLEVA CAZZI, *Pirrone Testimonianze*, fr. 67).

¹⁵¹ FREDE, “The sceptic’s two kinds of assent and the question of the possibility of knowledge”, p. 1-24.

Também discordamos de sua posição acerca do desenvolvimento histórico do pirronismo. Enquanto Frede privilegia os testemunhos de Antígono e considera dúbios os de Timão, de maneira que acredita que Pirro tenha tentado levar uma vida sem crenças, nós tendemos a desconfiar dos testemunhos de Antígono, pautando-nos, sobretudo nos de Timão. Como desdobramento, dispensamos o retrato de Pirro como alheio aos fenômenos e desprovido de crenças comuns como uma representação caricata do ceticismo derivada, em grande medida, de Antígono e defendemos a relativa continuidade no pirronismo, destacando a noção de fenômeno como eixo que

ética contrariam a idéia de uma cisão radical entre filosofia e vida comum. Em segundo lugar, acreditamos que há certa permeabilidade entre ambas esferas: quando geram inquietação, as crenças comuns, não dogmáticas, deslocam-se para o escopo da investigação ética, podendo-se tornar objeto de escrutínio. Dessa feita, alguém pode valer-se das aparências em suas ações cotidianas sem examiná-las. Todavia, caso venha a se inquietar com alguma anomalia na realidade fenomênica, pode perscrutá-las e pesquisar suas supostas causas, ou as explicações que diferentes filósofos propuseram para entendê-la, de modo a deslocar as crenças comuns para o âmbito da investigação cética.

Tampouco reconhecemos a essas crenças o estatuto de conhecimento, como o faz Frede¹⁵². Parece-nos que para se fazer tais juízos ordinários não se impõe o recurso a um critério de verdade, que atribua às impressões comuns, pelas quais o cético se orienta, uma correspondência à realidade. Em outras palavras, a ação não pressupõe a veracidade ou falsidade das impressões acolhidas ou rejeitadas: o seu conteúdo é sensível ou empírico, mas não epistêmico. Basta a aplicação de um critério prático, que permita ao cético agir de maneira razoável, sem se apegar demasiadamente aos juízos comuns que segue. Sendo assim, uma vez que se tornarem objeto de conhecimento, tais crenças, assim como as de cunho teórico ou filosófico, estão sujeitas ao exame cético e acabam por conduzir à suspensão de juízo.

Após a discussão sobre o fenomenismo dos primeiros pirrônicos, elencaremos as críticas ao ceticismo, bem como as respostas propostas pelos pirrônicos e seus defensores. Autores antigos e comentadores contemporâneos dedicaram-se à explicitação das contradições, aparentes ou reais, criadas pela introdução de questões epistemológicas nos âmbitos prático, ético e moral. Tais autores acreditam detectar um dualismo entre teoria e prática, especulação e moral. Com efeito, para eles, as teorias pirrônicas conduziram a

marca esta continuidade.

¹⁵² FREDE, "The sceptic's two kinds of assent and the question of the possibility of knowledge", p. 9-13

conseqüências absurdas na vida concreta. Para ilustrar sua inviabilidade prática, polemistas antigos elaboraram uma série de episódios insólitos decorrentes do ceticismo que, apesar de sua natureza mais argumentativa ou especulativa do que factual, é integrada ao anedotário.

Aí parece encontrar-se a raiz de um exemplar negativo de vida cética, que obscurece o exemplar positivo forjado pelos próprios pirrônicos. Enquanto este é fabricado como modelo a ser emulado, aquele é fabricado como exemplo de posição a ser evitada. A elaboração filosófica da vida cética se ramifica, assim, em planos distintos, em que se avançam avaliações conflitantes sobre a posição pirrônica. O contraste evidencia como muitos testemunhos derivam de vias teóricas inerentes aos debates filosóficos, mais que de relatos propriamente biográficos. Quer seja exemplar positivo, quer seja negativo, a tônica do *corpus* anedotário voltado para Pirro é dada pelo conteúdo teórico.

A viabilidade da vida cética desdobra-se em uma série de questões: a suspensão do juízo não conduziria à inatividade (*apraxia*), comprometendo a sobrevivência mesma do cético? Que garantia temos de que à suspensão do juízo sobrevém a tranqüilidade (*ataraxia*), e não a perturbação? Como pode a filosofia cética acolher um critério de ação, a saber, o fenômeno? Quais são as implicações éticas e morais de uma posição cética? Por fim, ainda que viável, não seria imoral a vida cética? Esperamos esclarecê-las, em alguma medida, ao longo do capítulo.

II. O alargamento de um pessimismo epistemológico ao âmbito moral

Para elucidar as reais contribuições do pirronismo à filosofia grega é prudente um regresso aos seus antecedentes. Com efeito, um sobrevôo revela vários filósofos – como Nausífanés, Sócrates, Demócrito, Metrodoro – que apresentaram diferentes matizes de pessimismo epistemológico, em especial relativo aos sentidos, que lembram o ceticismo. Na seqüência, examinaremos a posição epistemológica de Demócrito, como exemplo de um

ntecedente epistemológico do pirronismo¹⁵³. Nessa escolha, pautamo-nos no fato de Demócrito encontrar-se entre os autores mais estimados por Pirro (junto a Homero) e pertencer à linhagem de ascendência do pirronismo¹⁵⁴. Faremos breve menção a alguns intermediários nessa sucessão.

Quando Demócrito dizia estar a verdade imersa num abismo¹⁵⁵, provavelmente referia-se à impossibilidade de se conhecer algo através dos sentidos. Em Sexto Empírico, encontramos dois fragmentos importantes que atestam a desconfiança epistemológica de Demócrito ante os dados sensoriais:

Demócrito negava as aparências nos sentidos e delas dizia que não apareciam segundo a verdade, mas somente segundo a opinião. Nos entes, há de verdadeiro os átomos e o vazio. Dizia, pois: “o doce é por convenção e por convenção o amargo, por convenção o quente e o frio por convenção, por convenção as cores, em realidade somente átomos e vazio”...¹⁵⁶

Nos *Cânones*, diz serem dois os conhecimentos: um pelas sensações e o outro pela inteligência, destes, chama o pela inteligência de legítimo, testemunhando pela sua credibilidade no juízo das coisas verdadeiras, e considera o pelas sensações bastardo, negando-lhe a acuidade no discernimento do verdadeiro...¹⁵⁷

Ambos fragmentos, problematizam os sentidos enquanto fonte fiável do conhecimento da verdade (os fragmentos B 117 e B 125 também aludem ao papel da convenção na

¹⁵³ Poder-se-ia argumentar, com razão, que outros filósofos, como os eleáticos Parmênides e Melisso, ou Zenófanos, também expressaram desconfiança em relação aos sentidos, apontando a indeterminação das coisas. Todavia, não nos é possível realizar uma revisão acurada de todos os antecessores do pirronismo. Além disso, o fato de Pirro (ou, pelo menos, os pirrônicos) retomarem o vocabulário de Demócrito favorece a posição de que, entre os antecessores, esteja em primeiro plano. Várias fórmulas céticas se encontram em Demócrito. É nele que se atesta uma das primeiras ocorrências da expressão “οὐ μᾶλλον” (DK 68A38), que significa que algo “não é mais isso do que aquilo” (se bem que, segundo Sexto, Demócrito vale-se da expressão com um sentido diferente daquele que lhe é dado pelos céticos). Demócrito recorre ao exemplo do mel, dizendo que não se sabe se ele é doce ou amargo por natureza, exemplo que será repetidamente evocado pelos pirrônicos. Por fim, o *élos* de ambas filosofias é evitar a perturbação (ταραχή).

¹⁵⁴ Sobre as preferências literárias de Pirro, cf. Diógenes Laércio IX, 67; sobre a linhagem que culmina no pirronismo, cf. Clemente de Alexandria, *Strom.* I XIV, 64, 24; Eusébio, *Præp. ev.* XIV 17, 10; Galeno, *Histo. philos.* 3 (apud DECLEVA, CAIZZU, *Pirrone Testimonianze*, fr. 25a, 25b, 25c). Nossas considerações sobre Demócrito retomam o trabalho final apresentado na disciplina, “Ética: medida e felicidade na filosofia de Demócrito”, ministrada pela Profa. Dra. Miriam Campolina Peixoto, a cujas críticas e sugestões este trabalho é devedor.

¹⁵⁵ CÍCERO, *Academica* I, 44.

¹⁵⁶ DK 68 B 9 (Δ. δὲ ὅτε μὲν ἀναιρεῖ τὰ φαινόμενα ταῖς αἰσθήσεσι καὶ τούτων λέγει μηδὲν φαίνεσθαι κατ’ ἀληθειαν, ἀλλὰ μόνον κατὰ δοξάν, ἀληθὲς δὲ ἐν τοῖς οὐσίῳ ὑπάρχειν τὸ ἀτόμιον εἶναι καὶ κενόν· νόμῳ γὰρ φησὶ γλυκὺ, καὶ νόμῳ πικρὸν, νόμῳ θερμὸν, νόμῳ ψυχρὸν, νόμῳ χροίη, ἐπεὶ δὲ ἄτομα καὶ κενόν).

¹⁵⁷ DK 68 B 11 (ἐν δὲ τοῖς Κανόσι δύο φησὶν εἶναι γνώσεις· τὴν μὲν διὰ τῶν αἰσθήσεων τὴν δὲ διὰ τῆς διανοίας, ὧν τὴν μὲν διὰ τῆς διανοίας γνησίην καλεῖ προσμαρτυρῶν αὐτῇ τὸ πιστὸν εἶς ἀληθείας κρίσιν, τὴν δὲ διὰ τῶν αἰσθήσεων σκοτίην ὀνομάζει ἀφαιρουμένον αὐτῆς τὸ πρὸς διάγνωσιν τοῦ ἀληθοῦς ἀπλανές.)

interpretação dos dados dos sentidos). Átomos e vazio, objetos da intelecção, não podem ser percebidos pelos sentidos, mas sua existência é a única verdade que Demócrito admite.

O fato de os fragmentos B9 e B11 estarem em uma fonte cética reforça a problematização dos sentidos como vínculo entre Demócrito e os pirrônicos, que se apropriam da idéia, aprofundando-a. Vários dos dez *trópoi* céticos elaboram argumentos que demonstram como os nossos sentidos, fonte do que conhecemos, são precários. Especialmente os quatro primeiros (segundo a numeração de Sexto Empírico¹⁵⁸) coincidem com fatores enumerados por Demócrito na variação das sensações¹⁵⁹.

Em um âmbito mais técnico, na contraposição de opiniões opostas (*diaphonía*), os céticos valem-se de métodos reminiscentes daqueles propostos por Demócrito, bem como por outros antecessores. Segundo Nartop, a antítese seria o fio condutor das investigações eleáticas, atomistas e pirrônicas¹⁶⁰. É certo, contudo, que a oposição de opiniões conflitantes tem efeitos diferentes em cada corrente filosófica: em Demócrito ela procura atingir uma moderação, um meio termo entre os extremos contemplados, enquanto entre os pirrônicos, ela leva à suspensão do juízo (*epoché*). É, em todo caso, plausível que a equipolência (*isosthenía*) buscada pelos pirrônicos em sua argumentação tenha derivado longinquamente da proporção ou meio termo (*symmetría*) recomendada por Demócrito.

Quanto aos intermediários entre o atomismo e o ceticismo, destacam-se Metrodoro e Anaxarco. Metrodoro, mestre de Anaxarco, dizia nada saber, nem mesmo isto: que nada sabia¹⁶¹. Segundo Eusébio, teria, por isso, exercido uma “má influência” sobre Pirro¹⁶². Já Anaxarco, mestre de Pirro, sustentava nossa ignorância em relação à verdadeira natureza das coisas ao comparar o mundo percebido com a pintura, um simulacro do mundo real. Para Anaxarco, portanto, não teríamos um critério de conhecimento, tudo se reduzindo às aparências. Além disso, sua constância e serenidade ante uma morte cruelíssima ilustram de maneira exemplar a *apathéia* que, como veremos adiante, era um traço característico de Pirro¹⁶³.

À luz das gradações de pessimismo epistemológico que se lhe antecederam, em que

¹⁵⁸ O primeiro considera a variação das percepções entre diferentes animais; o segundo, entre diferentes seres humanos; o terceiro destaca as diferentes constituições dos órgãos dos sentidos; o quarto, o efeito de diferentes circunstâncias nas sensações (cf. Sexto Empírico, *Hipotiposes Pirrônicas* I 35-39).

¹⁵⁹ Cf. fr. DK 68 B 154 e DL 9,38-40. Convém lembrar, porém, que para Demócrito a variação nas percepções é um desdobramento de sua física atomista e não uma posição cética.

¹⁶⁰ *apud* DECLEVA CAIZZI, Pirrone e Democrito. Gli atomi: un “mito”? Poderíamos acrescentar que se trata também de uma metodologia socrática.

¹⁶¹ Cf. Sexto Empírico, *Adv. Math.* 7,87-88.

¹⁶² Eusébio, *Praep. evang.* XIV.19,9, *apud* BETT, *Pyrrho, his antecedents, his legacy*, p. 153 n. 90, 155.

¹⁶³ Cf. BERNARD, “Le philosophe Anaxarque et le roi Nicocréon de Salamine”, p. 3-49.

repousaria a contribuição fundadora de Pirro ao pirronismo? Parecem-nos serem duas: (i) a incidência do ceticismo na vida prática, com efeitos na ética e na moral; (ii) a associação entre a disposição cética e a *ataraxia*, um estado de imperturbabilidade. Passemos pois a elas.

Em primeiro lugar, para os céticos não apenas as sensações são passíveis de dúvida, mas também a intelecção e a moral estão sujeitas a indeterminações e devem ser examinadas escrupulosamente. As dimensões ética e prática assumem, destarte, maior relevo no pirronismo. Timão, possivelmente refletindo uma posição de seu mestre, define a especulação sobre fenômenos cósmicos como inútil e fonte de infelicidade, rejeitando radicalmente a busca pelas causas e princípios das coisas¹⁶⁴.

Ao observar diferentes sociedades, escolas filosóficas, ou mesmo indivíduos, os pirrônicos verificam posições conflitantes acerca do bem e do mal, do belo e do feio – e não apenas do verdadeiro e do falso – o que os leva a crer que estes valores são, assim como os dados dos sentidos, convencionais:

[A Pirro,] nada parecia nem belo nem feio, nem justo nem injusto: pois, igualmente sobre todas as coisas, dizia nada ser verdadeiramente mas em tudo os humanos agirem segundo a convenção e o costume, não sendo, cada coisa mais isso do que aquilo. E seguia isso também na vida¹⁶⁵.

Nada achava feio ou belo por natureza, mas segundo o costume e a convenção.¹⁶⁶

Um princípio de escopo epistemológico incide, pois, também sobre a esfera ética entre os primeiros pirrônicos.

A segunda contribuição dos primeiros céticos ao pirronismo diz respeito à *ataraxia*. A aspiração por um estado de tranqüilidade, é bastante difundida na filosofia grega¹⁶⁷. Todavia,

¹⁶⁴ Cf. Sexto Empírico, *Adv. math.* 3.2, *apud* DECLEVA CAIZZU, "Pirrone e Demócrito: Gli atomi: un 'mito'?"

¹⁶⁵ Diógenes Laércio, *As vidas dos filósofos ilustres* IX, 61 (οὐδὲν γὰρ ἔφασκεν οὔτε καλὸν οὔτ' αἰσχρὸν οὔτε δίκαιον οὔτ' ἀδίκον· καὶ ὁμοίως ἐπὶ πάντων μηδὲν εἶναι τῇ ἀληθείᾳ, νόμῳ δὲ καὶ ἔθει πάντα τοὺς ἀνθρώπους πράττειν· οὐ γὰρ μᾶλλον τὸδε ἢ τὸδε εἶναι ἕκαστον. Ἀκόλουθος δ' ἦν καὶ τῷ βίῳ). Vale lembrar que o belo e o feio, no grego antigo, apresentam nuances morais.

¹⁶⁶ SUDA, s. v. *Pirro*, *apud* DECLEVA CAIZZU, *Pirrone Testimonianze*, 1b (ἐδόξασε δὲ μηδὲν φύσει αἰσχρὸν ἢ καλόν, ἀλλὰ ἔθει καὶ νόμῳ).

¹⁶⁷ Em grego, há toda uma policromia lexical de termos que significam ou associam-se à tranqüilidade:

no que parece, autores anteriores não a associaram a uma desconfiança em relação aos sentidos. Em outros filósofos que elegem um estado de tranqüilidade como fim (*télos*), os meios para alcançá-lo variam. Para Demócrito, por exemplo, a *euthymía* sucederia a uma vida equânime e comedida, em que se observam o limite (*hóros*), o momento oportuno (*kairós*) e a medida (*metrós*). Logo, a importância de Pirro para o pirronismo parece residir neste: na articulação entre a *ataraxía* e uma posição não dogmática e a conseqüente percepção do ceticismo como algo bom. Como aponta Sedley¹⁶⁸, ao tentar compatibilizar a vida com a teoria por ele defendida, Pirro alcança um invejável estado de tranqüilidade; de sorte que deixa-se de lamentar a ignorância humana, passando-se a buscar a suspensão de juízo ativamente como meio para se atingir semelhante serenidade.

A *ataraxía* resulta, portanto, da eliminação de toda espécie de falsas opiniões. Segundo os pirrônicos, a suspensão do juízo corresponde ao reconhecimento da indeterminabilidade das coisas e de que não são boas ou más por natureza, mas por convenção. À suspensão de juízo, sucede a tranqüilidade, “como a sombra segue o corpo”¹⁶⁹. Não se trata, com efeito, de uma relação causal, mas apenas de uma sucessão cuja regularidade foi verificada pelos cétricos através da experiência (*empeiria*). Para ilustrar sua natureza casual, Sexto relata o seguinte episódio: Apeles, frustrado ao tentar imitar a espuma do cavalo em sua pintura, lançou sobre o quadro a esponja na qual enxugava as cores dos pincéis e alcançou, por mera sorte, o efeito desejado¹⁷⁰. Assim é também com o cétrico, ao qual, de maneira fortuita, sobrevem um estado de tranqüilidade, depois que se depara com a contradição insuperável das opiniões e cessa sua investigação, suspendendo o juízo.

ἀταραξία, γαλήνη, ἀθαμβία, ἀπαθεία, ἀνταρχία, ἀκαταπλεξία, ἡσυχία. Outros tantos exprimem estados interdependentes, como εὐδαιμονία, εὐτυχία, εὐθυμία. Muitas vezes operando como fórmulas quase complementares, suas nuances semânticas são difíceis de se apreender.

¹⁶⁸ SEDLEY, *The Motivation of Greek Skepticism*, p. 15.

¹⁶⁹ Sexto Empírico, *Hipotíposes Pirrônicas*, I, 12.

¹⁷⁰ Sexto Empírico, *Hipotíposes Pirrônicas*, I, 28-29. Para discussões sobre a *ataraxía* cf. BURNYEAT, *Tranquility without a stop: Timon frag. 68*; McPHERRAN, *Ataraxía and Eudaimonía in Ancient Pyrrhonism: is the skeptic really happy?*; SMITH, *Sobre a Tranqüilidade da alma e a Moderação das afecções*.

Uma série de disposições correlatas acompanha a *ataraxia*. Ao descreverem Pirro, os testemunhos aludem aos estados de felicidade (*eudaimonia*), indiferença (*adiaphoria*), ausência de afecções (*apathéia*), ausência de fala (*aphasia*), suavidade (*praotes*). Já à época de Sexto Empírico, alguns dos estados descritos sofrem adaptações. A total ausência de afecções (*apathéia*), difícil de se verificar, cede lugar à mais verossímil moderação de afecções (*metriopátheia*). A *adiaphoria*, que coloca ênfase na indiferença das coisas, é substituída pelo estado suspensivo da *epoché*. Semelhantemente, Sexto aproxima a *aphasia* da suspensão de juízo (*epoché*), tomando a não asserção como corolário da suspensão de juízo (HP I.192-3). Mesmo em Timão e Pirro, a *aphasia* não se reduz a um mutismo, correspondendo a um silêncio assentado na ausência de asserções positivas.

No afã de divulgar os benefícios da disposição cética, os pirrônicos defrontaram-se com uma série de embaraços filosóficos e objeções. Como veremos mais adiante (seções V e VI) a viabilidade da vida cética e a “natural” sucessão da *ataraxia* à suspensão de juízo são atacadas.

III. A aplicação do pirronismo na vida comum

Vimos como a dimensão ética se sobressai no primeiro pirronismo, especialmente a partir da introdução de problemáticas originárias da epistemologia no âmbito ético e moral. Como próximo passo, uma outra transposição se nos impõe, a saber, a aplicação dos princípios morais e éticos na vida prática. Esta transposição é bastante controvertida no *corpus* biográfico. Avaliações conflitantes, sobre seu sucesso ou fracasso, afetam o equilíbrio literário da composição de fragmentos biográficos, comprometendo-lhe a verossimilhança e a unidade narrativa. Todavia, a tematização literária da vida cética é assunto do próximo capítulo. Neste, interessa-nos sobretudo a discussão filosófica que a aplicação do pirronismo na vida prática enseja.

Nas *Hipotiposes* (I 4, 21-22, 17, II 9), Sexto destaca a esfera prática do pirronismo ao descrevê-lo como uma *agogé*, ou seja, um estilo de vida. Esse estilo de vida teria como finalidade atingir *ataraxía*, tranqüilidade, e *eudaimonia*, felicidade, a partir do método prescrito pelo ceticismo. O filósofo, segundo Sexto, contraporía aparências e juízos de maneira a se equilibrarem, em *isosthenía*, levando à suspensão do juízo, *epoché*¹⁷¹.

Quando se volta para a discussão ética, Sexto insiste que crenças ou valores sobre se algo é bom, mau ou indiferente são uma fonte de ansiedade e provocam perturbação (*HP* 3, 235-37). Se acreditamos que algo é bom, inquietamo-nos para adquiri-lo ou para mantê-lo uma vez que o tivermos adquirido. Em contrapartida, se acreditamos que algo é ruim (por exemplo, uma cirurgia), acrescentaremos às afecções, preocupações e temores extras que agravam as dores inevitáveis. Segundo Sexto Empírico, a suspensão favoreceria, então, também uma moderação de afecções, *metriopátheia*.

A mais óbvia e recalcitrante objeção ao pirronismo, no entanto, é a de que a suspensão de juízo eliminaria os próprios critérios pelos quais nos orientamos nas atividades cotidianas. Caindo em um estado de apraxia, a vida comum se tornaria inviável. Luciano, no diálogo *A dupla acusação*, em que Pirro é convocado ao tribunal por deserção à Pintura, faz chacota da ausência de critério, valendo-se do duplo sentido do termo em grego – critério/tribunal:

Justiça – Chamem Pirro!

Hermes – A Pintura está presente, mas o Pirro, ó Justiça, não sobe ao tribunal por nada deste mundo. E era de se esperar que agisse assim...

Justiça – Por quê, ó Hermes?

Hermes – Porque não crê ser verdadeiro o tribunal (*kritérion*).¹⁷²

¹⁷¹ Na discussão sobre ceticismo e vida prática, vale lembrarmos o vínculo estreito entre a medicina empírica e o ceticismo pirrônico. Entre os céticos, há vários médicos empiristas, como o próprio Sexto. Mesmo Timão, discípulo de Pirro, fez seu filho mais velho estudar medicina (DL X 109). Entre os gregos, é recorrente esta analogia entre filosofia e medicina: a filosofia seria uma terapia da alma, que a purgaria de crenças falsas através de argumentos.

¹⁷² Luciano, *Bis. acc.* 25 (ΔΙΚΗ – ... τὸν Πύρρωνα κήρυττε. ΕΡΜΗΣ – Ἀλλ' ἡ μὲν Γραφικὴ πάρεστιν, ὡς Δίκη, ὁ Πύρρων δὲ οὐδὲ τὴν ἀρχὴν ἀνελήλυθεν, καὶ ἐώρακει τοῦτο πράξειν. ΔΙΚΗ – Διὰ τί, ὡς Ερμῆ; ΕΡΜΗΣ – Ὅτι οὐδὲν ἡγεῖται κριτήριον ἀληθὲς εἶναι). Quintiliano (*Institutio oratoria*, XII 2, 24) apresenta argumentos semelhantes quando recusa ao pirronismo parte na disputa entre as escolas filosóficas que conferem maior eloquência aos seus adeptos: “Com efeito, que parte Pirro pode ter nesta obra, se não lhe será evidente quem são os juízes diante dos quais deve fazer os discursos, nem o réu em favor de quem fala, nem o senado pelo qual deve ser pronunciada a sentença?” (*Pyrrhon quidem quas in hoc opere habere partis potest, cui iudices esse apud quos uerba faciat, et reum pro quo loquatur, et senatum in quo sit dicenda sententia non*

Luciano não pretende escrever uma crítica que desmonte o ceticismo, atentando a todas as suas sutilezas argumentativas. Importa-lhe sobretudo o uso humorístico da homonímia, em circunstâncias embaraçosas, nas quais Pirro (ao menos em sua versão contra-exemplar) é um protagonista natural. Todavia, com sua habitual agudeza, vai ao cerne da controvérsia da vida cética, assinalando o problema da apraxia, fruto de uma ausência efetiva de critério.

Sexto Empírico, inteirado de tais críticas, apresenta uma solução bastante razoável para o problema. Nas *Hipotiposes*, considera que o critério pode diferenciar-se em duas espécies: o primeiro seria um critério ontológico, que afirma a existência das coisas e não é acolhido pelos céticos; o segundo, um critério de ação, tomado como guia na vida comum, seria prontamente acolhido pelos céticos, permitindo-lhes a tomada de decisões na ausência de um critério de verdade (*HP* I 21-22; II 14-17). Um pouco adiante (*HP* I, 114-117), Sexto refere-se ao critério de verdade ou falsidade, não adotado pelos céticos, cuja própria veracidade tem de ser objeto de indagação; a justificativa de sua veracidade também deve ser averiguada e assim por diante, levando quem procura a justificar a um regresso infinito. O critério de ação, livre de qualquer pretensão à verdade, não estaria sujeito a semelhantes objeções.

Disponemos de uma passagem que talvez indique que os primeiros pirrônicos já se ocupavam da questão do critério. Nos versos abaixo, Timão utiliza o termo *kanón*, que opera, por vezes, como sinônimo de critério¹⁷³:

Segundo a aparência de cada uma das coisas, temos o hábito de chamá-la boa, má ou indiferente, como Timão, nos *Indalmoi*, parece evidenciar quando diz:
“Poís eu mesmo relato, como me parece ser,
uma palavra verdadeira, tendo um cânón (κανόνα) correto (ὀρθόν):
como a natureza do divino e do bem é sempre

liquebit?).

¹⁷³

Demócrito, por exemplo, teria escrito um livro *Kanónes*, em que discutia os meios de se conhecer a verdade (DK 68 B 11). Epicuro, em sua obra *Kanón*, também versava sobre os critérios de verdade (D.L. 10.27 10.31). (*apud* BETT, *What did Pyrrho think about the nature of the divine and the good?*, p. 318) Interessante é que, além de ser sinônimo de critério, em grego cânón significa também a reta fixa da balança. A balança, uma imagem recorrente na iconografia cética, simboliza o estádio de equipolência (*isosthenia*).

a partir de onde surge para o homem a vida mais equânime¹⁷⁴.

No contexto, o uso de “cânon” parece bem próximo do de critério, pois, uma medida do que é correto, autoriza a palavra de Pirro. É difícil, contudo, decidir se Timão tem em mente um critério de verdade ou de ação. Este é um dos motivos pelos quais há muita polêmica em torno de sua tradução¹⁷⁵.

O *phainómenon*, aparência, é comumente invocado como critério da *agogé* cética. Para Sexto Empírico, o fenômeno seria uma impressão passiva (*phantasia pathetiké*), irrecusável aos nossos sentidos, ao qual cederíamos involuntariamente (*HP* I, 19). Apesar de se impor aos sentidos, não indicaria a existência das coisas tais quais as percebemos, i. e. sua real natureza. Tampouco, as aparências sinalizariam coisas não evidentes (*tà ádela*). Portanto, o fenômeno, impondo-se aos nossos sentidos, não seria objeto de investigação *azéteton*, estando imune, pois, à suspensão de juízo (*HP* I, 22).

A noção de fenômeno desponta muito cedo no pirronismo. Muitos fragmentos tendem a confirmar que à época de Pirro e Timão já se delineava o fenômeno enquanto critério de ação. É famoso o verso de Timão: “o fenômeno é forte em toda parte por onde passa”¹⁷⁶. Em outra passagem, Diógenes Laércio narra que Timão não afirma que o mel era doce, mas admite que assim lhe parece¹⁷⁷. Quando Sexto Empírico (*HP* I, 20) apresenta o exemplo do mel ao esclarecer o uso do fenômeno como critério de ação, a formulação semelhante indica

¹⁷⁴ Sexto Empírico, *Adv. math.*, xi 20, (κατὰ δὲ τὸ φαινόμενον τούτων ἕκαστον ἔχομεν ἔθος ἀγαθὸν ἢ κακὸν ἢ ἀδιάφορον προσαγορεύειν, καθάπερ καὶ ὁ Τίμων ἐν τοῖς ἰνδαλμοῖς ἔοικε δηλοῦν, ὅταν φηΐ ἦ γὰρ ἐγὼν ἐρέω, ὡς μοι καταφαίνεται εἶναι, μῦθον ἀληθείης ὀρθὸν ἔχων κανόνα, ὡς ἡ τοῦ θεοῦ τε φύσις καὶ τὰγαθοῦ αἰεὶ ἐξ ὧν ἰσότατος γίνεται ἀνδρὶ βίος). Adotamos em nossa tradução a leitura de Burnyeat (“Tranquility without a stop: Timon, Frag. 68”, p. 89) que resolve o dogmatismo que resultaria da tradução do terceiro verso como “a natureza do divino e do bem é eterna”. Há autores que discordam da tradução, cf. BETT, “What did Pyrrho think about the nature of the divine and the good?”.

¹⁷⁵ Além disso, a estipulação de uma natureza do bem e do divino é de difícil conciliação com o ceticismo, ainda que modalizada pelo verbo *kataphainetai*, que, numa tradução mais consensual (ainda que contestada por Bett), significaria “parece”.

¹⁷⁶ *Adv. Math* VII, 30, DL 9.105 (καὶ ὁ Τίμων μεμαρτύρηκεν εἰπὼν ἀλλὰ τὸ φαινόμενον πάντη σθένει, οὐπερ ἂν ἔλθῃ).

¹⁷⁷ DL 9.105. (τὸ μέλι ὅτι ἐστὶ γλυκὺ οὐ τίθημι, τὸ δ' ὅτι φαίνεται ὁμολογῶ).

que provavelmente está retomando a lição do silógrafo. Por fim, como lembra Brunschwig¹⁷⁸, o título *Indalmoi* de um dos poemas de Timão é um termo literário homérico (derivado do verbo *eidomai*, “ver”), que significa imagens ou aparências, por vezes, usado como sinônimo de fenômeno.

Porém, o núcleo de opiniões, crenças e impressões abarcadas pela noção de fenômeno varia sensivelmente ao longo dos séculos. No conjunto de testemunhos e fragmentos do primeiro pirronismo parece prevalecer um uso de fenômeno mais estritamente ligado às sensações. O anedotário voltado a Pirro reflete duas hipóteses de vida prática, decaídas, provavelmente, dos exemplares negativo e positivo.

Na primeira, enquadram-se aquelas anedotas caricatas em que Pirro – dotado de extraordinária indiferença, alheio ao mundo e aos outros – duvida inclusive dos fenômenos. Segundo Antígono, “não se desviava ou se guardava de coisa alguma que, por ventura, se encontrasse em seu caminho – carros, cães ou despenhadeiros – nada confiando às sensações”¹⁷⁹. Em outra passagem, narra-se que, censurado por abandonar Anaxarco caído em um poço, este elogiou sua indiferença e natureza impassível. Derivadas de uma fonte hostil, Antígono de Caristo, desvela-se nelas um claro viés polemizante.

Apoiando a segunda hipótese, encontram-se fragmentos em defesa de Pirro, afirmando não apenas a sua aceitação do fenômeno enquanto critério de ação, como também o seu entendimento mais abrangente das aparências. Enesidemo afirma que “ele filosofava segundo o discurso da suspensão do juízo, mas que não agia de maneira inaudita; com efeito, viveu até os noventa anos”¹⁸⁰. Mais adiante, vemos que, nos *Discursos Pirrônicos*, Enesidemo defende que Pirro não definia nada dogmaticamente, visto que a contradição das

¹⁷⁸ BRUNSCHWIG, *Papers in Hellenistic Philosophy*, p. 218.

¹⁷⁹ D.L. 9.62 (μηδὲν ἔκτρεπόμενος μηδὲ φυλαττόμενος, ἅπαντα ὑφιστάμενος, ἀμάρξας, εἰ τύχοι, καὶ κρημνοὺς καὶ κύνας καὶ ὅσα τοιαῦτα μηδὲν ταῖς αἰσθήσεσιν ἐπιτρέπων).

¹⁸⁰ D.L. 9.62 (Αἰνεσίδημος δὲ φησὶ φιλοσοφεῖν μὲν αὐτὸν κατὰ τὸν τῆς ἐποχῆς λόγον, μὴ μέντοι γ’ ἀπροοράτως ἕκαστα πράττειν. ὁ δὲ πρὸς τὰ ἐνενηκόντα ἔτη κατεβίω).

coisas não o permitia, mas seguia os fenômenos¹⁸¹. Por fim, Timão, no *Piton*, declara não atentar contra os costumes (*sunêtheia*)¹⁸². Nesse conjunto, pois, reduz-se a incongruência entre teoria e prática no pirronismo, possivelmente por meio de argumentos mais sólidos, derivados de um pirronismo ulterior.

Como conciliar perspectivas tão díspares? A primeira deduz um estilo de vida absurdo da posição cética, tendo a provável intenção de desautorizá-la; a segunda, por seu turno, ao lhe conferir coerência maior em relação a seus sucessores, talvez descaracterize o pirronismo originário. Apesar disso, levando-se em conta a ocorrência de discussões acerca do fenômeno e do critério em Timão, inclinamo-nos à segunda. O mais provável é que Pirro e seus discípulos imediatos aderissem a alguma espécie de fenômeno, como critério de ação, identificado, contudo, mais estreitamente com as sensações. Dispensamos, assim, a idéia de um Pirro que ignora as aparências.

Na seqüência, temos Enesidemo que, segundo Polito¹⁸³, teria colhido seu conceito de fenômeno junto a Pirro e Timão. Seu fenomenismo, diferente do de Sexto, continua associado às sensações imediatas, não admitindo pois afecções mediadas, de natureza intelectual¹⁸⁴. Todavia, Enesidemo concede um estatuto de verdade aos fenômenos confirmados por todos: “nos escritos sobre Enesidemo, há algo diferente sobre os fenômenos, quando diz-se deles que podem aparecer para todos, de forma comum, ou, de forma particular, para um indivíduo, sendo verdadeiro o que aparece de forma comum para todos e falso o que não é assim”¹⁸⁵. Essa idéia de pronunciado dogmatismo, destoa do que se entende

¹⁸¹ D.L. 9.106 (Καὶ Αἰνεσίδημος ἐν τῷ πρώτῳ Πυρρωνείων λόγων οὐδὲν φησὶν ὀρίζειν τὸν Πύρρωνα δογματικῶς διὰ τὴν ἀντιλογίαν, τοῖς δὲ φαινομένοις ἀκολουθεῖν).

¹⁸² D.L. 9.105 (ὁ Τίμων ἐν τῷ Πύθωνί φησὶ μὴ ἐκβεβηκέναι τὴν συνήθειαν).

¹⁸³ POLITO, Chapter 1, *The Sceptical road: Aenesidemus' appropriation of Heraclitus*.

¹⁸⁴ Sexto não admite verdades intuitivas, indemonstráveis, porém, aceita aparências noéticas (cf. *HP* I, 24).

¹⁸⁵ Sexto Empírico, *Adv. Math.* 8.8 (οἱ μὲν γὰρ περὶ τὸν Αἰνησίδημον λέγουσι τινα τῶν φαινομένων διαφορὰν, καὶ φασὶ τούτων τὰ μὲν κοινῶς πᾶσι φαινεσθαι τὰ δὲ ἰδίως τινί, ὧν ἀληθῆ μὲν εἶναι τα κοινῶς πᾶσι φαινόμενα, ψευδῆ δὲ τὰ μὴ τοιαῦτα).

por pirronismo. Talvez, reflita uma influência acadêmica¹⁸⁶ ou, então, seja um resquício da fase heracliteana por qual passou Enesidemo.

Finalmente, Sexto Empírico acolhe uma maior variedade de impressões sob o título de fenômeno, talvez em resposta às críticas dirigidas à vida cética. Embora *phainómenon* em grego corresponda a “aparência”, e o vocabulário utilizado nessa discussão (*aisthêta*, sensações, *phantasiai*, impressões, *páthoi*, afecções) também reforce o papel dos sentidos em nossa apreensão do fenômeno, Sexto assinala que ‘fenômeno’ engloba aspectos bem variados: uma orientação natural, o caráter necessário das sensações, as leis e os costumes da tradição e, por fim, a instrução nas artes (PH I 23-4). No pirronismo tardio, portanto, o fenômeno tem uma aplicação mais diversificada.

A aceção de fenômeno e o seu escopo são, pois, um elemento-chave no pirronismo. A despeito de sua maior elaboração conceitual em Sexto Empírico, o fenômeno já representa um traço importante do primeiro pirronismo. Pautando-nos em evidências textuais, entendemos que as discussões sobre critério e fenômeno em Timão apontam uma precoce distinção entre crenças teóricas, com as quais o cético não deve se comprometer, e crenças comuns, pelas quais se orienta ao agir. À maneira dos pirrônicos tardios, Timão concede às impressões cotidianas o estatuto de fenômeno, subtraindo-as da investigação cética.

Em outras palavras, embora os céticos suspendam o juízo sobre a veracidade quer das crenças filosóficas, quer das crenças comuns, pode dar seu assentimento às últimas como fenômenos que se lhes impõem (HP I, 13) e valer-se delas como critério de ação.

Acreditamos, portanto, equivocada a opinião segundo a qual os primeiros pirrônicos pouco

¹⁸⁶ O critério de ação do ceticismo acadêmico é diverso do fenômeno pirrônico. Arcesilau cedo introduz o *eúlogon*, o razoável como maneira de se orientar na vida prática. Em Carneades, o critério acadêmico encontra-se sumamente elaborado: adota-se o *píthanón*, que significa persuasivo ou plausível (e não “provável” como por vezes se propõe). O *píthanón* resulta de uma contraposição das impressões para que formem um conjunto consistente (ὁ περίσπαστος), sendo devidamente testadas (διεξωδευμένα). Alguns atribuem ao *eúlogon* e ao *píthanon* um papel na avaliação do conhecimento, introduzindo certo dogmatismo na posição acadêmica. Há quem defenda, porém, que o critério de Carneades integra uma contra-argumentação *ad hominem*, dirigida contra os estóicos. Assim, em resposta aos que acusam os acadêmicos de dogmáticos neste ponto, afirmam que eles assumem tal posição meramente por motivos dialéticos.

tinham de céticos, sendo a sua posição uma espécie de dogmatismo.

IV. Acerca do suposto dogmatismo de Pirro

Antes de nos voltarmos às críticas formuladas contra o pirronismo, examinaremos a suposta natureza dogmática do pirronismo original. Essa discussão, já sinalizada por alguns autores antigos¹⁸⁷, tornou-se corrente entre comentadores atuais. Apoiando-se especialmente na leitura do fragmento da indiferença das coisas, em Eusébio, muitos autores consideram Pirro, não obstante o papel que desempenha como fundador do pirronismo, um dogmático. Apresentamos, pois, nossa tradução da passagem em questão, seguida de diferentes propostas interpretativas¹⁸⁸:

Contra os chamados céticos pirrônicos ou eféticos, que declaram nada ser apreensível

É necessário, antes de tudo, examinar nosso conhecimento a respeito de nós mesmos; pois, se, com efeito, constatarmos que nada sabemos, não devemos mais examinar as outras coisas.

Houve, então, entre os antigos alguns que proferiram este discurso, contra os quais replicou Aristóteles. Todavia, mais fortemente sobre essas coisas, falou Pirro de Élida, mas ele não deixou nada por escrito. Timão, seu discípulo, porém, diz que aquele que espera ser feliz deve contemplar três coisas: primeiramente, como (são) as coisas por natureza; em segundo lugar, de que modo nos é mister dispor em relação a elas; por último, o que acontece aos que assim se dispõem. Então, disse que as coisas parecem-lhe (*apophaincin*)¹⁸⁹ igualmente indiferentes, instáveis e indecidíveis. Por essa razão, nem as nossas sensações, nem as nossas opiniões são verdadeiras ou falsas. Por essa razão, ainda, não se deve acreditar nelas, mas permanecer sem opiniões, inclinações e hesitações, dizendo sobre cada uma das coisas não

¹⁸⁷ Cf. Teodósio supracitado, capítulo 2, seção VI.

¹⁸⁸ Eusébio PE 14.8.4. (ΠΡΟΣ ΤΟΥΣ ΚΑΤΑ ΠΥΡΡΩΝΑ ΣΚΕΠΤΙΚΟΥΣ ΗΤΟΙ ΕΦΕΚΤΙΚΟΥΣ ΕΠΙΚΛΗΘΕΝΤΑΣ ΜΗΔΕΝ ΚΑΤΑΛΗΠΤΟΝ ΕΙΝΑΙ ΑΠΟΦΗΝΑΜΕΝΟΥΣ/ Αναγκαιώς δ' ἔχει πρό παντός διασκέπασθαι περί τῆς ἡμῶν αὐτῶν γνώσεως· εἰ γάρ αὐ μὴδὲν πεφύκαμεν γνωρίζειν, οὐδὲν ἔτι δεῖ περί τῶν ἄλλων σκοπεῖν. ἐγένοντο μὲν οὖν καὶ τῶν παλαι τινὲς οἱ ἀφέντες τῆνδε τὴν φωνὴν, οἷς ἀντίρρηκεν Ἀριστοτέλης. ἴσχυσε μὲν τοιαῦτα λέγων καὶ Πύρρων ὁ Ἠλείος· ἀλλ' αὐτὸς μὲν οὐδὲν ἐν γραφῇ καταλέλοιπεν, ὁ δὲ γε μαθητὴς αὐτοῦ Τιμῶν φησὶ δεῖν τὸν μέλλοντα εὐδαιμονήσῃν εἰς τρία ταῦτα βλέπειν· πρῶτον μὲν, ὅποια πέφυκε τὰ πράγματα· δευτέρον δέ, τίνα χρὴ τρόπον ἡμᾶς πρὸς αὐτὰ διακείσθαι· τελευταῖον δέ, τί περίεσται τοῖς οὕτως ἔχουσι. τὰ μὲν οὖν πράγματα φησὶν αὐτὸν ἀποφαίνειν ἐπ' ἴσης ἀδιάφορα καὶ ἀσταθμητα καὶ ἀνεπίκριτα, διὰ τοῦτο μὴτε τὰς αἰσθήσεις ἡμῶν μὴτε τὰς δόξας ἀληθεύειν ἢ ψευδεσθαι. διὰ τοῦτο οὖν μὴδὲ πιστεῦειν αὐταῖς δεῖν, ἀλλ' ἀδοξάστους καὶ ἀκλινεῖς καὶ ἀκραδάντους εἶναι, περὶ ἑνὸς ἑκάστου λέγοντας ὅτι οὐ μᾶλλον ἔστιν ἢ οὐκ ἔστιν ἢ καὶ ἔστι καὶ οὐκ ἔστιν ἢ οὔτε ἔστιν οὔτε οὐκ ἔστιν. τοῖς μὲντοι γε διακειμένοις οὕτω περίεσθαι Τιμῶν φησὶ πρῶτον μὲν ἀφασίαν, ἔπειτα δ' ἀταραξίαν, Αἰνησίδημος δ' ἠδονίην).

¹⁸⁹ A tradução corrente para ἀποφαίνω é 'declarar'. Contudo, no Suplemento do *Liddell-Scott* (p. 47), bem como na sua edição abreviada (p. 95-96) inclui-se 'parecer' (*to appear*) como um dos seus sentidos. Adotamo-la por nos parecer bastante apropriado para o trecho em questão e por se conciliar bem com nossa interpretação do fragmento.

mais que é, do que não é, do que é e não é, do que nem é nem não é. Para os assim dispostos, Timão diz que há de surgir primeiro a afasia e, em seguida, a tranqüilidade e, de acordo com Enesidemo, o prazer.

Segundo a primeira chave de leitura, o fragmento descreve uma tese metafísica positiva, ao afirmar que as coisas são, *por natureza*, indiferentes (*adiáphora*), instáveis (*astáthmeta*) e indecidíveis (*anepíkrita*)¹⁹⁰. Para os que assim entendem o testemunho, a pergunta apresentada (i.e. “como são as coisas por natureza”), a formulação e escolha de termos levam a crer que, para Pirro, a realidade é inerentemente indeterminada. Assim, apesar de recomendar uma vida sem opiniões, Pirro, ao definir sua posição, apoia-se nitidamente na opinião segundo a qual as coisas são, por natureza, indiferentes, instáveis, indecidíveis. Outras passagens parecem retomar as linhas gerais do argumento. Diógenes Laércio, por exemplo, numa passagem já citada¹⁹¹, também relata o que parece ser uma posição metafísica acerca da indeterminabilidade inerente às coisas, ao dizer que não são verdadeiramente belas ou feias, nem justas ou injustas e que os humanos agem segundo a convenção e o costume¹⁹².

Uma leitura epistemológica contrapõe-se à acima esboçada. Stough¹⁹³ consagrou-a fazendo uma exegese gnosiológica que desloca o eixo da discussão para a dualidade entre aparência e realidade. Salaria que a passagem não afirma a indiferença das coisas, mas a falibilidade de nossa apreensão delas. Segundo sua tradução – em perspectiva mais subjetiva, que se volta para nossas capacidades cognitivas – “as coisas *parecem-lhe (apophaínein)* igualmente *indiferenciáveis, incomensuráveis e indetermináveis*” [grifos nossos]. Em resumo, o trecho apontaria a inabilidade de nossos aparelhos cognitivos para diferenciar as

¹⁹⁰ Para uma discussão detalhada a respeito do trecho que arroga uma leitura metafísica, baseada em ampla evidência textual e filológica, cf. BETT, *Pyrrho the Non-Sceptic, Pyrrho, his antecedents, and his legacy*, p. 14-59.

¹⁹¹ cf. *supra*, nota 21.

¹⁹² Bett também identifica outras passagens que oferecem leituras semelhantes, como Aulo Gélio 11.5.4 e o escólio a Luciano, *Bis. acc.* 25. Cf. BETT, *Pyrrho, his antecedents, and his legacy*, p. 49-51.

¹⁹³ Cf. STOUGH, *Greek Skepticism*, cap. 2 p. 16-34.

coisas e não a natureza mesma das coisas. Haveria, pois, algo de incomensurável entre aparência e realidade.

Tal leitura, por certo, aproxima o pirronismo de Pirro e Timão ao da retomada cética de Enesidemo e Sexto Empírico. Segundo o resumo escrito por Fócio dos *Discursos Pirrônicos*, Enesidemo pretendia que “aquele que filosofa à maneira de Pirro desfruta, dentre outras coisas, da felicidade e é sábio por conhecer, sobretudo, que nada é jamais apreendido por ele seguramente; isso conhecendo, não lhe é mais genuíno assentir à afirmação ou negação das coisas”¹⁹⁴. Plutarco, que viveu no século seguinte ao de Enesidemo, expressa-se por uma escolha cuidadosa de termos, esquivando-se de pronunciar sobre a natureza das coisas. Em um diálogo sobre o vinho, que para alguns parece quente e para outros, frio, o personagem Floro pondera:

Estas coisas nos conduzem diretamente a Pirro através de Protágoras; pois é evidente que sobre azeite, leite e mel e, semelhantemente, sobre outras coisas discorrendo, evitaremos dizer sobre cada uma como é por natureza, dizendo que cada uma vem a ser pela mistura e composição de umas com as outras.¹⁹⁵

Além de evitar uma afirmação positiva sobre a natureza das coisas, a menção da mistura pode ser uma alusão ao sexto modo de Enesidemo, sobre como apreendemos as coisas misturadas umas às outras. Sexto Empírico, igualmente, tende a ser cauteloso, modalizando suas afirmações mais positivas, que poderíamos supor defenderem teses dogmáticas, por expressões tais quais “como aparece” (*hos phainetai*), “até agora” (*méchri nûn, áchri nûn*), etc.

Cabe-nos, porém, perguntar se há indícios suficientes para considerarmos essa leitura historicamente acertada. Seus críticos questionam se a harmonização do primeiro pirronismo à sua elaboração ulterior, que decorre dessa interpretação, não o imbricaria de um aparato

¹⁹⁴ Fócio, *Bibliotheca* 212 169b (‘Ο δὲ κατὰ Πύρρωνα φιλοσοφῶν τὰ τε ἄλλα εὐδαιμονεῖ, καὶ σοφὸς ἔστι τοῦ μάλιστα εἰδέναι ὅτι οὐδὲν αὐτῷ βεβαίως κατείληπται· ἂ δὲ καὶ εἰδείη, οὐδὲν μᾶλλον αὐτῶν τῇ καταφάσει ἢ τῇ ἀποφάσει γενναίως ἔστι συγκατατίθεσθαι).

¹⁹⁵ Plutarco, *Quaestiones Conviviales* III, 5, 652 B (“Ταῦτ’ εἶπεν ὁ Φλωῶρος ἄντικρυς εἰς τὸν Πύρρωνα διὰ τοῦ Πρωταγόρου φέρει ἡμᾶς· δῆλον γὰρ ὅτι καὶ περὶ ἐλαίου καὶ περὶ γάλακτος μέλιτός τε καὶ ὁμοίως τῶν ἄλλων διεξιόντες ἀποδρασόμεθα τὸ λέγειν περὶ ἐκάστου, ὁποῖον τῇ φύσει ἔστιν, μίξει ταῖς πρὸς ἄλληλα καὶ κράσεσιν ἕκαστον γίνεσθαι φάσκοντες.”)

conceitual que atende antes às exigências críticas de outro período. Apesar de engenhosa, insistem, não seria essa uma leitura anaerônica?

Contudo, uma série de autores antigos – como Plutarco, Galeno¹⁹⁶ e o comentador anônimo do Teeteto¹⁹⁷ – tendem a retratar Pirro de maneira compatível com essa hipótese. Alguém poderia insistir, ainda, que esses autores, semelhantemente, reduzem Pirro a um *tópos retórico*: representa o pirronismo de maneira ampla, retratando, na verdade, idéias e posições dos céticos sucessores que são contemporâneos a eles próprios e que, por certo, conhecem melhor. Porém, em Sexto recuperamos um fragmento de Timão no qual se atesta semelhante orientação epistemológica: “nada é, por natureza, bom ou mau, *mas foi assim julgado pela mente humana*, segundo Timão; este ensinamento, então, é peculiar ao ceticismo, pois perseguir uma vida feliz é-lhe próprio” [grifo nosso]¹⁹⁸. Afora isso, como discutimos na seção II, supra, o pessimismo epistemológico integra a filosofia de uma série de autores anteriores a Pirro, muitos deles seus antecessores, dentre os quais, Demócrito, Metrodoro, Anaxarco e os megáricos Estilpo e Brísson. Há, assim, alguma evidência textual antiga em favor da leitura epistemológica.

Por fim, temos uma interpretação de cunho mais moral, esboçada por Brunschwig. Para o comentador, ao afirmar a indiferença das coisas (*prágmata*) Pirro provavelmente tinha em mente atividades (*práttēin*), os fins e objetivos almejados ao escolhermos ou evitarmos algo (p. 207-208)¹⁹⁹. Os adjetivos indiferentes (*adiáphora*), instáveis (*astáthmeta*) e indeterminadas (*anepikrita*) apontariam uma indiferença *moral* das coisas, que não seriam

¹⁹⁶ Galeno, *Sufig. emp.*, p. 62, 18 (apud DECLEVA CAIZZI, *Pirrone Testimonianze*, fr. 67)

¹⁹⁷ Apud DECLEVA CAIZZI, *Pirrone Testimonianze*, fr. 80.

¹⁹⁸ Sexto Empírico, *Adversus Mathematicus*, 11,140 (οὔτε ἀγαθόν τι φύσει ἔστι οὔτε κακόν, ἀλλὰ πρὸς ἀνθρώπων ταῦτα νόῳ κέκριται, κατὰ τὸν Τίμωνα. τὸ δέ γε διδάσκειν τὸ τοι – οὔτον ἴδιον τῆς σκέψεως· ταύτης ἄρα ἦν τὸ τὸν εὐδαίμονα βίον περιποιεῖν).

¹⁹⁹ BRUNSCHWIG, Once again on Eusebius on Timon on Pyrrho, *Papers in Hellenistic Philosophy*, Cambridge: Cambridge University Press, 1994. Brunschwig dedica uma discussão considerável à diferenciação das posições de Pirro e Timão. Todavia, não a retomaremos aqui.

boas ou más em si mesmas²⁰⁰. Parecem reforçar essa hipótese as passagens supracitadas que ecoam o texto de Aristocles: inserem-se todas no bojo de discussões morais. Analogamente, a descrição do estado ao qual se aspira – *adoxastous, aklineis, akradántous* – pode remeter a disposições éticas. Os termos *aklineis, akradántous* integram, com freqüência, um vocabulário empregado com nuances morais, indicando imparcialidade e firmeza ou ausência de oscilação. Por sua vez, embora *adoxástous* seja mais facilmente compreendido como alusão a uma posição epistemológica, pode referir-se também a crenças práticas.

Em outros fragmentos relativos a Pirro e Timão, há semelhante oscilação entre interpretações éticas, epistemológicas e metafísicas. Em uma homenagem de Timão a Pirro, também citada em Eusébio, identificamo-la:

mas tal qual eu o vi, desprovido de vaidade e inquebrantável
em relação a tudo que subjuga os mortais, anônimos ou notáveis;
vazias hordas de povos, oprimidas desta e daquela parte
por afecções (παθέων), opinião (δόξης) e arbitrária disposição da lei (νομοθίης)²⁰¹.

Bett²⁰² sugere que *pathéon, dóxes* e *nomothékes* sujeitam-se a diferentes traduções. Em uma leitura epistemológica *páthos* significa afecção, enquanto em outra, ética, pode indicar uma paixão. Por sua vez, *dóxa* pode significar igualmente opinião, em uma leitura epistemológica, ou glória, em uma leitura ética. Por fim, *nomothéke*, um *hápax* poético para *nomothesia*, é usado tanto para legislação, em uma interpretação ética, quanto para a “ordem da natureza”, em outra, epistemológica. Segundo Bett, este último sentido foi inclusive empregado por Epicuro (D.L. 10.87), praticamente contemporâneo de Pirro. Não é de todo implausível que a ambigüidade seja deliberada, introduzindo diferentes estratos semânticos no mesmo verso, como parece acontecer em outros fragmentos de Timão²⁰³.

²⁰⁰ Tal interpretação remete a Cícero e à associação que faz entre Pirro, Erilo e Aristo, descrevendo-os como acerbos moralistas. As referências estão indicadas na nota 61.

²⁰¹ *Praep. ev.* XIV. 18, 19 (ἀλλ' οἶον τὸν ἄτυφον ἐγὼ ἶδον ἢ δ' ἀδάμαστον / πᾶσιν ὅσοις δαίνασθε βροτῶν ἄφατοί τε φατοί τε, / λαῶν ἔθνεα κοῦφα, βαρυνόμεν' ἔνθα καὶ ἔνθα / ἐκ παθέων δόξης τε καὶ εἰκαίης).

²⁰² BETT, *Pyrrho, his Antecedents, and his Legacy*, p. 50, 70-84.

²⁰³ Cf. DECLEVA CAIZZI, *Pirrone Testimonianze*, p. 197, 245; BETT, *Pyrrho, his antecedents, and his*

Em resumo, as três leituras favorecem entendimentos diversos do dogmatismo ou ceticismo de Pirro. Enquanto a metafísica o enquadra em um dogmatismo inequívoco, a epistemológica, mais benevolente, reconhece-lhe uma posição cética muito próxima à dos seus sucessores. Já a interpretação ética admite abordagens distintas, seja impondo-se como leitura autônoma, seja complementando as leituras epistemológica ou metafísica. Ausland, o primeiro a articular uma interpretação ética, subordina a ela uma leitura epistemológica, posto que numa formulação menos final que o ceticismo epistemológico descrito por Stough. O comentador assim descreve sua interpretação moral do pirronismo, reservando um papel ancilar à dimensão epistemológica:

O ceticismo antigo é tomado por uma filosofia que parte não do desafio de justificar o nosso acesso cognitivo ao mundo exterior, mas, antes, do problema da felicidade humana. A via pirrônica para se alcançar uma vida boa diz respeito à impossibilidade de se decidir, inerente aos assuntos práticos. A crítica a nossos sentidos, opiniões e razão, que inclui a fim de demonstrar essa relação, não é realizada de maneira adequada para se expor a inconfiabilidade comparativa ou geral de nossas faculdades em relação às coisas externas; pelo contrário, são praticadas a fim de mostrar que é errado para nós exercitar uma preferência entre afirmações, semelhantes em dignidade, que competem por nossa escolha. Visto dessa nova (na verdade antiga) perspectiva, o ceticismo (epistêmico) de Pirro se revela como integrante, e não incidental, à sua filosofia moral²⁰⁴.

Semelhantemente Brunschwig, justapõe à moralidade eudemonística, um entendimento cognitivista, que seria uma contribuição de Timão. Para o comentador, no que pensamos ser uma interpretação pertinente, o viés epistemológico atenua a leitura moral.

Outra abordagem possível seria um entendimento metafísico concomitante ao moral. Dentre os antigos, Cícero aventou uma interpretação moral da posição de Pirro, alicerçada em uma base metafísica. Com efeito, Cícero, ao aproximar a *apáthcia* (ausência de afecções) de Pirro da *adiaphoría* (indiferença) do estóico Ariston, assinala a dimensão moral da posição

legacy, p. 75.

²⁰⁴ AUSLAND, On the moral origin of pyrrhonian skepticism, p. 427-428 ("Ancient skepticism comes first into view as a philosophy that takes its beginning, not from a challenge to account for our cognitive access to an external world, but rather from the problem of human happiness. The pyrrhonian way to the good life relates to an undecidability inherent in practical affairs. But the critique of our senses, opinions and reason that it includes for the sake of demonstrating this relation is not pursued in a fashion suitable to the intention of exposing any comparative or general unreliability of our several faculties in relation to external things, but is instead practised with a view to showing it wrong for us to exercise a preference between competing claims on our choice that are similar in dignity. Viewed from this new (really old) perspective, Pyrrho's (epistemic) skepticism stands revealed as integral, and not incidental, to his moral philosophy").

pirrônica²⁰⁵. Contudo, atribui-lhe também uma tese dogmática sobre o bem: a virtude seria o soberano bem, tudo o mais sendo-lhe indiferente. Cícero associa, assim, a orientação prática do pirronismo a um dogmatismo metafísico.

No âmbito da dissertação, atrai-nos a leitura primariamente ética, complementada pela epistemológica. Embora a metafísica pareça dotada de rigor histórico e filológico, a compreensão do fragmento como expressão ética ou prática do pirronismo concilia-se mais finamente com o recorte dos testemunhos biográficos que acolhemos como fidedignos em nossa interpretação. Ademais, consideramos bastante persuasivos os fragmentos de Timão que apontam um fenomenismo (evidentemente menos elaborado que o tardio) já entre os primeiros pirrônicos, incompatível com a leitura metafísica. Todavia, jamais nos inclinariamos à interpretação epistemológica pura, uma vez que, ao dissociá-la de conseqüências morais e éticas, contrariaríamos o projeto helenístico que concebe a filosofia como meio para se alcançar uma vida feliz.

Em síntese, pensamos que a leitura moral integra-se bem ao entendimento epistemológico da passagem: basta que se subordine o entendimento fenomênico à filosofia moral e aos fins práticos que o pirronismo almeja (i.e. *aphasia, ataraxia, hedoné*). Sendo assim, devemos entender a noção de fenômeno como instrumental para a realização da vida comum cética. No último capítulo, retomaremos essa leitura como tese de fundo para a interpretação do anedotário voltado para Pirro.

V. A discussão antiga em torno da vida cética

No mundo antigo, o convívio contencioso entre as escolas produziu uma literatura crítica do pirronismo relativamente extensa²⁰⁶. Lapidada ao longo dos séculos, essa literatura

²⁰⁵ Cf. Cícero, *De finibus* II, XIII, 43; IV, XVI, 43; *De officiis* I, II, 6.

²⁰⁶ Todavia nem sempre essas críticas são elaborada especificamente contra o pirronismo. Algumas combatem a Academia, como as proferidas por personagens de Cícero e as de Colotes, citadas por Plutarco (para uma discussão mais detalhada dos alvos de Colotes cf. supra, capítulo 2 seção III). Outras são pensadas em

atingiu considerável sofisticação argumentativa. Podemos distribuí-la em três vertentes principais, em uma seqüência mais ou menos cronológica: a que frisa o problema da apraxia, a que afirma ser o pirronismo auto-refutativo (*peritropé*) e a que condena o pirronismo como via filosófica imoral. Ilustraremos cada uma delas com um exemplo, para que se tenha idéia dos termos em que tais críticas eram efetivamente feitas. Em seguida, consideraremos as respostas de Sexto a todas elas.

A primeira vertente reúne aqueles que atentam ao problema da apraxia. Se para o cético é indiferente agir desse ou daquele modo, a suspensão não levaria a um cessar de suas ações? A idéia de que o ceticismo comprometeria a vida comum é corrente na Antigüidade, afigurando-se de maneira expressiva em uma metáfora de Plutarco: qual a cabeça da Górgona, o ceticismo petrifica os seus adeptos, impedindo-os de agir²⁰⁷. Um personagem dos *Academica* de Cícero, Luculo, atacando os céticos acadêmicos, resume bem o problema ao se perguntar sobre como alguém pode agir sem distinguir um objeto verdadeiro de um falso. Como o espírito seria movido a alguma vontade se não pudesse perceber se um objeto é consistente com a natureza, ou alheio a ela? Em seguida, conclui: “[p]ortanto, aqueles que negam que qualquer coisa possa ser apreendida, roubam-nos das coisas mesmas que são instrumentos ou equipamentos da vida, ou antes reviram toda a vida a partir de sua fundação, privando a criatura daquilo que a anima”²⁰⁸.

Na segunda vertente, encontram-se autores que atacam a consistência do pirronismo²⁰⁹. Lucrécio (IV, 469-472), quando se volta para as críticas céticas das sensações

relação a antecessores do pirronismo, como as formuladas por Lucrécio que, segundo alguns comentadores, visaria Metrodoro. Mesmo assim, podemos retomá-las, visto que integram uma reserva comum de argumentos contra o ceticismo. É provável que Sexto esteja respondendo também a essas críticas quando defende a viabilidade do pirronismo.

²⁰⁷ Plutarco, *Adversus Colotem*, 1122 B.

²⁰⁸ Cícero, *Academica* II, 31 (“*ergo ii qui negant quicquam posse comprehendere haec ipsa eripiunt vel instrumenta vel ornamenta vitae, vel potius etiam totam vitam evertunt funditus ipsumque animal orbant animo...*”). Para outras críticas relativas ao problema da apraxia cf. também Aristóteles, *Metafísica* G 4, 1008 b 15-16; D.L. 7.171, 9.104-5; Plutarco, *Adversus Colotem* 1122 A-F; Cícero, *Academica* 2.77.

²⁰⁹ Algumas outras passagens, além de Lucrécio, que apontam a auto-refutação do ceticismo são: Diógenes Laércio 9.102-104; Eusebius PE XIV 18.25-26;

como fonte de conhecimento, sai em defesa das sensações e dirige críticas acerbas ao ceticismo, aludindo à sua natureza auto-refutativa. Como acredita repousar sobre as sensações todo o nosso conhecimento, Lucrécio argumenta que, ao lhes negar um papel no conhecimento, os céticos estariam subtraindo a base fundamental das próprias hipóteses que avançam. O ceticismo seria, assim, auto-refutativo:

Em suma, se alguém considera que nada é conhecido, desconhece se isto mesmo pode ser conhecido, porquanto confessa nada conhecer. Portanto, dispense discutir por alguma causa contra este, que sua própria cabeça coloca em suas mesmas pegadas.²¹⁰

Um pouco adiante, Lucrécio retoma alguns dos exemplos elencados entre os modos céticos, criticando-os²¹¹. À conclusão de suas considerações, descreve o cético como alguém que se põe a edificar com uma régua torta (IV.513, *pravast regula*). Estaria Lucrécio remetendo aos versos de Timão que falam de uma régua reta (*kanóna orthón*), citados acima^{212?}

Por fim, os autores que alertam contra a imoralidade do pirronismo compõem a terceira vertente. Aristocles, em uma formulação consagrada do problema, pergunta-se: “[p]ois que tipo de cidadão seria ou, simplesmente, que tipo de ser humano? Que tipo de males não faria se não considerasse nada como sendo verdadeiramente mal ou vergonhoso, justo ou injusto?”²¹³ Como questão correlata, pode-se cogitar ainda sobre se o pirronismo não

²¹⁰ “Denique nil sciri si quis putat, id quoque nescit / an sciri possit, quoniam nil scire fatetur, / hunc igitur contra minuum contendere causam, / qui capite ipse suo in statuit vestigia sese.”

²¹¹ Lucrécio, ao longo do livro quatro (especialmente entre os versos 332-468) retoma inúmeros exemplos do repertório comum aos pirrônicos e acadêmicos. O remo que parece torto na água, a torre quadrada ou redonda, o pórtico em perspectiva, a visão amarela de quem sofre de icterícia e um sem número de casos de animais (o porco que adora a lama, a cabra que se alimenta de uma erva que é venenosa para nós). Cf. LÉVY, Lucrèce avait-il lu Enésidème?; SCHRIJVERS, Lucrèce et les sceptiques.

²¹² Pensa-se, por vezes, que nesta passagem Lucrécio poderia ter em mente os céticos acadêmicos, seus contemporâneos. Vander Waerdt (Colotes and the Epicurean Refutation of Skepticism, nota 48) defende que Lucrécio retoma o ataque virulento de Colotes contra a Academia e Arcesilau. Todavia, o argumento é colhido em Epicuro, que mais provavelmente o dirigia contra Metrodoro de Quios, filósofo atomista supracitado, que iniciou seu livro *Sobre a natureza* dizendo que nada sabemos nem se sabemos algo ou não. Como Anaxarco, mestre de Pirro, teria sido discípulo de Metrodoro, podemos considerá-lo um antecessor do pirronismo. Há ainda aqueles que, como Gigante (p. 64-65), estendem o alcance dessa crítica aos primeiros pirrônicos, desde Pirro até Enesidemo, contemporâneo de Lucrécio. É cronologicamente viável que Lucrécio tenha lido Enesidemo. Resta saber, contudo, se o teria retomado tão prontamente em seus escritos.

²¹³ *apud* Eusébio, PE 14.18.18.

conduziria a um relativismo moral.

Em face dessas críticas, Sexto Empírico elaborou algumas respostas em defesa do ceticismo. Primeiramente, parece-lhe que o recurso ao fenômeno como critério de ação elimina o problema da apraxia: “retendo as aparências, vivemos sem crenças, segundo as práticas da vida, uma vez que não somos capazes de ser absolutamente inativos”²¹⁴.

Em segundo lugar, dissolve o problema da auto-refutação afirmando a auto-referência do ceticismo que, com efeito, não é imune à dúvida pirrônica²¹⁵. Assim, mesmo as posições cétricas estão sujeitas à prova do exame cético. Sexto insiste ainda que emprega certas expressões sem o intuito de se comprometer com elas, dando-lhes um valor relativo ou provisório (*HP* I, 207). Quando tais afirmações levam a crer que os pirrônicos caem subrepticamente em um dogmatismo, não se deve entendê-las como afirmações positivas, mas, pelo contrário, tomar as passagens em que se encontram como explícita ou implicitamente modalizadas, ou então como apenas um lado do debate equipolente.

Finalmente, em relação à suposta imoralidade dos cétricos que, confrontados com uma decisão moral, obedeceriam, por exemplo, as ordens cruéis de um tirano (já que seguem as leis), Sexto pondera:

o cético, embora não viva segundo um discurso filosófico (...), é perfeitamente capaz de escolher certas coisas e evitar outras, segundo as práticas não filosóficas da vida. Portanto, se for constrangido por um tirano a fazer uma das coisas indizíveis, em virtude de pensar conforme as leis ancestrais e costumes, ele poderá, por acaso, escolher uma coisa e evitar a outra²¹⁶.

Assim, o cético se orienta pelos costumes e valores de sua sociedade tal qual o dogmático, posto que os tome por convencionais. Na análise do debate contemporâneo em torno da vida pirrônica, retomaremos as três vertentes à luz dos novos argumentos apresentados.

²¹⁴ Sexto Empírico, *Hipotíposes Pirrônicas*, 1.23-24 (οἷς φαινόμενοις οὖν προσέχοντες κατὰ τὴν βιωτικὴν τήρησιν ἀδοξάστως βιοῦμεν, ἐπεὶ μὴ δυνάμεθα ἀνενέργητοι πάντα πασι εἶναι). Cf. também 1.17, 1.22, 1.229, 1.231; 2.244.

²¹⁵ Cf. – Sexto Empírico, *Adversus Mathematicos* VII 440-4; VIII 278-9; IX 204-6.

²¹⁶ Sexto Empírico, *Adversus Mathematicos* 11.165-166. Sobre outras críticas consagradas, cf. Plutarco, *Adversus Colotem*; Lucrécio, *De rerum natura* 4.410-521.

VI. A discussão contemporânea em torno da vida cética

Algumas das objeções à vida cética enumeradas acima, foram abraçadas por comentadores contemporâneos, tanto em renovados ataques ao pirronismo, quanto em sua defesa. A discussão contemporânea complementa, pois, a antiga, em vista da abordagem distinta que faz de problemáticas antigas e da apresentação de novas objeções e respostas. Como na parte em que nos voltamos ao debate antigo, vamos nos ater a uma revisão que aponte os rumos da discussão mais recente.

O problema da vida cética foi, provavelmente, reintroduzido no debate atual sobre o pirronismo através do artigo de Burnyeat, "Can the sceptic live his scepticism?". Partindo de críticas modernas (humeanas) à conseqüente apraxia do cético pirrônico, Burnyeat volta-se para a dificuldade em se suspender o juízo quanto a crenças, deixando de lado a já muito debatida suspensão relativa ao conhecimento. Em resumo, identifica características de crenças em muitas das experiências que Sexto toma por impressões ou fenômenos, de maneira que deveriam também ser submetidas à prova do exame cético. A partir disso, ele formula uma nova crítica, na qual considera estar a incoerência última da vida cética: o cético, ao suspender o juízo sobre as crenças comuns e se distanciar da verdade e da "existência real", acabaria se distanciando radicalmente de si mesmo. Como conclusão, ele argumenta que tal distanciamento de valores que nos são próprios levar-nos-ia a tratar nossos pensamentos como se fossem pensamentos alheios e exigiria um esforço tão grande, que talvez inviabilizasse o ceticismo²¹⁷. Vemos, pois, que o estatuto das aparências continua a ser uma questão sensível para o pirronismo.

Em outro artigo consagrado, Annas problematiza a relação necessária entre suspensão de juízo e ataraxia, já que se pode facilmente imaginar um sentimento de segurança como

²¹⁷ BURNYEAT, M. F., "Can the sceptic live his scepticism?", in *Doubt and Dogmatism*, p. 53.

conseqüência da crença em valores objetivos, no lugar da perturbação descrita por Sexto. “Por que o distanciamento de valores produziria alívio enquanto o compromisso com eles, ansiedade?”, ela se pergunta²¹⁸. A comentadora aponta outra conseqüência grave da suspensão do juízo: o alheamento cético não comprometeria as noções de lei e as intuições morais, conduzindo assim a comportamentos imorais²¹⁹? Semelhantemente, Nussbaum, embora considere possível a vida cética, condena-a como “imoral”. A vida descrita por Sexto seria destituída de sentimentos e de intensidade (*siintonos*), fatores que, segundo Nussbaum, são importantes para se ter um compromisso com a sociedade e com outras pessoas²²⁰.

Para completarmos o quadro que compõe o debate contemporâneo em torno do pirronismo, faz-se mister retomar os autores que se esforçaram para defender o ceticismo desses ataques. McPherran²²¹, por exemplo, propõe uma resposta para o problema levantado por Burnyeat. Descreve o cético como alguém que não privilegia o *thymos* pensante entre os órgãos do seu corpo na determinação de sua identidade, pois seus pensamentos também estão sujeitos às leis necessárias da natureza e ao hábito. Portanto, o cético é capaz de tomar uma distância crítica de seus próprios pensamentos, já que eles não coincidem exatamente com a concepção que tem de si próprio. Acrescenta, ainda, que sua identidade não é fixa ou constante, uma vez que as experiências e pensamentos que a constituem são variados e transitórios. Os pensamentos são, portanto, duplamente passíveis de exame crítico e distanciamento. Contudo, esta é uma posição polêmica, já que atribui aos pirrônicos reflexões subjetivas controversas no mundo antigo.

Quanto às acusações relativa à imoralidade de uma vida cética, esboçadas por Annas e

²¹⁸ ANNAS, Julia, ‘Doing without objective values: ancient and modern strategies’, in *The norms of nature*, p. 18 (Why should detachment from values produce relief, and commitment to them anxiety?).

²¹⁹ ANNAS, Julia, ‘Doing without objective values: ancient and modern strategies’, in *The norms of nature*, p. 21.

²²⁰ NUSSBAUM, Martha, *The Therapy of Desire*, p. 314. No artigo citado acima, Annas também afirma que seria imoral seguir os costumes sem qualquer reflexão crítica a seu respeito. Não estaria Nussbaum, porém, subestimando o papel do fenômeno nas decisões morais?

²²¹ McPHERRAN, Mark L., ‘Ataraxia and Eudaimonia in Ancient Pyrrhonism: is the skeptic really happy?’, *Proceeding of the Boston Area Colloquium in Ancient Philosophy Yale 5*, 1989, p. 165-169.

Nussbaum, Laursen²²² defende o pirronismo argumentando que, em dilemas morais, embora pensem de modos diferentes, o cético se comporta de maneira semelhante ao dogmático, mas sem se inquietar indevidamente com sua escolha, o que não deixa de ser uma vantagem. O cético, vivendo conforme os costumes, não abandona os valores morais e, além disso, é capaz de conviver com diversidade de opiniões as quais leva em consideração com cuidado. Portanto, politicamente, os céticos podem ser até mais inclinados a se oporem a injustiças, em vista de seus hábitos dialéticos. Já os dogmáticos, em sua busca pela verdade, podem também ceder a costumes imorais e, o que é pior, defendê-los com veemência devido ao seu compromisso dogmático.

Analogamente, Porchat defende o pirronismo salientando a presença dos valores morais na esfera dos fenômenos. Um condicionamento sociocultural nos impele a agir de tal ou qual maneira, aparecendo-nos certos cursos de ação bons e outros, maus. Dessa feita,

Se um tirano nos ordena uma ação vil sob pena de tortura ou de morte caso não a cometamos, submetido então ao impacto de forças opostas, o instinto de preservação e sobrevivência, de um lado, e nossas exigências morais e nossos valores, de outros, escolheremos eventualmente – oxalá o consigamos – agir conforme nossa formação e educação, seguindo as leis e os costumes em que fomos criados²²³.

Portanto, longe da vertigem moral que Barnes e Annas²²⁴ (e Nussbaum) denunciam, o pirronismo pode representar uma maneira sensata e coerente de se lidar com impasses morais. A própria diversidade de valores e costumes inerente a qualquer sociedade, permite que o cético reaja de maneira genuína, cedendo aos que lhe parecem mais legítimos, e não como um autômato que obedece às leis sem qualquer hesitação.

VII. Conclusão

Por que o cético come alimentos e não grama? Por que põe a comida na boca e não

²²² LAURSEN, John Christian, *Yes Skeptics Can Live Their Skepticism and Cope with Tyranny as Well as Anyone*, p. 225-229.

²²³ PORCHAT PEREIRA, Oswaldo, *Vida Comum e Ceticismo*, p. 196.

²²⁴ ANNAS & BARNES, *The Modes of Scepticism*, p. 167-171.

nos ouvidos? Por que enrola seu manto em volta de si e não em torno de uma pilastra? Por que não atravessa os rios a pé quando a correnteza está alta? Por que evita cobras e lobos? Por que salta na banheira e não de um despenhadeiro? Por que caminha até a porta e não à parede? Estas são algumas das reduções *ad absurdum* atribuídas a Colotes (e rebatidas por Plutarco) ao longo do *Contra Colotes*, para desacreditar os céticos.

Embora, espirituosas, tenham um valor literário, tais perguntas parecem-nos um tanto disparatadas. Acreditamos que as discussões retomadas ao longo do capítulo reforçam a hipótese de que o pirronismo apresenta uma escolha filosófica razoável, facilmente transponível à vida comum. O entendimento segundo o qual é inviável na prática, com efeito, só transparece nos ataques virulentos de rivais detratores, como Antígono, Colotes, Posidônio. Há forte evidência textual sustentando nossa hipótese de que o pirronismo, tendo adotado a noção de fenômeno como critério de ação desde suas origens, corresponde a um ceticismo urbano, mitigado, e não ao ceticismo rústico, que implicaria comportamentos insensatos.

Exposto o debate em torno da vida cética, podemos passar para o *corpus* anedotário e, mais especificamente, para a maneira como incorpora o conteúdo dessa discussão. O desenvolvimento conceitual do pirronismo afetou de maneira inequívoca a composição da vida de Pirro enquanto exemplar cético. A biografia de Pirro, deste modo, não representa apenas um exemplo empírico de vida cética bem ou malsucedida, mas contém também uma série de argumentos teóricos que culminam em certos cursos de ação, continuando o debate filosófico em outro âmbito.

O pirronismo não compreende um bloco monolítico, porém. A doxografia preserva, em certa medida, o seu desenvolvimento histórico: as nuances entre as posições filosóficas sustentadas por Pirro, Timão, Enesidemo e Sexto. Como Sexto Empírico manifesta pouco apreço pelas questões históricas²²⁵, temos de buscar formulações alternativas do ceticismo

²²⁵ Nas obras que conhecemos, Sexto não deseja escrever uma história do pirronismo. A sua abordagem

pirrônico em outras fontes. Em nossa hipótese, as variantes que se encontram no material doxográfico refletem matizes teóricos do pirronismo e guardam grande interesse filosófico.

No quarto e último capítulo, contemplaremos, pois, a construção do exemplar cético em Pirro. Defenderemos que, ao assimilar conteúdo argumentativo das contendas teóricas que envolveram o pirronismo desde seu princípio, o anedotário transcende a dimensão meramente biográfica. À medida que a vida se torna uma pedra de toque para a defesa ou ataque da via filosófica, o valor dado à historicidade dos fatos esmorece. Em vista da miscelânea de opiniões conflitantes que se entrecruzam nos testemunhos, porém, torna-se difícil aquilatar seu valor filosófico. Cabe-nos, assim, revê-los criteriosamente, para não os dispensarmos como triviais, a eles e à filosofia de que são fruto.

do ceticismo e da filosofia, de modo geral, é sempre mais temática do que histórica. Por certo, quando interessa a suas discussões conceituais a retomada de questões históricas, Sexto sempre as faz de maneira bastante cuidadosa. Contudo o eixo de suas obras não é histórico.

Capítulo 4: A vida cética de Pirro

I. Introdução: A manipulação retórica das vidas

Neste último capítulo, examinaremos a expressão concreta do debate em torno da vida cética na biografia de Pirro. Como temos insistido, na medida em que o gênero biográfico se afasta das convenções do histórico – que recomendam a composição de um relato verídico e rigoroso dos fatos – afloram em suas narrativas conteúdos filosóficos, literários, políticos, religiosos. As vidas passam a ser reveladoras do que se supõe uma natural continuidade entre indivíduo e sociedade, vida e obra. As biografias podem ser, assim, uma forma interessante de reproduzir uma realidade que lhes é coetânea. Como reflete Swain:

Neste período o foco biográfico em indivíduos não almeja simplesmente recontar os fatos de suas vidas: preocupa-se em situar tais retratos em contextos sociais, políticos e religiosos. Ao estudá-lo, estamos estudando também os mecanismos da sociedade, na medida em que se constitui na escrita, no âmbito do indivíduo.²²⁶

As biografias reproduzem, pois, informações acessórias em relação ao cerne da vida examinada, mas que são essenciais se quisermos apreendê-las como manifestação de um contexto intelectual. Atribui-se às vidas, portanto, o estatuto de paradigmas, imbuindo-as de acentuada significação cultural.

Ao transcender o simples relato de uma vida, as biografias assumem, por vezes, também uma função instrutiva. No caso das vidas de filósofos, veiculam conteúdos de natureza mais teórica e, sobretudo, empenham-se na formação moral dos indivíduos, partindo de vidas exemplares e contra-exemplares. Plutarco diz que, para si, as *Vidas paralelas* operam como um espelho pelo qual vai-se aprimorando a moral²²⁷. Eunápio, por seu turno, considera que as biografias “permitem adquirir em pouco tempo, graças a uma breve leitura, a experiência de eventos inumeráveis; tornamo-nos velhos, sendo ainda jovens, devido ao

²²⁶ SWAIN, Simon, *Portraits: Biographical Representation in the Greek and Latin Literature of the Roman Empire*, p. 1 (In this period the biographical focus on individuals does not aim simply to recount the facts of their lives: it is concerned with the setting of these portraits in social, political, and religious contexts. By studying it, we are studying the workings of society as constituted in writing at the level of the individual).

²²⁷ *apud* GOULET, *Études sur les vies des philosophes de l'antiquité tardive*, p. 14.

conhecimento de gerações passadas, aprendendo, pois, o que se deve rejeitar e o que se deve escolher”²²⁸. Sendo assim, ao instruírem seus leitores sobre as conseqüências práticas de determinada via filosófica, as biografias tornam-se uma maneira efetiva de se recomendar ou condenar certos cursos de ação.

Há, pois, uma subestrutura retórica nas narrativas biográficas que busca predispor o leitor favorável ou contrariamente ao biografado, a partir de variados mecanismos de persuasão. O colorido literário, o exagero anedótico, a referência a autores consagrados como antecedentes, todos esses recursos almejam tornar o relato da vida mais efetivo. Pelo impacto retórico, espera-se destacar a posição filosófica que motivou a redação da biografia, seja com o intuito de a promover, seja de a difamar.

Em vista desses artifícios literários, não raro delinea-se nas vidas dos filósofos uma tensão fundamental entre o caráter (*éthos*) e a prática (*práxis*), como conseqüência de um ajuste imperfeito entre filosofia e vida. Quando, aos olhos de quem escreve, tornam-se incompatíveis, favorecem a elaboração de uma tradição de narrativas extravagantes. Entendemos que no contraste entre perfis elogiosos e derrisórios, que se entrecruzam nas composições biográficas tardias, sedimenta-se o processo de formulação literária e retórica do gênero biográfico. Desse modo, a sua análise pode nos revelar certas convenções da biografia.

No anedotário de Pirro, a manipulação retórica dos fatos é pronunciada. Bem sabemos que a dimensão literária das vidas céticas torna o seu conteúdo ambivalente. Como temos insistido ao longo da dissertação, muitos dos testemunhos da vida de Pirro derivam de uma via teórica inerente às disputas filosóficas entre as escolas. Nas próximas páginas, esperamos mostrar a maneira como se dá a incorporação do conteúdo teórico nas narrativas biográficas, à luz de sua manipulação literária. Faz-se mister lembrar, que, por refletir

²²⁸ Eunápio, *Crônica*, Introdução, I, *apud* GOULET, *Études sur les vies des philosophes de l'antiquité tardive*, p. 14-15.

embates filosóficos, cada vertente da biografia encerra uma resposta própria ao problema da vida cética.

II. A vida de Pirro enquanto um *tópos* filosófico

Através de um exame da doxografia relativa a Pirro, podemos recuperar modelos paradigmáticos de vida cética, nem sempre consensuais: correspondem a diferentes visões do ceticismo, aventadas por pirrônicos (representantes de diferentes fases) e não-pirrônicas. Se tomarmos as anedotas sobre Pirro que são absurdas, inverossímeis, identificamos nelas, com frequência, alguns princípios céticos levados ao extremo ou, então, críticas de outras escolas ao pirronismo. E é por isto que possuem relevância filosófica: estão contaminadas pelos debates filosóficos.

Dessa maneira, orientando-nos por uma estratégia dos próprios céticos pirrônicos, que respondiam a objeções práticas ao ceticismo com o relato da vida de Pirro, tentaremos verificar se o exemplo de sua vida cética pode constituir efetivamente uma resposta à inviabilidade do ceticismo, enquanto via prática. Torna-se, portanto, indispensável um exame criterioso dos testemunhos, atento às características do gênero na Antigüidade e investigativo em relação às fontes não históricas aproveitadas pelos biógrafos que, nesse caso, são claramente filosóficas.

De início, acreditamos que, pela construção de um exemplar cético, esboça-se uma solução persuasiva para a problematização moral e prática do pirronismo. Segundo Sedley:

[N]ão era a verdade sobre Pirro que importava e sim a lenda que, por bem ou por mal, foi estabelecida permanentemente por seu discípulo e principal divulgador, Timão de Fliunte. Os versos de Timão retratavam Pirro como modelo vivo de vida cética, livre das mentiras e vaidades de filósofos menores, cheios de opiniões; e pode ter sido em grande parte devido ao seu exemplo moral que sentiram que Pirro abriu uma nova fase no ceticismo²²⁹.

229 SEDLEY, *The Protagonists*, p. 10-11 (Here it was not the truth about Pyrrho that mattered but the legend, which was permanently established, for better or worse, by his disciple and chief publicist Timon of Phlius. Timon's satirical verses portrayed Pyrrho as the living model of the sceptical life, free from the falsehood and the vanity of lesser, opinionated philosophers; and it may have been largely by his moral example that Pyrrho was felt to have opened a new phase in scepticism).

O Pirro que nos interessa é, portanto, antes um construto filosófico, que um personagem histórico.

Parece-nos aconselhável um enfoque temático na triagem dos testemunhos. O anedotário que floresceu em torno da vida de Pirro retrata-o de maneiras variadas. Reale, ao discutir as diferentes leituras do anedotário pirrônico, elenca oito vertentes, a saber, 1) gnosiológica-fenomênica; 2) dialética-hegeliana; 3) cienticista; 4) prática-moral; 5) metafísica; 6) antimetafísica, niilista; 7) orientalista; 8) literária²³⁰. Embora Reale concentre-se na reflexão moderna a respeito do pirronismo, algumas dessas vertentes interpretativas refletem tendências já manifestas no material antigo.

Partiremos menos das interpretações contemporâneas, que do próprio conteúdo anedótico. Como nos interessa sobretudo o problema da vida prática cética, sugerimos uma distribuição diferente, já orientada para essa discussão. Propomos, assim, quatro vertentes: (i) a derrisória que combate o pirronismo por meio de ataques diretos a Pirro; (ii) a encomiástica, que o exalta, de maneira a recomendar a vida pirrônica; (iii) a humanizante, que faz certas concessões, reconhecendo em Pirro e no pirronismo inevitáveis limitações; (iv) e, por fim a pragmática, que destaca na vida de Pirro a realização prática do pirronismo. Como conclusão, retomaremos a imbricação entre vida e teoria e as distorções literárias que a narrativa, porventura, tenha sofrido.

O anedotário reiteradamente figura na exemplificação dos textos antigos. O uso de exemplos na tradição filosófica antiga é variado e, não menos, na doxografia. Nem sempre os exemplos são meramente ilustrativos, afinal desempenham funções múltiplas. Segundo Aristóteles, além de clarificar os argumentos que acompanham, podem ser usados como provas e contra-exemplos²³¹. Em discursos morais, com frequência, desempenham uma

²³⁰ REALE, Giovanni, *Ipotesi per una rilettura di Pirrone*, p. 247-288.

²³¹ Aristóteles, *Primeiros analíticos*, 51b25-8, 37a38-b18, 56b33-40, *apud* IERODIAKONOU, *Aristotle's use of examples in the Prior Analytics*, p. 127-152.

função pragmática. Há ainda um amplo uso estético deles. Na *Retórica*²³², Aristóteles volta-se para exemplos em discursos mais literários, identificando duas espécies: exemplos extraídos de fatos passados e exemplos inventados (fábulas, parábolas). Se os fatos passados tendem a ser mais importantes para a deliberação pública, uma vez que o futuro se assemelha ao passado, pode ser difícil encontrar eventos que se conformem perfeitamente ao propósito do texto. Já nos inventados, é mais fácil a construção de analogias que propiciem melhor entendimento. Para o filósofo, em resumo, os exemplos podem ser utilizados como demonstrações, contribuindo para o estabelecimento de provas comuns.

Assim, dependendo da passagem, exemplos tornam o conteúdo teórico mais familiar, participam da estrutura argumentativa do texto, imbuem-se de uma significação moral ou têm um valor estilístico. Segundo Starobinski:

Manifestando a própria originalidade, exemplos apontam para um mundo composto de entidades originais e dissimilares, um mundo de diversidade, no qual o 'testemunho fabuloso' merece, ao menos, certa atenção, se não inteira confiança. Cada novo evento aduzido como um espécimen acrescenta outro traço de cor ao retrato de um mundo variegado, governado pela heterogeneidade, variedade e contradição, mais um retalho para a enorme colcha de retalhos da capacidade humana, contingente e isenta de autoridade normativa²³³.

Neste momento, parece-nos importante uma visão do conjunto dos fragmentos, pois, ao se deslocarem as anedotas para o âmbito da discussão, arranjando-as por temas, acabamos por fraccioná-las de seu contexto de origem. Tomadas isoladamente, tornam-se ambíguas e podem ser mal entendidas: facilmente supomos que integram a estrutura de argumentos contrários. Se, por exemplo, retomarmos o episódio em que Pirro, numa tempestade em alto mar, recomenda aos companheiros de viagem que imitem os porquinhos, comendo imperturbáveis no convés, à ausência do contexto, o intuito da anedota se perde. O autor

²³² Aristóteles, *Retórica*, livro II, capítulo XX, agradeço o Professor Fernando Rey Puente por me apontar essa importante passagem.

²³³ STAROBINSKI, Montaigne en mouvement, p. 18, *apud* LOVLIE, Lars, The Uses of Example in Moral Education (Manifesting their own uniqueness, exempla point to a world composed of unique, dissimilar entities, a world of diversity in which 'fabulous testimony' deserves at least a hearing and perhaps full confidence. Each new event adduced as a specimen adds another dash of colour to the picture of a motley world ruled by heterogeneity, variety and contradiction, another patch to an enormous patchwork of 'human capacity'-contingent and devoid of normative authority).

deseja louvar a serenidade de Pirro ou insinua que os céticos se assemelham aos porcos? Por vezes, mesmo em vista do contexto, as intenções dos autores continuam obscuras, já que a passagem está citada em outros textos e não temos as obras originais, mas apenas uma ou outra citação dela. Acreditamos que a discussão das fontes no segundo capítulo, bem como a tradução da vida de Pirro no Anexo 2, podem, em parte, corrigir os efeitos desses deslocamentos. Feita essa ressalva, passemos ao confronto dos variantes biográficas.

III. Tematização biográfica da vida cética

Vertente derrisória

Ao longo da dissertação, dedicamos bastante atenção ao perfil derogatório que emerge nos relatos biográficos²³⁴. Por representar uma tendência recorrente do gênero biográfico, consideramos importante retomá-lo na discussão das fontes – quando foi identificado em determinados autores – bem como na discussão das críticas antigas à vida cética, muitas vezes, feitas de maneira bastante pessoal. Gostaríamos agora de sintetizar as idéias que temos aventado a esse respeito.

Primeiramente, se nos afigura que é um desdobramento da própria filosofia: cada corrente despende grandes esforços em combater as rivais. O espírito contencioso que existe entre elas, pouco nos surpreende. Se cada uma pretende veicular um conteúdo verdadeiro sobre o mundo, sobre os seres humanos, sobre a natureza, a sua afirmação depende da recusa à legitimidade de outras correntes que consideram verdadeira sua respectiva posição. No mundo grego, em que as práticas antitéticas proliferaram-se de tal maneira, esse embate é tanto mais pronunciado. Para Porchat:

[N]ão é falso dizer que a filosofia se alimenta continuamente de si mesma e de sua própria história, ainda que esta se recorte, em cada caso, segundo as conveniências e exigências peculiares a cada nova manifestação criadora do pensamento filosófico. Mas essa tematização crítica das outras filosofias a que cada filosofia procede é levada a efeito através de uma “redução” dessas outras às razões que lhe são próprias e às dimensões do universo instaurado

pelo seu próprio discurso; rivais e concorrentes são assim despojadas de sua autonomia e privadas de qualquer fundamentação possível para as teses correspondentes às intenções originais que as animam²³⁵.

Ao que parece, tais críticas revelam mais sobre quem as formula, que sobre aqueles que são atacados. Adotam recortes e formas de discurso próprias a quem as elabora. Assim, no caso de Pirro, as anedotas derrisórias refletem em grande medida os acadêmicos, estóicos, peripatéticos, epicuristas e cristãos que o hostilizam, investindo justamente contra aspectos do pirronismo que ameaçam suas próprias posições.

Dessa feita, o embate entre escolas extravasa para as narrativas biográficas. Pelo ataque pessoal a figuras eminentes de certa escola, pretende-se desautorizar a posição filosófica por elas avançadas. Os ataques partem, em grande medida, de um repertório comum: aproximam os rivais aos animais; deduzem conseqüências absurdas de suas teorias na vida prática; acusam certos filósofos de plagiarem antecessores. Essas são todas críticas presentes na vida de Pirro. A recorrência dos episódios na tradição torna os ataques familiares e ricos em associações metaliterárias.

O exemplar negativo não se reduz, pois, a vitupérios e ultrajes. Tampouco o seu deciframento representa uma tarefa simples, na medida em que integram-no inúmeras referências literárias e filosóficas. Todavia, acreditamos que o perfil contra-exemplar nem sempre reflete a filosofia que pretende retratar. Uma maneira de avaliar a natureza de sua contribuição está em pensar a diferença entre polêmica e dialética nos testemunhos que o compõem. Quando forem meramente polêmicas, suas referências tenderão a ser mais literárias e formulares, tornando-se pois ilustrativas do processo de elaboração literária das vidas e das convenções do gênero em que se inserem, mas pouco representativas do debate filosófico. Quando forem de natureza dialética, porém, serão elaboradas a partir de material mais argumentativo, conservando, assim, aspectos teóricos tanto da corrente filosófica combatida, quanto da de seus críticos.

235

PORCHAT, *Vida comum e ceticismo*, p. 11.

Em certos momentos na vida de Pirro, com efeito, são retomados episódios consagrados da tradição literária meramente para efeito retórico, como é o caso do alheamento de Pirro quando da queda de Anaxarco em um pântano, um episódio formular, recorrente na literatura grega, como já se mencionou²³⁶. Em outros, uma disposição originalmente razoável, distorcida nos relatos de seus adversários, torna-se inaceitável somente devido ao exagero. A suspensão de juízo não é em si inviável, apenas parece o ser quando estendem-lhe a aplicação para além do âmbito em que os céticos a conceberam, atingindo também as impressões fenomênicas. A partir disso, concebe-se um Pirro pouco verossímil que ignora todos os perigos: carroças, cães e precipícios. Por fim, ainda em outros momentos, o perfil contra-exemplar retoma pontos de impasse entre correntes rivais da perspectiva de quem escreve, refletindo as próprias convicções e representando de maneira pouco generosa a posição do biografado. Quando Aristocles faz um ataque epistemológico ao pirronismo, afirmando que, à ausência de crenças e opiniões, o pirronismo subtrairia a base mesma do conhecimento e incorreria em um estado de apraxia, quer, sobretudo, defender a epistemologia peripatética, fundamentada nas sensações (*aísthesis*) e na razão (*lógos*).

Acreditamos, portanto, que as críticas à vida cética, no anedotário, embora tenham grande interesse literário, teórico e historiográfico, a princípio, não anulam o exemplar positivo forjado pelos adeptos do pirronismo. São, assim, por vezes, menos reveladoras do próprio pirronismo que das escolas rivais: preservam a bateria argumentativa dessas escolas e refletem o enfoque que davam a questões de impasse com o pirronismo.

Vertente encomiástica

Contraposta à versão derrisória, temos a encomiástica. Mais que esboçar um exemplar de vida cética, facilmente transponível para a vida comum por seus seguidores, tal perfil

236

Cf. Capítulo I, n. 60.

deseja exaltar a memória de Pirro. Compõe um retrato bastante pessoal que deriva principalmente do relato de testemunhos de primeira mão, como os de seus discípulos. Timão, em especial, torna-se arauto do pirronismo, dedicando-se à missão propagandística de promover tudo relativo ao seu mestre. As passagens encomiásticas, frutos desse fim encerram menos referências teóricas que as demais. São, em todo caso, civadas de elementos formulares, evidenciando outro componente importante das biografias antigas.

Deparamos-nos, não raro, com uma exaltação dos biografados que os aproxima do divino. Ao escrever sobre as biografias do período imperial, Cox²³⁷ estabelece uma série de traços que marcariam o arquétipo do divino (*théios*). O contato com o Oriente, tido como *locus* de maior espiritualidade, quase sempre figura nas vidas desses biografados. Muitas vezes, a conversão à filosofia dá-se em viagens a terras longínquas que simbolizam a busca pelo conhecimento. Em alguns poucos casos, como o de Pitágoras e o de Apolônio, a divindade se insinua em seu próprio nascimento, sendo tidos por filhos de deuses. Sábios e piedosos, todos eles seguem uma vida ascética. Em geral, além de filósofos, desempenham outras funções associadas ao divino: são poetas, sacerdotes, mestres, conselheiros públicos²³⁸.

Na vida de Pirro atestamos várias das características enumeradas por Cox. Em primeiro lugar, o contato com o Oriente foi considerado marcante para sua filosofia. As viagens solitárias tendem a ser mais características de filósofos interessados em fenômenos naturais, mas aqueles que, como Pirro, se voltam principalmente para problemas morais ou epistemológicos, valem-se de suas viagens para observar outros povos e costumes. Pirro pôde fazê-lo quando esteve no Oriente, participando da expedição de Alexandre Magno. O contato com os gimnosofistas²³⁹ e com os magos persas é, muitas vezes, destacado como central na formulação do pirronismo: indiferença, ausência de afecções, afasia e tranquilidade são todos

²³⁷ COX, *Paradigms of the Divine*, p. 17-44.

²³⁸ Dodds, também destaca os campos variados de atuação dos filósofos (cf. *The Greek Shaman and the Origin of Puritanism, The Greeks and the Irrational*).

²³⁹ Sobre o contato entre a expedição de Alexandre e os gimnosofistas, cf. STONEMAN, *Naked Philosophers: The Brahmins in the Alexander Historians and the Alexander Romance*, p. 99-114.

estados reminiscentes da filosofia oriental. Outros aspectos do pirronismo podem também ser devedores de um relativismo oriental. Por fim, há quem reconheça em textos budistas um paralelo próximo de uma passagem em Eusébio²⁴⁰. Todavia, cabe atenuar esses paralelos. Não se deve esquecer que a influência oriental, para os antigos, era investida de um significado simbólico e pitoresco. Se, com efeito, há pontos de contato entre o pirronismo e o oriente, há também antecedentes na filosofia grega. Então, a ênfase no oriente pode ser compreendida também como tendo um sentido figurado.

Para Conche²⁴¹, o pirronismo seria fruto dessas viagens de uma maneira mais radical. Pirro, cuja formação filosófica se dera em parte no Oriente, teria participado de um momento de transformação na Antigüidade. A expansão do império de Alexandre – a partir da Macedônia até a Índia – e a passagem por regiões incógnitas para os gregos operavam mudanças na maneira helenística de conceber o mundo. Com efeito, o contato travado com culturas novas, adeptas de seus próprios costumes e cosmovisões, punha em xeque as certezas da filosofia e da moral gregas. Na própria corte de Alexandre, o conflito entre opiniões prevalecia, já que se cercara de filósofos representantes de diferentes correntes: um cínico, um atomista, um peripatético, um hindu (Onesicrito, Anaxarco, Calístenes e Calano, dentre outros). O pirronismo, reflexo de uma época de profundas transformações, teria assimilado este confronto entre culturas em suas práticas filosóficas.

Em terras gregas, a região de Delfos exerce uma influência também auspiciosa sobre os filósofos, ainda que em menor grau que o Oriente. Além do sentido simbólico associado ao Templo de Delfos, torna-se também uma referência socrática, pois foi a pitonisa, sacerdotisa do templo, que declarou ser Sócrates o mais sábio dos homens. A partir de fragmentos do *Pítion*, já mencionados, sabemos que Timão teria conhecido Pirro justamente

²⁴⁰ Trata-se do *tetralemeta* no fragmento da indiferença das coisas, em que Timão aconselha permanecerem sem opiniões, inclinações e hesitações, dizendo das coisas “não mais que é, do que não é, do que é e não é, do que nem é nem não é.” Cf. Capítulo 3, n. 44. Cf. FLINTOFF, “Pyrrho and India”, p. 88-108.

²⁴¹ CONCHE, *Pyrrhon ou l'apparence*, p. 24-42.

nessa região, nas proximidades do Templo de Anfíarau²⁴². Esses são, pois, dados que remetem à vida errante de Pirro, que, muitas vezes, afastava-se de casa sem avisar ninguém e vagava com quem quer que quisesse²⁴³. Como sugere Montiglio, “o vagar (dos filósofos da Antigüidade) conotava um *status* ambíguo na sociedade – estando dentro e fora dela – e, assim, acentuava seu carisma e concedia-lhes uma aura de superioridade”²⁴⁴.

Tais viagens teriam marcado Pirro em sua filosofia, bem como no modo de vida que adota e recomenda. Associa-se, não raro, a vida ascética de Pirro a sua viagem ao Oriente, na qual teria adquirido resistência física e moral. São muitas as passagens que o parecem indicar. A primeira que faz o liame entre o Oriente e a sua decisão de levar uma vida ascética é o episódio em que teria escutado “um indiano reprovar Anaxarco (dizendo) que não poderia ensinar ninguém a ser bom, freqüentando a corte real”²⁴⁵. A seqüência é pontilhada de alusões a traços de uma vida ascética: Pirro vivia piedosamente com a irmã (DL 9.66); sua indiferença era tal que, se o abandonassem no meio de um discurso, concluía-o para si mesmo (DL 9.63); levava porcos e galinhas ao mercado e, indiferentemente, limpava a casa, tendo, certa vez, inclusive lavado um porco (DL 9.66); teria também uma grande resistência à dor, *apátheia*, “conta-se que ao lhe aplicarem um remédio anti-séptico em um corte e lhe cauterizarem uma ferida, sequer franziu o cenho”²⁴⁶. É curioso como, por vezes, a tradição encomiástica reinterpreta episódios derivados da tradição derrisória, tentando incorporá-los ao seu repertório. Como exemplo mais claro disso, quando Anaxarco cai em um pântano e Pirro segue seu caminho, atribuem a Anaxarco um elogio à indiferença e natureza impassível de seu discípulo (DL 9.63).

²⁴² Cf. supra capítulo 1, seção IV; capítulo 2, n. 12.

²⁴³ DL 9.63 (πολλάκις, φησί, καὶ ἀπεδήμει, μηδενὶ προειπών, καὶ συνερρέμβετο οἷσσισιν ἠθελειν).

²⁴⁴ MONTIGLIO, *Wandering Philosophers in Classical Greece*, p. 86 (“Wandering connoted their ambiguous status in society – both in and out – and thereby enhanced their charisma and endowed them with an aura of superior power”).

²⁴⁵ DL 9.63 (τοῦτο δὲ ποιεῖν ἀκούσαντ’ Ἰνδοῦ τινος ἐνειδιζοντος Ἀναξαρχῶ ὡς οὐκ ἂν ἕτερον τινα διδάξει οὗτος ἀγαθόν, αὐτὸς αὐλᾶς βασιλικᾶς θεραπέων.).

²⁴⁶ DL 9.67. (Φασὶ δὲ καὶ σηπτικῶν φαρμάκων καὶ τομῶν καὶ καύσεων ἐπὶ τινος ἔλκειος αὐτῶ προσενεχθέντων, ἀλλὰ μηδὲ τὰς ὀφρῦς συναγαγεῖν).

Temos também vários sinais de reconhecimento público da cidade de Élicia a Pirro. Segundo Pausânias, erigiram-lhe uma estátua²⁴⁷. Por sua conta, “votaram a isenção de impostos para todos os filósofos” (DL 9.64). Igualmente característico do “arquétipo divino”, é o fato de ter exercido um sacerdócio. Segundo Diógenes Laércio, ainda em 9.64, “foi de tal maneira honrado pela sua pátria, que ordenaram-no sumo-sacerdote”²⁴⁸.

A expressão mais clara da vertente encomiástica encontra-se em Timão, que sempre representa o seu mestre aproximando-o do divino. Como vimos no Capítulo 3, Timão considera que nenhum ser humano rivaliza com Pirro, que sua vida equânime surge da natureza do divino e do bem, estando, assim, imune às vaidades que subjagam o comum dos mortais. Além das passagens já citadas, há outra, nos *Indalmoi*, em que compara Pirro à orbe solar, uma referência ao deus Apolo:

Isto, ó Pirro, meu coração deseja entender,
 como, sendo mortal, facilmente conduz uma vida tranqüila,
 sempre sem cuidados e sem agitações, no mesmo estado,
 não se aproximando dos redemoinhos da sabedoria de doces palavras
 único a guiar os mortais, à maneira de um deus,
 que gira para cá e para lá, viajando toda a terra,
 mostrando o círculo incandescente da esfera bem torneada²⁴⁹.

Para Timão, portanto, seu mestre, além de se elevar acima dos mortais, compara-se aos deuses²⁵⁰. Sexto, habituado às práticas da equipolência, apresenta outras leituras possíveis que matizam o elogio rasgado a Pirro, embaraçoso para um cético suspensivo. Elenca, assim, três interpretações diferentes da passagem. Um gramático pode entendê-los como uma

²⁴⁷ Pausânias, *Graeciae descriptio*, IV 24,5, apud DECLEVA CAZZI, *Pirrone testimonianze*, fr. 12.

²⁴⁸ οὕτω δ' αὐτὸν ὑπὸ τῆς πατρίδος τιμηθῆναι ὥστε καὶ ἀρχιερεῖα καταστήσαι αὐτὸν καὶ δι' ἐκεῖνον πᾶσι τοῖς φιλοσόφοις ἀτέλειαν ψηφίσασθαι. Conche (*Pyrrhon ou l'apparence*, p. 17) acredita que Pirro teria sido sacerdote de Hades. Primeiramente, porque Hades foi inimigo de Hércules, patrono dos estoicos. Em segundo lugar, na guerra de Tróia, ele não se inclinou por um lado nem pelo outro. Por fim, era o Deus da morte e, para Conche, a meditação pirrônica é uma meditação da morte.

²⁴⁹ Fragmento reconstituído a partir de Sexto Empírico, *Adv. math* I, 305, XI, 1 e DL 9.65 (τοῦτό μοι, ὁ Πύρρων, ἰμείρεται ἦτορ ἀκοῦσαι, / πῶς ποτ' ἀνὴρ διαγεῖς ῥῆστα μεθ' ἡουχίης, / αἰεὶ ἀφροντίστως καὶ ἀκινήτως κατὰ ταῦτά, / μὴ προσέχων δίνοις ἡδυλόγου σοφίης, / μόνος δ' ἀνθρώποισι θεοῦ τρόπον ἡγεμονεύεις, / ὅς περὶ πᾶσαν ἑλκῶν γαῖαν ἀναστρέφεται, / δεικνὺς εὐτόρνου σφαιρῆς πυρκαϊώτα κύκλον).

²⁵⁰ Encontramos, em Lucrécio (*De rerum natura*, III, 1042-44), uma passagem que exalta Epicuro em termos semelhantes: “E o próprio Epicuro morreu tendo percorrido a luz da vida, o Epicuro cujo gênio superou a raça humana, a todos apagou, como a estrelas pelo levantar do sol no éter”. (*ipse epicurus obit decurso lumine vitae, / qui genus humanum ingenio superavit, et omnis restinxit, stellas exortus ut aethernus sol*)

homenagem de Timão a Pirro. Um outro aí encontra uma contradição, já que o sol clareia, enquanto o cético tudo obscurece. O verdadeiro filósofo, no entanto, entenderá que Pirro se assemelha ao sol na medida em que este ofusca aqueles que o contemplam atentamente. O cético, assim, retira de quem o escuta uma visão clara das coisas. Percebe-se, com isso, que a vertente encomiástica, dominada pelo projeto apologético daquele que contempla, tende a reunir testemunhos pouco filosóficos, guardando pois um interesse mais literário que teórico.

Vertente humanizante

O terceiro conjunto de anedotas tenta mitigar a representação que resulta das demais. Este conjunto empenha-se em restabelecer um equilíbrio entre as vertentes derrisória e encomiástica, perfilando Pirro como humano e sujeito a falhas. Garante-lhe uma recepção mais favorável, justamente em vista dessas falhas. No âmbito argumentativo, parece fazer concessões aos seus críticos, não por reconhecer uma derrota, mas com o intuito de tornar mais sólida a posição cética, a partir de um relato que ganha em plausibilidade e coerência. Ao desmistificar Pirro, concede à sua posição filosófica uma dimensão mais real e factível.

Em ínfimos detalhes, sobressai a ciência pirrônica da fragilidade humana. Pirro admirava Homero por assemelhar os humanos a vespas moscas e aves. Citava, reiteradas vezes, um verso da *Ilíada*, em que se destaca a efemeridade da vida humana: “qual a geração das folhas, tal a dos homens”²⁵¹. Outros versos que apreciava retomam a constante da mortalidade humana: “Morres, amigo, também tu. Por que te lamentas assim? Morreu também Pátroclo, que era muito melhor que ti”²⁵². Era, portanto, avesso às vaidades humanas. Como mencionamos acima, sensibilizaram-no as censuras feitas a Anaxarco, em vista da vida de intempéries que levava na corte real de Alexandre (DL 9.63).

Segundo Diógenes Laércio, o próprio Pirro não teria subestimado o desafio de se

²⁵¹ *Ilíada* VI, 146 *apud* DL 9.67 (οἷη περ φύλλων γενεή, τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν).

²⁵² *Ilíada* XXI, 106 *apud* DL 9.67 (ἀλλά, φίλος, θάνε καὶ σὺ· τίη ὀλοφύρεαι οὕτως; ἐάτηνε καὶ Πάτροκλος, ὃ περ σέο πολλὸν ἀμείνων).

manter indiferente em todas as circunstâncias. A passagem mais importante que o indica está em DL IX 66, na qual Diógenes narra dois episódios: o primeiro, sobre quando ele se enfureceu, em defesa de sua irmã, Filista; o segundo, quando um cão se lançou contra ele e Pirro se amedrontou. Criticado pela perturbação que demonstrou em ambas situações, Pirro respondeu aos críticos que não deveria demonstrar indiferença em relação a uma mulher e que não era fácil manter-se acima das fraquezas humanas. Em expressão lapidar, conclui ser difícil despir-se completamente do humano²⁵³.

A anedota de Filista guarda especial interesse, pelo fato de conhecermos uma versão mais extensa em Aristocles²⁵⁴. Aprendemos que um dos amigos de Pirro prometera a Filista o necessário para realizar um sacrifício e não cumprira a promessa, obrigando Pirro a adquiri-lo. Assim, por conta de sua irmã, Pirro irritou-se com o amigo. Este, por sua vez, o censurou por não agir conforme seus discursos, não dando mostras de sua ausência de afecções (*apátheia*). Como bem observa Brunshwig, o curioso é que Diógenes Laércio menciona indiferença, enquanto Aristocles fala em ausência de afecções (*apátheia*), termos que estão longe de se equivaler, mas que, em todo caso, são repetidamente aproximados²⁵⁵. À luz das circunstâncias que levaram Pirro a se irritar, cedendo a naturais sentimentos de fraternidade, podemos enquadrar a sua reação em um dos estados correlatos da ataraxia – a suavidade ou gentileza, *praiótes*, também buscada pelo cético – e não apenas taxá-la como um rompimento em relação a sua habitual *apátheia*. Segundo Diógenes Laércio, “alguns dizem ser a ausência de afecções (*apátheia*) o fim dos cétricos, outros dizem ser a suavidade (*praiótes*)”²⁵⁶.

Por fim, integram esse empenho as anedotas que humanizam também os discípulos de Pirro, apresentando-os, não como ascetas imperturbáveis, mas como mortais susceptíveis aos

253 DL 9,66 (χαλεπὸν εἶη ὀλοσχερῶς ἐκδύναί τὸν ἄνθρωπον).

254 Aristocles *apud* Eusébio, *Praep. ev.* XIV 18, 26. Para um confronto entre as duas versões, cf.

BRUNSCHWIG, *Pyrrhon et Philista*, p. 133-146.

255 BRUNSCHWIG, *Pyrrhon et Philista*, p. 137.

256 DL 9,108 (τινὲς δὲ καὶ τὴν ἀπάθειαν ἄλλοι δὲ τὴν πραότητα τέλος εἶπεῖν φασὶ τοὺς σκεπτικούς).

ímpetos das paixões. Conta-se que Euriloco, por exemplo, em um acesso de raiva, teria perseguido seu cozinheiro, ameaçando-o com um espeto cheio de carnes. Em outras circunstâncias, o mesmo Euriloco teria se jogado no rio Alfeu e o atravessado a nado para escapar de pessoas demasiadamente inquisitivas²⁵⁷.

Ao atenuarem os efeitos do ceticismo nas afecções humanas, essas anedotas harmonizam melhor a vida à teoria. A impassibilidade e indiferença céticas deixam, assim, de ser associadas à apraxia ou inércia, preconizando cursos de ação mais razoáveis. Sob esta perspectiva, os relatos da vida de Pirro nem sempre se conformam com uma indiferença inquebrantável e adquirem maior verossimilhança.

Para Brunschwig, ainda, o caso de Filista e outros semelhantes permitem-nos, não somente interpretar a filosofia de Pirro, mas interpretar o próprio conflito de interpretações a seu respeito²⁵⁸. As anedotas humanizantes parecem aderir a um entendimento urbano do seu pirronismo (marcado, neste episódio, por certa suavidade e gentileza), em contraste com o ceticismo rústico (marcado, por sua vez, por indiferença e insensibilidade) que, por exemplo, a vertente derrisória apresenta. Está sinalizado nelas, portanto, o desacordo entre as principais correntes exegética do pirronismo.

Vertente prática

O último grupo de anedotas é, possivelmente, o mais relevante para a discussão da vida cética. Nele, apesar da relação estreita entre vida e teoria, esta se torna um meio para se realizar aquela da melhor maneira possível. A filosofia é, pois, secundária: importam, sobretudo, suas conseqüências de ordem prática e, concomitantemente, as soluções que apresenta para problemáticas morais e que viabilizam uma vida cética feliz.

²⁵⁷ DL 9,68-69 (φασὶ γὰρ ὡς οὕτω παραξύνθη ποτὲ ὥστε τὸν ὀβελίσκον ἄρας μετὰ τῶν κρεῶν ἕως τῆς ἀγορᾶς ἐδίωκε τὸν μάγειρον. καὶ ἐν Ἡλίδι καταπονούμενος ὑπὸ τῶν ζητουπτῶν ἐν τοῖς λόγοις, ἀπορρίψας θοιμάτιον διενήξατο πέραν τὸν Ἀλφειόν.)

²⁵⁸ BRUNSCHWIG, Pyrrhon et Philista, p. 145.

Em alguma medida, o destaque dado à vida comum, bem como aos meios para torná-la feliz, é uma tendência corrente na filosofia moral da Antiguidade. Em seus primeiros diálogos, Platão assinala a interdependência entre felicidade (*eudaimonia*), virtude (*areté*) e conhecimento (*epistémé*). Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles aponta a felicidade (*eudaimonia*) como fim da ação humana²⁵⁹. A escola de Anaxarco, por seu turno, era chamada “eudemonista” e ele, “o homem feliz” (eudemônico)²⁶⁰. Os epicuristas, também elegendo-a como fim, identificavam os prazeres como meio para se alcançar a vida feliz.

A finalidade eudemonista sobressai também no anedotário pirrônico que tende a privilegiar os aspectos práticos da vida cética. Os benefícios de uma disposição cética – o estado de tranqüilidade, indiferença, apatia, afasia, suavidade – figuram em um grande número de anedotas. Certamente, como se concluiu no Capítulo 3, os primeiros pirrônicos ocupam-se menos das questões epistemológicas ou metafísicas, que das morais. É por isso que esse nos parece ser, juntamente com os testemunhos humanizantes, o conjunto de anedotas mais importantes para a discussão da vida cética. Suas narrativas, diferentemente das vertentes derrisória e encomiástica, tendem a ser mais plausíveis e verossímeis.

Brochard foi talvez o primeiro, dentre os contemporâneos, a destacar o viés prático em Pirro e Timão. Este parece-lhe predominar de tal maneira no quadro do primeiro pirronismo, que afirma: “caso se queira ter uma idéia mais exata do que foi Pirro, é a sua biografia que se deve estudar, é para o retrato que os antigos deixaram dele que se deve voltar toda a atenção”²⁶¹. Como herança do primeiro pirronismo, os céticos ulteriores combateram o dogmatismo das demais escolas sem oferecer outro com o qual substituí-lo. Contentaram-se, com efeito, em buscar uma orientação prática pela qual se conduzirem na vida.

Ao longo da biografia de Pirro, proliferam expressões com o propósito de explicitar a

²⁵⁹ Cf. Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 1095 a-b.

²⁶⁰ DL 9,60.

²⁶¹ BROCHARD, *Les sceptiques grecs*, p. 68 (*si l'on veut se faire une idée exacte de ce qu'a été Pyrrhon, c'est sa biographie qu'il faut étudier, c'est au portrait que les anciens nous ont laissé de lui qu'il faut accorder toute son attention*).

dimensão prática das idéias teóricas expostas: “cada coisa não é mais isso do que aquilo; e Pirro seguia isso também na vida”²⁶². Com efeito, segundo Diógenes Laércio, “certa vez, Pirro foi tomado de surpresa quando falava consigo mesmo e, ao lhe perguntarem o motivo, disse que treinava para ser um homem de bem”²⁶³. Almejava antes os efeitos práticos e morais do exercício, que os intelectuais. Pouco adiante, Nausifanes recomenda aos seus discípulos que sigam Pirro na disposição (prática) e os discursos dele próprio (teoria)²⁶⁴. A distinção entre *diáthesis* (disposição) e *lógoi* (discursos) é emblemática, marcando bem a orientação do pirronismo. Em outros tantos trechos, a busca por uma vida feliz parece sobrepujar as pesquisas de cunho teórico.

A passagem mais expressiva, contudo, encontra-se em DL 9.66. Mencionada há pouco, nela Pirro defende-se de críticos que o censuram por ter manifestado o medo que sentiu quando foi perseguido por cães. A experiência o conduz à conclusão de que “contra as coisas, é necessário, primeiramente, se possível, lutar pelas ações e, se não o for, pelo discurso”²⁶⁵. Dessa apotegma, podemos recuperar o conteúdo do ceticismo de Pirro. Primeiramente, Pirro compreende seu ceticismo como uma disposição indiferente e isenta de afecções, que deveria ser demonstrada, prioritariamente, em suas ações. Mas reconhece a dificuldade em sustentar esse estado e admite, caso seja impossível manter-se indiferente em suas ações (prática), cabe preservá-la em seu discurso (teoria). Ou seja, segundo essa passagem, o ceticismo seria antes de tudo adotado na vida comum, tendo menor importância discursiva. Falhando, todavia, a sua realização na prática, resta-lhe reafirmar sua posição

²⁶² DL 9.61 (οὐ γὰρ μᾶλλον τόδε ἢ τόδε εἶναι ἕκαστον. Ἀκόλουθος δ' ἦν καὶ τῷ βίῳ). Sexto Empírico se expressa de maneira quase idêntica, em *HP* III, 2, quando diz: “seguimos a vida não dogmaticamente” (τῷ μὲν βίῳ κατακολουθοῦντες ἀδοχάστως).

²⁶³ DL 9.64 (Καταληφθεῖς δέ ποτε καὶ αὐτῷ λαλῶν καὶ ἐρωτηθεῖς τὴν αἰτίαν ἔφη μελετᾶν χρηστὸς εἶναι).

²⁶⁴ DL 9.64 (ὅθεν καὶ Νausifάνην ἤδη νεανίσκον ὄντα θηραθῆναι, ἔφασκε γούν γίνεσθαι δεῖν τῆς μὲν διαθέσεως τῆς Πυρρωνείου, τῶν δὲ λόγων τῶν ἑαυτοῦ).

²⁶⁵ διαγωνίζεσθαι δ' ὡς οἶόν τε πρῶτον μὲν τοῖς ἔργοις πρὸς τὰ πράγματα, εἰ δὲ μή, τῷ γὰρ λόγῳ.

através do discurso. Como Pirro nada escreveu, é provável que aplicasse o termo *lógoi* (palavras, discursos) aos debates filosóficos. Então, a anedota parece confirmar que Pirro considerava a formulação teórica *menos* importante que a prática cética. Brochard inclusive, em reconhecimento ao desdém pela dialética sofística que atribui a Pirro e Timão, denomina a primeira fase do ceticismo de *ceticismo moral* ou *prático*, opondo-a aos ceticismos acadêmico e pirrônico ulteriores, de fundamento mais argumentativo:

Toda a sua ambição [i.e. de Pirro e Timão] se limitou a encontrar um meio de viverem felizes e tranquilos. A moral ou – se esta palavra é excessivamente precisa para designar uma filosofia que não admite a distinção natural entre o bem e o mal – a vida prática é o essencial aos seus olhos. Nisso, são ainda bastante socráticos; mas Sócrates fundava a moral sobre a ciência: eles tentaram fundá-la sobre a negação da ciência, ou melhor, fora da ciência. Podemos denominar este período de ceticismo moral, ou se este nome for equívoco, de ceticismo prático. O segundo período (...) compreende Enesidemo e seus sucessores imediatos. Ele apresenta um caráter em tudo contrário ao que lhe precede: o ceticismo torna-se sobretudo dialético²⁶⁶.

Um mérito da vertente prática é que nela podemos conciliar tradições dispares sobre Pirro, a dos próprios pirrônicos e a de Cícero²⁶⁷. A interpretação moralizante e dogmática que Cícero faz do Pirronismo parece destoar dos demais testemunhos. Contudo, se dispensarmos o entendimento dogmatizante (segundo a qual Pirro teria aderido a teses metafísicas positivas), a posição moral que Cícero enfatiza se torna bastante compatível com as anedotas de cunho mais prático: a ênfase que coloca na indiferença e na apatia²⁶⁸ pode ser também percebida em outros testemunhos. Dessa feita, a interpretação de Cícero e os testemunhos que

²⁶⁶ BROCHARD, V., *Les Sceptiques Grecs*, p. 38 (*Toute leur ambition se borne à trouver un moyen de vivre heureux et tranquilles. La morale, ou, si ce mot est trop précis pour désigner une philosophie qui n'admet pas de distinction naturelle entre le bien et le mal, la vie pratique, est l'essentiel à leurs yeux. En cela, ils sont bien encore des socratiques; Socrate fondait la morale sur la science; ils ont essayé de la fonder sur la négation de la science, ou plutôt en dehors de la science. On pourrait désigner cette période sous le nom de scepticisme moral, ou, si ce nom est équivoque, de scepticisme pratique. La deuxième période comprend Enésidème et ses successeurs immédiats. Elle présente un caractère tout opposé à celui de la précédente: le scepticisme devient surtout dialectique.*). Como veremos na seção seguinte, porém, não nos parece ser inequívoca essa hipótese que recusa aos primeiros pirrônicos qualquer grau de elaboração teórica do ceticismo.

²⁶⁷ Como vimos no terceiro capítulo, Cícero apresenta Pirro como um moralista acerbo, entre os mais severos da Antigüidade. Assim como os testemunhos sob exame, insiste muito na indiferença e apatia como características de Pirro. Por certo, como foi discutido, tal perfil parece distorcer o ceticismo de Pirro, possível efeito da rivalidade entre ceticismos acadêmico e pirrônico. A afirmação de que, para Pirro, a virtude e a honestidade seriam o bem supremo, por exemplo, é incompatível com os demais testemunhos, em que ele diz que bem e mal são assim por convenção. Mas as passagens em que coloca ênfase em sua orientação moral, permitem um confronto interessante com trechos da *Vida de Pirro* de Diógenes Laércio.

²⁶⁸ Cf. Cícero, *Academica* II 42, 130; *De finibus* II 13, 43; *De finibus* IV 16, 44.

integram a vertente prática parecem confirmar-se reciprocamente.

O conteúdo prático que se extrai da vida de Pirro merece, portanto, consideração. Outros céticos o tomam como fundador e exemplo de ceticismo, justamente em vista de seu estilo de vida. Segundo Sexto, em uma passagem já citada no Capítulo 2²⁶⁹, Pirro é adotado como fundador do ceticismo devido à base moral de sua vida, o ceticismo pirrônico é um meio para se dispensar as preocupações geradas pelo dogmatismo (PH, I,12). Enesidemo também encontra em Pirro um modelo de tranqüilidade moral e prática que se conforma bem com suas motivações filosóficas.

Em síntese, a orientação prática do conteúdo de certas anedotas, caso a transposição do ceticismo para a esfera comum seja bem-sucedida, leva à consagração da vida cética como exemplar. Na medida em que incorpora um ideal, a vida de Pirro opera como argumento central na defesa do pirronismo e da viabilidade do modo de vida cético.

IV. A biografia de Pirro em seus aspectos teóricos

Como conclusão, gostaríamos de retomar a imbricação entre vida e filosofia. A ênfase dada aos aspectos empíricos da vida de Pirro poderia nos conduzir a uma interpretação que consideramos equivocada: a de que Pirro seria refratário a toda e qualquer elaboração de cunho teórico. No que segue, tentaremos reverter essa possível impressão.

A suposta idéia de que Pirro e Timão pouco se debruçaram sobre questões teóricas representa um arranjo atraente que reforça uma evolução forjada do ceticismo antigo: Pirro teria sido um rústico, subtraindo-se ao turbilhão das disputas filosóficas, e Arcesilau teria adotado a disposição pirrônica acrescentando-lhe uma tendência dialética mais viva, legado platônico. Brochard, adepto desse entendimento histórico do ceticismo antigo, afirma que

²⁶⁹ Cf. Capítulo 2, n. 59.

Pirro teria desdenhado a dialética e que Timão teria zombado dela²⁷⁰. Outros tantos comentadores, prováveis seguidores da interpretação de Brochard, insistem em um certo misologismo da parte de Pirro. De fato, há alguma evidência textual que o representa como avesso às discussões dos sofistas. Em um fragmento de Timão, percebemo-la:

Ó velho, ó Pirro, como e partir de que encontrastes uma fuga da servidão às opiniões e vacuidade dos sofistas? E como te libertastes de todos os grillhões e estratagemas da persuasão? Não te ocupastes destas coisas inquirir: que sopros correm a Hélade, de onde (vem) cada coisa e o que atinge²⁷¹.

Alguns dos discípulos de Pirro também parecem refletir certa rejeição pirrônica da sofística. Euríloco era belicosíssimo em relação aos sofistas²⁷² e, em uma passagem já citada, teria se lançado em um rio e o atravessado a nado para escapar das inquisições às quais o submetiam. Filon de Atenas teria adotado hábitos solitários, incompatíveis com as disputas verbais: “dentre os seres humanos, é o que estuda sozinho e fala sozinho, não se ocupando de glória ou de querelas”²⁷³. Timão, por sua vez, é bastante corrosivo em seu ataque à sofística (e a tudo o mais). Contudo, difamar os sofistas não seria uma espécie de esporte entre os filósofos da Antigüidade? Podemos deduzir disso que repudiassem também as “discussões sérias” dos filósofos?

Acreditamos que não. Vários elementos do *corpus* doxográfico contrariam a representação de Pirro como misólogo. Segundo Diógenes Laércio, “nas investigações, ninguém o menosprezava, pois falava extensamente e a propósito das perguntas”²⁷⁴. Dentre seus antecessores, estavam Brisson e Estilpo, pertencentes à escola megárica, conhecida por seu gosto por discussões sem fim. O próprio Timão, embora censurasse a natureza vã das

270 BROCHARD, *Les sceptiques grecs*, p. 90 (*Pyrrhon avai dédaigné la dialectique, Timon s'en est moqué*).

271 DL 9.65 (ὦ γέρον, ὦ Πύρρων, πῶς ἢ ποθεν ἔκδυσιν εὐρες / λατρείης δοξῶν τε κενεοφροσύνης τε σοφιστῶν, / καὶ πάσης ἀπάτης πειθοῦς τ' ἀπελύσασο δεσμῆς; / οὐδ' ἔμελέν σοι ταῦτα μεταλλῆσαι, τίνες αὔραι / Ἑλλάδ' ἔχουσι, ποθεν τε καὶ εἰς ὅ τι κύρει ἕκαστα).

272 DL 9.69 (ἦν οὖν πολεμιώτατος τοῖς σοφισταῖς, ὡς καὶ Τιμων φησίν).

273 DL 9.69 (ἦ τὸν ἀπ' ἀνθρώπων αὐτόσχολον αὐτολαλητὴν οὐκ ἐμπαζόμενον δόξης ἐριδῶν τε Φίλωνα).

274 DL 9.64 (ἐν τε ταῖς ζητήσεσιν ὑπ' οὐδενὸς κατεφρονεῖτο διὰ τὸ καὶ διεξοδικῶς λέγειν καὶ πρὸς ἐρώτησιν).

opiniões, dedicou extensa parte de sua obra à polêmica contra as demais filosofias, refutando-as, pois, através de alguma dialética (e de muitas injúrias).

Logo, a distinção radical entre vida e teoria neste período não nos parece ser historicamente acertada. A cisão entre o conteúdo anedótico (prático) e as discussões teóricas tende a prejudicar a correta avaliação do ceticismo. Pirro pode não ter elaborado o pirronismo em todos os seus termos, ou dado contornos precisos aos conceitos nos quais sua posição se apóia. Todavia, já há ampla evidência textual e filológica de uma elaboração teórica do ceticismo entre os primeiros pirrônicos.

Argumentos fundamentais do pirronismo tardio, como os modos de Enesidemo e de Agripa, já estão prenunciados no primeiro pirronismo. Encontramos formulações dos modos de Enesidemo em antecessores do pirronismo. Em Demócrito, por exemplo, estão os quatro primeiros modos²⁷⁵. Algumas discussões em Aristóteles sugerem que os argumentos contidos em alguns outros modos também integravam o repertório dos megáricos²⁷⁶. Se seus antecessores já haviam lançado mão desses argumentos não seria mais razoável supor que Pirro, atrelado tanto aos atomistas como aos megáricos, também teria se valido deles? A Enesidemo, retomando-os alguns séculos mais tarde, caberia, portanto, a sua reunião, sistematização e complementação, mais do que a sua elaboração original.

As obras de Timão, por seu turno, compreendiam uma autêntica logomaquia. Teria combatido todas as filosofias rivais mais pela acrimônia de seu engenho, que por meios propriamente filosóficos. No entanto, Sexto remete também a considerações de Timão inequivocamente teóricas. Em *Adversus mathematicos* (III, 2), menciona uma discussão do silógrafo sobre a impossibilidade de se demonstrar as hipóteses dos físicos, o que prenuncia um dos cinco modos de Agripa. Em outra parte, Sexto relata argumentos dele sobre se o

²⁷⁵ Cf. *supra*, capítulo 3, nota 9.

²⁷⁶ Em Aristóteles há discussões que lembram o primeiro, terceiro, quarto, sétimo e décimo modo. Cf. *supra*, capítulo 1, nota 60.

tempo seria ou não divisível. Afora isso, tudo indica que Timão teria escrito obras teóricas, como os tratados *Sobre as sensações* e *Sobre os fenômenos*, mencionados por Diógenes Laércio²⁷⁷.

Por fim, como temos insistido, também dos relatos biográficos depreendem-se discussões filosóficas. Nos episódios, certa superficialidade e falta de precisão parece, por vezes, resultar de fins estilísticos ou literários, que visam ao entretenimento de quem os lê. Acreditamos, porém, que as biografias laercianas manifestam concomitantemente um viés crítico da historiografia antiga e que podem, portanto, entreter e refletir a um só tempo. Em vista da simbiose pronunciada entre teoria e vida, a biografia antiga complementa o estudo da filosofia. Como sugere Chitwood: "A tradição biográfica, favorável ou hostil, surge da filosofia do personagem, mas sobretudo da reação do biógrafo à obra filosófica do personagem, lida de maneira pessoal como autobiografia e não filosofia"²⁷⁸. A vida de Pirro compreende, pois, narrativas que propiciam um melhor entendimento filosófico e histórico do pirronismo.

²⁷⁷ DL 9.105.

²⁷⁸ CHITWOOD, Ava, *Death by Philosophy*, p. 4 (That biographical tradition, favorable or hostile, arises from the subject's philosophy, but even more so from the biographers' reaction to the subject's philosophical work, read in a personal manner as autobiography and not as philosophy).

Conclusão

Nesta dissertação, propusemo-nos a situar o problema da viabilidade da vida cética, através do exame e análise crítica da doxografia e biografia pirrônica, em textos da Antigüidade. Defendemos que o debate em torno da vida cética depositou-se, em certa medida, nos episódios biográficos de Pirro e que seria proveitoso cotejá-los com os fragmentos de cunho mais filosófico.

Neste confronto, foi mister nuançar as diferentes fases do pirronismo. Assim, diferenciamos o pirronismo de Pirro e Timão, dos de Enesidemo e de Sexto Empírico. Essa periodização não deve ser excessivamente rígida: da análise dos fragmentos depreendemos um pirronismo mais unitário do que querem alguns intérpretes. Sua continuidade resulta do que afirmamos ser uma precoce formulação do fenômeno como critério de ação, já em Pirro e Timão.

A discussão da vida pirrônica representada no material biográfico desdobrou-se em quatro capítulos e dois anexos. No primeiro, realizamos uma discussão do gênero biográfico na Antigüidade e de suas características literárias e historiográficas, contemplando, em particular, as biografias de filósofos. O segundo discorreu sobre as fontes antigas da vida cética de Pirro, com especial atenção à datação, influências, posicionamento filosófico, semelhanças, dessemelhanças, rivalidades e recorrências. Apresentamos o problema da vida prática cética no terceiro capítulo, partindo das críticas à sua viabilidade formuladas por antigos e contemporâneos e das respostas de autores pirrônicos e neopirrônicos. No quarto e último capítulo, deslocamo-nos para a vida de Pirro propriamente, identificando e interpretando as anedotas que se inserem nesse embate. Por fim, como anexos, apresentamos uma tabela com levantamento mais compreensivo das fontes e a tradução da *Vida de Pirro*, de Diógenes Laércio.

Pareceu-nos apropriado pontuar a dissertação com considerações de cunho metodológico. Daí, talvez, nossa insistência na discussão dos gêneros antigos. Apesar de representar uma temática mais literária que filosófica, acreditamo-la central para o problema em questão. A nossa tese apoia-se precisamente no caráter menos histórico da biografia que, mutável, ajusta sua forma ao biografado. Interpolações do pensamento cético ulterior e a contaminação dos episódios pelas rivalidades entre as escolas evidenciam a filosofia como móvel da biografia de Pirro.

Semelhantemente, a discussão das fontes é outro tema recorrente. Além de lhe dedicarmos um capítulo inteiro e um anexo, comentários avulsos a seu respeito são retomados no resto da dissertação. Isso se deveu não apenas à grande quantidade de testemunhos dispersos em muitos autores, mas também por considerarmos que familiaridade com as fontes permite-nos decifrar as motivações por trás de tal ou qual anedota e torna o seu emprego no argumento mais acertado.

A biografia de Pirro é atravessada por contradições, que acreditamos originarem-se no conflito de opiniões a respeito do ceticismo. Cada fonte, com o intuito de o promover ou difamar, de aproximá-lo ou afastá-lo de suas próprias idéias, adequa as narrativas às discussões filosóficas, estendendo aos episódios da vida a apreciação de questões teóricas. Podemos, assim, tomar a sua biografia, bem como a de outros filósofos antigos, como exemplo daquilo que Porchat define como “espaço de ficção no qual as filosofias travam obstinadamente o seu eterno debate”²⁷⁹.

Em nossa perspectiva, tais considerações metodológicas desempenham uma função ancilar em relação ao argumento filosófico. O seu uso instrumental permite-nos tomar posição ante a *diaphonia* de hipóteses sobre a vida cética, cujas contradições, também explicitadas nos textos filosóficos, materializam-se na vida exemplar de Pirro. Semelhante

discordância das fontes e filosofias conduz-nos, até certo ponto, a aporias. As lacunas em nosso conhecimento do pirronismo, em especial do primeiro pirronismo, tornam frágeis e provisórias quaisquer hipóteses que avançarmos.

Porém, pelo melhor entendimento dos traços formulares, das convenções dos testemunhos e das motivações de seus autores, podemos proceder à sua análise crítica e fundamentar a ênfase dada a certos fragmentos e a desconsideração de outros. No caso da doxografia pirrônica, parece haver boa evidência textual favorável à hipótese de uma orientação fenomênica do pirronismo, desde Pirro e Timão até Sexto Empírico. Com efeito, essa hipótese representa uma resposta efetiva às críticas contra a viabilidade do ceticismo na esfera prática. Ao fundamentá-la, o estudo do material bio e doxográfico apresenta uma importante contribuição para o debate em torno da vida cética.

Autor	Passagem/Citação	Período	Posicionamento filosófico	Cidade
Timão	<i>apud</i> D. L. IV 33, IX 64, 65, 67, 69, 72, 76, 102, 105, 107; S. E., <i>Adv. math.</i> I 53, I 305-306, VII 30, XI 20, XI 141, XI 140; Eus. XIV 5, 11-14, XIV 18, 28-29, XIV 18, 16-19; Ateneu, <i>Deipnosophistae</i> , 337 A, Galeno, <i>Subfig. emp.</i> 62, 18.	~320-230 a.C.	cético pirrônico, discípulo de Pirro que escreveu obras satíricas	Flionte/Elida/ Atenas
Nausifanes	<i>apud</i> D. L. IX 64, 69, 102	~360 a.C.	democritiano com tendências céticas (disc. de Pirro, prof. de Epicuro)	Teos
Euríloco	<i>apud</i> D. L. IX 68	séc. III a.C.	discípulo de Pirro	?
Filon de Atenas	<i>apud</i> D. L. IX 67	séc. III a.C.	discípulo de Pirro	Atenas
Numênio	<i>apud</i> D. L. IX 68, 102	séc. III a.C.	cético pirrônico, discípulo de Pirro	Elida (?)
Hecateu (Ascânio?) de Abdera	<i>apud</i> D. L. IX 61, 69	séc III a.C.	discípulo de Pirro, que teria escrito obras etnográficas. Especula-se se Ascânio (cf. DL 9.61) não seria uma corruptela de Hecateu.	Abdera
Ariston de Quios	<i>apud</i> D. L. IV, 33; Eusébio, <i>Praep. ev.</i> XIV 5, 11; S. E. <i>Pyrrh. hyp.</i> I 234	séc III a.C.	estoico discípulo de Zenão, com o qual divergia bastante em virtude de uma certa aproximação ao cinismo; Cícero com frequência o menciona junto com Pirro	Quios
Antígono de Caristo	<i>apud</i> D. L. IX 62, 64, 66, 110, 111, 112 Eus., <i>Praep.</i> XIV 18, 26	~295-240 a.C., segundo Eus. Antígono foi contemporâneo de Pirro	biógrafo com tendência literária que escreveu vidas de filósofos contemporâneos a ele (segundo São Jerônimo); em sua estadia em Atenas, provavelmente manteve estreito contato com a Academia e foi discípulo de Arcesilau	Atenas/Pérgamo
Eratóstenes de Cirene	<i>apud</i> D. L. IX 66	~275-194 a.C.	filólogo, diretor da biblioteca de Alexandria, escreveu uma história da filosofia; foi discípulo de Ariston e Arcesilau	Atenas/Alexandria
Posidônio	<i>apud</i> D. L. IX 68	~135-51 a.C.	historiador estoico (mestre de Cícero)	Apemêia/Rodes
Sócio de Alexandria	<i>apud</i> D. L. IX 110, 112, 115	~200-110 a. C.	peripatético que escreveu um livro sobre a sucessão de filósofos e outro sobre os <i>Silloi</i> de Timão	Alexandria

Hipóboto	<i>apud</i> D. L. IX 115	fim do séc. III a.C.	Escreveu dois livros: <i>Sobre as escolas filosóficas</i> e um <i>Registro dos filósofos</i> , Diógenes o cita como fonte de segmentos de sua linhagem pirrônica	(?)
Filarco de Atenas	<i>apud</i> D. L. IX 115	~272-220 a.C.	historiador grego também citado por Diógenes Laércio como fonte para a linhagem pirrônica.	Atenas
Apolodoro	<i>apud</i> D. L. IX 61	~184-144 a.C.	discipulo de Aristarco, escreveu uma cronologia baseada em Eratóstenes que falava sobre as escolas filosóficas	Alexandria/Pérgamo /Atenas
Díodes de Magnésia	<i>apud</i> D. L. IX 61. 65	~75 a.C.	filósofo cínico que teria escrito o <i>Compêndio dos Filósofos</i>	Magnésia (?)
Alexandre Polyhistor	<i>apud</i> D.L. IX 61	séc. I a.C.	autor grego, aprisionado pelos romanos, que escreveu sobre filosofia, geografia e história; em história da filosofia, escreveu as <i>Diadokhai</i> (sucessões)	Pérgamo/Roma
M. Túlio Cícero	<i>Academica</i> II 42, 130; <i>De finibus</i> II 11, 35; II 13, 43; III 3, 10-12; III 15, 50; IV 16, 43; IV 18, 48-49; IV 22, 60; V 8, 23; V 25, 73; <i>De officiis</i> I 2, 6; <i>De oratore</i> III 17, 62; <i>Tusculanae disputationes</i> II 6, 15; V 30, 85.	106-43 a.C.	político romano e filósofo considerado ora um cético acadêmico, ora um estóico	Roma/Atenas
Enesidemo	<i>apud</i> D.L. IX 62, 78, 87, 102, 106, 107, 117	séc. I a.C. (?)	filósofo cético a quem são atribuídos os dez modos céticos	Cnosos/Alexandria
Aristocles	<i>apud</i> Eus. PE XIV 18	séc. I-II d.C.	filósofo peripatético	Messena (Sicília)
Sêneca	<i>Epistulae morales</i> 88, 43; <i>Naturales quaestiones</i> VII 32, 2	45 a.C. - 65 d.C.	orador, filósofo e político da idade de prata da literatura romana	Roma
Minúcio Félix	<i>Octavius</i> 38, 5	séc. I d.C. (?)	provavelmente é o mais antigo apologista romano do cristianismo e, portanto, crítico de boa parte da filosofia grega	?
Clemente de Roma	<i>Homiliae</i> XIII 286	séc I d.C.	um dos primeiros papas, há controvérsia sobre a sua autoria das <i>Homilias</i>	Roma
Hipólito	<i>Philosophumena</i> , próêmio 23	séc II d.C.	santo romano que escreveu uma obra polêmica contra a filosofia grega em apologia ao cristianismo	Roma
Clemente de Alexandria	<i>Stromata</i> I XIV 64, 4; VII XVI 101, 4	séc. II-III d.C.	autor cristão, bastante erudito, como sólida formação em poesia e filosofia gregas	Atenas/Alexandria
Tertuliano	<i>Apologeticum</i> L 14	~155-230 d.C.	escritor prolífico cristão	Cartago
Apolônides de Nicéia	<i>apud</i> D.L. IX 109	séc. I d.C., viveu a época do imperador Tibério	gramático grego escreveu um comentário aos <i>Siloi</i> de Timão	Nicéia
Plutarco de Querônia	<i>Alex. Mag.</i> 331E; Prof. virt. 82EF; <i>Quaes. conv.</i> III, 5, 2, 652B	~45-120 d.C.	autor médio-platônico de uma obra bastante variada	Querônia (Beécia) Delfo Roma

Menódoto de Nicomédia	<i>apud</i> D. L. IX 115, 116	~120 d.C.	médico empírico, discípulo de Antíoco de Laodicéia, que afirma que Timão não deixou discípulos	Nicomédia/Atenas
Numênio de Apaméia	<i>apud</i> Eusébio, <i>Praep. ev.</i> XIV 5-6.	séc. II d.C.	autor neoplatônico e neopitagórico	Apaméia, Síria
Favorino de Arles	<i>apud</i> D. L. IX 87; Aulo Gélio, <i>N.A.</i> XI 5, 4	séc. I-II d.C.	retor da segunda sofística, professor de Aulo Gélio, escreveu sobre variados temas filosóficos, inclusive um livro sobre os modos céticos, que se perdeu; acredita-se que na filosofia tenha aderido à Academia	Arles/Roma
Aulo Gélio	<i>N. A.</i> XI 5, 4	~130-180 d.C.	juiz romano que escreveu as <i>Noites Aticas</i> , uma coletânea de ensaios sobre assuntos históricos, filosóficos e literários	Roma/Atenas
Quintiliano	<i>Institutio oratoria</i> XII 2, 24	~35-95 d.C.	retor latino, em seu livro sobre oratória a filosofia desempenha uma papel ancilar na formação do retor	Calagurris/Roma
Ateneu de Naucrátis	<i>Deipnosophistae</i> VIII 337A; X 419D	séc. II d.C.	autor d' <i>Os deipno-sofistas</i> , compilação de vários autores antigos, na qual se discutem temas variados, especialmente os ligados aos banquetes	Naucratis
Luciano	<i>Bis acc.</i> 13, 25; <i>Icaromen.</i> 25; <i>Vit. auct.</i> 27 <i>scholia in Bis acc.</i> 25, p. 145; <i>Vit. auct.</i> 27, p. 131.	~120- d.C.	autor satírico da segunda sofística	Samósata/Roma/Atenas/Alexandria
Galeno	<i>de dignoscendis pulsibus</i> 12; <i>Subfiguratio empirica</i> p. 62, 18; p. 64, 13; <i>Historia philosophia</i> 3, p. 601; 7, p. 604 <i>Naturalis historia</i> VII 19, 79-80	~131-201 d.C.	médico que transmitiu-nos a medicina hipoocrática; quando volta-se ao pirronismo é provável que tenha Menódoto, o médico empírico, como intermediário	Pérgamo/Roma
Plínio	<i>Naturalis historia</i> VII 19, 79-80	~23-79 d.C.	filósofo natural romano	Como/Roma
Estrabão	<i>Geographica</i> IX 1, 8	~63 a.C.-24 d.C.	geógrafo, historiador e filósofo que descreveu Elida	Nisa/Roma
Pausânias	<i>Graeciae descriptio</i> VI 24, 5	séc. II d.C.	viajante e geógrafo grego que viu, em Elida, uma estátua em homenagem a Pirro	originalmente da Lídia, viajou por todo o Mediterrâneo
Teodósio	<i>apud</i> D.L. IX, 70	séc. II d.C.	médico empírico que escreveu os <i>Capitulos céticos</i>	?
Sexto Empírico	<i>Adv. mat.</i> I 1-6; I 53; I 272; I 280-282; I 305; VII 50; XI 1; XI 140, XI 141; XI 162-64; <i>Pyrrh. hyp.</i> I 7; I 232-34	séc. II-III d.C.	médico empírico e cético pirrônico cuja obra é a fonte mais elaborada e extensa sobre o pirronismo	Alexandria/Atenas
Diógenes Laércio	I, 16; IV 33; IX	séc. III d.C.	doxógrafo e biógrafo curioso sobre as vidas e doutrinas dos filósofos	Laerce Cilícia (?)
Eusébio de Cesaréia	<i>Praeparatio evangelica</i> XIV, 5, 6, 18.	~260-340 d.C.	bispo, teólogo, historiador	Beirute Nicomédia Constantinopla
Himério	<i>Or.</i> XLVIII (=XIV) 24	~315-386 d.C.	sofista e retor grego que foi mestre de Gregório de Nazianzo e secretário do imperador Juliano	Atenas/Roma
Gregório de	<i>Or.</i> XXI 393; XXXII 596; <i>Carm.</i> II 1, 12.	~329-389 d.C.	patriarca de Constantinopla que menciona Pirro e Sexto	Cesaréia Capadócia

Nazianzo	303	Empírico em algumas passagens	Alexandria/Atenas/C onstantinopla
Imperador Juliano	<i>Anthologia palatina</i> VII 576	~331-363 d.C.	último imperador romano pagão que nutria certo interesse por filosofia, daí ser chamado de <u>Juliano o filósofo</u>
Epifânio de Salamis	<i>Adversus haereseos</i> III, 18	~315-403 d.C.	judeu convertido ao cristianismo que combateu fortemente as heresias
Estobeu	<i>Anthologium</i> IV 53, 28	séc V d.C.	compilador de um importante florilégio de citações de autores antigos
João Filopono	<i>In Aristotelis Categorias comm.</i> p. 2, 7	~490-570 d.C.	teólogo, filósofo e gramático cristão que associou-se à escola neoplatônica de Alexandria
Agatias de Mirina	<i>Historiae</i> II 29, p. 79	~536-582 d.C.	Poeta e historiador da Ásia Menor que viveu na Antiguidade tardia
Suidas	verbetes: ἐποχή, Θεόδωρος, Πύρρον, Πυρρώνειοι, Σίλλος, Ζακράτης, Τίμων φιλισσίου	séc. X d.C.	Imensa enciclopédia histórica do Período Bizantino, com 30.000 entradas

ΠΥΡΡΩΝ	Pirro
<p>(61) Πύρρων Ἡλείος Πλειστάρχου μὲν ἦν υἱός, καθὰ καὶ Διοκλῆς ἱστορεῖ· ὡς φησι δ' Ἀπολλόδομος ἐν Χρονικοῖς, πρότερον ἦν ζωγράφος, καὶ ἤκουσε Βρύσσωνος τοῦ Στίλπωνος, ὡς Ἀλέξανδρος ἐν Διαδοχαῖς, εἶτ' Αναξάρχου, ξυνακολουθῶν πανταχοῦ, ὡς καὶ τοῖς γυμνοσοφισταῖς ἐν Ἰνδίᾳ συμμιξαὶ καὶ τοῖς Μαγείοις.</p> <p>ὅθεν γενναϊότατα δοκεῖ φιλοσοφῆσαι, τὸ τῆς ἀκαταληψίας καὶ ἐποχῆς εἶδος εἰσαγαγών, ὡς Ἀσκάνιος ὁ Ἀβδηρίτης φησὶν.</p> <p>οὐδὲν γὰρ ἔφασκεν οὔτε καλὸν οὔτ' αἰσχρὸν οὔτε δίκαιον οὔτ' ἀδίκον· καὶ ὁμοίως ἐπὶ πάντων μηδὲν εἶναι τῇ ἀληθείᾳ, νόμῳ δέ καὶ ἔθει πάντα τοὺς ἀνθρώπους πράττειν· οὐ γὰρ μᾶλλον τότε ἢ τότε εἶναι ἕκαστον.</p>	<p>(61) Pirro de Élida era filho de Pleistarco, segundo narra Diocles. Como disse Apolodoro, nas <i>Crônicas</i>, primeiro foi pintor e escudou [as aulas] de Brisson [ou] de Estilpoⁱⁱ e, depois, de Anaxarco, de acordo com Alexandre, nas <i>Successões</i>. Tendo acompanhado o último por toda parte, entrou em contato com os gimnosofistas, na Índia e com os magos persas.</p> <p>Disto decorre [ser o pirronismo] o mais nobre filosofar: tendo introduzido em seu modo de vida os estados de inapreensibilidade das coisas (<i>akatalepsia</i>) e de suspensão de juízo (<i>epoché</i>), como diz Ascânio de Abdera. Sendo assim, nada dizia ser nem belo, nem feio, nem justo, nem injusto, mas, igualmente, sobre todas as coisas, afirmava nada ser em verdade, mas todos os homens agirem segundo a convenção e o costume; pois cada coisa não é mais isso do que aquilo.</p>

(62))Ako/louqoj d' h)=n kai\ tw=| bi/w|, mhde'n e)ktrepo/menoj

mhde\ fulatto/menoj, a(/panta u(fista/menoj, a)ma/caj, ei) tu/xoi, kai\

krhmnouj kai\ ku/naj kai\ o(/sa toiau=ta> mhde'n tai=j ai)sqh/sesin

e)pitre/pwn. sw/zesqai me/ntoi, kaqa/ fasin oi(peri\ to'n Karu/stion

)Anti/gonon. u(po\ tw=n gnwri/mwn parakolouqou/ntwn.

Ai)nesi/dhimoj de/ fhsi filosofei=n me'n au)(to'n kata\ to'n th=j e)prosh=j

lo/gon, mh\ me/ntoi g' a)proora/twj e(/kasta pra/tein. o(de\ pro'j ta\

e)nenh/konta e)/th katebi/w.

* Αντίγονος δέ φησιν ὁ Καρύστιος ἐν τῷ Περὶ Πύρρωνος τάδε

περὶ αὐτοῦ, ὅτι τὴν ἀρχὴν ἀδοξός τε ἦν καὶ πένης καὶ

ζωγράφος. σώζεσθαι τε αὐτοῦ ἐν Ἡλίδι ἐν τῷ γυμνασίῳ

λαμπραδίστας μετρίως ἔχοντας.

(63) ἔκπατεῖν τε αὐτὸν καὶ ἐρημιάζειν, σπανίως ποτ'

ἐπιφαινόμενον τοῖς οἰκοῖ. τοῦτο δὲ ποιεῖν ἀκούσαντα Ἰνδοῦ τινος

ὀνειδίζοντος Ἀναξαρχῶ ὡς οὐκ ἀν' ἕτερόν τινα διδάξαι οὗτος

(62) Seguindo isso também na vida, não se desviava nem se guardava

de coisa alguma que, por ventura, se encontrasse em seu caminho –

carros, cães ou despenhadeiros – nada confiando às sensações. Sendo

assim, segundo os testemunhos de Antígono de Caristo, era salvo pelos

conhecidos que o acompanhavam. Enesidemo, por seu turno, dizia que

ele filosofava segundo o discurso da suspensão do juízo, mas que não

agia de maneira inaudita. Com efeito, viveu até os noventa anos.

Antígono de Caristo conta, em seus escritos sobre Pirro, estas coisas: no

início era desconhecido, pobre e pintor; preservaram-se, no ginásio de

Élida, uns corredores com tochas [pintados por ele] que são medianos.

(63) Isolava-se da sociedade e vagava solitário, raramente aparecia aos

de casa. Agia assim, por ter escutado um indiano reprovar Anaxarco

[dizendo] que não poderia ensinar alguém a ser bom, frequentando a

corte real. Sempre estava na mesma compostura: se alguém o deixasse

no meio de sua fala, para si mesmo concluía o discurso (ainda que tenha

sido inquieto quando mais novo)¹⁰. Muitas vezes, narra [Antígono].

ἀγαθόν, αὐτὸς αὐλᾶς βασιλικᾶς θεραπεύων. αἰεὶ τ' εἶναι ἐν τῷ αὐτῷ καταστήματι, ὥστ' εἰ καὶ τις αὐτὸν καταλίποι μεταξὺ λέγοντα, αὐτῷ διαπεραίνειν τὸν λόγον, καίτοι κεινημένων τε ὄντα ἐν νεότητι. πολλάκις, φησί, καὶ ἀπεδήμει, μηδενὶ προειπῶν, καὶ συνερρέμβετο οἴσισιν ἤθελεν. καὶ ποτ' Ἀναξάρχου εἰς τέλημα ἔμπρασόντος, παρήλθεν οὐ βοηθήσας· τινῶν δὲ αἰτιωμένων, αὐτὸς Ἀναξάρχος ἐπήγει τὸ ἀδιάφορον καὶ ἄστοργον αὐτοῦ.

(64) Καταληφθεὶς δὲ ποτε καὶ αὐτῷ λαλῶν καὶ ἐρωτηθεὶς τὴν αἰτίαν ἔφη μελετᾶν χρηστός εἶναι. ἐν τε ταῖς ζητήσεσιν ὑπ' οὐδενὸς κατεφρονεῖτο διὰ τὸ καὶ διεξοδικῶς λέγειν καὶ πρὸς ἐρώτησιν ὄθεν καὶ Νουσιφάνην ἤδη νεανίσκον ὄντα θηραθῆναι. ἔφασκε γοῦν γίνεσθαι δεῖν τῆς μὲν διαθέσεως τῆς Πυρρωνείου, τῶν δὲ λόγων τῶν ἑαυτοῦ. ἔλεγέ τε πολλάκις καὶ Ἐπικούρου θαυμάζοντα τὴν Πύρρωνος ἀναστροφὴν συνεχῆς αὐτοῦ πυνθάνεσθαι περὶ αὐτοῦ. οὕτω δ' αὐτὸν ὑπὸ τῆς πατρίδος

τιμηθῆναι ὥστε καὶ ἀρχιερεῖα καταστήσασαι αὐτὸν καὶ δι' ἐκείνων

ἀφάστα-σε de casa sem avisar ninguém e vagava com quem quer que fosse. E, quando Anaxarco caiu em um pântano, seguiu [andando] e não o socorreu. Aos que o censuravam, o mesmo Anaxarco elogiou sua indiferença e natureza impassível.

(64) Certa vez, foi tomado de surpresa quando falava consigo mesmo e, ao lhe perguntarem o motivo, disse que treinava para ser bom. Nas investigações, ninguém o menosprezava, pois falava extensamente e a propósito das perguntas. Por isso, também Nausifanes, quando era jovem, deixou-se cativar por ele^{iv}. Teria dito, então, que se deveria seguir a disposição de Pirro, mas os discursos dele próprio, Nausifanes dizia, com frequência, que também Epicuro se maravilhara com a maneira de viver de Pirro; quando era seu discípulo, perguntava continuamente sobre ele. Pirro foi de tal maneira honrado pela sua pátria, que ordenaram-lhe sumo-sacerdote e, por sua causa, votaram a isenção de impostos para todos os filósofos.

Teve, pois, muitos imitadores de sua vida alheia às coisas públicas. Em

τιμηθῆναι ὥστε καὶ ἀρχιερεα καταστήσαι αὐτὸν καὶ δι' ἐκείνων
πάσι τοῖς φιλοσόφοις ἀτέλειαν ψηφίσασθαι.

Καὶ δὴ καὶ ζηλωτὰς εἶχε πολλοὺς τῆς ἀπραγμοσύνης· ὅθεν
καὶ ὁ Τίμιων περὶ αὐτοῦ φησιν οὕτως ἐν τῷ Πύθωνι καὶ ἐν τοῖς
Σίλλοις·

(65) Ὁ γέρον, ὦ Πύρρων, πῶς ἡ πόθεν ἔκδυσιν εὐρες
λατρεῖς δοξῶν τε κενεοφροσύνης τε σοφιστῶν,
καὶ πασις ἀπατις πειθούς τ' ἀπελύσασο δεσμίᾳ;
οὐδ' ἔμελεν σοι ταῦτα μεταλλῆσαι, τίνες αὔραι
(Ella/d' e)χουσι, πο/γεν τε και/ ει/η ο/ τι ku/rei e/(kasta).

καὶ πάλιν ἐν τοῖς Ἰνδαλμοῖς·

τοῦτό μοι, ὦ Πύρρων, ἡμίρεται ἤτορ ἀκούσαι,
πῶς ποτ' ἀνῆρ ὅτ' ἀγεις ρᾶστα μεθ' ἡσυχίης
μου=hoj e)n a)hqrw/poisi φου= tro/pon h(gemoneu/w)n.

* Αθηναῖοι δὲ καὶ πολιτεία αὐτὸν ἐτίμησαν, καθά φησι Διοκλῆς,
ἐπὶ τῷ Κότυν τὸν Θράκα διαχρήσασθαι.

(66) εὐσεβῶς δὲ καὶ τῇ ἀδελφῇ συνεβίω μαῖα οὔση, καθά φησιν
Ερατοσθένης ἐν τῷ Περὶ πλούτου καὶ πενίας, ὅτε καὶ αὐτὸς
φέρειν εἰς τὴν ἀγορὰν ἐπίπρασκεν ὀρνίθια, εἰ τύχοι, καὶ

relação a isso. Timão assim fala sobre ele, no *Piton* e nos *Silloi*:

(65) Ó velho, ó Pirro, como e partir de que encontraste uma fuga da servidão às opiniões e vacuidade dos sofistas? E como te libertaste dos grilhões de todo estratagemas e da persuasão? Não te ocupaste destas coisas inquirir: que sopros correm a Hélade, de onde (vem) cada coisa e o que alcança^v.

E, novamente, nos *Indalmoi*:

Isso, ó Pirro, meu coração deseja aprender, como, sendo mortal, facilmente conduzes uma vida tranqüila, único guiando os mortais à maneira de um deus^v.

Os atenienses honraram-no com a cidadania, segundo disse Diócles, por ter aniquilado o trácio Cótis^{vn}.

(66) Viveu piamente com a irmã, que era parteira, segundo atesta

Eratóstenes em *Sobre a riqueza e a pobreza*, onde se conta que Pirro levava ao mercado galinhas e quiçá porquinhos e que limpava a casa indiferentemente. Diz-se que, certa vez, lavou um porco devido à sua indiferença. Tendo se encolerizado com alguém por conta de sua irmã – que se chamava Filista – disse ao que o repreendeu que não daria prova de indiferença em se tratando de uma mulher. E quando se assustou, tendo sido atacado por cães, respondeu ao que o acusava que é difícil

χοιριδία, και τα ἐπὶ τῆς οἰκίας ἐκαθαίρην ἀδιαφόρως. λέγεται δὲ καὶ δέλφακα λούειν αὐτὸς ὑπ' ἀδιαφορίας. καὶ χολήσας τι περὶ τῆς ἀδελφῆς, Φιλίστα δ' ἐκαλεῖτο, πρὸς τὸν ἐπιπλαβόμενον εἰπεῖν ὡς οὐκ ἐν γυναίῳ ἢ ἐπίδειξις τῆς ἀδιαφορίας. καὶ κυνός ποτ' ἐπενεχθέντος διασοβηθέντα εἰπεῖν πρὸς τὸν αἰτιασάμενον, ὡς χαλεπὸν εἶη ὀλοσχερῶς ἐκδύναι τὸν ἄνθρωπον· διαγωνίζεσθαι δ' ὡς οἷόν τε πρῶτον μὲν τοῖς ἔργοις πρὸς τὰ πράγματα, εἰ δὲ μή, τῷ γε λόγῳ.

(67) Φασὶ δὲ καὶ σηπτικῶν φαρμάκων καὶ τοιμῶν καὶ καύσεων ἐπὶ τινος ἔλκουσ αὐτῷ προσενεχθέντων, ἀλλὰ μηδὲ τὰς ὄφρυς συναγαγεῖν. καὶ ὁ Τίμων δὲ διασαφεῖ τὴν διάθεσιν αὐτοῦ ἐν οἷς πρὸς Πύθωνα διέξεισιν. ἀλλὰ καὶ Φίλων ὁ Ἀθηναῖος, γνώριμος αὐτοῦ γεγονώς, ἔλεγεν ὡς ἐμείμητο μάλιστα μὲν Δημοκρίτου, εἶτα δὲ καὶ Ομήρου, θαυμάζων αὐτὸν καὶ συνεχῆς λέγων,

οἷη περ φύλλων γενεῆ, τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν·

καὶ οἷ(τι σὺν) καὶ μὴ(αἶ) καὶ οἷμε(οἶ) καὶ οἷ(εἰ) κὰκε τοῦ(ἰ) ἀνθρώπου.

πρὸς ἐκαστὸν ἐπὶ τῷ ἑαυτοῦ.

tendo sido atacado por cães, respondeu ao que o acusava que é difícil despir-se completamente do humano. Contra as coisas, é necessário, primeiramente, se possível, lutar pelas ações e, se não o for, pelo discurso.

(67) Conta-se que, ao lhe aplicarem um remédio anti-séptico em um corte e lhe cauterizarem uma ferida, sequer franziu o cenho. Timão esclarece a disposição de Pirro na narrativa do *Pitton*. Ademais, Filon de Atenas, que se tornou conhecido dele, dizia que apreciava sobretudo Demócrito, bem como Homero; admirava muito este último, continuamente dizendo os versos:

qual a geração das folhas, tal a dos homenssm.

E louvava-o também porque assemelhava os humanos a vespas, moscas e avesⁿ. Citava também estes versos:

Morre, amigo, também tu. Por que te lamentas assim? Morreu também Patroclo, que era muito melhor que tíⁿ.

e tantos quantos apontavam a instabilidade, o zelo por frivolidades, bem como a infantilidade dos seres humanos.

profe/resqai de\ kai\ ta/de:

ἀλλὰ, φίλος, θάνε καὶ σὺ τῆ ὀλοφύρειαι οὕτως;
κάτθανε καὶ Πάτροκλος, ὁ περ σέο πολλὸν ἀμείνων·

καὶ ὅσα συντείνει εἰς τὸ ἀβέβαιον καὶ κενόσπουδον ἄμια καὶ
παιδαριώδες τῶν ἀνθρώπων.

(68) Ποσειδώνιος δὲ καὶ τοιοῦτόν τι διέξεισι περὶ αὐτοῦ. τῶν
γὰρ συμπλεόντων ἐκυθρωπακότων ὑπὸ χειμῶνος, αὐτὸς
γαληνὸς ὢν ἀνέρωσε τὴν ψυχὴν, δείξας ἐν τῷ πλοίῳ χοιριδίον
ἑσθίον καὶ εἰπὼν ὡς χρὴ τὸν σοφὸν ἐν τοιαύτῃ καθεστάναι
ἀταραξία. μόνος δὲ Νουμήνιος καὶ δογματίσαι φησὶν αὐτόν.

του/του pro\j toi-j a\lloij kai\ maqhtai\ gego/nasin e\llo/gimoi, w(=n
Eu)tu/loxoj: ou\ fe/retai e\la/sswma to/de. fasi\ ga\r w\j ou\ /tw
parwcu/nqη pote\ w/(ste to\ n o)beli\skon a\ /raj meta\ tw=n krew=n
e\ /w\j th=j a)gora-j e\di\wke to\ n ma\geiron.

(69) καὶ ἐν Ἠλιδι καταπονόμενος ὑπὸ τῶν ζητούντων ἐν τοῖς
λόγοις, ἀπερρίψας βοϊμάτιον διενήξατο πέραν τὸν Ἀλφειόν. ἦν
ὄν πολυμιάτατος τοῖς σοφισταῖς, ὡς καὶ Τίμων φησὶν.

(68) Posidônio narra o seguinte sobre Pirro: enquanto marinheiros
inquietavam-se devido a uma tempestade, ele, que estava sereno,
recuperou o ânimo apontando, no convés, um porquinho comendo e
dizendo ser necessário ao sábio alcançar aquela imperturbabilidade^{vi}.

Apenas Numênio afirmou que ele também dogmatizava.

Muitos notáveis, dentre outros, tornaram-se seus discípulo. Euríloco foi
um deles. A seu respeito relata-se o seguinte: com efeito, certa volta,
foi tomado de tamanha irritação que, com um espeto cheio de carne,
persegiu o cozinheiro na praça pública.

(69) E, em Élide, exausto por pessoas inquisitivas durante seus
discursos, lançou o seu manto e atravessou, a nado, o rio Alfeu.

Segundo Timão, era belicosíssimo em relação aos sofistas.

Filon [outro discípulo] era quem mais conversava [consigo mesmo]^{vii}.
Por isso, Timão fala assim sobre ele:

Em relação a Filon, dentre os seres humanos, é o que estuda sozinho
e fala sozinho, não se ocupando de glória ou de querelas^{viii}.

Πυρρώνειον καλείσθαι τὴν σκεπτικὴν· εἰ γὰρ τὸ καθ' ἑτερον κίνημα τῆς διανοίας ἀληπτόν ἐστιν, οὐκ εἰσάμεθα τὴν Πύρρωνος διάθεσιν· μὴ εἰδότες δὲ οὐδὲ Πυρρώνειοι καλοῖμεθ' ἄν. πρὸς τῷ μηδὲ πρῶτον εὐρηκέναι τὴν σκεπτικὴν, Πύρρωννα μηδ' ἔχειν τι δόγμα. λέγοιτο δ' ἄν Πυρρώνειος ὁμοτρόπως.

(71) Ταύτης δὲ τῆς αἰρέσεως ἔνιοί φασιν Ὀμηρον κατάρξαι, εἰπεὶ περὶ τῶν αὐτῶν πραγμάτων παρ' ὄντινούν ἄλλοτ' ἄλλως ἀποφαίνεται καὶ οὐδὲν ὀρικῶς δογματίζει περὶ τὴν ἀπόφασιν. ἔπειτα καὶ τὰ τῶν ἐπτὰ σοφῶν σκεπτικὰ εἶναι, οἷον τὸ Μηδὲν ἄγαν, καὶ Ἐγγύα, πάρα δ' ἄτα· δηλοῦσθαι γὰρ τῷ βεβαίως καὶ πεπεισμένως διεγγυωμένω ἐπακολουθεῖν ἄτην.

ἀλλὰ καὶ Ἀρχίλοχον καὶ Εὐριπίδην σκεπτικῶς ἔχειν, ἐν οἷς Ἀρχίλοχος μὲν φησὶ·

τοῖος ἀνθρώποισι θυμὸς·
Γλαυκὲ Λεπτινέω παί,
γίγνεται θνητοῖς ὅκοινη Ζεὺς ἐπ' ἡμέρην ἄγει.

Εὐριπίδης δέ·

Porém, pode-se dizer pirrônico quem tem o mesmo modo de vida que

Pirro^{xiv}.

(71) Há quem diga que Homero iniciou esta escola, porque sobre as mesmas coisas ora declarou uma coisa, ora, outra e nada definitivamente dogmatizou sobre as afirmações. Na seqüência, também as sentenças dos sete sábios são céficas, como “nada em excesso” e “a certeza [está] junta da cegueira (áte)”. Essa sentença quer mostrar que a cegueira segue ao encaço daquele que apresenta certezas de maneira firme e convicta.

Também Arquíloco e Eurípides eram céficos: neste verso Arquíloco disse:

Ó Glauco, filho de Leptines, o ânimo dos seres humanos mortais muda a cada dia que Zeus faz nascer^{xxv}.

Eurípides, por seu turno:

[Ó Zeus,] o que há de certo, quando dizem os miseráveis mortais pensarem? Pois de ti dependemos e fazemos todas as coisas que necessitas e desejás^{xxvi}.

(72) Além desses, também Xenófanes, Zenão, o eleata, e Demócrito

τι δῆτα τοὺς ταλαιπώρους βροτοὺς
φρονεῖν λέγουσι; σοὺ γὰρ ἐξηγητήμεθα
δρωμέν τε τοιαῦθ' ἂν σὺ τυγχάνης θέλων.

(72) Οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ Ξενοφάνης καὶ Ζήνων ὁ Ἐλεάτης καὶ
Δημόκριτος κατ' αὐτοὺς σκεπτικοὶ τυγχάνουσιν· ἐν οἷς Ξενο-
φάνης μὲν φησί·

καὶ τὸ μὲν οὖν σαφές οὔτις ἀνὴρ ἴδεν οὐδέ τις ἔσται
εἰδώς.

Ζήνων δὲ τὴν κίνησιν ἀναιρεῖ λέγων,

τὸ κινούμενον οὔτ' ἐν ᾧ ἔστι τόπων κινεῖται οὔτ' ἐν ᾧ μὴ ἔστι·

Δημόκριτος δὲ τὰς ποιότητας ἐκβάλλων, ἵνα φησί,
νόμῳ θερμόν, νόμῳ ψυχρόν, ἔτεῃ δὲ ἄτομα καὶ κενόν·

καὶ πάλιν,

ἔτεῃ δὲ οὐδὲν ἴδμεν· ἐν βυθῷ γὰρ ἡ ἀληθεία.

kai| Platon ta| me|n a|llhqe|j qeoi=j te kai| qew=n paisi|n e|kxwrei=n.
to|n d'ei|ko|ta lo|gon zhtei=n. kai| Euripi|dhn le|gein:

(73) τίς ὁ οἶδεν εἰ τὸ ζῆν μὲν ἔστι κατθανεῖν,
τὸ κατθανεῖν δὲ ζῆν νομίζεται βροτοῖς;

σão céticos. Em seus escritos Xenólanes disse:

Nenhum homem conhece com clareza e jamais conhecerá^{xvii}.

Zenão nega o movimento, dizendo:

O que se movimenta não se movimenta em um lugar que há, nem em um lugar que não há^{xviii}.

Demócrito rejeitou a qualidade quando disse:

por convenção o quente, por convenção o frio, em realidade somente átomos e vazio^{xix}.

E novamente,

Em realidade nada conhecemos, pois a verdade está em um abismo^{xy}.

Platão cede a verdade aos deuses e aos filhos dos deuses, examinado apenas o discurso da verossimilhança^{xvi}. Por sua vez, Eurípides diz:

(73) Quem sabe se o viver não é um morrer, e se o que é considerado morrer pelos mortais não é um viver?^{xviii}

E também Empédocles:

Assim, nada é visto pelos homens e nem ouvido e nem apreendido pela mente^{xviii}.

Um pouco antes, ele diz:

Cada qual, é persuadido apenas pelo que lhe acontece^{xix}.

Αinda em Heráclito:

Que não conjecturemos, sem propósito, sobre as coisas maiores^{xv}.

Além desses, Hipócrates se manifesta dubiamente, de maneira humana. E, Homero, antes de todos^{xvi}:

maleável é a língua dos mortais, e muitas são as histórias.

E, mais,

Nos versos, muitos costumes cá e lá.

E, por fim,

O tipo de verso que falas é o mesmo que escutas.

Fala sobre a equipolência (*isostheneia*) e a oposição de discursos.

(74) Então os cétricos levaram a cabo seu projeto, refutando todos os

dogmas das demais escolas, eles próprios nada declarando

dogmaticamente. Ao relatar e proferir as opiniões alheias, eles nada

definiam, nem mesmo isso de nada definirem. A fim de nada definirem

rejeitaram a expressão "nada definimos", que definiria algo.

"Enunciamos", dizem, "as afirmações para revelar nossa não

precipitação", como se, tendo acenado com a cabeça, isso lograssem

ἀλλὰ καὶ Ἐμπεδοκλέα·

οὕτως οὐτ' ἐπιδερκτὰ τὰδ' ἀνδράσιν οὐτ' ἐπακουστὰ
οὐτε νόφ περιληπτὰ·

καὶ ἐπάνω,

αὐτὸ μόνον πεισθέντες ὅτω προσέκυρσεν ἕκαστος·

ἔτι μὴν Ἡράκλειτον,

μὴ εἰκῆ περὶ τῶν μεγίστων συμβαλλώμεθα·

καὶ (Ἰπποκράτην ε)/peita e)ndoiastw=j kai\ a)npwri/nwj

a)profai/nesqai: kai\ pñ'n (/Omlhron,

στρεπτή δὲ γλώσσ' ἐστὶ βροτῶν, πολέες δ' ἐνὶ μύθοι·

καὶ

ἐπέων δὲ πολὺς νομὸς ἔνθα καὶ ἔνθα·

καὶ

ὅπποῖον κ' εἴησθα ἔπος, τοῖον κ' ἐπακούσσις·

τὴν ἰσοσθένειαν λέγων καὶ ἀντίθεισιν τῶν λόγων.

(74) Διετέλουν δη οἱ σκεπτικοὶ τὰ τῶν αἰρέσεων δόγματα πάντα ἀνατρέποντες. αὐτοὶ δ' οὐδὲν ἀποφαίνονται δογματικῶς. ἕως δὲ

ἀνατρέποντες, αὐτοὶ δ' οὐδὲν ἀποφαινόνται δογματικῶς, ἕως δὲ τοῦ προφέρεσθαι τὰ τῶν ἄλλων καὶ διηγείσθαι μηδὲν ὀρίζοντες, μηδ' αὐτὸ τοῦτο. ὥστε καὶ τὸ μὴ ὀρίζειν ἀνήρουν λέγοντες οἷον Οὐδὲν ὀρίζομεν, ἐπεὶ ὠρίζον ἄν' προφερόμεθα δέ, φασί, τὰς ἀποφάσεις εἰς μῆνυσιν τῆς ἀπροπτωσίας, ὡς, εἰ καὶ νεύσαντας, τοῦτο ἐνεδέχτο δηλῶσαι· διὰ τῆς οὖν Οὐδὲν ὀρίζομεν φωνῆς τὸ τῆς ἀρρεψίας πάθος δηλοῦται· ὁμοίως δὲ καὶ διὰ τῆς Οὐδὲν μᾶλλον καὶ τῆς Παντὶ λόγῳ λόγος ἀντίκειται καὶ τῶν ὁμοίων.

(75) λέγεται δὲ τὸ Οὐδὲν μᾶλλον καὶ θετικῶς, ὡς ὁμοίων τινῶν ὄντων· οἷον, Οὐδὲν μᾶλλον ὁ πειρατῆς κακός ἐστιν ἢ ὁ ψεύστης. ὑπὸ δὲ τῶν σκεπτικῶν οὐ θετικῶς ἀλλ' ἀναιρετικῶς λέγεται, ὡς ὑπὸ τοῦ ἀνασκευάζοντος καὶ λέγοντος, Οὐ μᾶλλον ἢ Σκύλλα γέγονεν ἢ Χίμαιρα. αὐτὸ δὲ τὸ Μᾶλλον ποτὲ μὲν συγκριτικῶς ἐκφέρεται, ὡς ὅταν φῶμεν μᾶλλον τὸ μέλι γλυκὺ ἢ τὴν σταφίδα· ποτὲ δὲ θετικῶς καὶ ἀναιρετικῶς, ὡς ὅταν λέγωμεν, Μᾶλλον ἢ ἀρετῇ ὠφέλει ἢ βλαπτει· σημαίνομεν γὰρ ὅτι ἡ ἀρετῇ ὠφέλει.

mostrar. Por isso, então, a fórmula “nada definimos” mostra o equilíbrio das afecções. Semelhantemente, através das expressões “não mais isto que aquilo” e “a todo discurso, opõe-se outro discurso” e outras desse gênero.

(75) Diz-se “não mais” afirmativamente, como se fossem semelhantes alguns entes. Assim, “o pirata não é mau mais que mentiroso”. Pelos cétricos, é dito não de maneira afirmativa, mas negativa, como pelo dito aniquilador, “Não mais existe a Cila que a Quimera”. E o próprio termo “mais” pode ser empregado comparativamente, como quando dizemos ser o mel mais doce que a uva. Seja afirmativamente, seja negativamente, como quando dizemos, “a virtude mais nos beneficia que nos prejudica”. Queremos dizer, com efeito, que a virtude nos beneficia e não nos prejudica.

(76) Mas os cétricos eliminam também a expressão “não mais”^{xxxx}. Pois, como o presságio não mais é que não é, assim também a expressão “não mais” não mais é que não é. Então a expressão quer dizer.

ἀρετὴ ὠφελεῖ ἢ βλάπτει· σημαίνομεν γὰρ ὅτι ἡ ἀρετὴ ὠφελεῖ, βλάπτει δ' οὐ.

(76) ἀναιρούσι δ' οἱ σκεπτικοὶ καὶ αὐτὴν τὴν “Οὐδὲν μᾶλλον” φωνήν· ὡς γὰρ οὐ μᾶλλον ἔστι πρόνοια ἢ οὐκ ἔστιν, οὕτω καὶ τὸ Οὐδὲν μᾶλλον οὐ μᾶλλον ἔστιν ἢ οὐκ ἔστιν. σημαίνει οὖν ἡ φωνή, καθά φησι καὶ Τίμων ἐν τῷ Πύθωνι, “τὸ μηδὲν ὀρίζειν, ἀλλ' ἀπροσθετεῖν.” ἢ δὲ Παντὶ λόγῳ φωνὴ καὶ αὐτὴ συναγεί τὴν ἐποχήν· τῶν μὲν γὰρ πραγμάτων διαφωνούντων τῶν δὲ λόγων ἰσοσθενούντων ἀγνωσία τῆς ἀληθείας ἐπακολουθεῖ· καὶ αὐτῶ δὲ τούτῳ τῷ λόγῳ λόγος ἀντίκειται, ὅς καὶ αὐτὸς μετὰ τὸ ἀνελεῖν τοὺς ἄλλους ὑφ' ἑαυτοῦ περιτραπεῖς ἀπόλλυται, κατ' ἴσον τοῖς καθαρτικοῖς, ἃ τὴν ὕλην προεκκρίναντα καὶ αὐτὰ ὑπεκκρίνεται καὶ ἐξαπόλλυται.

(77) Πρὸς ὃ φασιν οἱ δογματικοὶ μὴ αἶρειν τὸν λόγον, ἀλλὰ προσεπισχυρίζειν. μόνον οὖν διακόνοις ἐχρώντο τοῖς λόγοις· οὐ

μόνο οὐκ ἐπιπέτῳ λόγῳ ἐμελέειν καθ' οὐ τοσούτου ἐπιφέρεται

segundo disse Tímão no *Píton*, “nada definir, ou seja, não se

precipitar”^{xxviii}. A expressão “a todo discurso, opõe-se outro discurso” também conduz à suspensão de juízo, pois, quando as coisas se encontram em diafonia, os discursos estão em equipolência; a ignorância sucede à verdade^{xxix}. Ademais, também a este discurso opõe-se um discurso contrário, o qual, depois que tiver destruído os outros, será eliminado, revirado por si próprio, do mesmo modo que purgantes, após terem eliminado do corpo a matéria, são eles próprios eliminados e expulsos^{xxx}.

(77) Em relação a isso, os dogmáticos dizem que [o ceticismo] não elimina o discurso, mas o fortalece. [Os céticos dizem], então que somente utilizam os discursos como auxiliares, pois não é possível eliminar um discurso sem outro discurso. Assim, se dissermos que não há espaço, devemos também sempre dizer ‘espaço’, não dogmaticamente, mas de maneira demonstrativa. E, semelhantemente, [se dissermos] que as coisas não vêm a ser devido à necessidade,

γάρ οἷον τε ἢν μὴ λόγῳ λόγον ἀνελεῖν· καθ' ὃν τρόπον εἰώθαμεν λέγειν τόπον μὴ εἶναι καὶ δεῖ πάντως τὸν τόπον εἶπειν, ἀλλ' οὐ δογματικῶς, ἀποδεικτικῶς δέ· καὶ μηδὲν γίνεσθαι κατ' ἀνάγκην καὶ δεῖ τὴν ἀνάγκην εἶπειν. τοιοῦτῳ τινὶ τρόπῳ τῆς ἑρμηνείας ἔχρῳντο· οἷα γὰρ φαίνεται τὰ πράγματα, μὴ τοιαῦτα εἶναι τῆ φύσει, ἀλλὰ μόνον φαίνεσθαι· ζητεῖν τ' ἔλεγον οὐχ ἄπερ νοοῦσιν, ὅτι γὰρ νοεῖται δῆλον, ἀλλ' ὧν ταῖς αἰσθήσεσι μετίσχουσιν.

(78) Ἔστιν οὖν ὁ Πυρρώνειος λόγος μῆνυσις τις τῶν φαινομένων ἢ τῶν ὁπωσοῦν νοουμένων, καθ' ἣν πάντα πάσι συμβάλλεται καὶ συγκρινόμενα πολλὴν ἀνωμαλίαν καὶ ταραχὴν ἔχοντα εὐρίσκεται, καθά φησιν Αἰνεσίδημος ἐν τῇ εἰς τὰ Πυρρώνεια ὑποτυπώσει. πρὸς δέ τας ἐν ταῖς σκέψεσιν ἀντιθέσεις προαποδεικνύντες καθ' οὓς τρόπους πείθει τὰ πράγματα, κατὰ τοὺς αὐτοὺς ἀνήρουν τὴν περὶ αὐτῶν πίστιν· πείθειν γὰρ τὰ τε κατ' αἰσθήσιν συμφώνως ἔχοντα καὶ τὰ μηδέποτε ἢ σπανίως

νοῶν μετὰπίπτοντα τὰ τε συνήθη καὶ τὰ νόμοις διεστραμμένα καὶ

devenos também dizer 'necessidade'. Desse modo, então, davam a explicação. Pois as coisas não são, por natureza, tais quais aparecem, apenas aparecem assim. Diziam também investigar não a partir da inteligência, pois a inteligência é evidente, mas a partir das [impressões] derivadas das sensações.

(78) O discurso pirrônico é, pois, indicador das coisas aparentes, ou de quaisquer coisas inteligidas. Segundo esse discurso, todas as coisas são relativas a outras coisas e, estando compostas, revelam muita anomalia e perturbação, conforme diz Enesídemo em seu *Esboço das coisas*

pirrônicas. Em relação às contradições demonstradas na investigação, contra os modos pelos quais as coisas se mostram persuasivas, contrapõem-se aqueles que destroem a crença relativa a elas. Pois,

manifestam-se persuasivas as coisas em consonância segundo as

sensações, as que nunca ou raramente mudam, as [adquiridas] por

hábito, as reguladas pelas leis e as que provocam prazer e espanto^{xxxv}.

(79) Mostraram, então, que os argumentos contrários àqueles

γουν μεταπίπτοντα τὰ τε συνήθη καὶ τὰ νομοῖς διεσταλμένα καὶ τὰ τέρποντα καὶ τὰ θαυμαζόμενα.

(79) ἐδείκνυσαν οὖν ἀπὸ τῶν ἐναντίων τοῖς πείθουσιν ἴσας τὰς πιθανότητας.

Αἱ δ' ἀπορίαι κατὰ τὰς συμφωνίας τῶν φαινομένων ἢ νοουμένων ἄς ἀπεδίδωσαν ἦσαν κατὰ δέκα τρόπους, καθ' οὓς τὰ ὑποκείμενα παραλλάττοντα ἐφαίνετο. τούτους δὲ τοὺς δέκα τρόπους καθ' οὓς τίθησιν.

* Ὡν πρῶτος ὁ παρά τὰς διαφορὰς τῶν ζώων πρὸς ἡδονὴν καὶ ἀλγηδόνα καὶ βλάβην καὶ ὠφέλειαν. συνάγεται δὲ δι' αὐτοῦ τὸ μὴ τὰς αὐτὰς ἀπὸ τῶν αὐτῶν προσπίπτειν φαντασίας καὶ τὸ διότι τῇ τοιαύτῃ μάχῃ ἀκολουθεῖ τὸ ἐπέχειν τῶν γὰρ ζώων τὰ μὲν χωρὶς μίξεως γίνεσθαι, ὡς τὰ πυρίβια καὶ ὁ Ἀραβίος φοῖνιξ καὶ εὐλαί· τὰ δ' ἐξ ἐπιπλοκῆς, ὡς ἄνθρωποι καὶ τὰ ἄλλα*

persuasivos são igualmente persuasivíssimos.

As aporias concedidas, derivadas da consonância dos fenómenos ou das intelecções, foram [ordenadas] de acordo com os dez modos, segundo os quais as coisas subjacentes aparecem alteradas. Assim dispõem-se esses dez modos^{xxxii}.

Há o primeiro, a partir das diferenças entre os animais, em relação ao prazer e à dor, ao nocivo e ao benéfico. Através dele, infere-se que as mesmas coisas produzem impressões diferentes e, por isso, ante tal conflito, segue a suspensão do juízo. Pois, entre os seres vivos, alguns nascem sem intercurso, como os seres que vivem no fogo, a fênix árabe e as minhocas. Outros, [nascem] pelo intercurso, como os seres humanos e os demais.

(80) Uns são compostos de um modo e outros, de outro. Por isso diferem também em seus sentidos: como os falcões, de aguçadíssima visão, ou os cães, de fino faro. Então, é razoável que a diferença nos olhos produza diferença nas impressões. Para as cabras um galho é

(80) καὶ τὰ μὲν οὕτως, τὰ δ' οὕτως συγκεκριταί· διο καὶ τῇ αἰσθήσει διαφέρει, ὡς κίρκοι μὲν ὀξύτατοι, κύνες δ' ὀσφρητικώτατοι. εὐλογον οὖν τοῖς διαφοροῖς τοὺς ὀφθαλμοὺς διάφορα καὶ τὰ φαντάσματα προσπίπτειν· καὶ τῇ μὲν αἰγί τὸν θαλλὸν εἶναι ἐδωδιμον, ἀνθρώπων δὲ πικρὸν, καὶ τὸ κώνειον ὄρνυγι μὲν τρόφιμον, ἀνθρώπων δὲ θανάσιμον, καὶ ὁ ἀπόπατος ἕϊ μὲν ἐδωδιμος, ἵππων δ' οὐ.

Δεύτερος ὁ παρὰ τὰς τῶν ἀνθρώπων φύσεις καὶ τὰς ἰδιοσυγκρισίας· Δημοφῶν γοῦν ὁ Ἀλεξάνδρου τραπεζοκόμος ἐν σκιά ἐθάλπτο, ἐν ἡλίῳ δ' ἐρρίγου.

(81) Ἄνδρων δ' ὁ Ἀργεῖος, ὡς φησὶν Ἀριστοτέλης, διὰ τῆς ἀνύδρου Λιβύης ὤδευεν ἄποτος. καὶ ὁ μὲν ἰατρικῆς, ὁ δὲ γεωργίας, ἄλλος δ' ἐμπορίας ὀρέγεται· καὶ ταῦτα οὓς μὲν βλαίπτει, οὓς δὲ ὠφελεῖ· ὅθεν ἐφεκτέον.

Τρίτος ὁ παρὰ τὰς τῶν αἰσθητικῶν πόρων διαφορὰς. τὸ χρῆμα μὲν ὁρᾷται μὲν ὀκσεῶν, κείσει δὲ γλυκὺ ὀπίσθιαί· δ'

comestível, para um humano, é amargo; a cicuta é nutritiva para as perdizes, para um ser humano é mortífera; o excremento é comestível para o suíno, não para o cavalo.

O segundo é relativo às naturezas e idiossincrasias dos seres humanos. Com efeito, Demofonte, o copeiro de Alexandre, esquentava-se na sombra e, no sol, tremia.

(81) Andro de Argo, como disse Aristóteles^{xxxviii}, viajou através do deserto da Líbia sem nada beber. Um busca a medicina, outro, a agricultura e um terceiro, o comércio. O que é nocivo para alguns é, para outros, benéfico. Por isso, deve-se suspender o juízo.

O terceiro é sobre as diferenças dos canais sensoriais. Com efeito, o mel produz a impressão de ser pálido para os olhos, doce para o paladar e aromático para o olfato. E a mesma figura é percebida ora de um modo, ora de outro, em vista das diferenças dos espelhos. Então, segue que o fenômeno não é mais tal do que qual.

(82) O quarto é relativo às disposições e às variações comuns, como

γούν μηλων ὀρασει μὲν ὠχρον, γευσει δὲ γλυκὺ, σαφῆρησι δ

εὐῶδες ὑποπίπτει. καὶ ἡ αὐτὴ δὲ μορφή παρὰ τὰς διαφορὰς τῶν κατόπτρων ἀλλοῖα θεωρεῖται. ἀκολουθεῖ οὖν μὴ μᾶλλον εἶναι τοῖον τὸ φαινόμενον ἢ ἀλλοῖον.

(82) Τέταρτος ὁ παρὰ τὰς διαθέσεις καὶ κοινῶς παραλλαγὰς, οἷον ὑγίειαν νόσον, ὑπνον ἐγρήγορσιν, χαρὰν λύπην, νεότητα γῆρας, θάρσος φόβον, ἔνδειαν πλήρωσιν, μῖσος φιλίαν, θερμισαίαν ψύξιν· παρὰ τὸ πνεῖν παρὰ τὸ πιεσθῆναι τοὺς πόρους, ἀλλοῖα. οὖν φαίνεται τὰ προσπίπτοντα παρὰ τὰς ποιάς διαθέσεις. οὐδὲ γὰρ οἱ μαινόμενοι παρὰ φύσιν ἔχουσι· τί γὰρ μᾶλλον ἐκεῖνοι ἢ ἡμεῖς; καὶ γὰρ ἡμεῖς τὸν ἥλιον ὡς ἐστῶτα βλέπομεν. Θεῶν δ' ὁ Τιθორαιεύς ὁ στωικός κοιμώμενος περιεπάτει ἐν τῷ ὑπνῷ καὶ Περικλέους δούλος ἐπ' ἄκρου τοῦ τέγους.

(83) Πέμπτος ὁ παρὰ τὰς ἀγωγὰς καὶ τοὺς νόμους καὶ τὰς μυθικὰς πίστει καὶ τὰς ἔθνικὰς συνθήκας καὶ δογματικὰς ὑπο-

σαυδὲ οὐ νόσος, ὄνειρος ἢ ἀπὸ τῆς ἀφροσύνης, ἢ ἀπὸ τῆς ἀφροσύνης

vellice, coragem ou medo, necessidade ou abundância, ódio ou afeto, calor ou frio. Em relação ao respirar e à obstrução dos canais, e outras coisas. As coisas parecem, então, diferentes conforme a disposição,

pois nem os loucos estão contra a natureza. Por que [o estariam] mais que nós? Nós olhamos o céu como se fosse fixo. Teo de Títoreu, o estóico, adormecido, andava durante o sono e, por seu turno, o escravo de Péricles [andava] no alto dos telhados^{XXXV}.

(83) O quinto é relativo a estilos de vida, leis, crenças míticas, acordos do povo e opiniões dogmáticas. Neste, estão incluídas as [opiniões] sobre as coisas belas ou feias, verdadeiras ou falsas, boas ou más,

divinas e sobre a geração e corrupção dos fenómenos. Então, o que é justo para alguns é injusto para outros. E o que é bom para alguns é

mau para outros. Pois os persas não consideram inapropriado ter

relações sexuais com as filhas, mas os gregos o repudiam. E os

massagetos, como conta Eudoxo no primeiro livro do *Períptlo*, têm as

ληψεις· εν τούτω περιεχεται τα περι καλων και αισχρων, περι
ἀληθῶν και ψευδῶν, περι ἀγαθῶν και κακῶν, περι θεῶν και
γενέσεως και φθορᾶς τῶν φαινομένων πάντων. τὸ γουν αὐτὸ
παρ' οἷς μὲν δίκαιον, παρ' οἷς δὲ ἄδικον· και ἄλλοις μὲν ἀγαθόν,
ἄλλοις δὲ κακόν. Πέρσαι μὲν γάρ οὐκ ἄτοπον ἡγουνται θυγατρί
μίγνυσθαι, Ἕλληνες δ' ἔκθεσιμον. και Μασσαγέται μὲν, ὡς φησι
και Εὐδοξος ἐν τῇ πρώτῃ τῆς Περιόδου, κοινὰς ἔχουσι τὰς
γυναῖκας, Ἕλληνες δ' οὐ· Κίλικές τε ληστείαις ἔχαιρον, ἀλλ' οὐχ
Ἕλληνες.

(84) Θεοὺς τ' ἄλλοι ἄλλους ἡγουνται· και οἱ μὲν προνοεῖσθαι, οἱ
δ' οὐ· θάππουσι δ' Αἰγύπτιοι μὲν ταριχεύοντες, Ρωμαῖοι δὲ
καίοντες, Παῖονες δ' εἰς λίμνας ῥιπτουντες· ὅθεν περι τάληθους
ἡ ἐποχή.

Ἐκτος ὁ παρὰ τὰς μίξεις και κοινωνίας, καθ' ὃν εἰλικρινῶς
οὐδὲν καθ' αὐτὸ φαίνεται, ἀλλὰ σὺν ἀέρι, σὺν φωτὶ, σὺν ὑγρῷ,
σὺν στερεῷ, θερμότητι, ψυχρότητι, κινήσει, ἀναθυμιάσεσιν,

ἄλλαις δυνάμεσιν· ἡ γουν πορφύρα διάφορον ὑποβαίνει χρώμα

mulheres em comum, e os gregos não. Os cilícios deleitavam-se na
pirataria, mas os gregos não.

(84) Cada qual tem em consideração os próprios deuses e uns acreditam
na antevisão e outros não. Os egípcios enterram os mortos
embalsamados; os romanos os cremam; os peónios os lançam nos
pântanos. Assim, sobre a verdade, [segue] a suspensão de juízo.

O sexto é relativo às misturas e reuniões, segundo o qual nada

aparece puro, em si, mas conjuntamente com ar, luz, umidade, sólido,

quente, frio, movimento, coisas emanações e outras potências. Então, a

púrpura se mostra como diferentes cores ao sol, à lua e à luz da

lâmpada. E as cores do dia parecem diferentes ao meio-dia e quando o
sol se põe.

(85) E uma pedra que no ar é levantada por dois, na água é facilmente
deslocada, seja porque é pesada e é levantada pela água, seja porque é
leve e é pesada pelo ar. Ignoramos, então, como é uma coisa em si
mesma, assim como o óleo no unguento.

ἄλλαις δυνάμεσιν. ἡ γοῦν πορφύρα διάφορον ὑποφαίνει χρώμα ἐν ἡλίῳ καὶ σελήνῃ καὶ λύχνῳ. καὶ τὸ ἡμέτερον χρώμα ἄλλοιόν ὑπὸ τῇ μεσημβρίᾳ φαίνεται καὶ ὅτε ὁ ἥλιος δύνει·

(85) Καὶ ὁ ἐν αἰερί ὑπὸ δυοῖν κουφίζομενος λίθος ἐν ὕδατι ῥαδίως μετατίθεται, ἥτοι βαρὺς ὢν καὶ ὑπὸ τοῦ ὕδατος κουφίζομενος ἢ ἐλαφρὸς ὢν καὶ ὑπὸ τοῦ αἰέρος βαρυνόμενος. ἀγνωσοῦμεν οὖν τὸ κατ' ἴδιαν, ὡς ἔλαιον ἐν μύρῳ.

Ἔβδομος ὁ παρὰ τὰς ἀποστάσεις καὶ ποιᾶς θέσεις καὶ τοὺς τόπους καὶ τὰ ἐν τοῖς τόποις. κατὰ τοῦτον τὸν τρόπον τὰ δοκοῦντα εἶναι μεγάλα μικρὰ φαίνεται, τὰ τετράγωνα στρογγύλα, τὰ ὀμαλὰ ἐξοχὰς ἔχοντα, τὰ ὀρθὰ κεκλασμένα, τὰ ὠχρὰ ἐτερόχροα. ὁ γοῦν ἥλιος παρὰ τὸ διάστημα μικρὸς φαίνεται· καὶ τὰ ὀρη πόρρωθεν ἀεροειδῆ καὶ λεία, ἐγγύθεν δὲ τραχέα.

(86) ἔτι ὁ ἥλιος ἀνίσχων μὲν ἄλλοιός, μεσουρανῶν δ' οὐχ ὅμοιος. καὶ τὸ αὐτὸ σῶμα ἐν μὲν ἄλλαις ἄλλοιόν, ἐν δὲ ψιλῇ γῆ ἔτερον· καὶ ἡ εἰκὼν παρὰ τὴν ποιὰν θέσιν, ὁ τε τῆς περιστερίας

Ο σέτιμο ἐστὶν ἰσχυρὸν τὸν ἀπὸ τῆς ἀποστάσεως καὶ τῆς ποιᾶς. ὁ γοῦν ἥλιος ἐν τῇ μεσημβρίᾳ φαίνεται ἰσχυρὸν καὶ τὸ ἡμέτερον ἰσχυρὸν ἰσχυρὸν ὑπὸ τῇ μεσημβρίᾳ φαίνεται καὶ ὅτε ὁ ἥλιος δύνει·

Ὁ σέτιμο ἐστὶν ἰσχυρὸν τὸν ἀπὸ τῆς ἀποστάσεως καὶ τῆς ποιᾶς. ὁ γοῦν ἥλιος ἐν τῇ μεσημβρίᾳ φαίνεται ἰσχυρὸν καὶ τὸ ἡμέτερον ἰσχυρὸν ὑπὸ τῇ μεσημβρίᾳ φαίνεται καὶ ὅτε ὁ ἥλιος δύνει·

Ὁ σέτιμο ἐστὶν ἰσχυρὸν τὸν ἀπὸ τῆς ἀποστάσεως καὶ τῆς ποιᾶς. ὁ γοῦν ἥλιος ἐν τῇ μεσημβρίᾳ φαίνεται ἰσχυρὸν καὶ τὸ ἡμέτερον ἰσχυρὸν ὑπὸ τῇ μεσημβρίᾳ φαίνεται καὶ ὅτε ὁ ἥλιος δύνει·

(86) Além disso, o sol que se levanta não é igual ao que se encontra no meio do céu. E o mesmo corpo é diferente em um bosque e na terra nua. A figura [varia] segundo as diferentes disposições; o pescoço do pombo [varia] segundo a curvatura. Então, como essas coisas não são observadas fora de lugares e disposições, a natureza delas é ignorada.

O oitavo modo é relativo às quantidades^{xxxv} nelas, de calor ou de frio, de velocidade ou de lentidão, de ausência ou variedade de cor. Assim, tomar vinho com moderação nos fortalece, já, em excesso, nos debilita. Semelhantemente, também a comida e outras coisas similares.

ἕτερον· καὶ ἡ εἰκὼν παρὰ τὴν ποῖαν θέσιν, ὅ τε τῆς περισσεύρας τράχηλος παρὰ τὴν στροφὴν. ἐπεὶ οὖν οὐκ ἐνὶ ἕξω τόπων καὶ θέσεων ταῦτα κατανοήσαι, ἀγνοεῖται ἡ φύσις αὐτῶν.

Ἦ ὄγδοος ὁ παρὰ τὰς ποσότητας αὐτῶν ἡ θερμότητος ἡ ψυχρότητος ἡ ταχύτητος ἡ βραδύτητος ἡ ὠχρότητος ἡ ἕτεροχρωσιότητα. ὁ γοῦν οἶνος μέτριος μὲν ληφθεὶς ῥώννυσι, πλείων δὲ παρήσιν· ὁμοίως καὶ ἡ τροφή καὶ τὰ ὅμοια.

(87) Ἦ ἑνατος ὁ παρὰ τὸ ἐνδελεχὲς ἡ ξένον ἡ σπάνιον. οἱ γοῦν σεισμοὶ παρ' οἷς συνεχῶς ἀποτελοῦνται οὐ θαυμάζονται, οὐδ' ὁ ἥλιος, ὅτι καθ' ἡμέραν ὀράται. τὸν ἑνατὸν Φαβωρίνος ὄγδοον, Σέξτος δὲ καὶ Αἰνεσιδήμιος δέκατον· ἀλλὰ καὶ τὸν δέκατον Σέξτος ὄγδοον φησι, Φαβωρίνος δὲ ἑνατον.

Δέκατος ὁ κατὰ τὴν πρὸς ἄλλα σύμβλησιν, καθάπερ τὸ κούφον παρὰ τὸ βαρὺ, τὸ ἰσχυρὸν παρὰ τὸ ἀσθενές, τὸ μείζον παρὰ τὸ ἔλαττον, τὸ ἄνω παρὰ τὸ κάτω. τὸ γοῦν δεξιὸν φύσει μὲν οὐκ ἔστι δεξιόν, κατὰ δὲ τὴν ὥς πρὸς τὸ ἕτερον σχέσιν νοεῖται· μεταστρεφέντος γοῦν ἐκείνου, οὐκέτ' ἔσται δεξιόν.

(87) O nono é relativo à constância, estranheza ou raridade. Assim, os

terremotos não provocam espanto junto aos que continuamente os experimentam. Nem o sol, porque é visto todos os dias. Este nono modo é o oitavo de Favorino e o décimo de Sexto e Enesidemo^{ANXI}, enquanto Sexto chama o décimo de oitavo e Favorino de nono.

O décimo é relativo à comparação com as outras coisas, tal como o leve em relação ao pesado, o forte em relação ao fraco, o maior em relação ao menor, o alto em relação ao baixo. Assim, uma coisa que está à direita não está à direita por natureza, mas é entendida como tal em relação à posição de outra coisa. Sendo deslocada esta, não mais estará à direita.

(88) Analogamente, alguém é 'pai' ou 'irmão' em relação a outrem; o dia o é em relação ao sol; todas as coisas são relativas ao pensamento. Então, nada relativo a outras coisas é cognoscível em relação a si. São esses, pois, os dez modos.

Agrippa e seus seguidores acrescentam outros cinco modos a esses: o

ΝΟΕΪΤΑΙ ΜΕΤΑΤΕΘΕΝΤΟΣ ΓΟΥΝ ΕΚΕΙΝΟΥ, ΟΥΚΕΤ' ΕΣΤΑΙ ΔΕΞΙΟΝ.

(88) ὁμοίως καὶ πατήρ καὶ ἀδελφὸς ὡς πρὸς τι καὶ ἡμέρα ὡς πρὸς τὸν ἥλιον καὶ πάντα ὡς πρὸς τὴν διάνοιαν. ἄγνωστα οὖν τὰ πρὸς τι ὡς καθ' ἑαυτά. καὶ οὔτοι μὲν οἱ δέκα τρόποι.

Οἱ δὲ περὶ Ἀγρίππαν τούτοις ἄλλους πέντε προσεισάγουσι, τὸν ἄπο τῆς διαφωνίας καὶ τὸν εἰς ἄπειρον ἐκβάλλοντα καὶ τὸν πρὸς τι καὶ τὸν ἐξ ὑποθέσεως καὶ τὸν δι' ἀλλήλων.

ὁ μὲν οὖν ἀπὸ τῆς διαφωνίας ὁ ἂν προτεθῆ ζήτημα παρὰ τοῖς φιλοσόφοις ἢ τῆ συνηθείᾳ, πλείστης μάχης καὶ ταραχῆς πλήρες ἀποδείκνυει·

ὁ δ' εἰς ἄπειρον ἐκβάλλον οὐκ ἔα βεβαιουῖσθαι τὸ ζητούμενον, διὰ τὸ ἄλλο ἀπ' ἄλλου τὴν πίστιν λαμβάνειν καὶ οὕτως εἰς ἄπειρον.

(89) ὁ δὲ πρὸς τι οὐδὲν φησι καθ' ἑαυτὸ λαμβάνεσθαι, ἀλλὰ μεθ' ἑτέρου. ὅθεν ἄγνωστα εἶναι.

ὁ δ' ἐξ ὑποθέσεως τρόπος συνίσταται, οἰομένων τινῶν τὰ

πρώτα τῶν πραγματίων αὐτέων δὲν λαμβάνειν ὡς πιστά καὶ

πρῶτον ὑποθέσειν ἄλλων ἢ τῆς ἀληθείας ὡς πρὸς τὴν ἀλήθειαν. ὁ δὲ πρὸς τι οὐδὲν φησι καθ' ἑαυτὸ λαμβάνεσθαι, ἀλλὰ μεθ' ἑτέρου. ὅθεν ἄγνωστα εἶναι.

Então, o sobre o desacordo demonstra que as questões propostas pelos filósofos ou pelo povo estão cheias de grande conflito e confusão.

O sobre o regresso ao infinito supõe não haver solução firme para os questionamentos, pois uma crença se estabelece por outra, que, por sua vez, se estabelece por outra e assim até o infinito.

(89)O sobre a relatividade^{xxxvii} diz que nada é apreendido em si, mas em relação a outra coisa. Disso decorre ser incognoscível.

O modo sobre as hipóteses coloca o fato de haver pessoas que pretendem ser necessário apreender os fundamentos das coisas por si, como crença, sem se perguntar a seu respeito. Isso é loucura, pois alguém poderia hipotetizar o contrário.

O modo sobre a reciprocidade coloca o seguinte: quando as coisas forem investigadas é necessário haver provas e, portanto, termos uma

πρῶτα τῶν πραγμάτων αὐτῶθεν δεῖν λαμβάνειν ὡς πιστὰ καὶ μὴ αἰτεῖσθαι· ὅ ἐστι μάταιον· τὸ ἐναντίον γὰρ τις ὑποθήσεται.

ὁ δὲ δι' ἀλλήλων τρόπος συνίσταται ὅταν τὸ ὀφείλον τοῦ

ζητουμένου πράγματος εἶναι βεβαιωτικὸν χρεῖαν ἔχη τῆς ἐκ τοῦ

ζητουμένου πίστεως, οἷον εἰ τὸ εἶναι πόρους τις βεβαιῶν διὰ τὸ

ἀπορροίας γίνεσθαι, αὐτὸ τοῦτο παραλαμβάνοι πρὸς

βεβαίωσιν τοῦ ἀπορροίας γίνεσθαι.

(90) Ἀνήρουν δ' οὔτοι καὶ πάσαν ἀποδείξιν καὶ κριτήριον καὶ

σημεῖον καὶ αἴτιον καὶ κίνησιν καὶ μάθησιν καὶ γένεσιν καὶ τὸ

φύσει τι εἶναι ἀγαθὸν ἢ κακόν. πᾶσα γὰρ ἀποδείξις, φασίν, ἢ ἐξ

ἀποδεδειγμένων σύγκειται χρημάτων ἢ ἐξ ἀναποδείκτων. εἰ μὲν

οὖν ἐξ ἀποδεδειγμένων, κακεῖνα δεήσεται τις ἀποδείξεως

κάντευθεν εἰς ἀπειρον· εἰ δ' ἐξ ἀναποδείκτων, ἦτοι πάντων ἢ

τινῶν ἢ καὶ ἐνὸς μόνου δισταζομένου, καὶ τὸ ὅλον εἶναι ἀναπό-

δείκτων. εἰ δὲ δοκεῖ, φασίν, ὑπάρχειν τινα μηδεμίαν ἀποδείξεως

δέομενα. θανμισστοὶ τῆς γνώμης. εἰ μὴ συνίσσιν ὅτι εἰς αὐτὸ

crença sobre a coisa investigada; assim, se alguém prova existirem

canais por meio dos efluxos que ocorrem a partir deles, do mesmo

modo, pode tomar os canais como prova da existência dos efluxos.

(90) Estes [i.e. os cétricos] aboliram toda demonstração: o critério, o

sinal, a causa, o movimento, a instrução, a geração e o fato de algo ser

bom ou mau por natureza^{XXXVIII}. Pois toda demonstração, diziam, apoia-

se em coisas demonstradas ou indemonstráveis. Então, se consiste em

coisas demonstradas, também estas coisas precisam de uma prova, daí

até o infinito. Se consiste em coisas indemonstráveis, certamente,

duvidando de todas as coisas ou de algumas ou de uma apenas, o todo

será indemonstrável. Dizem ainda: se alguém supor existir algo que não

necessita de nenhuma demonstração, [este é] espantoso em seu

conhecimento, se não compreende que, primeiro, para (provar) isso

mesmo, tem uma crença sobre essas coisas e que, portanto, uma

demonstração faz-se necessária.

δεόμενα, θαυμαστοὶ τῆς γνώμης, εἰ μὴ συνιάσιν ὅτι εἰς αὐτὸ
τοῦτο πρῶτον, ὡς ἄρ' ἐξ αὐτῶν ἔχει τὴν πίστιν, ἀποδείξεως
χρή.

(91) οὐδὲ γὰρ τὸ τέτταρα εἶναι τὰ στοιχεῖα ἐκ τοῦ τέτταρα
εἶναι τὰ στοιχεῖα βεβαιωτέον. πρὸς τῷ, καὶ τῶν κατὰ μέρος
ἀποδείξεων ἀπιστουμένων ἀπιστον εἶναι καὶ τὴν γενικὴν
ἀπόδειξιν. ἵνα τε γνωῶμεν ὅτι ἔστιν ἀπόδειξις, κριτηρίου δεῖ· καὶ
ὅτι ἔστι κριτήριο, ἀποδείξεως δεῖ· ὅθεν ἐκότερα ἀκατάληπτα
ἀναπεμπόμενα ἐπ' ἄλληλα. πῶς ἂν οὖν καταλαμβάνοιτο τὰ
ἄδηλα τῆς ἀποδείξεως ἀγνωσμένης; ζητεῖται δ' οὐκ εἰ φαίνεται
τοιαῦτα, ἀλλ' εἰ καθ' ὑπόστασιν οὕτως ἔχει.

(92) Εὐθὺς δὲ τοὺς δογματικούς ἀπέφαινον. τὸ γὰρ ἐξ ὑπο-
θέσεως περαινόμενον οὐ σκέψεως ἀλλὰ θέσεως ἔχει λόγον.
τοιούτῳ δὲ λόγῳ καὶ ὑπὲρ ἀδυνάτων ἔστιν ἐπιχειρεῖν. τοὺς δ'
οἰόμενους μὴ δεῖν ἐκ τῶν κατὰ περίστασιν κρίνειν τὰληθῆς μὴδ'
ἐκ τῶν κατὰ πίστιν νομισθεῖν. ἔλεγον αὐτοῖς, μέτα τῶν

(91) Com efeito, não se pode provar serem quatro os elementos, por
serem quatro os elementos. Ademais, se não acreditarmos em parte da
demonstração, não poderemos acreditar na demonstração como um
todo. A fim de conhecermos o que é demonstração, é necessário um
critério. E para conhecermos o que é critério, é necessária uma
demonstração. Disso segue todas as coisas serem inapreensíveis, cada
qual remetendo à outra. Como, então, apreenderíamos as coisas não
evidentes, sendo ignorada a demonstração delas? Não se investiga se
parecem de tal maneira, mas se são assim na realidade.

(92) Os céticos mostram também serem os dogmáticos simplórios, pois
o que concluem a partir de hipóteses, não é investigado, sendo, pois, um
discursos de suposição. Nesse tipo de discurso, pode-se produzir idéias
sobremaneira fracas. Os dogmáticos, ainda, considerando que não se
deve julgar o verdadeiro segundo as coisas em volta e sim conforme a
natureza que dispõe as leis, dizem que eles próprios definem a medida

ἐκ τῶν κατὰ φύσιν νομοθετεῖν, ἔλεγον αὐτοὺς μέτρα τῶν

πάντων ὀρίζειν, οὐχ ὀρώντας ὅτι πᾶν τὸ φαινόμενον κατ' ἀντιπερίστασιν καὶ διάθεσιν φαίνεται. ἦτοι γοῦν πᾶντ' ἀληθῆ ῥητέον ἢ πάντα ψευδῆ. εἰ δ' ἔνιά ἐστιν ἀληθῆ, τίμη διακριτέον; οὔτε γὰρ αἰσθήσει τὰ κατ' αἰσθησιν πάντων ἴσων αὐτῆ φαινομένων, οὔτε νοήσει διὰ τὴν αὐτὴν αἰτίαν. ἄλλη δὲ παρὰ ταύτας εἰς ἐπικρισιν δύναμις οὐχ ὀράται. ὁ οὖν, φασί, περὶ τίνος διαβεβαιούμενος αἰσθητοῦ ἢ νοητοῦ πρότερον ὀφείλει τὰς περὶ τούτου δόξας καταστήσαι· οἱ μὲν γὰρ ταῦτα, οἱ δὲ ταῦτα ἀνηρήκασιν. δεῖ δ' ἢ δι' αἰσθητοῦ ἢ νοητοῦ κριθῆναι, ἑκάτερα δὲ ἀμφισβητεῖται.

(93) οὐ τοῖνον δυνατόν τας περὶ αἰσθητῶν ἢ νοητῶν ἐπικρίναι δόξας· εἴ τε διὰ τὴν ἐν ταῖς νοήσεσι μάχην ἀπιστητέον πᾶσιν, ἀναιρεθήσεται τὸ μέτρον ὧ δοκεῖ τὰ πάντα διακριβούσθαι· πᾶν οὖν ἴσον ἠγῆσσονται. ἔτι, φασίν, ὁ συζητῶν ἤμιν τὸ φαινόμενον πιστός ἐστιν ἢ οὔ. εἰ μὲν οὖν πιστός ἐστιν, οὐδὲν ἔξει λέγειν πρὸς

de todas as coisas, não vindo que o fenômeno aparece segundo as

coisas em volta e a disposição. Dessa feita, ou todas as coisas têm de ser verdade ou mentira. De que maneira decidir se é verdade? Nem as coisas sensíveis [podem ser compreendidas] pela sensação, pois todas as aparências são iguais à sensação; nem as intelecções, pela mesma razão. Não se vê outra faculdade para julgar além dessas. Então, dizem, aquele que necessita provar algo pela sensação ou intelecção tem de estabelecer as opiniões sobre isso. Pois uns [accitam] uma teoria, outros a destroem. Deve-se, então, julgá-la seja pela sensação, seja pela intelecção, e cada uma delas é contestada.

(93) Portanto, não é possível julgar as coisas relativas às sensações ou intelecções partindo das opiniões. Se for necessário não crer em nada, devido ao conflito de intelecções, é destruída a medida de todas as coisas examinadas cuidadosamente. Então, todas as coisas são tomadas igualmente. Dizem ainda, aquele que conosco investiga o fenômeno ou

πιστός ἐστιν ἢ οὐ. εἰ μὲν οὖν πιστός ἐστιν, οὐδὲν ἔξει λέγειν πρὸς τὸν ᾧ φαίνεται τὸναντίον· ὥς γὰρ αὐτὸς πιστός ἐστι τὸ φαινόμενον λέγων, οὕτω καὶ ὁ ἑναντίος· εἰ δ' ἄπιστος, καὶ αὐτὸς ἀπιστηθήσεται τὸ φαινόμενον λέγων.

(94) Τό τε πείθον οὐχ ὑποληπτέον ἀληθές ὑπάρχειν· οὐ γὰρ πάντας τὸ αὐτὸ πείθειν οὐδὲ τοὺς αὐτοὺς συνεχές· γίνεται δὲ καὶ παρὰ τὰ ἔκτος ἢ πιθανότης, παρὰ τὸ ἔνδοξον τοῦ λέγοντος ἢ παρὰ τὸ φροντιστικὸν ἢ παρὰ τὸ αἰμίλιον ἢ παρὰ τὸ σύνηδες ἢ παρὰ τὸ κεχαρισμένον.

* Ἀνήρουν δὲ καὶ τὸ κριτήριον λόγῳ τοιῶδε. ἤτοι κέκριται καὶ τὸ κριτήριον ἢ ἄκριτόν ἐστιν. ἀλλ' εἰ μὲν ἄκριτόν ἐστιν, ἄπιστον καθέστηκε καὶ διημιάρτηκε τοῦ ἀληθοῦς καὶ τοῦ ψεύδους· εἰ δὲ κέκριται, ἐν τῶν κατὰ μέρος γενήσεται κρινομένων, ὥστ' ἂν τὸ αὐτὸ καὶ κρίνῃ καὶ κρίνεσθαι καὶ τὸ κεκρικὸς τὸ κριτήριον ὑφ' ἑτέρου κριθήσεται κάκεινο ὑπ' ἄλλου καὶ οὕτως εἰς ἄπειρον.

ἐκτιμώμενος ἢ οὐ. εἰ μὲν οὖν ἐκτιμώμενος, οὐδὲν ἔξει λέγειν πρὸς τὸν ᾧ φαίνεται τὸναντίον· ὥς γὰρ αὐτὸς ἐκτιμώμενος ἐκτιμώμενος λέγων, οὕτω καὶ ὁ ἑναντίος· εἰ δ' οὐκ ἐκτιμώμενος, καὶ αὐτὸς οὐκ ἐκτιμώμενος κρινθήσεται τὸ φαινόμενον λέγων.

ἔστιν ἐκτιμώμενος ἢ οὐ. εἰ μὲν οὖν ἐκτιμώμενος, οὐδὲν ἔξει λέγειν πρὸς τὸν ᾧ φαίνεται τὸναντίον· ὥς γὰρ αὐτὸς ἐκτιμώμενος ἐκτιμώμενος λέγων, οὕτω καὶ ὁ ἑναντίος· εἰ δ' οὐκ ἐκτιμώμενος, καὶ αὐτὸς οὐκ ἐκτιμώμενος κρινθήσεται τὸ φαινόμενον λέγων.

(94) Ademais, não se deve supor verdadeiro o que é persuasivo. Pois, nem a mesma coisa convence a todos, nem aos mesmos continuamente. O persuasivo surge de coisas externas: da fama de quem fala, ou da fala ponderada, ou de [seu aspecto] lisonjeiro, familiar ou agradável. O critério também é destruído neste discurso^{xxxv}. Certamente, o critério

é crítico ou duvidoso. Se é duvidoso, não terá se apresentado confiável e terá errado sobre o verdadeiro e o falso. Se é crítico, terá surgido entre a porção de coisas julgadas e. ao julgar ou ser julgado, o critério crítico será criticado por outro e este, por sua vez, por outro: e assim ao infinito.

(95) πρὸς τῷ καὶ διαφωνεῖσθαι τὸ κριτήριον, τῶν μὲν τὸν ἄνθρωπον κριτήριον εἶναι λεγόντων, τῶν δὲ τὰς αἰσθήσεις, ἄλλων τὸν λόγον, ἐνίων τὴν καταληπτικὴν φαντασίαν. καὶ ὁ μὲν ἄνθρωπος καὶ πρὸς αὐτὸν διαφωνεῖ καὶ πρὸς τοὺς ἄλλους, ὡς δῆλον ἐκ τῶν διαφορῶν νόμων καὶ ἔθων. αἱ δ' αἰσθήσεις ψεύδονται, ὁ δὲ λόγος διάφωτος. ἡ δὲ καταληπτικὴ φαντασία ὑπὸ νοῦ κρίνεται καὶ ὁ νοῦς ποικίλως τρέπεται. ἄγνωστον οὖν ἔστι τὸ κριτήριον καὶ διὰ τοῦτο ἡ ἀλήθεια.

(96) Σημεῖόν τε οὐκ εἶναι· εἰ γὰρ ἔστι, φασί, σημεῖον, ἥτοι αἰσθητὸν ἔστιν ἢ νοητὸν· αἰσθητὸν μὲν οὐκ ἔστιν, ἐπεὶ τὸ αἰσθητὸν κοινὸν ἔστι, τὸ δὲ σημεῖον ἴδιον. καὶ τὸ μὲν αἰσθητὸν τῶν κατὰ διαφορὰν, τὸ δὲ σημεῖον τῶν πρὸς τι. νοητὸν δ' οὐκ ἔστιν, ἐπεὶ τὸ νοητὸν ἥτοι φαινόμενόν ἐστι φαινόμενον ἢ ἀφανές ἀφανούς ἢ ἀφανές φαινόμενον ἢ φαινόμενον ἀφανούς· οὐδὲν δὲ

τούτων ἔστιν· οὐκ ὁ ἔστι σημεῖον. φαινόμενον μὲν οὖν

(95) Além disso, o critério é motivo de discórdia. Uns dizem ser o humano o critério; outros, as sensações; outros, o discurso; ainda outros, a impressão apreensiva (*phantasian kataleptikēn*)⁹⁴. O ser humano discorda de si e dos outros, como evidenciam as diferentes leis e costumes. As sensações mentem, os discursos discordam. A impressão apreensiva julga pela mente e a mente se volta para variadas direções. Então, o critério não pode ser conhecido e, por isso, a verdade também não pode ser conhecida.

(96) Também o sinal não existe. Pois se existe, dizem os céticos, é certamente um sinal sensível ou intelectivo. Mas não há o sinal sensível, já que o sensível é comum, e o sinal, particular. E o sensível refere-se ao que é absoluto, enquanto o sinal refere-se ao que é relativo. Por sua vez, não há sinal intelectivo, já que seria, com efeito, ou uma intelecção fenomênica do fenômeno, ou uma intelecção não evidente do

ΤΟΥΤΩΝ ΕΣΤΙΝ· ΟΥΚ ἌΡ' ΕΣΤΙ ΣΗΜΕΙΟΝ· ΦΑΙΝΟΜΕΝΟΝ ΜΕΝ ΟΥΝ

ΦΑΙΝΟΜΕΝΟΥ ΟΥΚ ἜΣΤΙΝ, ἘΠΕΙ Τὸ ΦΑΙΝΟΜΕΝΟΝ Οὐ ΔΕΙΤΑΙ ΣΗΜΕΙΟΥ·

ἌΦΑΝΕΣ Δ' ἈΦΑΝΟΥΣ ΟΥΚ ἜΣΤΙΝ, ἘΠΕΙ ΔΕΙ ΦΑΙΝΕΣΘΑΙ Τὸ

ἘΚΚΑΛΥΠΤΟΜΕΝΟΝ ὑΠὸ ΤΙΝΟΣ·

(97) ἌΦΑΝΕΣ Δὲ ΦΑΙΝΟΜΕΝΟΥ Οὐ ΔΥΝΑΤΑΙ, ΚΑΘὸΤΙ ΔΕΙ ΦΑΙΝΕΣΘΑΙ Τὸ

ἘΤΕΡῶ ΠΑΡΕΞΟΝ ἈΦΟΡΜΉΝ ΚΑΤΑΛΉΨΕΩΣ· ΦΑΙΝΟΜΕΝΟΝ Δ' ἈΦΑΝΟΥΣ

ΟΥΚ ἜΣΤΙΝ, ὍΤΙ Τὸ ΣΗΜΕΙΟΝ ΤῶΝ ΠΡὸς ΤΙ ὄΝ ΣΥΓΚΑΤΑΛΑΜΒΑΝΕΣΘΑΙ

ὈΦΕΙΛΕΙ Τῶ Οὐ ἜΣΤΙ ΣΗΜΕΙΟΝ, Τὸ Δὲ Μῆ ἜΣΤΙΝ. ΟὐΔὲΝ ἌΡΑ ΤῶΝ

ἈΔῆΛΩΝ ἌΝ ΚΑΤΑΛΑΜΒΑΝΟΙΤΟ· ΔΙΑ ΓΆΡ ΤῶΝ ΣΗΜΕΙΩΝ ΛΈΓΕΤΑΙ ΤΆ

ἈΔῆΛΑ ΚΑΤΑΛΑΜΒΑΝΕΣΘΑΙ.

* ἈΝΑΙΡΟΥΣΙ Δὲ Τὸ Αἴτιον ὥδε· Τὸ Αἴτιον τῶν ΠΡὸς ΤΙ ἔΣΤΙ·

ΠΡὸς ΓΆΡ Τὸ Αἴτιατόν ἔΣΤΙ·

(98) ΤΆ Δὲ ΠΡὸς ΤΙ ἘΠΙΝΟΕΪΤΑΙ ΜόνΟΝ, ὙΠΆΡΧΕΙ Δ' Οὐ· ΚΑΙ Τὸ Αἴτιον

ΟὐΝ ἘΠΙΝΟΟΙΤΟ ἌΝ ΜόνΟΝ, ἘΠΕΙ ἘΠΕΡ ἔΣΤΙΝ Αἴτιον, ὈΦΕΙΛΕΙ ἘΧΕΙΝ Τὸ

οὐ λέγεται αἴτιον· ἐπεὶ οὐκ ἔσται αἴτιον καὶ ἄνεπε· ὁ πατὴρ μὴ

não evidente, ou uma intelecção não evidente do fenômeno, ou uma intelecção fenomênica do não evidente. Nenhum desses é um sinal.

Não há, portanto, sinal. Não há intelecção fenomênica de fenômeno, já que o fenômeno não necessita de sinal. Não há também intelecção não evidente do não evidente, porque deve aparecer revelado por outra coisa.

(97) Igualmente, não é possível intelecção não evidente do fenômeno, porque algo deve aparecer para fornecer a ocasião de se apreender outra coisa. Por fim, não há intelecção fenomênica do não evidente, porque o sinal das coisas relativas deve ser apreendido junto àquilo de que é sinal, ou não o é. Então, nenhuma das coisas dentre as não evidentes pode ser apreendida. Pois, diz-se serem as coisas não evidentes apreendidas através de sinais.

Destroem, do mesmo modo, a causa. A causa das coisas é relativa, pois é relativa àquilo de que é causa.

οὐ λέγεται αἴτιον, ἐπεὶ οὐκ ἔσται αἴτιον. καὶ ὡς περὶ ὁ πατήρ, μὴ παρόντος τοῦ πρὸς ὃ λέγεται πατήρ, οὐκ ἂν εἴη πατήρ, οὕτως καὶ τὸ αἴτιον· οὐ πάρεστι δὲ πρὸς ὃ νοεῖται τὸ αἴτιον· οὔτε γὰρ γένεσις οὔτε φθορὰ οὔτ' ἄλλο τι· οὐκ ἄρ' ἔστιν αἴτιον. καὶ μὴν εἰ ἔστιν αἴτιον, ἤτοι σῶμα σώματος ἔστιν αἴτιον ἢ ἀσώματων ἀσωμάτου· οὐδὲν δὲ τούτων· οὐκ ἄρ' ἔστιν αἴτιον. σῶμα μὲν οὖν σῶματος οὐκ ἂν εἴη αἴτιον, ἐπεὶ περ ἀμφοτέρα τὴν αὐτὴν ἔχει φύσιν. καὶ εἰ τὸ ἕτερον αἴτιον λέγεται παρ' ὅσον ἔστι σῶμα, καὶ τὸ λοιπὸν σῶμα ὃν αἴτιον γενήσεται.

(99) κοινῶς δ' ἀμφοτέρων αἰτίων ὄντων, οὐδὲν ἔσται τὸ πάσχον. ἀσώματου δ' ἀσωμάτου οὐκ ἂν εἴη αἴτιον διὰ τὸν αὐτὸν λόγον· ἀσώματον δὲ σώματος οὐκ ἔστιν αἴτιον, ἐπεὶ οὐδὲν ἀσώματων ποιεῖ σῶμα. σῶμα δ' ἀσωμάτου οὐκ ἂν εἴη αἴτιον, ὅτι τὸ γενόμενον τῆς πασχούσης ὕλης ὀφείλει εἶναι· μηδὲν δὲ πάσχον διὰ τὸ ἀσώματον εἶναι οὐδ' ἂν ὑπό τινος γένοιτο· οὐκ ἔστι

ταύτων αἴτιον, ὡς συνέβαινεῖται τὸ ἀνπροσισταῖος εἶναι τὰς τῶν

(98) As coisas relativas são apenas inteligidas, não existem. A causa é apenas inteligida, já que, conquanto seja uma causa, deve haver algo de que se diz ser causa, do contrário não seria causa. Assim, o pai, não sendo aparentado àquele do qual diz ser pai, não será pai; desse modo, também a causa. Se as coisas não forem relacionadas pela inteligência a sua causa, não haverá geração, corrupção ou outras coisas do gênero. Não haverá causa, portanto. Porém, se houver causa, então, o corpo é a causa do corpo e o incorpóreo, a do incorpóreo. Mas não há nada disso; portanto, a causa não existe. O corpo não pode ser causa do corpo, visto que ambos têm a mesma natureza. E se for dito que um é causa, já que é corpo, o outro, também sendo corpo, torna-se causa.

(99) Se ambos são causas comumente, não haverá um sujeito passivo. Pela mesma razão, o incorpóreo não há de ser causa do incorpóreo. O incorpóreo não é causa do corpo, já que nada incorpóreo produz um corpo. Tampouco, o corpo seria causa do incorpóreo, porque o que surge deve ser matéria passiva. Nada sofrendo por ser incorpóreo, não

τοῖν αἰτίον· ὧ συνεισαγεται τὸ ανυποστάτου εἶναι τὰς τῶν ὄλων ἀρχάς· δεῖ γὰρ εἶναι τι τὸ ποιουν καὶ δρῶν.

Ἄλλὰ μὴν οὐδὲ κίνησις ἔστι· τὸ γὰρ κινούμενον ἦτοι ἐν ᾧ ἔστι τόπω κινεῖται ἢ ἐν ᾧ μὴ ἔστιν· καὶ ἐν ᾧ μὲν ἔστι τόπω οὐ κινεῖται, ἐν ᾧ δ' οὐκ ἔστιν οὐδὲ κινεῖται· οὐκ ἔστιν οὖν κίνησις.

(100) Ἀνήρουν δὲ καὶ μαθησιν. εἶπερ, φασί, διδάσκαται τι, ἦτοι τὸ ὄν τῷ εἶναι διδάσκαται ἢ τὸ μὴ ὄν τῷ μὴ εἶναι. οὔτε δὲ τὸ ὄν τῷ εἶναι διδάσκαται (ἢ γὰρ τῶν ὄντων φύσις πᾶσι φαίνεται καὶ γινώσκαται). οὔτε τὸ μὴ ὄν τῷ μὴ ὄντι· τῷ γὰρ μὴ ὄντι οὐδὲν συμβέβηκεν, ὥστ' οὐδὲ τὸ διδάσκασθαι.

Οὐδὲ μὴν γένεσις ἔστι, φασίν. οὔτε γὰρ τὸ ὄν γίνεται, ἔστι γὰρ, οὔτε τὸ μὴ ὄν, οὐδὲ γὰρ ὑφέστηκε· τὸ δὲ μὴ ὑφέστῶς μηδ' ὄν οὐδὲ τὸ γίνεσθαι εὐτύχηκε.

(101) Φύσει τε μὴ εἶναι ἀγαθὸν ἢ κακόν· εἰ γὰρ τι ἔστι φύσει

pode surgir a partir de algo. Não há, portanto, causa. Disso decorre os princípios do universo não terem fundamento, pois devem ser algo que produza e realize.

Também não há movimento¹⁰⁰. Pois o que move, certamente, move-se no lugar onde está e no lugar onde não está. Não se move no lugar em que está; tampouco no lugar em que não está. Não há, então, movimento.

(100) Também destroem a instrução. Dizem: alguém que ensina algo, certamente ensina o que é através de seu ser ou o que não é pelo seu não ser. Não ensina o que é pelo seu ser (pois a natureza do que é aparece a todos e é conhecida por todos). Também não ensina o que não é pelo seu não ser: pois nada pode, por ventura, acontecer ao que não é, de maneira que não é ensinado.

Dizem também que não há geração. Pois o que é não pode surgir, uma vez que existe; nem o que não é, pois não existe. Não acontece de surgir o que não existe realmente e não é.

ἀγαθὸν καὶ κακόν, πᾶσιν οφείλει ἀγαθὸν ἢ κακὸν ὑπάρχειν, ὡςπερ ἡ χιὼν πᾶσι ψυχρὸν· κοινὸν δ' οὐδὲν πάντων ἀγαθὸν ἢ κακὸν ἔστιν· οὐκ ἄρα ἐστὶ φύσει ἀγαθὸν ἢ κακόν. ἤτοι γὰρ πᾶν τὸ ὑπὸ τίνος δοξαζόμενον ῥητέον ἀγαθὸν ἢ οὐ πᾶν· καὶ πᾶν μὲν οὐ ῥητέον, ἐπεὶ τὸ αὐτὸ ὑφ' οὗ μὲν δοξάζεται ἀγαθόν, ὡς ἡ ἡδονὴ ὑπὸ Ἐπικούρου, ὑφ' οὗ δὲ κακόν, ὑπ' Ἀντισθένης. συμβῆσεται τοῖσιν τὸ αὐτὸ ἀγαθὸν τ' εἶναι καὶ κακόν. εἰ δ' οὐ πᾶν λέγομεν τὸ ὑπὸ τίνος δοξαζόμενον ἀγαθόν, δεήσει ἡμῶς διακρίνειν τὰς δόξας· ὅπερ οὐκ ἐνδεχόμενον ἔστι διὰ τὴν ἰσοσθένειαν τῶν λόγων. ἄγνωστον οὖν τὸ φύσει ἀγαθόν.

(102) Ἔστι δὲ καὶ τὸν ὅλον τῆς συναγωγῆς αὐτῶν τρόπον συνιδεῖν ἐκ τῶν ἀπολειφθεῖσων συνταξεων. αὐτὸς μὲν γὰρ ὁ Πύρρων οὐδὲν ἀπέλιπεν, οἱ μὲντοι συνηθεις αὐτοῦ Τίμων καὶ Αἰνεισίδημος καὶ Νουμήγιος καὶ Ναυσιφάνης καὶ ἄλλοι τοιοῦτοι.

Οἷς ἀντιλέγοντες οἱ δογματικοὶ φασιν αὐτοὺς

καὶ ἰσχυρίζεσθαι καὶ δογματίζειν· ἐν ᾧ γὰρ ὁσκόουσι διελένγειν

(101) Por natureza, não há o bem ou o mal. Pois se algo é, por natureza, bom ou mau, deve ser bom ou mau para todos, assim como a neve é fria para todos. Contudo, normalmente, o que é bom ou mau não o é para todos. Então, não há bem ou mal por natureza. Pois, de fato, ou tudo que é considerado bom por alguns deve ser dito bom, ou não tudo. E não se deve dizer que tudo [é bom], já que o mesmo que é considerado um bem por um – como o prazer por Epicuro – por outro é considerado um mal – como para Antistenessm. Portanto, acontece da mesma coisa ser boa e má. Por sua vez, se não dissermos ser bom tudo o que é considerado bom por alguns, nós devemos distinguir as opiniões, o que não é possível devido à equipolência dos discursos. Então, ignora-se o que é bom por natureza.

(102) Há maneira de compreender o todo do modo de vida dos célticos a partir das compilações que deixaram escritas. Pois, embora o próprio Pirro não tenha deixado nada, os discípulos dele – Timão, Enesídemo, Numênio, Nausífanés e outros – deixaramsm.

καταλαμβάνεσθαι καὶ δογματίζειν· ἐν ᾧ γὰρ δοκοῦσι διελέγχειν
καταλαμβάνονται· καὶ γὰρ ἐν τῷ αὐτῷ κρατύνουσι καὶ
δογματίζουσι. καὶ γὰρ ὅτε φασὶ μηδὲν ὀρίζειν καὶ παντὶ λόγῳ
λόγον ἀντικεῖσθαι, αὐτὰ ταῦτα καὶ ὀρίζονται καὶ δογματίζουσι.

(103) πρὸς οὓς ἀποκρίνονται, Περὶ μὲν ὧν ὡς ἄνθρωποι
πάσχομεν, ὁμολογοῦμεν· καὶ γὰρ ὅτι ἡμέρα ἐστὶ καὶ ὅτι ζῶμεν
καὶ ἄλλα πολλὰ τῶν ἐν τῷ βίῳ φαινομένων διαγινώσκομεν· περὶ
δ' ὧν οἱ δογματικοὶ διαβεβαίουσιν τῷ λόγῳ, φάμενοι
κατειληφθῆναι, περὶ τούτων ἐπέχομεν ὡς ἀδηλῶν, μόνα δὲ τὰ
πάθη γινώσκομεν. τὸ μὲν γὰρ ὅτι ὀρώμεν ὁμολογοῦμεν καὶ τὸ
ὅτι τότε νοοῦμεν γινώσκομεν, πῶς δ' ὀρώμεν ἢ πῶς νοοῦμεν
ἀγνοοῦμεν· καὶ ὅτι τότε λευκὸν φαίνεται διηγηματικῶς λέγομεν,
οὐ διαβεβαίουμενοι εἰ καὶ ὄντως ἐστὶ. περὶ δὲ τῆς οὐδὲν ὀρίζω
φωνῆς καὶ τῶν ὁμοίων λέγομεν ὡς οὐ δογματῶν· οὐ γὰρ εἰσιν
ὅμοια τῷ λέγειν ὅτι σφαιροειδῆς ἐστὶν ὁ κόσμος.

Os dogmáticos, polemizando contra eles, dizem que eles apreendem e dogmatizam¹¹⁴. Com efeito, quando acham refutarem os outros, estão apreendendo. Dogmatizam, igualmente, ao foratalecerem sua posição. E quando dizem nada definir e que a todo discurso opõe-se outro discurso, nisso mesmo também definem e dogmatizam.

(103) A esses, os célicos respondem: concordamos quanto às afecções que, como seres humanos, sofremos. Pois reconhecemos que é dia, que estamos vivos e muitas outras coisas dos fenômenos da vida. Porém, em relação às coisas que os dogmáticos afirmam fortemente em seu discurso, dizendo que chegam a conclusões, sobre essas coisas, como não são evidentes, suspendemos o juízo; conhecemos apenas as coisas das afecções. Concordamos, pois, que vemos e que inteligimos o que conhecemos, mas ignoramos como vemos ou como inteligimos. Também dizemos, como numa narrativa, que isso parece branco, sem afirmarmos fortemente que é assim. Diante disso, dizemos a expressão “nada define” e outras semelhantes sem dogmatizar. Pois não são

(104) ἀλλὰ γὰρ τὸ μὲν ἄδηλον, αἱ δ' ἐξομολογήσεις εἰσὶ [τὸ μὲν ἄδηλον]. ἐν ᾧ οὖν λέγομεν μηδὲν ὀρίζειν, οὐδ' αὐτὸ τοῦτο ὀρίζομεν.

Πάλιν οἱ δογματικοὶ φασιν καὶ τὸν βίον αὐτοῦς ἀναιρεῖν, ἐν ᾧ πάντ' ἐκβάλλουσιν ἐξ ὧν ὁ βίος συνέστηκεν. οἱ δὲ ψεύδεσθαι φασιν αὐτούς· οὐ γὰρ τὸ ὄραν ἀναιρεῖν, ἀλλὰ τὸ πῶς ὄραν ἀγνοεῖν. καὶ γὰρ τὸ φαινόμενον τιθέμεθα, οὐχ ὡς καὶ τοιοῦτον ὄν. καὶ ὅτι τὸ πῦρ καίει αἰσθανόμεθα· εἰ δὲ φύσιν ἔχει καυστικὴν ἔπέχομεν.

(105) καὶ ὅτι κινεῖταιί τις βλέπομεν, καὶ ὅτι φθείρεται· πῶς δὲ ταῦτα γίνεται οὐκ ἴσμεν. μόνον οὖν, φασίν, ἀνθιστάμεθα πρὸς τὰ παρυφιστάμενα τοῖς φαινόμενοις ἄδηλα. καὶ γὰρ ὅτε τὴν εἰκόνα ἐξοχῶς λέγομεν ἔχειν, τὸ φαινόμενον διασαφούμεν· ὅταν δ' εἴπομεν μὴ ἔχειν αὐτὴν ἐξοχῶς, οὐκέτι ὁ φαίνεται ἕτερον δὲ λέγομεν· ὅθεν καὶ ὁ Τίμων ἐν τῷ Πύθωνι φησι μὴ ἐκβεβηκέναι τὴν συνθήκην καὶ ἐν τοῖς ἰσοκράτους αὐτῶ λέγει·

semelhantes ao fato de se dizer que o mundo é esférico.

(104) Pois esta [afirmação] não é evidente e aquelas são apenas admissões^{slv}. Então, quando dizemos “nada definir”, nem isso mesmo definimos.

Os dogmáticos dizem, ainda, que os cétricos destroem a vida, ao rejeitarem todas as coisas em que a vida consiste. Os cétricos, todavia, dizem que os dogmáticos mentem. “Pois não rejeitamos que vemos, ignoramos apenas como vemos. E tomamos o fenômeno, sem defender que a coisa seja tal. E sentimos que o fogo queima, mas suspendemos o juízo sobre se tem capacidade de queimar por natureza.

(105) Vemos que alguém se move e que um outro morre. Mas não sabemos como isso acontece. Então”, dizem, “apenas contrapomos aos fenômenos as indicações não evidentes. Pois, quando dizemos uma imagem ter saliências, tornamos manifesto o fenômeno. Quando, porém, dizemos que ela não tem saliências, jamais dizemos o que aparece diferente do fenômeno”^{slvi}. Com efeito, o Timão, no *Pitón*,

συνήθειαν. καὶ ἐν τοῖς Ἰνδαλμοῖς οὕτω λέγει·

ἀλλὰ τὸ φαινόμενον πάντη σθένει οὐπερ ἂν ἔλθῃ.

καὶ ἐν τοῖς Περί αἰσθήσεών φησι, “τὸ μέλι ὅτι ἐστὶ γλυκὺ οὐ τίθημι, τὸ δ' ὅτι φαίνεται ὁμολογῶ.”

(106) Καὶ Αἰνεσιδῆμος ἐν τῷ πρώτῳ Πυρρωνείων λόγων οὐδέν φησιν ὀρίζειν τὸν Πύρρωνα δογματικῶς διὰ τὴν ἀντιλογίαν, τοῖς δὲ φαινόμενοις ἀκολουθεῖν. ταῦτα δὲ λέγει κὰν τῷ Κατὰ σοφίας κὰν τῷ Περί ζητήσεως. ἀλλὰ καὶ Ζεῦξις ὁ Αἰνεσιδήμου γνώριμος ἐν τῷ Περί διττῶν λόγων καὶ Αντίοχος ὁ Λαοδικεὺς καὶ Απελλᾶς ἐν τῷ Αγρίππα τίθεσσι τὰ φαινόμενα μόνα. ἔστιν οὖν κριτήριον κατὰ τοὺς σκεπτικoὺς τὸ φαινόμενον, ὡς καὶ Αἰνεσιδῆμος φησιν· οὕτω δὲ καὶ Εἰπίκουρος. Δημόκριτος δὲ μηδὲν εἶναι τῶν φαινόμενων, τὰ δὲ μὴ εἶναι.

(107) πρὸς τοῦτο τὸ κριτήριον τῶν φαινόμενων οἱ δογματικοὶ φασιν ὅτι ὅτι ἀπὸ τῶν αὐτῶν διάφοροι προσπίπτουσι

δίζια ἢ ἀφροντασμοὶ τοῦ κόσμου. Ἐν τοῖς Ἰνδαλμοῖς, ἄρα λέγει:

Μαὶ τὸ φαινόμενον ἐστὶ ἐν ὅλῳ τῷ κόσμῳ ὡς ἐστὶ ἐν τῷ Ἰνδαλμῷ.

Ἐν τῷ Περί αἰσθήσεών φησιν, “ὡς ἐστὶ τὸ μέλι ὁμολογῶ, ἀλλὰ τὸ φαινόμενον ὡς ἐστὶ ἐν ὅλῳ τῷ κόσμῳ ὡς ἐστὶ ἐν τῷ Ἰνδαλμῷ.”

(106) Enesidemo, no primeiro dos *Discursos pirrónicos*, diz que Pirro não define nada dogmaticamente, porquanto a contradição das coisas não o permite, mas segue os fenómenos. Essas coisas diz também em *Sobre a sabedoria* e *Sobre a investigação*. Mas Zeuxis, o conhecido de Enesidemo, em *Sobre os discursos duplos*^{15vi}, e Antíoco de Laodiceia e Apela, em *Agripa*, admitem apenas os fenómenos. O fenómeno é, então, o critério, segundo os céticos, como disse Enesidemo e também Epicuro^{15v}. Demócrito, por seu turno, disse nada serem os fenómenos, uma vez que não existem.

(107) Por isso, contra o critério dos fenómenos, os dogmáticos dizem que, a partir das diferenças deles, sobrevêm diferentes impressões –

φαντασίαι, ὡς ἀπὸ τοῦ πύργου ἢ στοργύλου ἢ τετραγώνου, ὁ σκεπτικός εἰ μὲν οὐδετέραν προκρινεῖ, ἀπρακτῆσαι· εἰ δὲ τῆ ἐτέρᾳ κατακολουθήσει, οὐκέτι τὸ ἰσοσθενές, φασί, τοῖς φαινομένοις ἀποδώσει. πρὸς οὓς οἱ σκεπτικοὶ φασιν ὅτι ὅτε προσπίπτουσιν ἄλλοιαι φαντασίαι, ἐκατέρας ἐρούμεν φαίνεσθαι· καὶ διὰ τοῦτο τὰ φαινόμενα τιθέναί ὅτι φαίνεται. τέλος δὲ οἱ σκεπτικοὶ φασὶ τὴν ἐποχὴν, ἢ σκιάς τρόπον ἐπακολουθεῖ ἢ ἀταραξία, ὡς φασιν οἱ τε περὶ τὸν Τίμωνα καὶ Αἰνεσίδημον.

(108) οὔτε γὰρ τάδε ἐλούμεθα ἢ ταῦτα φευξόμεθα ὅσα περὶ ἡμῶν ἔστι· τὰ δ' ὅσα μὴ ἔστι περὶ ἡμῶν, ἀλλὰ κατ' ἀνάγκην, οὐ δυνάμεθα φεύγειν, ὡς τὸ πεινῆν καὶ διψῆν καὶ ἀλγεῖν· οὐκ ἔστι γὰρ λόγῳ περιελεῖν ταῦτα. λεγόντων δὲ τῶν δογματικῶν ὡς δυνήσεται βιοῦν ὁ σκεπτικός μὴ φεύγων τό, εἰ κελυσθεῖη, κρεουργεῖν τὸν πατέρα, φασιν οἱ σκεπτικοὶ περὶ τῶν δογματικῶν ὡς δυνήσεται βιοῦν ζητήσεων ἀπέχων, οὐ περὶ τῶν βιωτικῶν καὶ τηρητικῶν· ὥστε καὶ αἰρούμεθα τι κατὰ τὴν

συνήθειαν καὶ φεύγοντες καὶ νόμοις γοώμεθα. τινὲς δὲ καὶ τὴν

como da torre redonda ou quadrada – e o cético, se não escolhe nenhuma das duas, cai na inação. Mas, dizem, se segue alguma, não concederá serem equipolentes os fenômenos. Os cétricos respondem a esses: sobrevivendo impressões diversas, falaremos que cada uma delas aparece. E é por aparecerem assim que consideramos os fenômenos. Os cétricos dizem que a suspensão do juízo é o seu fim e que a ataraxia segue à maneira de uma sombra, como dizem os seguidores de Timão e Enesidemo.

(108) Em relação às coisas que dependem de nós, seguiremos umas e evitaremos outras. Em relação às que não dependem de nós, mas da necessidade, delas não é possível fugir – como fome, sede e dor – e não há, pois, como eliminá-las através do discurso. Quando os dogmáticos objetam que o cético seria capaz de viver, tendo esquartejado o pai, se isso lhe fosse ordenado, os cétricos replicam aos dogmáticos que são capazes de viver bem pesquisando e suspendendo o juízo sobre todas as coisas que não são inerentes à vida ou a seus cuidados. Dizem,

συνήθειαν καὶ φεύγομεν καὶ νομοῖς χρωμέθα. τινὲς δὲ καὶ τὴν
ἀπάθειαν ἄλλοι δὲ τὴν πραότητα τέλος εἶπεν φασὶ τοὺς
σκεπτικούς.

escolhemos e evitamos algo segundo o costume e obedecemos à lei.
Alguns dizem ser a ausência de afecções o fim dos céticos, outros dizem
ser a suavidade¹.

¹ Para esta tradução, adotamos o texto grego de Long (*Diogenis Laertii vitae philosophorum*, vol. 2, Oxford: Clarendon Press, 1964) publicado no *Thesaurus Linguae Graecae*. Consultamos as traduções de Gigante (*Vite dei filosofi*, Bari: Laterza, 1962), Brunschwig (*Vies et doctrines des philosophes illustres*, Paris: LGF, 1999) e Hicks (*Lives of eminent philosophers*, vol. 2, Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1925).

ⁱⁱ O texto apresenta certos problemas cronológicos, por serem Brissou e Estilpo contemporâneos. Por isso adotamos esta correção.

ⁱⁱⁱ Passagem dubia e lacunosa.

^{iv} Sêneca atribui a Nausifanes fórmulas céticas em *Cartas a Lucílio* 88, 43 e 45 (*apud* Brunschwig, op. cit., p. 1101, n. 5).

^v Fr. 48 Diels.

^{vi} Fr. 67 Diels. Aparece também em Sexto Empírico (*Adv. math.* I, 305, XI), onde são citados mais alguns versos. O primeiro verso parodia Homero (*Odisseia*, XIX, 224).

^{vii} O tirano Cótis teria sido assassinado por Pito, discípulo de Platão, de maneira que D.L. deve ter-se confundido em seu relato, *Iliada* VI, 146.

^{viii} Segundo Brunschwig, não era Homero, mas sim Píro quem assemelhava os humanos a animais e insetos, em vista da tenacidade e ferocidade em combate que lhes são características (BRUNSCHWIG, op. cit., p. 1104, n. 6).

^{ix} *Iliada* XXI, 106.

^x O episódio é narrado também por Plutarco (*De profectibus in virtute*, 82e-f).

^{xii} Passagem completada segundo sugestão de Diels para estabelecer maior coerência com a citação que a ilustra.

^{xiii} Fr. 50 Diels. Os versos de Tímão são com frequência uma pastiche de Homero (cf. *Od.* XXI 364).

^{xiv} Sexto também apresenta uma resposta a essas objeções em *Hipotiposes* I, 7.

^{xv} Fr. 115 L-B.

^{xvi} Eurípides, *Suppl.* 735-7.

^{xvii} Diels fr. 34.

^{xviii} Diels Kranz, fr. 4.

^{xix} Diels Kranz, fr. 117.

^{xx} Diels Kranz, fr. 125.

- XXI Cf. *Timeu* 40d.
- XXII Fr. 638 Nauck. Os versos são também citados por Sexto Empírico (*Hipótiposes* III, 229).
- XXIII Fr. 2, v. 7 s. Diels Kranz.
- XXIV Fr. 2, v. 5 Diels Kranz.
- XXV Diels Kranz, fr. 47.
- XXVI *Iliada* XX, 248-250.
- XXVII Sobre a autoreferência de expressões céticas, conferir Sexto Empírico, *Hipótiposes* I, 206-208.
- XXVIII Para Brunschwig, Timão recorre aqui à imagem da balança, cujo equilíbrio é rompido (op. cit., p. 113, n. 1).
- XXIX Esta e outras afirmações dogmáticas na seqüência ilustram o que Barnes descreveu como metadogmatismo negativo ("Diogenes Laertius IX 61-116: The philosophy of Pyrrhonism", p. 4252-4256).
- XXX Metaforas médicas, como esta, são freqüentes na tradição pirrônica.
- XXXI A exposição da estratégia dos céticos nesta passagem não tem paralelo nas obras de Sexto Empírico.
- XXXII Este trecho, pouco gramatical, é de difícil leitura. Nietzsche sugere que a expressão *kath'hoiós*, sem sentido no contexto, seria uma corruptela de Teodósio, autor que acredita ser a fonte principal de Diógenes Laércio para a *Vida de Pirro* (apud BARNES, "Diogenes Laertius IX 61-116: The philosophy of Pyrrhonism", p. 4288).
- XXXIII Fr. 103 Rose. Brunschwig (op. cit. p. 117, n. 4) sugere que esse fato foi narrado em uma obra perdida de Aristóteles, cujo título seria *O Banquete* ou *Sobre a embriaguez*.
- XXXIV Plutarco (*Vida de Péricles* 13) e Plínio, o antigo, (*História natural*, XXII 20,44) aludem à queda de um escravo de Péricles do telhado.
- XXXV Neste trecho, alguns manuscritos falam em "qualidades", ao invés de "quantidades". Todavia, os exemplos se ajustam mais à discussão das quantidades.
- XXXVI A numeração dos modos não corresponde com a que Sexto faz nas *Hipótiposes*. É provável, assim, que Diógenes Laércio esteja remetendo a outros textos do Sexto.
- XXXVII O modo de Agripa sobre a relatividade é semelhante ao décimo modo de Enesidemo.
- XXXVIII Na discussão que segue, os céticos recorrerão amplamente aos modos de Agripa em sua argumentação.
- XXXIX Em Sexto Empírico, a noção de causa é analisada antes das de critério e sinal, ordem que, para Barnes, parece mais razoável. Diógenes também não diferencia sinais indicativos (*endeiktiká*), dogmáticos, e comemorativos (*hypomnestiká*), utilizados na vida comum (BARNES, op. cit., p. 4251-4255).
- XL O texto faz referência a sucessivas teorias a respeito do critério: a de Protágoras, a dos epicuristas, a dos racionalistas, como Parmênides e Anaxágoras, e a dos estoícos. Em diferentes passagens do livro VI de *Até: math*, Sexto também se dirige a elas.
- XLI Barnes considera inapropriada a separação das discussões acerca do movimento e da geração que Diógenes Laércio faz nessa passagem, outra característica que diferencia o seu relato do de Sexto (BARNES, op. cit., p. 4251-4255).
- XLII Antístenes dizia: "eu preferiria ser louco a desfrutar do prazer" (apud BRUNSCHWIG, op. cit. p. 1133, n. 1).
- XLIII A passagem é de difícil leitura já que alguns dos céticos relacionados, Enesidemo e Numênio, não foram discípulos de Pirro.
- XLIV As duas críticas dos dogmáticos aos céticos esboçadas aqui (102-105) não são mencionadas por Sexto.
- XLV Nesta passagem, o *tò men ádelon* parece ser uma repetição indevida da expressão pouco acima. Seguindo outras traduções, optamos por suprimi-la.
- XLVI Há aqui mais uma alusão à pintura com o intuito de ilustrar aspectos da discussão epistemológica cética: não há necessariamente uma correspondência entre impressões fenomênicas e realidade.

-
- xlvii Fr. 69 Diels.
xlviii Fr. 281 Deichgräber.
xlix Para Epicuro, porém, o fenômeno deve ser tomado como critério de verdade e não de ação.
1 Ao final da biografia de Pirro, na discussão sobre o fim do ceticismo, apresentam-se noções do ceticismo tardio junto às do primeiro pirronismo: ataraxia, suspensão do juízo, *apatheia* e suavidade.

Bibliografia

Documentação Textual

- ARISTOTLE, *Metaphysics*, Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1989.
- _____, *Art Rhétorique et Art Poétique*, Paris: Garnier, 1944.
- CAIZZI, Fernanda Decleva (a cura di), *Pirrone Testimonianze*, Naples: Bibliopolis, 1981.
- CICERO, *De Finibus*, v. I, Cambridge (Mass.): Harvard, 1979.
- _____, *De Natura Deorum, Academica* v. XIX, Cambridge (Mass.): Harvard, 1979.
- DIOGENES LAERTIUS, *Lives of Eminent Philosophers* (tradução de R.D. Hicks), vol. I-II, Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1995.
- _____, *Vite dei filosofi* (a cura de Marcello Gigante), Bari: Editori Laterza, 1962.
- _____, *Diogenis Laertii vitae philosophorum*, vol. 2 (edição de H.S. Long), Oxford: Clarendon Press, 1964.
- _____, *Vies et doctrines des philosophes illustres* (tradução de Brunschwig et al.), Paris: LGF, 1999.
- EUSEBIO, *Praeparatio Evangelica*, Oxford: Clarendon Press, 1903.
- PANTELIA, Maria (et. alli), *Thesaurus Linguae Graecae* (cd-rom), Irvine: Universidade da California, 2000.
- PLUTARCH, *Moralia*, v. VI e XIV, Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1967.
- SEXTUS EMPIRICUS, *Sextus Empiricus in 4 volumes*, Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1933-49.
- SEXTUS EMPIRICUS, *Against the Ethicists* (ed. Richard Bett), Oxford: Clarendon Press, 1997.
- SEXTUS EMPIRICUS, *Esquisses pyrrhoniennes*, Paris: Éditions du Seuil, 1997.

Bibliografia Secundária

- ANNAS, Julia, "Doing without objective values: ancient and modern strategies", in *The norms of nature*, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- ANNAS, Julia & BARNES, Jonathan, *The Modes of Scepticism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1985.
- ARMSTRONG, A., "Philosophy and its History", *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. 19, no. 4 (Jun., 1959), p. 446-465.
- AUSLAND, "On the moral origin of pyrrhonian skepticism", *Elenchos* 10, 1989, p. 359-434.
- BAILEY, Alan, "Pyrrhonian Scepticism and the Self-Refutation Argument", *The Philosophical Quarterly* vol. 40 n° 158 (jan. 1990), p.27-44.
- _____, *Sextus Empiricus and Pyrrhonian Scepticism*, Oxford: Clarendon Press, 2002.
- BARNES, Jonathan, "Diongene Laertio e il Pirronismo", *Elenchos* 7, 1987, 385-427.
- _____, "Diogenes Laertius IX 61-116: The philosophy of Pyrrhonism", *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II.36.6, 4241-301, 1992.
- _____, "The Beliefs of a Pyrrhonist", *The Original Sceptics*, Indianapolis: Hackett, 1997.
- BEALL, Stephen M., "Homo Fandi Dulcissimus: The Role of Favorinus in the Attic

- Nights of Aulus Gellius", *American Journal of Philology*, 122 (2001), p. 87-106.
- _____, "Aulus Gellius 17.8: Composition and the Gentleman Scholar", *Classical Philology*, vol. 94, no. 1 (Jan., 1999), p. 55-64.
- _____, "Translation in Aulus Gellius", *The Classical Quarterly*, vol. 47, no. 1 (1997), p. 215-226.
- BERNARD, P., "Le philosophe Anaxarque et le roi Nicoocréon de Salamine", *Journal des savants*, janvier-juin 1984 p. 3-49.
- BERTI, "La Critica allo scetticismo nel IV libro della *Metafisica*", *Lo Scetticismo Antico*, Naples: Bibliopolis, 1981, p. 61-79
- BETT, Richard, *Pyrrho, his antecedents, and his legacy*, Oxford: Oxford University Press, 2000.
- _____, "Scepticism as a way of life and scepticism as pure theory", *Essays in Memory of John Bramble*, Bristol: Bristol classical Press, 1986.
- _____, "What did Pyrrho think about 'The Nature of the Divine and the Good'?", *Phronesis* vol. XXXIX-3, 1994.
- _____, "Introduction", *Against the Ethicists*, Oxford: Clarendon Press, 1997.
- BOLZANI FILHO, Roberto, "A Epokhé Cética e seus Pressupostos", *Discurso* 27, 1996, p. 37-60.
- _____, "Acadêmicos versus Pirrônicos: Ceticismo Antigo e Filosofia Moderna", *Discurso* 29, 1998, p. 57-110.
- _____, "Cícero Acadêmico", *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 102, p. 206-224, 2000.
- BONAZZI, Mauro & CELLUPRICA, Vicenza, *L'eredità Platonica. Studi sul Platonismo da Arcesilao a Proclo*, Naples: Bibliopolis, 2005. Pp.,
- BRANCACCI, Aldo, "La filosofia de Pirrone e le sua relazione con il cinismo", *Lo Scetticismo Antico*, Naples: Bibliopolis, 1981, p. 211-242.
- BROCHARD, V., *Les Sceptiques grecs*, Paris: Vrin, 1923.
- BRUNSCHWIG, J., "Pyrrhon et Philista", *Chercheurs de Sagesse: Hommage à Jean Pépin*, Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1992.
- _____, *Papers in Hellenistic Philosophy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- BURNYEST, M. F. & FREDE, M., *The Original Sceptics*, Indianapolis: Hackett, 1997.
- BURNYEAT, M. F., "Can the sceptic live his scepticism?", in *Doubt and Dogmatism*, Oxford: Clarendon Press, 1980.
- _____, "Tranquility without a stop: Timon frag. 68", *Classical Quarterly* 72, 1980.
- _____, "The sceptic in his place and time", *Philosophy in History*, Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- _____, "The Upside-Down Back-to-Front Sceptic of Lucretius IV 472", *Philologus*, Band 122, 1978, p. 197-206.
- CARRIKER, A. J., "Some Use of Aristocles and Numenius in Eusebius' *Praeparatio evangelica*", *Journal of Theological Studies*, no. 47 (10/1996), p. 543-549.
- CHITWOOD, Ava, *Death by Philosophy: The Biographic Tradition in the Life and Death of the Archaic Philosophers Empedocles, Heraclitus, and Democritus*, Chicago, University of Michigan Press, 2004.
- CLAY, Diskin, "Lucian of Samosata: Four Philosophical Lives", *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II.36.5, 3406-3450, 1992.
- CONCHE, *Pyrrhon ou l'apparence*, Paris: Presses universitaires de France, 1994.

- COX, Patricia, *Biography in Late Antiquity*, Berkeley : University of California Press, 1984.
- DAL PRA, Mario, *Lo scetticismo greco*, Milano: Laterza, 1989.
- DECLEVA CAIZZU, Fernanda, "Il libro IX delle 'Vite dei filosofi' di Diogene Laerzio", *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II.36.6, 4218-4240, 1992.
- _____, "Gli atomi: un "mito"?", *Elenchos*, p. 3-21, 1984.
- _____, "Prolegomini ad una raccolta delle fonti relative a Pirrone di Elide", *Lo scetticismo antico*, Naples: Bibliopolis, 1981
- _____, "Aenesidemus and the Academy", *The Classical Quarterly* 42, no. 1 (1992), p. 176-189.
- _____, "Pirroniani ed Accademici nel III secolo a.C.", *Aspects de la philosophie hellénistique*, Geneva: Fondation Hardt, vol. 32, 1986, p. 147-183.
- _____, "Timone di Fliunte", *La storia della filosofia come sapere critico*, Milano: F. Angeli, 1984.
- DODDS, E. R. *The Greeks and the Irrational*, Berkeley: University of California Press, 1951.
- DUMONT, Jean-Paul, *Les Scepticisme et Le Phénomène*, Paris: Vrin, 1985.
- EAKIN, Paul John, *Fictions in Autobiography: Studies in the Art of Self Invention*, Princeton: Princeton University Press, 1988.
- EDWARDS & SWAIN (Ed.), *Portraits: Biographical Representation in the Greek and Latin Literature of the Roman Empire*, Oxford: Clarendon Press, 1997.
- FERRARI, A. G., "Due fonti sullo scetticismo antico, Diog. La. IX 66-108; Eus. Praep. ev. xic 18. 1-20", *Studi Italiani di Filologia Classica* 40 (1968), p. 200-224.
- FLINTOFF, E. "Pyrrho and India", *Phronesis* 25 (1980), p. 88-108.
- FLORIDI, Luciano, *Sextus Empiricus: The Transmission and Recovery of Pyrrhonism*, Oxford: Oxford University Press, 2002.
- FOGELIN, Robert J., *Pyrrhonian Reflexions on Knowledge and Justification*, Oxford: Oxford University Press, 1994.
- FREADMAN, Richard, "Genius and the dutiful life: Ray Monk's *Wittgenstein* and the biography of the philosopher as sub-genre", *Biography* 25.2 (Spring, 2002).
- FREDE, Michael, "The sceptic's two kinds of assent and the question of the possibility of knowledge", *Philosophy in History*, Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- GENTILI, Bruno & CERRI, Giovanni, *History and Biography in Ancient Thought*, Amsterdam: J.C. Gieben Publisher, 1988.
- GIANNATONI, Gabriele (org.) *Lo Scetticismo Antico*, vol. I-II, Naples: Bibliopolis, 1981.
- _____, "Pirrone, la scuola scettica e il sistema delle 'successioni'", *Lo scetticismo antico*, Naples: Bibliopolis, 1981.
- GIGANTE, Marcello, *Scetticismo e epicureismo: per l'avviamento di un discorso storiografico*, Napoli: Bibliopolis, 1981.
- GOULET, Richard, *Études sur les vies des philosophes de l'antiquité tardive*, Paris: Vrin, 2002.
- GROARKE, Leo, *Greek Scepticism: Anti-realist Trends in Ancient Thought*, Montreal: McGill Queen's University Press, 1990.
- GUEROULT, Martial, "L'histoire de la philosophie dans l'Antiquité après Aristote", *Histoire de l'histoire de la philosophie*, Paris: Aubier, 1992.

- HADOT, Pierre, *Qu'est ce que la philosophie antique?*, Paris: Gallimard, 1995.
- HAGG, Tomas (editor), *Greek Biography and Panegyric in Late Antiquity: The Transformation of the Classical Heritage*, Berkeley, California University Press, 2000.
- HAHM, D., "Diogenes Laertius VII: on the Stoics", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, II, 36 6, 1992, 4077-182.
- HANKINSON, R. J., *The Sceptics*, London: Routledge, 1995.
- _____, "Values, objectivity, and dialectics: The Sceptical Attack on Ethics: its Methods, Aims, and Success", *Phronesis* 1994, vol. XXXIX/1, p. 45-68.
- HUXLEY, George, "Aristotle's Interest in Biography", *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 15:2, 1974, verão, p. 203-213.
- IERODIAKONOU, Katerina, "Aristotle's use of examples in the *Prior Analytics*", *Phronesis* XLVII/2 (2002), p. 127-152.
- IOPPOLO, Anna Maria, "The Academic position of Favorinus of Arles", *Phronesis*, vol. 38/2 (1993), p. 183-213.
- IPIRANGA JÚNIOR, Pedro, *Imagens do outro como um si mesmo: drama e narrativa nos relatos biográficos de Luciano de Samosata e na Vita Antonii de Atanásio*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006 (tese de doutorado).
- ISNARDI PARENTE, Margherita, "I democritei e l'antiscetticismo di Epicuro", *La Storia della Filosofia come Sapere Critico*, Milano: F. Angeli, 1984.
- JOURDAN, Mark D., "Rhetorical Form in the Historiography of Philosophy", *New Literary History*, vol. 23, no. 3, History, Politics, and Culture (Summer, 1992), p. 483-504.
- LAURSEN, John Christian, "Yes Sceptics Can Live Their Skepticism and Cope with Tyranny as Well as Anyone", (org. MAIA NETO, José Raimundo) *Skepticism in Renaissance and Post-Renaissance Thought*, Amherst, N.Y. : Humanity Books, 2004.
- LEFKOWITZ, Mary, *The Lives of the Greek Poets*, London, Duckworth, 1981.
- LELIEVRE, F. J., "The Basis of Ancient Parody", *Greece & Rome*, série 2, vol. 1, no. 3 (junho, 1954), p. 66-81.
- LESSA, Renato, *Veneno Pirrónico*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- LÉVY, Carlos, "Pyrrhon, Enesidème et Sextus Empiricus: La question de la légitimation historique dans le scepticisme", *Antichi e moderni nella filosofia di età imperiale*, Napoli: Bibliopolis, 2001.
- _____, "Lucrece avait-il lu Enésidème?", *Lucretius and his Intellectual Background*, Amsterdam: Publication of the Royal Netherlands Academy of Arts, 1997, p. 115-124.
- LONG, A. A., "Timon of Phlius: Pyrrhonist and Satirist", *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 24, 1978, 68-91.
- LONG & SEDLEY, *The Hellenistic Philosophers*, Cambridge, C.U.P., 1989.
- LOVLIE, Lars, "The Uses of Example in Moral Education", *Journal of Philosophy of Education*, 31(3) (1997), p. 409-425.
- MARCONDES, Danilo, "O Mundo do Homem Feliz: Considerações sobre Ceticismo e Valores", in *O que nos faz pensar*, nº 12, setembro de 1997.
- McPHERRAN, Mark L., "Ataraxia and Eudaimonia in Ancient Pyrrhonism: is the skeptic really happy?", *Proceeding of the Boston Area Colloquium in Ancient Philosophy Yale* 5, 1989, Lanham: U. of America Press, 1990.
- MEJER, I., "Diogenes Laertius and the Transmission of Greek Philosophy", *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II.36.5, 3556-3602, 1992.

- MOMIGLIANO, Arnaldo, *The development of Greek biography*, Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- _____, "Ancient Biography and the Study of Religion", *Pagans, Jews and Christians*, Middletown: Wesleyan University Press, 1987.
- MONTIGLIO, Silvia, "Wandering Philosophers in Classical Greece", *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 120 (2000), p. 86-105.
- MORRISON, Donald, "The ancient sceptic's way of life", *Metaphilosophy* 21, n° 3, 07/1990, 204-222.
- NETTLESHIP, Henry, "The Noctes Atticae of Aulus Gellius," *The American Journal of Philology*, vol. 4, no. 4 (1883), p. 391-415.
- NUSSBAUM, Martha, *The Therapy of Desire*, Princeton: Princeton University Press, 1994.
- PASSMORE, John, "Narratives and Events", *History and Theory*, vol. 26 no. 4 Beheft 26: The Representation of Historical Events (12/1987), p. 68-74.
- _____, "The Idea of a History of Philosophy", *History and Theory*, vol. 5 Beheft 5: The Historiography of the History of Philosophy (1965), p. 1-32.
- PEREIRA, Oswaldo Porchat, *Vida Comum e Ceticismo*, São Paulo: Brasiliense, 1994.
- POLITO, Roberto, *The Sceptical road : Aenesidemus' appropriation of Heraclitus*, Leiden: Brill, 2004.
- REALE, Giovanni, "Ipotesi per una rilettura di Pirrone", *Lo Scetticismo Antico*, Naples: Bibliopolis, 1981.
- ROBIN, Léon, *Pyrrhon et le scepticisme grec*, Paris: PUF, 1944.
- SCHMITT, Charles B., *Cicero Scepticus: A Study of the Influence of the 'Academica' in the Renaissance*, The Hague: Martinus Nijhoff, 1972.
- SCHOFIELD, M., BURNYEAT, M. & BARNES, J., *Doubt and Dogmatism: Studies in Hellenistic Epistemology*, Oxford: Clarendon Press, 1980.
- SCHRIJVERS, "Pierre, Lucrèce et les sceptiques", in GRIMAL, *La langue latine, langue de la philosophie*, Rome: École Française de Rome, 1992, p. 125-140.
- SEDLEY, D., "The Motivation of Greek Skepticism", in M. Burnyeat (ed.) *The Skeptical Tradition*, Berkeley: University of California Press, 1973, p. 9-29.
- _____, "The Protagonists", in *Doubt and Dogmatism: Studies in Hellenistic Epistemology*, Oxford: Clarendon Press, 1980.
- SMITH, P. J., "Sobre a Tranqüilidade da alma e a Moderação das afecções", in *Ceticismo Filosófico*, São Paulo, EPU, Curitiba: Editora da UFPR, 2000.
- SOLLENBERGER, Michael G. "The Lives of the Peripatetics: An Analysis of the Contents and Structure of Diogenes Laertius' 'Vitae philosophorum' Book 5", *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II.36.6, 3793-3879, 1992.
- STEVENS, John A., "A Posidonian Polemic and Academic Dialectic: The Impact of Carneades upon Posidonius' Περὶ προθῶν", *Greek, Roman and Byzantine Studies* 34: 3 (1993), p. 229-323.
- STONEMAN, Richard, "Naked Philosophers: The Brahmins in the Alexander Historians and the Alexander Romance", *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 115 (1995), p. 99-114.
- STOUGH, Charlotte, *Greek Skepticism*, Berkeley: University of California Press, 1960.
- _____, Sextus Empiricus on Non-Assertion, *Phronesis* 29 (1984), p. 137-164.
- STRIKER, Gisela, "Scepticism as a Kind of Philosophy", *Archiv f. Gesch. d. Philosophie*

83, Bd., S. p. 113-129, 2001.

_____, "Cicero and Greek Philosophy", *Harvard Studies in Classical Philology*, vol. 97, Greece in Rome: Influence, Integration, Resistance (1995), p. 53-61.

_____, "The Ten Tropes of Aenesidemus", *The Skeptical Tradition* (editado por Myles Burnyeat), Berkeley: University of California Press, 1983.

STUART, Duane Reed, *Epochs of Greek and Roman Biography*, New Yourk, Biblo and Tannen, 1928.

UNTERSTEINER, Mario, *Problemi di Filologia Filosofica: Le biografie dei Filosofi, Il Bios*, Manuali Cisalpino 7, 1979.

_____, "L'incontro fra Timone e Pirrone", *Rivista Critica de Storia della Filosofia*, IX (1954), p. 285-287.

VANDER WAERDT, Paul A., "Colotes and the Epicurean Refutation of Skepticism", *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 30:2 (1989), p. 225-266.

VOELKE, A. J., *La philosophie comme thérapie de l'âme*, Fribourg-Paris, 1993.

WADDINGTON, Charles, "Pyrrhon et le pyrrhonisme", *La philosophie ancienne et la critique historique*, Paris: Hachette, 1904.

WARREN, James, *Epicurus and Democritean Ethics*, Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

_____, "Socratic Scepticism in Plutarch's *Adversus Colotem*", *Elenchos* 23 fasc. 2 (2002), p. 333-356.

WATSON, Richard, "Notes and Discussion. What is the History of Philosophy and Why is it Important", *Journal of the History of Philosophy*, vol. 40, no. 4 (2002), p. 525-528.

ZEPPI, Stelio, "Le radici presocratiche della gnoseologia scettica di Pirrone", *La Storia della Filosofia come Sapere Critico*, Milano: F. Angeli, 1984, p. 75-91.

Dicionários e gramáticas

BAILLY, A., *Dictionnaire Grec-Français*, Paris: Hachette, 1950.

CHANTRAINE, P., *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque – Histoire des Mots*, Paris: E. Klincksieck, 1983.

FREIRE, Antônio, *Gramática Grega*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIDDEL and SCOTT'S, *Greek-English Lexicon*, Oxford: Clarendon Press, 1996.

_____, *An Intermediate Greek-English Lexicon*, Oxford: Clarendon Press, 1992.

MONTANARI, Franco, *Vocabolario della Lingua Greca*, Torino: Loesher, 1995.